

DANIELLE STEEL

Autora de Pôr-do-sol em Saint-Tropez e O rancho



FINAL DE VERÃO





OBRAS DA AUTORA PUBLICADAS PELA RECORD

Acidente

Agora e sempre

A águia solitária

Álbum de família

Amar de novo

Um amor conquistado

Amor sem igual

O anel de noivado

O anjo da guarda

O apelo do amor

Ânsia de viver

Asas

O beijo

O brilho da estrela

O brilho de sua luz

Caleidoscópio

Casa forte

A casa na rua Esperança

O casamento

O chalé

Cinco dias em Paris

Desaparecido

Um desconhecido

Desencontros

Doces momentos

Entrega especial

O fantasma

Final de verão

Honra silenciosa

Imagem no espelho

Jogo do namoro

Jóias

A jornada

Klone e eu

Maldade

Meio amargo

Mergulho no escuro

Momentos de paixão

Um mundo que mudou

Passageiros da ilusão

Pôr-do-sol em Saint-Tropez

Porto seguro

Preces atendidas

O preço do amor

O rancho

Recomeços

Relembração

Resgate

O segredo de uma promessa

Segredos de amor

Segredos do passado

Segunda chance

Tudo pela vida

Uma só vez na vida

Vale a pena viver

A ventura de amar

Forças irresistíveis
Galope de amor

Zoya

DANIELLE STEEL

FINAL DE
VERÃO

Tradução de
Isabel Paquet de Araripe

13ª EDIÇÃO



EDITOR A RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2009

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S826f Steel, Danielle

Final de verão [recurso eletrônico] / Danielle Steel ; tradução de Isabel Paquet de Araripe. – Rio de Janeiro : Record, 2011.

Recurso Digital

Tradução de: Summer's end

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09560-2 (recurso eletrônico)

1. Romance norte-americano. 2. Livros digitais. I. Araripe, Isabel Paquet de. II. Título.

11-
3510.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original norte-americano
SUMMER'S END

Copyright © 1979 by Danielle Steel

O contrato celebrado com a autora proíbe a exportação deste livro para Portugal e colônias portuguesas.

*Para Beatrix e Nicholas,
gente querida da minh'alma.*

Direitos de publicação exclusivos em língua portuguesa no Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09560-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



FINAL DE VERÃO

O verão chegou
como um sussurro
dançando
nos cabelos dela,
desejando que ele
se importasse
e sonhasse
e parasse
o carrossel
até ouvir
a verdade dela
até trazer
de volta
a juventude dela
risonha
aos seus olhos,
ela queria que ele
se desse conta de que
ela o amava
ainda
até
tarde demais...
mas o tempo
jamais
esperaria,
jamais pararia...
e ela estava livre
para castelos de areia
e sonhos,
os planos de verão
tão doces
tão novos,
tão velhos...
depois da história contada,
os céus
se fundem
o amor continua a viver
até
o fim do verão.
d. s.

Deanna Duras abriu um dos olhos para espiar o relógio enquanto a primeira luz penetrava por sob as persianas. Eram 6:45. Se levantasse agora, ainda teria quase uma hora para si, talvez mais. Momentos quietos nos quais Pilar não poderia atacar, ou perturbar; quando não haveria telefonemas para Marc-Edouard de Bruxelas ou Roma. Momentos nos quais poderia respirar e pensar e ficar sozinha. Saiu silenciosamente de sob os lençóis, lançando um olhar para Marc-Edouard, ainda adormecido no outro canto da cama. No canto mais extremo. Há anos que daria para dormir três ou quatro na cama deles, do jeito que Marc e ela ficavam nos seus cantinhos. Não era que não mais se unissem no meio, ainda se uniam... às vezes. Quando ele estava na cidade, quando não estava cansado ou não chegava em casa tão, tão tarde. Ainda se uniam... de quando em vez.

Silenciosamente, tirou do armário o robe de seda longo, cor de marfim. Parecia jovem e delicada à luz da manhã, os cabelos escuros caindo com suavidade sobre os ombros como um xale de zibelina. Parou por um momento procurando os chinelos. Tinham sumido. Pilar devia estar novamente com eles. Nada era sagrado, nem mesmo chinelos, e muito menos Deanna. Sorriu consigo mesma enquanto cruzava descalça e silenciosa o carpete espesso e lançava outro olhar para Marc, ainda adormecido, tão sereno. Quando dormia, ainda parecia terrivelmente jovem, quase como o

homem que ela conhecera 19 anos antes. Observava-o parada no vão da porta, querendo que se mexesse, que acordasse, que lhe estendesse os braços, sonolento, com um sorriso, sussurrando as palavras de muito tempo atrás: “*Reviens, ma chérie. Volte para a cama, ma Diane La belle Diane.*”

Não era isso para ele há 1.000 anos, ou mais. Agora era simplesmente Deanna para ele, como para todos os outros.

— Deanna, pode vir jantar na terça-feira? Deanna, sabia que a porta da garagem não está fechada direito? Deanna, o casaco de *cashmere* que comprei em Londres manchou no tintureiro. Deanna, vou para Lisboa hoje à noite (ou Paris. Ou Roma).

Ela às vezes se perguntava se ele sequer se recordava dos dias de *Diane*, os dias de acordar tarde e risos e café na água-furtada dela, ou no seu telhado enquanto se torravam ao sol nos meses anteriores ao seu casamento. Tinham sido meses de sonhos dourados, horas douradas... os fins de semana roubados em Acapulco, os quatro dias em Madri quando tinham fingido que ela era secretária dele. Seus pensamentos voltavam com frequência para aquele passado longínquo. O começo das manhãs sempre fazia com que se lembrasse do passado.

— *Diane, mon amour*, não vai voltar para a cama?

Os olhos dela brilharam às palavras evocadas. Tinha então apenas 18 anos, e estava sempre ansiosa para voltar para a cama. Era tímida, mas estava tão apaixonada por ele! Cada hora, cada momento era pleno do que sentia. Os quadros dela também o demonstravam, reluziam com o brilho do seu amor. Lembrava-se dos olhos dele enquanto se sentava no estúdio, observando-a, uma pilha do próprio trabalho sobre os joelhos, tomando notas, franzindo a testa de quando em vez, enquanto lia, depois sorrindo naquele seu jeito irresistível quando erguia os olhos.

— *Alors*, Madame Picasso, pronta para parar para o almoço?

— Num minutinho, já estou quase acabando.

— Posso dar uma espiada?

Ele fingia que ia dar uma espiada na tela, esperando que ela desse um salto e protestasse, como sempre o fazia, até que via nos olhos dele que estava apenas implicando.

— Pare com isso! Sabe que não pode ver até eu acabar.

— Por que não? Está pintando um nu chocante?

O riso iluminando aqueles estonteantes olhos azuis.

— Talvez esteja, *monsieur*. Isso o incomodaria muito?

— MUITÍSSIMO. Você é jovem demais para pintar nus chocantes.

— Sou?

Os seus olhos verdes se arregalavam, às vezes acreditando na aparente seriedade das palavras dele. Substituíra o pai dela de tantas maneiras... Marc se tornara a voz da autoridade, a força na qual ela se apoiava. Tinha ficado tão transtornada quando o pai morrera. Fora um presente dos deuses o súbito aparecimento de Marc-Edouard Duras. Depois da morte do pai, ela morara com uma série de tias e tios, nenhum dos quais recebera com prazer a presença de Deanna no seu meio. E, então, finalmente, aos 18 anos, depois de um ano de vagabundear entre os parentes da mãe, fora morar sozinha, trabalhando numa butique de dia, freqüentando a escola de arte à noite. Eram as aulas de arte que mantinham vivo o seu espírito. Vivia apenas para elas. Estava com 17 anos quando o pai morreu. Morrera instantaneamente, num desastre com o avião que adorava pilotar. Nenhum plano fora feito para o futuro dela; o pai estava convencido de que era não apenas invencível, mas imortal. A mãe de Deanna morrera quando ela estava com 12 anos, e durante anos não houvera ninguém na sua vida, exceto o papai. Os parentes da mãe em São Francisco foram esquecidos, excluídos, geralmente ignorados pelo homem egoísta e extravagante que consideravam responsável pela morte dela.

Deanna pouco sabia do que acontecera, apenas que “mamãe morrera”. Mamãe morrera — as palavras do pai naquela manhã desoladora ressoariam nos ouvidos dela por toda a vida. A mamãe que se isolava do mundo, que se escondera no seu quarto e numa garrafa, prometendo sempre “num minutinho, querida”, sempre que Deanna batia à sua porta. Os “num minutinho, querida” duraram dez dos seus 12 anos, deixando Deanna a brincar sozinha pelos corredores ou no seu quarto, enquanto o pai pilotava o seu avião ou saía em súbitas viagens de negócios com os amigos. Durante muito tempo fora difícil decidir se ele desaparecia nas suas viagens porque a mãe bebia, ou se esta bebia porque o papai nunca estava presente. Fosse qual fosse o motivo, Deanna estava sempre sozinha. Até a morte da mãe. Depois disso, tinha havido considerável discussão sobre “que diabo vou fazer. Pelo amor de Deus, não entendo nada sobre crianças muito menos de garotinhas”. Ele quisera mandá-la para um internato, para um “lugar maravilhoso onde haverá cavalos e lindas paisagens e muitas amigas novas”. Mas ela ficara tão abalada que ele finalmente cederia. Ela não queria ir para um lugar maravilhoso, queria ficar com ele. *Ele* era um lugar maravilhoso, o pai mágico com o avião, o homem que lhe trazia presentes fabulosos de lugares distantes. O homem de quem se vangloriara durante anos, e a quem jamais compreendera. Agora, era tudo o que tinha. Tudo o que lhe sobrava, agora que a mulher por trás da porta do quarto tinha ido embora.

E assim ele ficara com ela. Levava-a com ele quando podia, deixava-a com amigos quando não podia, e ensinou-a a gostar das boas coisas da vida: o Imperial Hotel em Tóquio, o George V em Paris, o Stork Club em Nova York, onde ela se encarapitara num banquinho no bar e não apenas tomara um Shirley Temple como conhecera a própria, agora adulta. Papai levava uma vida fabulosa. E Deanna também, durante algum tempo, observando tudo, absorvendo tudo, as mulheres exóticas, os homens interessantes,

as danças no El Morocco, as viagens de fim de semana para Beverly Hills. Ele fora astro de cinema no passado, há muito tempo, corredor de provas, piloto durante a guerra, jogador, amante, um homem com uma paixão pela vida e pelas mulheres e por qualquer coisa que pudesse fazer voar. Ele queria que Deanna voasse também, queria que ela soubesse o que era espiar o mundo a 10.000 pés de altura, cruzando as nuvens e vivendo de sonhos. Mas ela tivera os seus próprios sonhos, que não tinham nada a ver com os dele. Uma vida serena, uma casa onde ficassem o tempo todo, uma madrasta que não se escondesse por trás do “num minuto”, ou de uma porta sempre trancada. Aos 14 anos estava cansada do El Morocco, e aos 15 estava cansada de dançar com os amigos dele. Aos 16 conseguia terminar a escola e desejava desesperadamente ir para Vassar ou Smith. Papai insistia que ia ser uma chatura. E então, ela pintava, em vez de estudar, em blocos e telas que levava consigo para qualquer lugar que fossem. Desenhava nas toalhas de mesa de papel do Sul da França, e nas costas das cartas dos amigos dele, já que não tinha amigos próprios. Desenhava em qualquer coisa que ficasse ao alcance das suas mãos. O dono de uma galeria em Veneza dissera-lhe que tinha talento, e que, se ela ficasse por lá, poderia expor o seu trabalho. Não o fez, é claro. Partiram de Veneza após um mês, e de Florença após dois, de Roma após seis, e de Paris após um, e então finalmente voltaram para os Estados Unidos, onde papai lhe prometeu um lar de verdade, desta vez, e quem sabe até uma madrasta de carne e osso para acompanhá-lo. Conhecera uma atriz americana em Roma — “alguém que você vai adorar”, prometera, enquanto fazia a mala para passar o fim de semana na estância dela, nas proximidades de Los Angeles.

Dessa vez não convidou Deanna para vir junto. Dessa vez queria estar sozinho. Deixou Deanna no Fairmont, em São Francisco, com 400 dólares em espécie e uma promessa de estar

de volta dentro de três dias. Ao invés disso, estava morto dentro de três horas, e Deanna ficou sozinha. Para sempre, dessa vez. E de volta ao começo, com a ameaça de “uma escola maravilhosa”.

Porém, dessa vez, a ameaça foi de curta duração. Não sobrou dinheiro. Para uma escola maravilhosa, ou outra coisa qualquer. Nenhum. E uma montanha de dívidas que não foram pagas. Ligou para os parentes esquecidos da mãe. Chegaram ao hotel e a levaram para viver com eles.

— Apenas por alguns meses, Deanna. Você compreende. Não podemos. Você terá que arranjar um emprego e arrumar um lugar para morar quando tiver se recuperado.

Um emprego. Que emprego? O que ela podia fazer? Pintar? Desenhar? Sonhar. Que diferença fazia agora se ela conhecia quase todas as peças do Uffizi e do Louvre, se passara meses no Jeu de Paume, se vira o pai correr com os touros em Pamplona, se dançara no El Morocco e se hospedara no Ritz? Quem estava se lixando? Ninguém. Dali a três meses despacharam-na para a casa de um primo, depois para a de uma tia. “Por algum tempo, você compreende.” Ela compreendia tudo agora, a solidão, a dor, a gravidade do que o pai tinha feito. Desperdiçara a sua vida. Divertira-se. Agora, ela compreendia o que acontecera à mãe, e por quê. Durante algum tempo chegou a odiar o homem a quem amara. Ele a deixara sozinha, com medo e sem amor.

A providência intervieria sob a forma de uma carta vinda da França. Havia um pequeno caso pendente nos tribunais franceses, um julgamento de pouca importância, mas o pai ganhara. Era coisa de 6.000 ou 7.000 dólares. Será que ela poderia fazer o favor de mandar o seu advogado entrar em contato com a firma francesa? Que advogado? Ela ligou para um, tirado de uma lista dada por uma das tias, e ele lhe indicou uma firma internacional de advogados. Fora ao escritório deles às nove horas de uma segunda-feira de manhã, usando um vestidinho preto que comprara com o pai na

França. Um Dior preto, com uma bolsinha de crocodilo preta que ele lhe trouxera do Brasil, e as pérolas, que eram a única coisa que a mãe lhe deixara. Estava se lixando para o Dior, ou Paris ou Rio ou outra coisa qualquer. Os 6.000 ou 7.000 dólares prometidos eram o resgate de um rei para ela. Queria largar o emprego e freqüentar a escola de arte dia e noite. Dali a alguns anos faria um nome para si com a sua arte. Mas, nesse meio-tempo, quem sabe poderia viver com os 6.000 durante um ano. Quem sabe?

Era só isso que queria quando entrou no imenso escritório de lambris e encontrou Marc-Edouard Duras pela primeira vez.

— *Mademoiselle...*

Ele jamais tivera um caso exatamente como o dela. O seu campo era direito comercial, casos complexos de empresas internacionais, mas quando a secretária lhe retransmitira o seu telefonema, ficara interessado. Quando a viu, uma delicada menina-mulher com um belo rosto assustado, ficou fascinado. Ela se movia com uma graça atordoante, e os olhos que fitavam os seus eram insondáveis. Acompanhou-a até uma cadeira do outro lado da mesa, e ficou com ar muito grave. Mas seus olhos dançavam enquanto passaram uma hora conversando. Também ele adorava o Uffizi, também ele passara dias seguidos no Louvre; também estivera em São Paulo e Caracas e Deauville. Ela se pegou partilhando o seu mundo com ele, e abrindo janelas e portas que imaginara estarem seladas para sempre. E explicara tudo sobre o pai. Contara-lhe toda a história terrível, sentada diante dele, com os maiores olhos verdes que já vira, e uma fragilidade que machucava o coração dele. Naquela época ele estava com 32 anos, certamente não com idade suficiente para ser o seu pai, e seus sentimentos não eram em absoluto paternais. Mas, apesar disso, tomou-a sob a sua proteção. Três meses mais tarde, casava-se com ela. A cerimônia foi singela, realizada na prefeitura. A lua-de-mel foi passada na casa da mãe dele em Antibes, seguida de duas semanas em Paris.

E a esta altura ela compreendia o que tinha feito. Casara-se com um país, além de com um homem. Um modo de vida. Teria que ser perfeita, compreensiva... e calada. Teria que ser encantadora e entreter seus clientes e amigos. Teria que se sentir só enquanto ele viajava. E teria que abandonar o seu sonho de fazer um nome para si com a sua arte. Marc não aprovava. Na época em que a cortejava, parecia divertido com a coisa, mas não era uma carreira que encorajasse para a sua mulher. Ela se tinha tornado Madame Duras, e isso significava muito para Marc.

Ao longo dos anos abandonou diversos sonhos, mas tinha Marc. O homem que a salvara da solidão e da fome. O homem que ganhara a sua gratidão e seu coração. O homem de maneiras impecáveis e gosto exótico, que a recompensava com segurança e peles. O homem que sempre usava uma máscara.

Sabia que ele a amava, mas agora ele raramente o expressava, como fizera anteriormente.

— Demonstrações de afeto são para crianças — explicava.

Mas aquilo também viria. Conceberam o primeiro filho em menos de um ano. Como Marc desejara aquele bebê! O bastante para demonstrar-lhe mais uma vez o quanto a amava. Um menino. Seria um menino. Porque Marc dissera que seria. Ele tinha certeza, e Deanna também. Queria apenas isso: o filho dele. Tinha que ser; era a única coisa que a faria ganhar o seu respeito e talvez até a sua paixão por uma vida inteira. Um filho. E foi um filho. Um garotinho com um sopro nos pulmões. O padre foi chamado poucos momentos após o nascimento e batizou-o de Philippe-Edouard. Dentro de quatro horas o bebê tinha morrido.

Marc levou-a para a França para passar o verão e deixou-a aos cuidados da sua mãe e suas tias. Passou o verão trabalhando em Londres, mas voltava nos fins de semana, abraçando-a e secando-lhe as lágrimas, até que ela finalmente concebeu de novo. O segundo bebê também morreu, outro menino. E ter o filho de Marc

tornou-se a sua obsessão. Sonhava apenas com o filho deles. Chegou até a parar de pintar. O médico botou-a de cama quando ficou grávida pela terceira vez. Marc tinha casos em Milão e Marrocos, naquele ano, mas telefonava e mandava flores, e, quando estava em casa, sentava-se ao lado da cama dela. Mais uma vez ele lhe prometeu que ela teria o seu filho. Desta feita, errou. O tão esperado herdeiro foi uma menina, mas um bebê saudável, com um halo de cabelos louros e os olhos azuis do pai. O filho dos sonhos de Deanna. Até mesmo Marc se resignou e logo se apaixonou pela garotinha loura. Deram-lhe o nome de Pilar e foram para a França mostrá-la à mãe dele. Madame Duras queixou-se do fracasso de Deanna em gerar um filho. Mas Marc não estava ligando. O bebê era dele. Sua filha, sua carne. Falaria apenas francês; passaria todos os verões em Antibes. Deanna sentiu débeis vibrações de medo, mas desfrutava finalmente as delícias da maternidade.

Marc passava cada momento livre com Pilar, exibindo-a para os amigos. Sempre foi uma criança de risos e sorrisos. As suas primeiras palavras foram em francês. Quando chegou aos 10 anos, sentia-se muito mais em casa em Paris do que nos Estados Unidos... os livros que lia, as roupas que usava, os jogos com que brincava, todos tinham sido cuidadosamente importados por Marc. Sabia quem era: uma Duras; e onde era o seu lugar: na França. Aos 12 anos, foi para o colégio interno em Grenoble. A esta altura, o mal estava feito; Deanna perdera uma filha. Deanna agora era uma estrangeira para ela, um objeto de raiva e ressentimento. Era por culpa *dela* que não moravam na França, por culpa *dela* que Pilar não podia estar com suas amigas. Por culpa dela que o *papa* não podia estar em Paris com a *grand-mère*, que sentia tanta falta dele. E no fim eles tinham vencido. De novo.

Deanna desceu suavemente a escada, os pés descalços, um sussurro na passadeira persa que Marc trouxera do Irã. Por força do hábito lançou um olhar para a sala de visitas. Não havia nada fora do lugar; nunca havia. A seda verde delicada do sofá estava perfeitamente alisada; as cadeiras Luís XV pareciam sentinelas em posição de sentido nos seus postos; o tapete Aubusson era exótico como sempre nos seus tons suaves de verde-cinza amarelado e flores desbotadas cor de framboesa. A prataria brilhava; os cinzeiros estavam imaculados; os retratos dos invejáveis ancestrais de Marc pendiam no ângulo exato; e as cortinas emolduravam uma vista perfeita da Ponte Golden Gate e da baía. Ainda não havia barcos a vela, a esta hora, e tampouco neblina. Era um dia perfeito de junho, e ela ficou parada por um momento, olhando para a água. Sentiu-se tentada a sentar e simplesmente ficar olhando. Mas parecia um sacrilégio amassar o sofá, pisar no tapete, até mesmo respirar naquele aposento. Era mais fácil simplesmente seguir adiante para o seu mundozinho particular, para o estúdio nos fundos da casa onde ela pintava... e para onde fugia.

Passou pela sala de jantar sem olhar, depois desceu sem fazer barulho um longo corredor que ia até os fundos da casa. Meio lance de escada levava ao seu estúdio. A madeira escura era fria ao contato dos seus pés. A porta estava emperrada, como sempre. Marc desistira de lembrá-la de mandar consertar. Chegara à conclusão de que ela gostava assim, e tinha razão. Era difícil de abrir, e sempre fechava rapidamente, encerrando-a no seu pequeno casulo colorido. O estúdio era o seu mundo particular e precioso, uma explosão de música e flores, carinhosamente afastado da sobriedade sufocante do resto da casa. Nada de Aubussons ali, nem pratas, nem Luís XV. Ali, tudo era vivo e colorido — as tintas na paleta, as telas no cavalete, o amarelo suave das paredes e a poltrona branca grande e confortável que a abraçava no momento em que se entregava aos seus braços. Sorria enquanto se sentava

e olhava à sua volta. Tinha deixado uma bagunça terrível na manhã anterior, mas aquilo não a incomodava; era um lugar feliz no qual podia trabalhar. Escancarou as cortinas floridas e abriu as portas envidraçadas, saindo para o minúsculo terraço, com os ladrilhos de cor alegre feito gelo sob seus pés.

Era freqüente ela ficar ali naquela hora, às vezes até quando havia neblina, respirando fundo e sorrindo para o espectro da ponte pendendo fantasmagórica sobre uma baía invisível, escutando o lento piar de coruja das buzinas de nevoeiro. Mas não esta manhã. Esta manhã o sol estava tão forte que ela apertou os olhos ao pisar lá fora. Seria um dia perfeito para velejar, ou desaparecer pela praia. A simples idéia fê-la rir. Quem diria a Margaret o que lustrar, quem responderia à correspondência, quem explicaria a Pilar por que não podia sair à noite? Pilar. Hoje era o dia da partida de Pilar. Cap d'Antibes para o verão, para visitar a avó e as tias, tios e primos, todos vindos de Paris. Deanna quase estremeceu à lembrança. Após anos de suportar aqueles verões sufocantes, ela finalmente dissera não. O charme eterno da família de Marc tinha sido insuportável, delicadeza por dentes cerrados, os espinhos invisíveis que rasgavam a carne da gente. Deanna jamais ganhara a aprovação deles. A mãe de Marc não fazia segredo disso. Deanna era, afinal de contas, americana, e jovem demais para ser uma esposa respeitável. E, o pior de tudo, era a filha sem vintém de um aventureiro extravagante. Era um casamento que nada acrescentava à importância de Marc, apenas à dela. Os parentes dele imaginavam que fora por esse motivo que ela o prendera. E tomavam cuidado para não o mencionar... mais de duas vezes ao ano. Deanna finalmente se enchera e acabara por encerrar a peregrinação de verão a Antibes. Agora, Pilar ia sozinha, e adorava. Era uma *deles*.

Deanna apoiou os cotovelos no muro do terraço e sustentou o queixo com as costas da mão. Solto um suspiro, sem notar,

enquanto observava um cargueiro entrar deslizando na baía.

— Não está com frio aí fora, mamãe?

As palavras eram tão gélidas quanto os ladrilhos do terraço. Pilar falara com ela como se fosse uma raridade, parada ali de robe e descalça. Deanna lançou um olhar ao navio e se voltou lentamente, com um sorriso.

— Não estou, não. Gosto daqui. E, além disso, não pude encontrar os meus chinelos.

Falou com o mesmo sorriso firme e olhou diretamente para os olhos azuis brilhantes da filha. A garota era tudo o que Deanna não era. Os seus cabelos eram dourados, claros, os olhos de um azul quase iridescente, e a pele tinha a luminosidade da juventude. Era mais alta do que a mãe, e de quase todas as maneiras possíveis a imagem de Marc-Edouard. Mas ainda não tinha a sua aura de poder... esta viria mais tarde. E se aprendesse bem as lições da avó e das tias, aprenderia a mascarar-la quase tão ferozmente quanto elas o faziam. Marc-Edouard não era tão hábil quanto elas; não havia necessidade disso, ele era um homem. Mas as mulheres Duras praticavam uma arte bem mais sutil. Havia pouca coisa que Deanna pudesse fazer para modificar isso, agora, exceto talvez manter Pilar afastada delas, mas isso seria uma tentativa infrutífera. Pilar, Marc, a velha, todos conspiravam para manter Pilar na Europa grande parte do tempo. E havia mais na semelhança de Pilar com a avó que simples imitação. Era algo que corria no sangue. Não havia nada que Deanna pudesse fazer a respeito, exceto aceitar. Contudo, nunca deixava de se admirar de quão agudo o desapontamento sempre era. Nunca havia um momento em que não ligasse, em que tivesse menos importância. Sempre tinha importância. Sempre sentia a perda de Pilar. Sempre.

Agora sorria e olhava para os pés da filha. Estava usando os chinelos sumidos.

— Estou vendo que os encontrou.

As palavras de Deanna pilheriavam, mas seus olhos usavam a dor de uma vida inteira. A tragédia constantemente oculta por piadas.

— Está tentando ser engraçada, mamãe? — Já havia um ar de guerra no rosto de Pilar, às sete e meia da manhã. — Não consigo achar as minhas suéteres boas, e a minha saia preta ainda não voltou da sua costureira.

Era uma acusação da maior importância. Pilar jogou para trás os cabelos longos, louros e lisos, e olhou com raiva para a mãe.

Deanna sempre se admirava da fúria de Pilar. Rebelião de adolescente? Ou meramente que não queria partilhar Marc com Deanna? Não havia nada que Deanna pudesse fazer. Pelo menos, não no momento. Talvez algum dia, talvez mais tarde, talvez dali a cinco anos ela tivesse uma outra chance de recuperar a filha e tornar-se sua amiga. Era uma coisa para a qual vivia. Uma esperança que se recusava a morrer.

— A saia voltou ontem. Está no armário do corredor. As suéteres já estão na mala. Margaret fez as suas malas ontem. Isso resolve todos os seus problemas?

As palavras foram ditas suavemente. Pilar sempre seria a filha dos seus sonhos, não importa o que, não importa quão cruelmente os sonhos tivessem sido destroçados.

— Mamãe! Você não está prestando atenção! — Por um momento os pensamentos de Deanna tinham ido longe, e os olhos de Pilar faiscaram. — Perguntei o que fez com o meu passaporte.

Os olhos verdes de Deanna fitaram os azuis de Pilar e ali se detiveram por um longo momento. Queria dizer alguma coisa, a coisa certa. Só o que disse foi:

— Estou com o seu passaporte. Darei a você no aeroporto.

— Sou perfeitamente capaz de cuidar dele eu mesma.

— Estou certa que sim. — Deanna voltou a entrar cuidadosamente no estúdio, evitando o olhar da garota. — Vai tomar

café?

— Depois. Tenho que lavar o cabelo.

— Mandarei Margaret levar-lhe uma bandeja.

— Ótimo.

E lá se foi ela, uma flecha viva de juventude que ferira novamente o coração de Deanna. Magoar custava tão pouco. As palavras eram todas tão pequenas, mas o seu vazio a machucava. Sem dúvida tinha que haver mais. Sem dúvida a gente não tinha filhos meramente para ver tudo terminar desse jeito. Às vezes se perguntava se teria sido a mesma coisa com os filhos. Talvez fosse apenas Pilar. Quem sabe a atração entre dois países e dois mundos fosse grande demais para ela?

O telefone soou suavemente na sua mesa quando ela suspirou e se sentou. Era o telefone interno, sem dúvida Margaret querendo saber se ela ia querer o seu café no estúdio. Quando Marc estava fora, Deanna com frequência comia sozinha no quarto. Quando estava em casa, o café da manhã com ele era um ritual, às vezes a única refeição que partilhavam.

— Sim?

A voz dela tinha um toque macio e enfumaçado que sempre emprestava suavidade às suas palavras.

— Deanna, tenho que ligar para Paris. Só vou descer daqui a uns 15 minutos. Por favor, diga a Margaret que quero os meus ovos fritos, não torrados. Está com os jornais aí?

— Não, Margaret deve tê-los deixado à sua espera na mesa.

— *Bon. À tout de suite.*

Nem sequer um “bom-dia”, um “como vai? Dormiu bem?... Eu a amo.” Somente os jornais, a saia preta, o passaporte e... os olhos de Deanna ficaram cheios de lágrimas. Enxugou-as com as costas da mão. Eles não agiam deliberadamente, eram simplesmente daquele jeito. Mas por que não queriam saber onde estava a saia preta *dela*, onde estavam os chinelos *dela*, como estava indo o

último quadro dela? Lançou um olhar melancólico por cima do ombro enquanto fechava a porta do estúdio às suas costas. O seu dia começara.

Margaret ouviu o farfalhar do jornal na sala de jantar e abriu a porta da cozinha com o seu sorriso costumeiro.

— ‘Dia, Sra. Duras.

— Bom dia, Margaret.

E assim prosseguiu, como sempre, com precisão e graça. Ordens foram dadas com bondade e um sorriso; os jornais foram arrumados cuidadosamente por ordem de importância; o café foi imediatamente colocado na mesa no delicado bule de Limoges que pertencera à mãe de Marc; as cortinas foram abertas; o clima foi comentado; e todos tomaram os seus postos, colocaram as suas máscaras e começaram um novo dia.

Deanna esqueceu os pensamentos anteriores enquanto olhava o jornal e sorvia o café na xícara azul com flores, esfregando os pés no tapete para aquecê-los da friagem dos ladrilhos do terraço. Parecia jovem, pela manhã, os cabelos escuros soltos, os olhos bem abertos, a pele tão límpida quanto a de Pilar, e as mãos tão delicadas e sem rugas quanto há 20 anos. Não aparentava os seus 37 anos, parecia mais alguém no final da casa dos 20. Era a maneira como erguia o rosto quando falava, o brilho nos olhos, o sorriso que aparecia feito um arco-íris que fazia com que parecesse tão jovem. Mais tarde, no decorrer do dia, o estilo consumadamente conservador, o cabelo cuidadosamente preso num coque e o porte régio com que se movia faziam com que parecesse ter mais a sua idade. Mas, pela manhã, não estava sobrecarregada com nenhum desses símbolos, era simplesmente ela mesma.

Ouviu-o descendo as escadas antes de ouvi-lo falar, dirigindo-se alegremente para Pilar em francês, enquanto a mocinha ficava no

patamar do segundo andar, com os cabelos molhados. Era algo sobre ficar longe de Nice e tratar de se comportar em Antibes. Ao contrário de Deanna, Marc veria a filha de novo durante o verão. Ele ficaria indo e vindo entre Paris e São Francisco várias vezes, dando uma passada em Antibes para o fim de semana sempre que possível. Hábitos antigos não eram fáceis de perder, e a atração da filha era grande demais. Sempre tinham sido amigos.

— *Bonjour, ma chère.* — *Ma chère*, não *ma chérie*. Minha cara, não minha querida, observou Deanna. O *i* caíra da palavra há muitos anos. — Está bonita esta manhã.

— Obrigada. — Ergueu os olhos com o alvorecer de um sorriso, depois viu que ele já examinava os jornais. O elogio fora uma formalidade, mais do que uma verdade. A arte dos franceses. Conhecia-a bem. — Alguma novidade em Paris?

O rosto dela estava grave de novo.

— Eu lhe aviso. Vou para lá amanhã. Por algum tempo.

Algo no tom de voz dele dizia-lhe que havia mais. Sempre havia.

— Quanto tempo?

Olhou-a, divertido, e ela se lembrou de novo de todos os motivos pelos quais se apaixonara por ele. Marc era um homem incrivelmente bonito, com um rosto magro e aristocrático e olhos azuis faiscantes que nem os de Pilar podiam barrar. Os fios grisalhos nas suas têmporas mal apareciam nos cabelos ainda louro-avermelhados. Ainda parecia jovem e dinâmico, e quase sempre divertido, especialmente quando estava nos Estados Unidos. Achava os americanos “divertidos”. Ficava contente quando os derrotava no tênis e no *squash*, no bridge ou no gamão, e especialmente nos tribunais. Trabalhava como jogava — duro, rápido e bem, e com resultados extraordinários. Era um homem que os homens invejavam e que as mulheres bajulavam. Sempre vencía. Vencer era o seu estilo. Deanna adorara isto nele, a princípio. Tinha

sido uma vitória tão grande quando ele declarara o seu amor por ela.

— Perguntei quanto tempo você ficará fora.

Havia uma pequena ponta de irritação na voz dela.

— Não tenho certeza. Alguns dias. Tem importância?

— É claro.

A irritação na voz dela.

— Temos alguma coisa importante? — Pareceu surpreso; tinha olhado na agenda e não vira nada ali. — E então?

Não, nada de importante, querido... apenas nós dois.

— Não, não, não é nada disso. Só queria saber.

— Eu a avisarei. Saberei melhor depois de algumas reuniões, hoje. Parece que há um problema naquele grande caso de navegação. Talvez eu tenha que ir diretamente de Paris para Atenas.

— De novo?

— É o que parece. — Voltou aos seus jornais até que Margaret colocou os ovos à sua frente, depois olhou de novo para a mulher. — Vai levar Pilar ao aeroporto?

— Claro.

— Por favor, cuide para que ela esteja adequadamente trajada. Mamãe terá um derrame se ela saltar do avião de novo numa daquelas roupas extravagantes.

— Por que você mesmo não diz isso a ela? — indagou Deanna, fixando-o com os seus olhos verdes.

— Imaginei que este era o seu departamento.

Parecia inabalado.

— Qual, disciplina ou o guarda-roupa dela?

Ambas tarefas ingratas, como eles dois sabiam.

— As duas coisas, até um certo ponto. — Queria perguntar até que ponto, mas não perguntou. Até o ponto onde ela era capaz? Era

isso o que ele queria dizer? Marc continuou: — Já dei a ela algum dinheiro para a viagem, a propósito. Portanto, você não terá que dar.

— Quanto?

Ele ergueu os olhos vivamente:

— Como disse?

— Perguntei quanto você deu a ela para a viagem.

Falou muito quietamente.

— Isso é importante?

— Acho que sim. Ou será que a disciplina e o guarda-roupa são os meus únicos departamentos?

A irritação de 18 anos de casados agora coloria o seu tom de voz.

— Não necessariamente. Não se preocupe, ela tem o bastante.

— Não é isso o que me preocupa.

— O que a preocupa?

Subitamente o tom de voz dele não era agradável, e os olhos dela eram como aço.

— Não acho que ela deva ter dinheiro demais para o verão. Não precisa.

— Ela é uma garota muito responsável.

— Mas ainda nem tem 16 anos, Marc. Quanto lhe deu?

— Mil.

Falou muito suavemente, como se estivesse fechando um negócio.

— Dólares? — Ela arregalou os olhos. — Que absurdo!

— É?

— Sabe perfeitamente que sim. E sabe também o que ela fará com eles.

— Divertir-se, imagino. Inofensivamente.

— Não, irá comprar uma daquelas malditas motos que deseja tanto, e eu simplesmente me recuso a deixar isso acontecer. — Mas a fúria de Deanna era igualada apenas pela sua impotência, e ela

sabia disso. Pilar estava indo agora para “eles”, fora do controle de Deanna. — Não quero que ela tenha tanto dinheiro assim.

— Não seja intransigente.

— Pelo amor de Deus, Marc...

O telefone tocou quando ela começava o seu sermão para valer. Era para Marc, de Milão. Não tinha tempo para escutá-la antes de partir. Tinha uma reunião marcada para as nove e meia. Lançou um olhar ao relógio de pulso.

— Pare de ser tão histérica, Deanna. A menina estará em boas mãos. — Mas esta era toda uma outra discussão e ele não tinha tempo. — Até logo mais à noite.

— Vem jantar em casa?

— Duvido. Mandarei Dominique avisar.

— Obrigada.

Era uma palavrinha gélida. Ficou vendo enquanto ele fechava a porta. Um momento mais tarde, ouviu o Jaguar dele partir ronronando. Tinha perdido outra guerra.

Tocou no assunto de novo com Pilar, a caminho do aeroporto.

— Soube que seu pai lhe deu um bocado de dinheiro para passar o verão.

— Lá vamos nós de novo. O que é, agora?

— Você sabe muitíssimo bem o que é, agora. A motocicleta. Vou lhe dizer em poucas palavras, meu bem. Se comprar uma, mando buscar você de volta.

Pilar teve vontade de provocá-la com “e como você vai saber?”, mas faltou-lhe coragem.

— Tá legal, então não compro uma.

— Nem ande numa.

— Nem ando numa.

Mas era uma repetição sem sentido, e pela primeira vez em muito tempo Deanna pegou-se com vontade de gritar.

Lançou um olhar para a filha por um momento, enquanto dirigia, depois olhou de novo para a frente.

— Por que tem que ser assim? Você vai passar três meses fora. Não vamos nos ver. Não podia ser agradável entre nós duas, hoje? Qual o sentido desse bate-boca constante?

— Não fui eu que comecei. Você é que falou na moto.

— Tem alguma idéia do motivo? Porque a amo, porque me importo. Porque não a quero ver morta. Isso faz algum sentido para você?

Havia desespero na sua voz e, finalmente, raiva.

— É, faz.

Continuaram em silêncio rumo ao aeroporto. Deanna sentiu as lágrimas arderem nos olhos de novo, mas não deixaria que Pilar as visse. Tinha que ser perfeita, tinha que ser forte. Como Marc o era, como todos os seus malditos parentes franceses fingiam ser, como Pilar queria ser. Deanna deixou o carro com o guardador junto ao meio-fio, e elas acompanharam o carregador para dentro do prédio, onde Pilar se apresentou ao balcão da companhia. Quando a recepcionista lhe devolveu o passaporte e a passagem, ela se virou para a mãe.

— Vem até o portão?

Havia mais pesar do que encorajamento na sua voz.

— Pensei que seria simpático. Você se importa?

— Não.

Emburrada e zangada. Uma porra de uma criança. Deanna teve vontade de esbofeteá-la. Quem era essa pessoa? Em quem tinha se transformado? Para onde fora a garotinha alegre que a amava? Cada uma delas se apegava ciosamente aos seus pensamentos, enquanto se dirigiam ao portão, colecionando olhares de admiração por onde passavam. Formavam um par impressionante. A beleza morena de Deanna num vestido de lã preto muito bem talhado, o cabelo preso num coque, uma jaqueta vermelha pendurada no

braço; Pilar, uma loura esfuziante de juventude, alta, esguia e graciosa, num costume de linho branco que merecera a aprovação da mãe quando desceu as escadas. Até mesmo a avó aprovaria... a não ser que achasse o corte americano demais. Tudo era possível, com Madame Duras.

Já tinha sido iniciado o embarque quando chegaram, e Deanna teve apenas um momento para apertar com força a mão da filha.

— Falei a sério sobre a moto, querida. Por favor...

— Está bem, está bem.

Mas Pilar já olhava para além de Deanna, ansiosa para embarcar no avião.

— Eu telefono para você. E não deixe de me telefonar, se tiver algum problema.

— Não vou ter — falou, com a autoconfiança dos que ainda não fizeram 16 anos.

— Espero que não. — O rosto de Deanna se suavizou enquanto olhava para a filha, depois a abraçava. — Eu a amo, querida. Divirta-se.

— Obrigada, mamãe.

Mimoseou a mãe com um breve sorriso e um rápido aceno, enquanto a sua cabeleira loura esvoaçava pelo corredor. Deanna subitamente sentiu-se pesada como chumbo. Ela tinha ido embora de novo. O seu bebê... a garotinha dos cabelos louros encacheados, a criança que estendia os braços tão confiante todas as noites para ser abraçada e beijada... Pilar. Deanna sentou-se na sala de espera até ver o 747 começar a sua subida para os céus. Finalmente se levantou e voltou lentamente para o carro. O guardador tocou o chapéu, satisfeito ante o dólar que ela lhe entregou, e ficou conjecturando sobre ela enquanto ela jogava as pernas graciosamente para dentro do carro. Era uma mulher muito bonita; não conseguia adivinhar ao certo quantos anos teria: 28? 32? 35?

40? Era impossível dizer. O rosto dela era jovem, mas o resto dela, o jeito com que se movia, a expressão dos olhos, era tão velho...

Deanna ouviu-o subir as escadas enquanto estava sentada à penteadeira, escovando os cabelos. Eram 22:20 e ele não havia ligado o dia inteiro. Dominique, a sua secretária, tinha deixado um recado com Margaret ao meio-dia: Monsieur Duras não iria jantar. Deanna tinha comido no estúdio enquanto pintava, mas não estava concentrada no trabalho. Pensava em Pilar.

Virou-se e sorriu para ele quando entrou no quarto. Tinha sentido falta dele. A casa estivera estranhamente quieta o dia todo.

— Alô, querido. Mas que dia longo!

— Muito longo. E o seu?

— Tranquilo. É quieto demais aqui, sem Pilar.

— Nunca pensei em ouvi-la dizer isso — falou Marc-Edouard, sorrindo para a mulher enquanto se enfiava numa poltrona de veludo azul perto da lareira.

— Nem eu. Que tal as suas reuniões?

— Cansativas.

Não era muito expansivo. Ela se virou na cadeira para olhar para ele.

— Ainda vai amanhã para Paris?

Ele fez que sim com a cabeça e ela continuou a observá-lo enquanto esticava as pernas compridas. Não parecia diferente do que parecera pela manhã, e tinha o jeito de quem estava pronto a enfrentar um novo dia. Ele vicejava com as reuniões que chamava de “cansativas”. Levantou-se e caminhou na direção dela com um sorriso nos olhos.

— Sim, vou para Paris amanhã. Tem certeza de que não quer ir fazer companhia a Pilar e a minha mãe em Cap d’Antibes?

— Certeza absoluta. — A expressão dela era resoluta. — Por que iria querer fazer tal coisa?

— Você mesma falou que aqui era quieto demais. Pensei que, talvez... — Colocou as mãos nos ombros dela, parado às suas costas por um momento. — Vou ficar fora o verão todo, Deanna.

Os ombros dela enrijeceram sob as suas mãos.

— O verão todo?

— Mais ou menos. O caso de navegação Salco é importante demais para ser entregue às mãos de outra pessoa qualquer. Vou ficar indo e vindo entre Paris e Atenas o verão todo. Não posso ficar aqui. — O sotaque dele parecia agora mais pronunciado, quando falava com ela, como se já tivesse deixado os Estados Unidos. — Isso me dará muitas oportunidades de ficar de olho em Pilar, o que deverá agradar a você, mas nenhuma oportunidade de estar com você. — Teve vontade de perguntar a ele se realmente se importava com isso, mas não perguntou. — Acho que o caso ocupará a maior parte do verão. Uns três meses.

Pareceu-lhe uma sentença de morte.

— Três meses? — falou, com voz fraca.

— Agora está vendo por que perguntei se gostaria de ir para Cap d'Antibes. Isso a faz mudar de idéia?

Meneou a cabeça, lentamente.

— Não, não faz. Você também não estará lá, e acho que Pilar precisa de um descanso de mim. Sem falar em...

A sua voz sumiu.

— Na minha mãe? — perguntou Marc. Ela fez que sim. — Sei. Bem, então, *ma chère*, você ficará sozinha.

Droga, por que não a convidava para ir com ele, para ficar indo e vindo entre Paris e Atenas? Por um momento louco, Deanna pensou em sugerir-lhe isso, mas sabia que ele não a deixaria ir. Gostava de estar livre quando trabalhava. Jamais a levaria junto.

— Você se ajeita sozinha? — perguntava ele.

— E tenho escolha? Quer dizer que se eu disser que não, você não irá?

Virou o rosto para ele.

— Sabe que não é possível.

— É, sei. — Ficou calada por algum tempo e depois deu de ombros com um pequeno sorriso. — Eu me ajeito.

— Sei que sim. — *E como sabe, porra? Como sabe? E se eu não puder? E se precisar de você?... E se...* — Você é uma esposa muito boa, Deanna.

Por um breve segundo não sabia se devia agradecer ou dar um tapa na cara dele.

— O que quer dizer com isso? Que não me queixo muito? Talvez devesse.

O sorriso dela ocultava o que sentia, e permitiu a ele se esquivar do que não desejava responder.

— Não, não deve. É perfeita do jeito que é.

— *Merci, monsieur.* — Levantou-se, então, e desviou o rosto para que ele não o visse. — Você mesmo faz as malas, ou quer que eu faça para você?

— Eu mesmo faço. Vá para a cama. Daqui a pouco eu vou.

Deanna ficou a vê-lo se mexer daqui para lá no quarto de vestir, depois descer, para o escritório, imaginava ela. Tinha apagado as luzes do quarto e estava deitada muito quieta no seu canto da cama quando ele voltou.

— *Tu dors?* Está dormindo?

— Não.

A voz dela era roufenha, na escuridão.

— *Bon.* — Por que bom? O que importava se ela estava acordada ou não? Será que falaria com ela, diria que a amava, que lamentava estar indo embora? Não lamentava, e ambos sabiam disso. Era isso que ele gostava de fazer, borboletear pelo mundo na sua profissão, curtindo o seu trabalho e sua reputação. Adorava

isso. Deitou-se e eles ficaram ali por algum tempo, acordados, pensativos, calados. — Está zangada porque vou ficar fora tanto tempo?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não, zangada não, triste. Vou sentir saudades suas. Muitas.

— Vai passar depressa. — Ela não respondeu, e ele se apoiou no cotovelo para examinar o seu rosto no quarto escuro. — Sinto muito, Deanna.

— Eu também.

Ele correu a mão suavemente pelos cabelos dela e sorriu-lhe, e ela virou a cabeça lentamente para olhar para ele.

— Você ainda é muito bonita, Deanna. Sabe? É até mais bonita do que quando mocinha. Muito bonita, na verdade. — Mas ela não queria ser bonita, queria ser dele, como no passado. A *Diane* dele. — Pilar também será linda, um dia.

Falou com orgulho.

— Já é.

Deanna falou desapaixonadamente, sem ravia.

— Tem inveja dela?

Quase parecia gostar da idéia, e Deanna se admirou. Quem sabe aquilo o fazia sentir-se importante. Ou jovem. Mas ela lhe respondeu, de qualquer forma. Por que não?

— Sim, às vezes tenho. Gostaria de ser jovem assim de novo, livre assim, certa assim do que a vida me deve. Na idade dela é tudo tão óbvio: você merece o melhor, e terá o melhor. Eu também pensava desse jeito.

— E agora, Deanna? A vida lhe pagou as suas dívidas?

— De certa forma.

Os olhos dela tinham uma certa tristeza, ao se encontrarem com os dele. Pela primeira vez em muitos anos ele se lembrou da órfã de 18 anos sentada à sua frente no seu escritório, usando o vestidinho preto de Dior. Perguntou-se se realmente a tinha feito infeliz, se ela

queria mais. Porém, dera-lhe tanto! Jóias, carros, peles, um lar. Todas as coisas que a maioria das mulheres quer. O que mais ela poderia desejar? Olhou para ela por muito tempo, os olhos indagadores, o rosto vincado por um súbito pensamento. Seria possível que ele realmente não compreendesse?

— Deanna...? — Não queria perguntar, mas de repente precisou. Havia coisa demais nos olhos dela. — Você é infeliz?

Olhou diretamente para ele e teve vontade de dizer que sim. Mas teve medo. Ela o perderia; ele a abandonaria, e então? Não queria perder Marc. Queria mais dele.

— Você é infeliz?

Repetiu a pergunta e pareceu magoado ao se dar conta de qual era a resposta. Ela não precisava dizer as palavras. Subitamente ficou claro. Até para ele.

— Às vezes sou. E às vezes não sou. Na maior parte do tempo não penso muito no assunto. Sinto falta... sinto falta dos velhos tempos, quando nos conhecemos, quando éramos muito jovens.

A voz dela soava muito fraca.

— Crescemos, Deanna, não pode mudar isso. — Debruçou-se para ela e tocou-lhe o queixo com a mão, como se talvez fosse beijá-la. Mas a mão se afastou, assim como a idéia. — Você era uma criança tão encantadora. — Sorriu à lembrança do que sentira. — Odiei o seu pai por tê-la deixado naquela situação.

— Eu também. Mas era esse o jeito dele. Já aceitei tudo isso.

— Já, mesmo? — Ela fez que sim. — Tem certeza?

— E por que não o faria?

— Porque acho que às vezes você ainda tem ressentimento dele. Acho que é por isso que continua a pintar. Só para provar a si mesma que ainda pode fazer alguma coisa por conta própria, se precisar. — Olhou para ela mais atentamente, enrugando a testa. — Jamais precisará, sabe. Jamais a deixarei nas condições em que seu pai a deixou.

— Não me preocupo com isso. E você está errado. Pinto porque gosto, porque faz parte de mim.

Ele nunca quisera acreditar nisso, que a arte dela fazia parte da sua alma.

Ele não respondeu, durante algum tempo; ficou parado, olhando para o teto, e remoendo os seus pensamentos.

— Está muito chateada porque vou passar o verão fora?

— Já lhe disse, não estou. Vou simplesmente pintar, relaxar, ler, ver os amigos.

— Vai sair muito?

Parecia preocupado, e ela achou divertido. Logo quem, perguntando uma coisa dessas.

— Não sei, bobo. Aviso a você se for convidada. Estou certa de que haverá os jantares de costume, as festas beneficentes, os concertos, esse tipo de coisa. — Ele balançou a cabeça de novo, sem dizer nada. — Marc-Edouard, você está com ciúmes? — Havia risos nos olhos dela, e depois riu em voz alta quando ele se virou para olhar para o rosto dela. — Ora, está! Não seja bobo! Depois de todos esses anos?

— Exatamente por isso...

— Não seja tolo, querido. Esse tipo de coisa não faz o meu gênero.

Ele sabia que era verdade.

— Eu sei. Mas, *on ne sait jamais*. Nunca se sabe.

— Como pode dizer uma coisa dessas?

— Porque tenho uma linda mulher, pela qual qualquer homem no seu juízo perfeito seria um tolo se não se apaixonasse. — Era o discurso mais elaborado que lhe fazia há anos. Ela demonstrou a sua surpresa. — O quê? Acha que não notei? Deanna, agora é você que está sendo tola. Você é uma mulher bela e jovem.

— Ótimo. Então não vá para a Grécia.

Sorria de novo para ele, como uma garotinha. Mas agora ele não parecia estar achando graça.

— Tenho que ir. Sabe disso.

— Está bem. Então me leve com você. — Havia uma nota incomum na sua voz, meio pilheriando, meio falando a sério. Ele não respondeu por um longo tempo. — Como é? Posso ir?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, não pode.

— Bem, então acho que tem que continuar ficando com ciúmes. — Há anos e anos que não brincava desse jeito. O fato de ele ir passar três meses fora tinha criado uma variedade de sentimentos muito estranhos. Mas ela não queria forçar muito a barra. — Sério, querido, não precisa se preocupar.

— Espero que não.

— Marc! *Arrête!* Pare com isso! — Debruçou-se e buscou a mão dele, e ele deixou que a tomasse nas suas. — Eu o amo... sabe disso?

— Sei. Você também sabe que a amo?

Os olhos dela ficaram muito sérios, fitando os dele.

— Às vezes não tenho muita certeza. — Sempre estava ocupado demais para demonstrar que a amava, e não fazia o gênero dele. Mas agora algo dizia a ela que atingira o alvo, e estava espantada ao observá-lo. Será que ele não sabia? Não se dava conta do que tinha feito? O muro que erguera à sua volta, cercado por negócios e trabalho, viajando dias e semanas, e agora meses, e Pilar a única aliada dele? — Desculpe, querido. Suponho que ame. Mas às vezes preciso ficar me lembrando do fato.

— Mas eu a amo. Você não pode deixar de saber.

— Lá bem no fundo acho que sei.

Sabia quando recordava os momentos que tinham partilhado, os marcos de uma vida, que contam a história. Esses eram os motivos pelos quais ainda o amava.

Ele soltou um suspiro.

— Mas você precisa de muito mais. Não é, minha cara? — Ela fez que sim com a cabeça, sentindo-se a um só tempo jovem e corajosa. — Precisa de meu tempo, além da minha afeição. Precisa... *enfim*, precisa do que não tenho para dar.

— Isso não é verdade. Você poderia ter tempo. Poderíamos fazer algumas das coisas que costumávamos fazer. Poderíamos! — Parecia uma criança queixosa, e odiou-se por isso. Parecia a criança que perseguia o pai para levá-la com ele. E odiava precisar tanto de alguém. Jurara há muito tempo que jamais precisaria de novo. — Desculpe. Compreendo.

Baixou os olhos e se retraiu.

— Compreende? — perguntou ele, observando-a atentamente.

— Claro.

— *Ah, ma Diane...* — Seus olhos estavam perturbados, enquanto a tomava nos braços. Ela não notou. Os seus próprios estavam cheios de lágrimas. Ele finalmente o dissera. “*Ma Diane...*”

— Você tem dinheiro suficiente no banco para durar todo o tempo que eu estiver fora. Mas, se precisar de mais, ligue para Dominique no escritório, e ela fará a transferência. Disse ao Sullivan que quero que ele a procure pelo menos duas vezes por semana. E...

Deanna olhou surpresa para o marido.

— Disse ao Jim para me procurar? Por quê?

Jim Sullivan era o sócio americano de Marc-Edouard, e um dos poucos americanos de quem gostava de verdade.

— Porque quero me certificar de que esteja bem, feliz, e que tenha tudo de que precisa.

— Obrigada, mas parece uma bobagem incomodar o Jim.

— Ele vai gostar. Mostre-lhe os seus últimos quadros, convide-o para jantar. Confio nele.

Olhou para a mulher com um sorriso. E ela retribuiu o sorriso.

— Pode confiar em mim também.

Nos seus 18 anos de casada, nunca enganara Marc. Não ia começar agora.

— Confio em você. Ligarei com a máxima frequência possível. Sabe onde vou ficar. Se surgir alguma coisa, basta telefonar. Se eu não estiver, ligo de volta tão logo chegue. — Ela balançou a cabeça, suavemente, ante as palavras dele, depois soltou um pequeno suspiro. Ele se virou para olhá-la no silêncio do Jaguar. Por um

momento, seus olhos ficaram preocupados. — Você vai ficar bem, não vai, Deanna?

Os olhos dela encontraram-se com os dele. Balançou a cabeça.

— Vou, vou ficar bem. Mas vou sentir uma falta terrível de você.

Ela já estava de novo olhando para a estrada.

— O tempo passará depressa. Se mudar de idéia, sempre poderá ir se reunir à mamãe e Pilar em Cap d'Antibes. — Sorriu de novo para a mulher. — Só que você não irá.

— Não, não irei — retrucou, retribuindo o sorriso.

— *Têtue, va*. Teimosa. Talvez seja por isso que a amo.

— Será por isso? Sempre quis saber. — Havia um brilho malicioso nos olhos dela, agora, enquanto examinava o belo perfil ao seu lado no carro. — Vai se cuidar, não vai? Não trabalhe demais.

Mas era um conselho inútil, e ambos sabiam disso.

— Não vou trabalhar demais — disse, sorrindo com ternura.

— Vai, sim.

— Vou, sim.

— E vai curtir cada minuto. — Ambos sabiam que isso também era verdade. — Espero que o caso Salco lhe seja favorável.

— Será. Pode ter certeza.

— Marc-Edouard Duras, você é insuportavelmente arrogante. Alguém já lhe disse isso hoje?

— Só a mulher que amo.

Buscou a mão dela enquanto dobrava na entrada para o aeroporto, e ela tocou-lhe os dedos suavemente com os seus. Aquilo a fez pensar na noite anterior e na rara fusão dos seus corpos que ela tanto apreciava. *Ma Diane...*

— Eu o amo, querido. — Levou a mão dele aos lábios e beijou suavemente a ponta dos seus dedos. — Gostaria que tivéssemos mais tempo.

— Eu também. Teremos, um dia desses.

É... mas quando? Recolocou cuidadosamente a mão dele no banco e deixou os dedos entrelaçados com os dele.

— Quando você voltar, acha que poderemos ir para algum lugar juntos, de férias?

Olhava para ele, os olhos bem abertos, infantis. Ainda o queria, queria estar com ele, ser dele. Depois de todos esses anos, ainda gostava do marido. Às vezes ainda ficava surpresa com o quanto.

— Aonde gostaria de ir?

— A qualquer lugar. Desde que estejamos juntos.

E sozinhos.

Olhou para ela durante um longo momento enquanto encostava o carro diante do terminal, e por um instante Deanna pensou ter visto pesar nos seus olhos.

— Faremos isso. Logo que eu voltar. — E então pareceu prender o fôlego. — Deanna, eu...

Ela esperou, mas ele não disse mais nada. Apenas a abraçou forte. Sentiu os seus braços envolverem-no e apertarem-no, também. Cerrou os olhos com força. Precisava dele mais do que ele imaginava. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ele a sentiu tremer nos seus braços e afastou-se para olhá-la, surpreso.

— *Tu pleurs?* Está chorando?

— *Un peu.* — Ele sorriu, há tanto tempo que ela não lhe respondia em francês. — Gostaria que você não tivesse que ir.

Se ele ficasse, se pudessem ter algum tempo sem Pilar...

— Eu também.

Mas ambos sabiam que era mentira. Ele tirou as chaves da ignição e abriu a porta, fazendo sinal para um carregador.

Deanna caminhava serenamente ao seu lado, imersa nos seus pensamentos, até que chegaram à sala de espera da primeira classe, onde ele geralmente se escondia enquanto esperava pelo avião. Ela se acomodou numa cadeira ao lado da dele e sorriu para ele. Mas ele já estava diferente, já estava longe, o momento no

carro praticamente esquecido. Verificou os documentos na pasta e olhou para o relógio de pulso. Ainda sobravam dez minutos, e ele parecia subitamente impaciente para ir embora.

— *Alors*, existe alguma coisa que tenhamos esquecido de discutir no carro? Algum recado para Pilar?

— Mande-lhe todo o meu carinho. Vai parar lá antes de seguir para Atenas?

— Não, vou telefonar para ela hoje à noite.

— E para mim, também?

Ficou vendo os segundos passarem no enorme relógio de parede.

— E para você, também. Não vai sair?

— Não, tenho um trabalho que quero terminar no estúdio.

— Devia fazer qualquer coisa divertida, para não se sentir sozinha.

Não vou, já estou acostumada. Novamente, não disse as palavras.

— Estarei bem.

Cruzou as pernas, olhando para o colo. Pusera um vestido novo de seda cor de lavanda e os brincos de jade roxo, rodeados de diamantes, que ele lhe trouxera de Hong Kong, mas Marc-Edouard não tinha reparado. Estava preocupado com outras coisas.

— Deanna?

— Hein? — Ergueu os olhos para vê-lo parado ao lado dela, a pasta na mão e o sorriso familiar de vitória nos olhos. Ia para a guerra, agora, de novo, livre. — Já é hora de partir?

Já? Tão cedo? Ele fez que sim e ela se levantou, apequenada pela grande estatura dele, mas a companheira perfeita ao seu lado. Formavam um casal impressionantemente bonito. Sempre tinham formado. Até mesmo Madame Duras, a sua mãe de olhos frios, tinha-o admitido... uma vez.

— Não precisa me acompanhar até o portão.

Já parecia distraído.

— Eu sei, mas gostaria. Posso?

— Claro. — Abriu a porta para ela, e voltaram a se meter na agitação do terminal, instantaneamente perdidos no meio de um exército de viajantes carregados de malas, presentes e guitarras. Chegaram cedo demais ao portão, e ele se virou para olhar para ela com um sorriso. — Telefone hoje à noite.

— *Eu o amo.*

Ele não respondeu, mas se inclinou para beijar o alto da cabeça dela, depois entrou no corredor que levava ao avião, sem olhar para trás ou fazer um aceno. Ela ficou olhando até ele desaparecer, depois virou-se lentamente e se afastou. *Eu o amo.* As suas palavras lhe ecoavam na cabeça. Mas ele não tinha respondido. Já tinha ido embora.

Ela entrou no carro que esperava junto ao meio-fio, e com um suspiro ligou o motor e foi para casa.

Subiu rapidamente para trocar de roupa e ficou imersa nos seus pensamentos no estúdio a tarde toda. Fez esboços, distraidamente, e tinha finalmente ido para o terraço para tomar um pouco de ar quando Margaret bateu de leve na porta do estúdio. Deanna virou-se, surpresa, quando a governanta entrou na sala, hesitante.

— Sra. Duras... desculpe...

Sabia o quanto Deanna detestava ser incomodada ali, mas de quando em vez não lhe restava escolha. Deanna tinha desligado o telefone do estúdio.

— Algum problema?

Deanna parecia espantada, parada ali com os cabelos soltos nos ombros e as mãos enfiadas nos bolsos dos *jeans*.

— Não. O Sr. Sullivan está lá embaixo para vê-la.

— Jim? — E então ela se lembrou da promessa de Marc-Edouard de que Jim daria uma olhada nela de vez em quando. Ele

sem dúvida não perdera tempo. Sempre devotado às ordens sutis do seu associado. — Desço já.

Margaret assentiu. Fizera a coisa certa. Sabia que Deanna não o iria querer lá em cima no estúdio. Fizera-o entrar na sala de visitas verde-gelo e oferecera-lhe uma xícara de chá, que ele recusara com um sorriso. Era tão diferente de Marc-Edouard quanto dois homens podiam ser, e Margaret sempre gostara dele. Era másculo, americano e descontraído e em algum lugar dos seus olhos havia sempre a promessa de um gostoso sorriso irlandês.

Deanna foi achá-lo de pé à janela, olhando para a neblina de verão que pairava sobre a baía. Parecia chumaços de algodão branco puxados por fios invisíveis, flutuando por entre a estrutura da ponte e pendendo no ar por sobre os barcos a vela.

— Olá, Jim.

— Madame. — Executou uma pequena reverência e fez menção de beijar-lhe a mão. Mas ela fez sinal para que não o fizesse, com uma risada, e ofereceu-lhe a face, que ele beijou sem cerimônia. — Devo admitir que prefiro isso. O beija-mão é uma arte que nunca dominei perfeitamente. Nunca se sabe se elas vão apertar a sua mão, ou se esperam ser beijadas. Umas duas vezes quase quebrei o nariz tentando beijar quem pretendia apertar-me a mão.

Ela riu dele e se sentou.

— Precisa pedir ao Marc que lhe dê lições. Ele é um gênio nisso. Ou é o francês que existe nele, ou seu sexto sentido. Que tal um drinque?

— Ótimo. — Baixou a voz para um sussurro de conspirador. — Margaret pareceu achar que eu devia tomar chá.

— Que horror!

Ela estava rindo de novo, e enquanto ele a observava satisfeito, abriu um pequeno armário de bebidas embutido e tirou de lá dois copos e uma garrafa de uísque.

— Bebendo, Deanna?

Falou com naturalidade, mas estava surpreso. Nunca a tinha visto beber uísque. Talvez Marc-Edouard tivesse tido uma boa razão para pedir-lhe que aparecesse em sua casa, afinal de contas. Mas ela já estava sacudindo a cabeça.

— Quero tomar um pouco de água gelada. Ficou preocupado?

Olhou para ele, divertida, enquanto voltava com o seu copo.

— Um pouco.

— Não se preocupe, Jim. Ainda não estou enchendo a cara. — Os seus olhos ficaram de repente melancólicos enquanto tomava um gole do seu copo e depois o pousava cuidadosamente numa mesa de mármore. — Mas vai ser um verão muito longo.

Soltou um suspiro e ergueu os olhos para ele, com um sorriso. Gentilmente, ele lhe deu uma palmadinha na mão.

— Eu sei. Quem sabe a gente possa ir a um cinema, qualquer dia desses?

— Você é um anjo, mas não tem coisa melhor para fazer?

Sabia que tinha. Divorciado há quatro anos, ele agora vivia com uma modelo que tinha vindo de Nova York fazia alguns meses. Ele adorava o tipo, e elas sempre gostavam dele. Alto, bonitão, atlético com olhos azuis irlandeses e cabelos cor de ébano, salpicados de fios grisalhos. Era o contraste perfeito com Marc-Edouard, de todas as maneiras possíveis: descontraído quando Marc era formal; completamente americano, quando Marc tinha um jeito totalmente europeu; e surpreendentemente modesto em contraste com a arrogância mal disfarçada de Marc-Edouard. Deanna sempre achara estranho que Marc tivesse escolhido Jim como sócio, mas fora uma escolha sensata. O brilho especial de Marc era igualado pelo de Jim; as suas estrelas apenas brilhavam de modo diferente e se moviam em órbitas bem separadas. Os Duras raramente tinham contatos sociais com Jim. Este tinha a sua própria vida, a sua coleção de modelos, agora reduzida a uma... momentaneamente. Jim nunca ficava com uma mulher por muito tempo.

— O que anda fazendo, atualmente? — perguntou ela.

Sorriu para ela.

— Trabalho, diversão, o de sempre. E você?

— Fico remexendo no meu estúdio, também o de sempre.

Minimizou a coisa, como sempre o fazia.

— E quanto ao verão, já fez algum plano?

— Ainda não, mas vou fazer. Talvez vá ver alguns amigos em Santa Barbara, ou coisa parecida.

— Deus!

Ele fez uma careta horrível, e ela achou graça.

— O que há de errado nisso?

— Você precisaria ter 80 anos para gostar disso. Por que não vai para Beverly Hills? Finja que é uma artista de cinema, almoce no Polo Lounge, mande que chamem o seu nome em voz alta.

— É isso que você faz? — perguntou, rindo da idéia.

— Claro. Todos os fins de semana. — Deu uma risadinha abafada e pousou o copo, olhando para o relógio. — Não se preocupe. Logo vou organizar a sua vida, mas agora — parecia pesaroso — tenho que ir andando.

— Obrigada pela visita. A tarde estava mesmo muito comprida. É estranho, com os dois fora de casa.

Ele balançou a cabeça, com ar subitamente grave. Lembrava-se da sensação da época em que a mulher e os dois filhos tinham saído de casa. Pensara que ia ficar doido, só com o silêncio.

— Telefone para você.

— Ótimo. E Jim — olhou para ele por um longo momento —, obrigada.

Ele desmanchou os cabelos escuros dela, beijou-lhe a testa e partiu, acenando para ela enquanto entrava no seu Porsche preto, pensando que Marc era maluco. Deanna Duras era uma mulher que ele teria dado quase tudo para poder ter nas mãos. Claro que era esperto demais para brincar com aquele tipo de fogo, mas ainda

achava que Duras era pinel. Caramba, ele nem se dava conta da belezinha que ela era. Ou será que dava? Jim Sullivan ficou fazendo conjeturas enquanto se afastava de carro e Deanna fechava a porta suavemente.

Lançou um olhar ao relógio, achando que tinha sido gentileza de Jim dar uma passadinha por ali e se perguntando a que horas Marc ligaria para ela. Prometera ligar à noite.

*Porém não ligou. No dia seguinte,
contudo, chegou um telegrama:
Parto para Atenas. Hora errada para
telefonar. Tudo bem. Pilar bem.*

Marc

Breve e objetivo. Mas por que não telefonara? “Hora errada para telefonar”, leu de novo. *Hora errada. Hora errada...*

O telefone invadiu os pensamentos de Deanna, enquanto lia de novo o telegrama de Marc. Já o sabia de cor.

— Deanna?

A voz alegre tirou-a dos seus devaneios. Era Kim Houghton. Morava a apenas algumas quadras de distância, mas a sua vida não podia ser mais diferente. Casada duas vezes, divorciada duas vezes, eternamente independente, alegre e livre. Freqüentara a escola de arte com Deanna, mas agora era uma importante força criativa no ramo publicitário, porque nunca tinha sido uma artista muito boa. E era a única amiga íntima que Deanna tinha.

— Oi, Kim. O que há de novo?

— Quase nada. Estive em Los Angeles sendo simpática para um dos nossos novos clientes. O filho da mãe já está falando em retirar a conta. E é uma das minhas. — Mencionou o nome de uma

cadeia nacional de hotéis cuja publicidade ficava a seu cargo. — Quer almoçar comigo?

— Não posso. Tenho um compromisso.

— Qual é?

A desconfiança apareceu na sua voz. Sempre sabia quando Deanna estava mentindo.

— Um almoço de caridade. Tenho que ir.

— Chute pro alto. Eu serei a sua caridade. Preciso de conselhos, estou deprimida. — Deanna riu. Kimberly Houghton nunca estava deprimida. Até mesmo os seus divórcios, dois deles, não a tinham deprimido. Ela rapidamente seguiu em direção de terreno mais fértil. Geralmente em menos de uma semana. — Vamos, querida, vamos almoçar em algum canto. Preciso de uma folga deste lugar.

— Eu também...

Deanna olhou à sua volta para o esplendor azul de seda e veludo do seu quarto, tentando lutar contra uma sensação de desânimo. Por um momento descuidado, a sua voz ficou melancólica ao telefone.

— O que isso quer dizer? — indagou Kim.

— Quer dizer, sua pé-no-saco enxerida, que Marc está viajando. Pilar partiu faz dois dias, e Marc ontem de manhã.

— Pombas, e você não pode curtir essa? Não é sempre que tem uma folga dessas, com os dois fora de casa. Se eu fosse você, correria nua em pêlo pela sala de visitas e convidaria todos os meus amigos para aparecerem.

— Enquanto ainda estou nua, ou depois de me vestir?

Deanna jogou as pernas por sobre o lado da cadeira e riu.

— Tanto faz. Escute, nesse caso esqueça do almoço. Que tal jantarmos logo mais?

— Negócio fechado. Assim posso trabalhar um pouco no estúdio, à tarde.

— Pensei que você ia a um almoço de caridade. — Deanna quase podia ver Kim sorrindo amplamente. — Te peguei.

— Vá à merda.

— Obrigada. Jantar às sete no Trader Vic's?

— Encontro-a lá.

— Tchau.

Desligou, deixando Deanna com um sorriso. Graças a Deus pela Kim!

— Está um barato! Vestido novo?

Kimberly Houghton levantou os olhos do seu copo quando Deanna chegou, e as duas mulheres trocaram o sorriso de velhas amigas. Deanna estava realmente linda num vestido de *cashmere* branco que adería a todos os lugares certos e realçava os seus cabelos escuros e enormes olhos verdes.

— Você também não está nada mal.

Kim tinha o tipo de corpo que os homens adoravam, farto, generoso e cheio de promessas. Os seus olhos azuis dançavam e seu sorriso ofuscava a quantos alcançasse. Ainda usava os cabelos na touca curta de cachos louros que vinha usando há 20 anos. Não possuía a elegância espantosa de Deanna, mas tinha um calor irresistível e uma certa bossa para roupas. Sempre parecia que devia estar com uns dez homens grudados aos seus calcanhares, o que geralmente era verdade. Ou pelo menos um ou dois. Essa noite estava usando um *blazer* de veludo azul e calças, com uma camisa de seda vermelha, desabotoada estrategicamente para deixar à mostra o máximo possível, com um único brilhante pendendo provocantemente numa corrente de ouro fina que se encaixava direitinho entre os seios fartos. Algo para chamar a atenção... como se ela precisasse de alguma ajuda.

Deanna pediu um drinque e se acomodou na cadeira largando o casaco de *vison* numa outra cadeira. Kim não se interessou por ele, nem ficou impressionada. Crescera naquele mundo e não desejava *visions* ou dinheiro, apenas independência e prazer. Sempre se certificava de ter um bocado de ambas as coisas.

— Então, o que há de novo? Curtindo a sua liberdade?

— Mais ou menos. Na verdade, desta vez estou custando um pouco a me acostumar — suspirou Deanna, tomando um gole do seu drinque.

— Pombas, do jeito que Marc viaja, pensei que a esta altura já estaria acostumada. Além do mais, um pouco de independência faz bem a você.

— Provavelmente. Mas ele vai ficar fora por três meses. Parece uma eternidade.

— Três meses? Como foi que isso aconteceu?

A voz de Kim subitamente perdeu a sua vivacidade de champanha e uma pergunta surgiu nos seus olhos.

— Ele tem uma causa muito importante em andamento entre Paris e Atenas. Não faz sentido para ele vir para casa nos intervalos.

— Ou para você ir para lá?

— Aparentemente não.

— O que quer dizer com isso? Pediu para ir?

Era como responder a uma mãe. Deanna sorriu enquanto olhava para a amiga.

— Mais ou menos. Ele vai ficar ocupado e se eu for terei que aturar Madame Duras.

— Ela que se dane.

Kim tinha sabido todas as histórias iniciais da indomável mãe de Marc-Edouard.

— Precisamente, embora eu não tivesse usado essas palavras para Marc. Portanto, *voilà*, cá estou eu sozinha durante o verão.

— E detestando cada minuto depois de apenas dois dias. Certo? Certo. — Respondeu à própria pergunta. — Por que não vai para algum lugar?

— Onde?

— Pombas, Deanna, qualquer lugar. Estou certa de que Marc não se importará.

— Provavelmente não, mas não me agrada viajar sozinha. — Nunca tivera que fazê-lo. Sempre viajara com o pai, e depois com Pilar e Marc. — Além disso, aonde iria? Jim Sullivan falou que Santa Barbara seria um saco.

Parecia desanimada ao falar, e Kimberly achou graça.

— Ele tem razão. Pobre menina rica. Que tal vir a Carmel comigo, amanhã? Tenho que encontrar um cliente, durante o fim de semana. Você podia vir junto.

— Que bobagem, Kim, eu iria atrapalhar.

Mas, por um momento, gostou da idéia. Há anos que não ia a Carmel e sem dúvida não era longe, apenas uma viagem de duas horas de São Francisco.

— Por que iria atrapalhar? Não estou tendo um caso com o cara, Deus me livre, e gostaria da companhia. Sozinha, vai ser um porre.

— Não por muito tempo.

Olhou significativamente para a amiga, e Kim riu.

— Por favor, a minha reputação! — Sorriu amplamente para Deanna, depois inclinou a cabeça para o lado, sacudindo a auréola de macios cachos louros. — Estou falando a sério, quer vir? Eu adoraria.

— Vou ver.

— Não. Você virá. Resolvido? Resolvido.

— Kimberly...

Deanna estava começando a rir.

— Pegu você às cinco e meia.

Kimberly abriu um amplo sorriso vitorioso.

Kim buzinou duas vezes quando parou diante da casa, e Deanna lançou um olhar pela janela do quarto antes de pegar a sacola e descer correndo as escadas. Sentia-se como uma garota de novo, embarcando numa aventura de fim de semana com uma amiga. Até mesmo o carro de Kim não se parecia com algo que um adulto dirigisse. Era um MG antigo pintado de vermelho vivo. Deanna apareceu no vão da porta um momento mais tarde, usando calças cinzentas e uma suéter de gola rulê também cinzenta e carregando uma grande sacola de couro marrom.

— Bem na hora. Que tal o seu dia?

— Um horror. Nem pergunte.

— Está certo. Não vou perguntar.

Ao invés disso, falaram de todo o resto: Carmel, os últimos quadros de Deanna, Pilar e seus amigos.

Finalmente, caíram num silêncio confortável. Estavam quase em Carmel quando Kimberly olhou para o lado da amiga e viu o seu olhar melancólico.

— Um *penny* pelos seus pensamentos.

— Só isso? Que diabo, deviam valer pelo menos cinco ou dez *cents*.

Tentou não dar importância aos seus pensamentos, com uma risada, mas não conseguiu tapear Kim.

— Está certo, dou-lhe dez *cents*. Mas deixe que eu adivinhe. Pensando em Marc?

— É — respondeu Deanna, com voz suave enquanto olhava para o mar.

— Sente tanta saudade assim dele?

O relacionamento deles sempre intrigara Kim. Parecera-lhe a princípio um casamento de conveniência, no entanto sabia que não era. Deanna o amava. Talvez demais.

Deanna desviou o olhar.

— É, sinto tanta saudade assim dele. Isso lhe parece uma bobagem?

— Não. Admirável, talvez. Qualquer coisa no gênero.

— Por quê? Não tem nada de admirável.

Kim riu e sacudiu a cabeça.

— Meu bem, 18 anos com um só homem me parece mais do que admirável. É heróico, eis o que é.

Deanna sorriu para a amiga.

— Por que heróico? Eu o amo. Ele é um homem bonito, inteligente, espirituoso, encantador.

E fazer amor com ele na véspera da sua partida renovara alguma coisa no coração dela.

— É, é sim — disse Kim, mantendo os olhos na estrada, mas se pegou perguntando se havia mais. Se havia um lado de Marc Duras que ninguém conhecia, um lado cálido, um lado amoroso, outra dimensão do homem de beleza e encanto ilimitados. Um lado humano que ria e chorava e era real. Aquilo o faria um homem digno de ser amado, aos olhos de Kim.

— Vai ser um verão muito longo. — Deanna soltou um pequeno suspiro. — Fale-me desse seu cliente. Gente nova?

— É. Insistiu em ter a reunião em Carmel. Mora em São Francisco, mas tem casa aqui. Estava vindo de Los Angeles e achou que seria um lugar mais agradável para discutir a conta.

— Que civilizado.

— É. Muito — sorriu Kim para Deanna.

Eram quase oito horas quando estacionaram diante do hotel. Kimberly saltou do MG com um meneio dos cachos e um olhar para Deanna, que saía de dentro do carro com um gemido.

— Acha que vai sobreviver? Admito que esta não é a carruagem mais macia para se viajar.

— Vou viver.

Deanna olhou à sua volta para o ambiente familiar. No princípio do seu casamento, ela e Marc vinham com frequência passar os fins de semana em Carmel. Entravam e saíam das lojas, comiam à luz de velas e caminhavam quilômetros na praia. Era uma sensação agri-doce estar ali de novo, desta feita sem ele.

O hotel era pequeno e gracioso, com uma fachada franco-provincial e jardineiras de cores vivas nas janelas, cheias de flores. Por dentro havia vigas baixas de madeira, uma grande lareira emoldurada por painéis de cobre e papel de parede azul Wedgwood com minúsculos desenhos brancos. Era o tipo de hotel que Marc apreciaria. Parecia muito francês.

Kimberly assinou o registro na recepção, depois entregou a caneta para Deanna.

— Pedi quartos adjacentes. Tudo bem com você?

Deanna concordou, aliviada. Gostava de ter um quarto só para si e não estava mesmo com vontade de dividir um com Kim.

— Está ótimo.

Preencheu o nome e o endereço no cartão, depois acompanharam o carregador até os quartos.

Cinco minutos mais tarde, Deanna ouviu uma batidinha à porta.

— Quer uma Coca, Deanna? Tirei duas da máquina lá no corredor.

Kim largou o corpo longo e generoso na cama de Deanna e estendeu-lhe uma lata gelada.

Deanna tomou um longo gole e depois deixou-se cair numa poltrona com um sorriso e um suspiro.

— Está tão gostoso aqui! Ainda bem que vim.

— Também acho. Teria sido um saco sem você. Talvez a gente até arranje um tempinho para ir às lojas amanhã, quando eu tiver terminado os negócios. Ou prefere voltar para a cidade amanhã à tarde? Tem algum plano?

— Absolutamente nenhum. E isto aqui é o céu. Pode ser que eu nem volte para casa. Aquilo lá é um túmulo sem Marc e Pilar.

Na opinião de Kimberly, era um túmulo com eles também, mas ficou calada. Sabia que Deanna adorava a casa e que a segurança da sua família significava muito para ela. Havia conhecido Deanna na escola de arte, pouco depois que a morte do pai de Deanna a tinha deixado sozinha e sem dinheiro. Presenciara a sua luta para sobreviver com o pouco que ganhava no seu emprego. Estivera presente, também, quando Marc começara a cortejar Deanna, e tinha visto Deanna ficar cada vez mais dependente dele, até que se sentia impotente sem ele. Tinha visto Marc tomar a amiga sob a sua asa, meiga e irresistivelmente, com a determinação de um homem que se recusava a perder. E tinha visto Deanna aninhada ali durante quase duas décadas, segura, protegida, escondida e insistindo que era feliz. Talvez fosse. Mas Kim nunca tinha certeza.

— Quer ir jantar em algum lugar especial? — indagou Kim, enquanto bebia o resto da sua Coca.

— Na praia — replicou Deanna, olhando ansiosa pela janela para o mar.

— A Praia? Não conheço.

Kim parecia confusa, e Deanna achou graça.

— Não, não. Não é um restaurante. Quero dizer que estou com vontade de dar um passeio pela praia.

— Agora? A esta hora? — Eram oito e meia e mal acabara de escurecer, mas Kim estava ansiosa para começar a sua noite e dar

uma olhada no lugar. — Por que não deixa isso para amanhã, depois do meu encontro com o novo cliente?

Era óbvio que Kim não se sentia atraída pelo mar e pelas areias brancas. Porém Deanna se sentia.

Ela sacudiu a cabeça resolutamente e largou a sua Coca.

— Não. Não posso esperar tanto. Você não vai trocar de roupa antes de sairmos? — Kim fez que sim. — Ótimo. Então vou dar um passeio enquanto você se veste. Eu fico como estou.

A suéter de *cashmere* e as calças cinzentas ainda pareciam impecáveis depois da viagem.

— Não vá se perder na praia.

— Não vou. — Deanna deu um sorriso encabulado para Kim. — Sinto-me feito uma criança. Mal posso esperar para ir brincar. — *E olhar para o pôr-do-sol e inspirar fundo o ar marinho... e recordar os dias em que Marc e eu andávamos por aquela praia de mãos dadas.* — Volto daqui a meia hora.

— Não se apresse. Vou tomar um bom banho quente. Não temos pressa. Podemos jantar às nove e meia ou dez horas.

Kim fazia reservas no refeitório sóbrio, vitoriano, de Pine Inn.

— Até já.

Deanna desapareceu com um aceno e um sorriso, vestindo a jaqueta e levando um lenço de cabeça nas mãos. Sabia que estaria ventando na praia. Quando saiu do hotel, a neblina já vinha chegando.

Foi descendo pela rua principal de Carmel, “costurando” por entre os poucos turistas retardatários que ainda não se haviam refugiado nas mesas de jantar ou nos seus hotéis, os filhos tagarelando atrás deles, os braços cheios de compras, os rostos sorridentes e relaxados. E isso a fez lembrar da vez em que ela e Marc tinham vindo a Carmel com Pilar. Esta tinha nove anos exuberantes e havia acompanhado os pais num dos seus passeios ao crepúsculo na praia, juntando pedaços de madeira lançados à

areia e conchas, correndo à frente deles, depois voltando para relatar as suas descobertas, enquanto Deanna e Marc conversavam. Parecia que se passara uma eternidade. Chegou no fim da rua e subitamente parou para olhar para a extensão interminável de praia de alabastro. Até mesmo Marc admitia que não havia nada parecido na França. A areia perfeitamente branca e as ondas fartas rolando para a praia com as gaivotas voando lentamente acima delas. Inspirou fundo enquanto olhava de novo para a cena, vendo a maré subir inexoravelmente. Havia uma atração naquela praia, uma atração como nunca conhecera igual. Botou o lenço de cabeça no bolso e tirou os sapatos, sentindo a areia penetrar por entre os dedos enquanto corria para junto do mar, parando pouco antes de chegar à água. O vento fustigava os seus cabelos. Fechou os olhos e sorriu. Era um lindo lugar, um mundo que deixara enterrado na lembrança durante tempo demais. Por que ficara longe tanto tempo? Por que não tinham voltado antes a esse lugar? Com mais um inspirar profundo, começou a descer a praia, um sapato em cada mão, os pés ansiando por dançar na areia como uma criança.

Já tinha caminhado bastante quando parou para olhar a última orla de dourado no horizonte. O céu estava cor de malva e um tufo espesso de neblina vinha vindo para a praia. Ficou ali olhando, por um tempo interminável, depois dirigiu-se lentamente para as dunas, onde se sentou em meio à grama alta e puxou os joelhos até junto do queixo enquanto fitava o mar. Depois de um momento, apoiou a cabeça num dos joelhos e fechou os olhos, escutando o mar e sentindo uma onda de alegria no íntimo.

— É perfeito, não é?

Deanna deu um salto ante a voz inesperada ao seu lado. Abriu os olhos e deparou com um homem alto e moreno parado a seu lado. Por um momento ficou assustada, mas o sorriso dele era tão bondoso que era impossível sentir-se ameaçada no abraço cálido

daqueles olhos. Eram de um azul-esverdeado profundo, como o mar. Tinha o corpo de um homem que devia ter jogado futebol na universidade. Seus cabelos eram tão escuros quanto os de Deanna, e desfeitos pelo vento. Olhava para ela com intensidade.

— É a hora de que mais gosto — falou ele.

— Eu também — respondeu Deanna tranqüilamente, e ficou surpresa por não se sentir irritada quando ele se sentou ao seu lado. — Pensei que estava sozinha na praia.

Olhou timidamente para o rosto dele, que sorriu.

— E provavelmente estava. Cheguei por trás de você. Desculpe se a assustei. — Olhou de novo para ela com aquele mesmo sorriso franco. — Minha casa fica logo ali. — Apontou por cima do ombro para uma área coberta por árvores contorcidas pelo vento. — Sempre venho aqui, à noitinha. E hoje estou acabando de chegar de viagem. Há três semanas que não venho aqui. Sempre me dou conta, então, do quanto gosto deste lugar, do quanto preciso andar por esta praia e olhar para isto.

Olhava direto à sua frente, para o mar.

— Você mora aqui o ano todo?

Deanna pegou-se conversando com ele como se fosse um velho amigo, mas era o jeito dele, era impossível ficar-se pouco à vontade com ele.

— Não, venho nos fins de semana, quando posso. E você?

— Há muito tempo que não venho aqui. Vim agora com uma amiga.

— Está hospedada na cidade?

Fez que sim com a cabeça, depois, lembrando-se, olhou para o relógio.

— Isso me lembra, tenho que voltar. Perdi a hora com o meu passeio na praia. — Já eram nove e meia e o restinho da luz tinha sumido enquanto conversavam. Pôs-se de pé e olhou para ele, sorrindo. — Tem sorte de ter isto à hora em que lhe dá vontade.

Ele concordou com a cabeça, mas não estava escutando de verdade, estava olhando intensamente para o rosto dela. E pela primeira vez desde que notara a sua presença ao lado dela, Deanna sentiu um calor estranho nas faces e ficou encabulada quando ele falou:

— Sabe que parecia um quadro de Andrew Wyeth, sentada aí ao vento? Foi o que pensei logo que a vi sentada na duna. Conhece o trabalho dele?

Tinha um ar de grande concentração nos olhos, como se estivesse avaliando o rosto dela e a espessura dos seus cabelos. Mas ela já estava sorrindo.

— Conheço o trabalho dele muito bem. — Tinha sido a sua paixão quando ela era criança, antes de ter descoberto que o Impressionismo era muito mais o seu gênero. — Costumava estar a par de todas as obras dele.

— Todas?

Os olhos cor de mar subitamente ficaram gozadores, mas ainda cálidos.

— Era o que eu pensava.

— Conhece aquela da mulher na praia? — Ela pensou por um momento, depois sacudiu a cabeça. — Gostaria de vê-la? — Ficou parado ao lado dela, parecendo um garoto de olhos vivos, muito entusiasmado. Apenas os ombros largos e másculos e os poucos fios grisalhos nos cabelos desmentiam o ar juvenil dos seus olhos. — Gostaria?

— Eu... preciso mesmo voltar. Mas, obrigada... — A voz dela foi sumindo, encabulada. Não parecia ser o tipo de homem de quem a gente tivesse que ter medo, mas, apesar disso, era apenas um estranho que tinha aparecido na praia. Deu-se conta, então, de que estava um pouco maluca por estar conversando com ele, ali sozinhos no escuro. — Verdade, preciso ir andando. Talvez outro dia.

— Compreendo. — O fogo nos seus olhos arrefeceu um pouco, mas o sorriso ainda estava lá. — Mas é um lindo quadro, e a mulher nele se parece muito com você.

— Obrigada. Que coisa linda de se dizer.

Estava imaginando como se despediria dele, que não parecia ter intenção imediata de voltar para casa.

— Posso acompanhá-la de volta? Já está um pouco escuro para você andar por aí sozinha. — Abriu um sorriso para ela, apertando os olhos contra o vento. — Pode ser abordada por um estranho. — Ela riu em resposta e concordou com a cabeça, enquanto desciam a duna rasa, voltando para junto do mar. — Conte-me, como foi que ficou gostando tanto de Wyeth?

— Eu achava que ele era o maior pintor americano que já tinha visto. Mas depois — olhou nos olhos dele, com ar de desculpas — me apaixonei por todos os impressionistas franceses. E infelizmente me esqueci dele. Não esqueci de verdade, mas me desapaixonei um pouquinho.

Caminhavam confortavelmente, lado a lado, as duas únicas pessoas na praia, com as ondas batendo ao seu lado. Ela riu subitamente, então. Era tão incongruente discutir arte com esse estranho, enquanto caminhavam pela areia em Carmel. O que contaria a Kim? Ou será que contaria alguma coisa a Kim? Por um momento sentiu-se inclinada a não falar a ninguém do seu novo amigo. Era apenas um encontro de momento, ao crepúsculo, numa praia deserta. O que havia para contar?

— Você sempre se desapaixona com tanta facilidade?

Era uma pergunta boba, o tipo da coisa que os estranhos dizem um ao outro, na falta de alguma coisa melhor. Mas ela sorriu.

— Geralmente, não. Só quando se trata dos impressionistas franceses.

Ele balançou a cabeça, judiciosamente.

— Faz sentido. Você pinta?

— Um pouco.

— Como os impressionistas? — Parecia já saber a resposta, e ela balançou a cabeça. — Gostaria de ver o seu trabalho. Está em exposição?

Ela meneou a cabeça, olhando para as ondas coroadas iridescentemente pela luz da lua.

— Não, agora não. Só uma vez, há muito tempo.

— Também se desapaixonou pela pintura?

— Nunca. — Olhou para a areia enquanto falava, depois ergueu os olhos para ele. — A pintura é a minha vida.

— Então por que não expõe?

Parecia intrigado pela reação dela, mas ela apenas deu de ombros. Tinham chegado ao lugar de onde ela descera para a praia.

— É aqui que eu fico. — Permaneceram parados ao luar, fitando-se nos olhos. Durante um momento de loucura, sentiu vontade de ser abraçada por aqueles braços fortes e confortáveis, envolta com ele na sua jaqueta. — Foi um prazer falar com você.

O rosto dela estava estranhamente sério, enquanto falava.

— Meu nome é Ben.

Ela hesitou por um momento.

— Deanna.

Ele estendeu a mão, apertou a dela, depois se virou e foi se afastando pela praia. Ela o observava, os ombros largos, as costas fortes, o vento nos cabelos. Teve vontade de gritar “Adeus”, mas a palavra ter-se-ia perdido ao vento. Ao invés disso, ele se virou, e ela pensou tê-lo visto acenar-lhe uma vez na escuridão.

— Onde diabos se meteu?

Kim estava esperando por ela no saguão com um ar de preocupação, quando Deanna voltou. Esta afastou o cabelo despenteado do rosto e sorriu para a amiga. As faces estavam rosadas pelo vento, os olhos brilhantes. A palavra *radiosa* surgiu na mente de Kim enquanto Deanna começava as suas explicações.

— Desculpe. Fui até mais longe do que pretendia. Levei séculos para voltar.

— Levou, mesmo. Eu estava começando a me preocupar.

— Desculpe.

Estava com cara de remorso, e o rosto de Kim se suavizou num sorriso.

— Tudo bem. Mas, pombas, é só soltar a garota numa praia e ela some. Pensei que você talvez tivesse encontrado uma amiga.

— Não. — Parou por um momento. — Apenas andei.

Perdera a sua chance de contar a Kim sobre Ben. Mas, o que havia para dizer? Que tinha encontrado um estranho na praia com o qual havia discutido arte? Parecia ridículo. Infantil. Ou pior, burrice, e impróprio. E descobriu que, pensando no assunto, queria guardar aquele momento para si. Nunca mais o veria, de qualquer forma. Para que se dar ao trabalho de explicar?

— Pronta para jantar?

— Claro que sim.

Caminharam as duas quadras até o Pine Inn, espiando as vitrinas, tagarelando sobre os amigos. O diálogo delas era sempre tranqüilo, e o silêncio permitiu a Deanna ficar com os seus pensamentos. Pegou-se pensando no Wyeth desconhecido que Ben sugerira que tinha. Será que tinha mesmo, ou era apenas uma desculpa? E isso tinha importância? Disse a si mesma que não.

— Você está muito quieta hoje, Deanna — comentou Kim, enquanto terminavam o jantar. — Cansada?

— Um pouco.

— Pensando no Marc?

— É.

Deu a resposta mais fácil.

— Ele vai ligar de Atenas?

— Quando puder. A diferença de fusos horários torna isso difícil. — E fazia com que ele parecesse terrivelmente distante. Em apenas dois dias ele já parecia fazer parte de outra vida. Ou talvez fosse o efeito de estar em Carmel. Quando estava em casa, com as roupas e os livros dele no seu lado da cama, sentia-o muito mais perto. — E quanto ao seu cliente de amanhã? Que tal é?

— Não sei. Nunca o vi. É um *marchand*. Galerias Thompson. Por falar nisso, ia propor a você que viesse comigo ao encontro com ele. Talvez gostasse de conhecer a casa dele. Ouvi dizer que tem uma coleção fabulosa no que chama de seu “chalé”.

— Não quero atrapalhar.

— Não vai.

Kimberly olhou para ela tranqüilizadoramente, e pagaram a conta. Já eram onze e meia e Deanna ficou feliz em poder ir para a cama.

Quando dormiu, sonhou com o estranho chamado Ben.

O telefone tocou ao lado da cama enquanto ela jazia de costas, perguntando-se sonolenta se devia se levantar. Tinha prometido ir com Kim, mas estava tentada a pegar no sono de novo. E depois dar outro passeio pela praia. A atração do passeio a perturbava. Sabia por que queria voltar, e era uma sensação estranha e desconfortável a permanência dele nos seus pensamentos. Provavelmente jamais o veria de novo. E se visse? E daí? O telefone tocou de novo, e ela estendeu a mão para atender.

— Bons dias!

Era Kim.

— Que horas são?

— Nove e cinco.

— Deus! Parece mais sete ou oito.

— Mas não é, e nosso encontro é às dez. Levante-se que vou lhe trazer o café.

— Não posso pedir o serviço de copa?

Deanna se acostumara a isso nas viagens com Marc.

— Não estamos no Ritz. Vou lhe trazer café e uma rosquinha.

Deanna se deu conta subitamente de como estava mal acostumada. Não ter Margaret e um dos seus desjejuns perfeitos estava se tornando um contratempo.

— Tudo bem. Está ótimo. Estarei pronta em meia hora.

Tomou banho, ajeitou o cabelo e vestiu uma suéter de *cashmere* de um azul vivo com calças brancas. Conseguiu parecer fresca e cheia de vida na hora em que Kim bateu à porta.

— Você está um estouro — disse Kim, passando-lhe uma xícara de café fumegante e um prato.

— Você também. Será que devo usar algo mais severo? Você está parecendo muito adulta. — Kim usava um terno de gabardine bege com uma blusa de seda cor de cáqui, um chapeuzinho de palha muito bonito e uma bolsinha de palha sob o braço. — Está muito chique.

— Não fique com ar tão surpreso. — Kim sorriu e desabou numa cadeira. — Espero que esse sujeito seja fácil. Não estou com vontade de discutir negócios num sábado de manhã.

Bocejou e ficou olhando Deanna acabar o café na sua xícara.

— Quem é que eu devo ser, por falar nisso? Sua secretária ou sua acompanhante? — perguntou Deanna, os olhos brilhando por cima da xícara.

— Nem uma coisa nem outra, sua palhaça. Só uma amiga.

— Ele não vai achar meio estranho você trazer as amigas?

— Problema dele se achar. — Kim bocejou de novo e se pôs de pé. — É melhor irmos indo.

— Sim, senhora.

A viagem levou apenas cinco minutos, com Deanna lendo as instruções para Kim. O endereço ficava numa rua bonita, as casas afastadas da estrada, ocultas por árvores. Porém ela viu, quando saltaram do carro, que era uma casa pequena e agradável. Nada de elaborado e pretensioso. Tinha um ar natural, batida pelo vento. Um pequeno carro preto estrangeiro estava parado do lado de fora, algo conveniente, não bonito. Nenhum dos indícios sugeria que a prometida coleção de arte seria impressionante ou rara. Mas o interior da casa contava uma história diferente, quando uma mulher baixinha e muito arrumada, vestindo um avental de governanta, abriu a porta. Tinha o ar de quem só vinha uma ou duas vezes por semana, eficiente, ao invés de cálida.

— O Sr. Thompson falou para esperar por ele no seu gabinete. Está lá em cima ao telefone. Falando com Londres. — Acrescentou as últimas palavras com desaprovação, como se isso fosse uma despesa chocante. Mas não uma despesa tão grande, pensou Deanna, quanto os quadros nas paredes. Olhou para eles com assombro enquanto acompanhavam a governanta até o gabinete. O homem tinha uma coleção magnífica de quadros ingleses e americanos primitivos. Nenhum deles era o que Deanna teria

colecionado, pessoalmente, mas eram uma alegria para os olhos. Queria se demorar estudando cada tela, mas a mulher de avental levou-as firme e rapidamente até o gabinete, fitou-as longamente com olhar duro, e resmungou: — Sentem-se.

Depois desapareceu para cuidar dos seus afazeres.

— Meu Deus, Kim, você viu o que ele tem pendurado nas paredes?

Kimberly abriu um sorriso, ajeitando o chapéu.

— Uma beleza, não é? Não é bem o meu gênero, mas tem umas telas excelentes. Embora não sejam todas realmente dele. — Deanna ergueu uma sobrancelha, indagadoramente. — É o dono de duas galerias. Uma em São Francisco e uma em Los Angeles. Desconfio que pede emprestado das suas galerias. Mas, que diabo, são obras lindas!

Deanna concordou com um aceno rápido de cabeça e continuou a olhar à sua volta. Estavam sentadas numa sala com uma ampla janela panorâmica que dava para o mar. Uma simples escrivaninha de pinho, dois sofás e uma cadeira. Como o exterior da casa e o carro modesto, era funcional, ao invés de impressionante. Mas a coleção de arte compensava amplamente esse detalhe. Até mesmo ali ele pendurara dois esboços em preto e branco excelentes, perfeitamente emoldurados. Ela se debruçou mais para perto para espiar as assinaturas, depois se virou para olhar um quadro que estava às suas costas, o único ornamento numa parede totalmente branca e nua. Enquanto se virava para olhar, ouviu a própria exclamação abafada. Era o quadro. O Wyeth. A mulher na duna, o rosto parcialmente encoberto enquanto o reclinava nos joelhos. E até mesmo Deanna podia ver que a mulher se parecia espantosamente com ela. O comprimento e a cor do cabelo, o formato dos ombros, até a sombra de um sorriso. Estava cercada por uma praia deserta e úmida e acompanhada apenas pela passagem de uma gaivota solitária.

— Bom dia. — Escutou a voz dele às suas costas antes de poder comentar o quadro. Os olhos dela encontraram os dele, surpresos. — Como vai, sou Ben Thompson. Srta. Houghton?

Havia uma pergunta não formulada nos olhos dele, mas ela rapidamente sacudiu a cabeça e apontou para Kim, que se adiantou com a mão estendida e um sorriso.

— Sou Kimberly Houghton. E esta é a minha amiga, Deanna Duras. Ouvimos falar tanto da sua coleção que tive que trazê-la comigo. Ela própria é uma artista espantosamente talentosa, embora não o admita.

— Não sou, não.

— Está vendo!

Os olhos de Kim dançavam enquanto examinavam o homem bonitão à sua frente. Parecia ter 30 e muitos anos, e tinha olhos extraordinariamente bonitos.

Deanna sorria para ambos e sacudia a cabeça.

— Juro, não sou.

— O que achou do meu Wyeth?

Falou fitando os olhos de Deanna, e ela sentiu algo no coração.

— Eu... é uma tela belíssima. Mas você já sabe disso.

Sentiu-se enrubescer ao falar com ele. Não tinha certeza do que dizer. Deveria admitir tê-lo visto antes? Deveria fingir que não houvera nenhum encontro? O que faria ele?

— Mas você gosta?

Os olhos dele não desfitavam dos dela, que se sentiu ficar quente sob esse olhar.

— Muitíssimo.

Balançou a cabeça, satisfeito. E então ela entendeu. Ele não pretendia falar nada sobre a noite anterior na praia. Mas ela se pegou sorrindo, enquanto se sentavam. Era uma sensação estranha, ter esse segredo entre os dois, mais estranha ainda saber que conhecera o “novo cliente” antes de Kim.

— Senhoras, um cafezinho? — Ambas concordaram, e ele saiu para o corredor para dizer para a governanta: — Um com creme, dois simples. — Quando voltou para a sala, sorriu para elas. — Serão todos com creme ou todos simples. A Sra. Meacham não aprova. Nada. Café. Visitas. Ou a minha pessoa. Mas posso confiar nela para limpar a casa quando não estou. Ela acha que todas essas coisas são uma bosta.

Fez um gesto despreocupado abrangendo o Wyeth, os esboços e as peças que tinham visto no caminho para o gabinete. Kim e Deanna acharam graça.

Quando o café chegou, as três xícaras eram de café simples.

— Perfeito. Obrigado. — Deu um sorriso juvenil para a governanta, enquanto ela saía da sala. — Srta. Houghton...?

— Kimberly, por favor.

— Pois bem, Kimberly, você viu os anúncios que lançamos no ano passado? — Ela fez que sim. — E o que achou?

— Sem classe suficiente. Sem a bossa adequada. Não eram dirigidos para o mercado certo que você pretendia.

Ele meneou a cabeça, mas seu olhar ficava voltando para Deanna, que ainda estava embevecida com o Wyeth atrás dele. Seus olhos nada revelavam enquanto a observava e suas palavras mostravam que sabia o que queria de Kim. Era ligeiro, engraçado, astuto e muito comercial, e a reunião deles terminou em menos de uma hora. Ela prometeu dar-lhe idéias frescas dentro de duas semanas.

— Deanna vai ser a consultora da conta?

Era difícil dizer se ele estava brincando. Deanna sacudiu a cabeça rapidamente e levantou a mão, rindo.

— Santo Deus, não. Não tenho idéia de onde Kim tira as suas idéias mágicas.

— Sangue, suor, e um bocado de café forte — riu Kim.

— O que você pinta?

Estava olhando de novo para Deanna, com os mesmos olhos meigos que ela vira na praia na noite anterior.

A voz dela soou muito suave, enquanto respondia.

— Naturezas-mortas, mocinhas. Os temas impressionistas de costume.

— E mães com bebês no colo?

Os olhos estavam sempre implicando, mas eram inflexivelmente bondosos.

— Só uma vez.

Fizera um quadro de si mesma e de Pilar. A sogra pendurara-o no apartamento de Paris e depois ignorara-o durante os 12 anos seguintes.

— Gostaria de ver o seu trabalho. Você expõe?

Novamente, nenhuma alusão à noite anterior, e ela se perguntava por quê.

— Não. Há anos que não exponho. Não estou pronta.

— Aproveitando a palavra da sua governanta, isto é uma bosta de desculpa. — Kimberly olhou primeiro para Ben Thompson, depois para Deanna. — Devia mostrar-lhe alguns trabalhos seus.

— Não seja boba. — Deanna sentiu-se constrangida e desviou os olhos. Ninguém via os trabalhos dela há muitos e muitos anos. Apenas Marc e Pilar e, de vez em quando, Kim. — Algum dia, mas ainda não. De qualquer modo, obrigada.

O sorriso dela agradecia-lhe pelo seu silêncio, assim como pela sua bondade. Era estranho que também Ben desejasse permanecer calado sobre o encontro deles na praia.

A conversa se encerrou com a troca costumeira de amenidades e uma breve vista a toda a coleção de Ben, realizada sob o olhar severo da governanta, enquanto varria a casa. Kimberly prometeu telefonar-lhe na semana seguinte.

Não houve nada de incomum na sua despedida de Deanna. Nenhuma pressão inadequada da mão, nenhum recado nos olhos,

apenas o calor que ela já tinha visto e o sorriso que lhes deixou enquanto fechava a porta.

— Que cara simpático! — disse Kim, enquanto dava partida no MG. O motor roncou, depois pegou. — Vai ser um prazer trabalhar com ele. Não acha?

Deanna apenas balançou a cabeça. Ficou imersa nos seus pensamentos, até que Kim freou o carro ruidosamente do lado de fora do hotel.

— Que diabo, por que não o deixa ver o seu trabalho?

A reticência de Deanna sempre irritava Kim. Fora a única na escola de arte que tinha algum talento de verdade, e a única que o mantivera oculto por quase 20 anos. Todos os outros tinham tentado fazer sucesso e fracassaram.

— Já lhe disse. Não estou pronta.

— Besteira! Se você não ligar para ele, vou dar-lhe o seu telefone. Está na hora de você fazer alguma coisa com aquela montanha de obras-primas que guarda no seu estúdio, de cara para a parede. É um crime, Deanna. Não é direito. Qual, quando penso no lixo que pintei e quebrei a cara tentando vender...

— Não era lixo — disse Deanna, olhando bondosamente para ela. Porém ambas sabiam que não tinha sido muito bom. Kim era muito melhor planejando campanhas promocionais, cabeçalhos e *layouts* do que fora com a sua arte.

— *Era lixo*, e nem me importo mais com isso. Gosto do que faço. Mas, e quanto a você?

— Também gosto do que faço.

— E o que você faz? — Kimberly agora estava ficando frustrada, e a voz revelara-lhe os sentimentos. Sempre acabava desse jeito quando falavam do trabalho de Deanna. — O *que* você faz?

— Sabe o que faço. Pinto, cuido de Marc e Pilar, cuido da casa. Mantenho-me ocupada.

— É, cuidando dos outros. E quanto a você? Não lhe faria bem ver os seus trabalhos expostos numa galeria, pendurados em outro lugar que não o escritório do seu marido?

— Não importa onde estejam pendurados. — Não ousava dizer a Kim que nem estavam mais lá. Marc contratara um novo decorador há seis meses, que julgara os trabalhos dela “fracos e deprimentes” e retirara todos das paredes. Marc trouxera as telas para casa, inclusive um pequeno retrato de Pilar, que agora estava pendurado no corredor. — O que importa para mim é pintar, não expor.

— Meu Deus, isso é como tocar um violino sem cordas. Não faz sentido.

— Faz para mim.

Era gentil, porém firme, e Kim sacudiu a cabeça enquanto saltavam do carro.

— Bem, acho que você é maluca, mas gosto de você assim mesmo.

Deanna sorriu enquanto entravam no hotel.

O resto da estada das duas em Carmel passou depressa demais. Fuçaram nas lojas, jantaram mais uma vez no Pine Inn. No domingo à tarde Deanna deu mais um passeio pela praia. Sabia agora onde ele morava, soube-o quando percebeu a casa oculta por trás das árvores. Sabia agora o quão perto estava do Wyeth. Continuou a andar. Não o viu de novo e ficou irritada consigo mesma por sequer imaginar que ele estaria na praia. Por que deveria estar? E o que diria se ele estivesse? Felizmente Ben não deixara Kimberly saber que tinham se conhecido. E daí? Que importância tinha? Sabia que jamais o veria de novo.

Quando o telefone tocou ela já estava no estúdio, olhando de longe para a tela, tentando avaliar o seu trabalho da manhã. Era um vaso de tulipas largando as pétalas numa mesa de mogno, contra um fundo de céu azul, entrevisto por uma janela aberta.

— Deanna?

Ficou atônita ao ouvir a voz dele.

— Ben? Como conseguiu o meu telefone? — Sentiu um rubor quente subir-lhe às faces e ficou instantaneamente com raiva de si mesma pelo que sentia. — Kim?

— Claro. Falou que, se eu não expusesse o seu trabalho, ela sabotaria a nossa conta.

— Não! — riu, enquanto ficava mais ruborizada ainda.

— Não. Ela só falou que você era muito boa pintora. Que tal trocarmos o meu Wyeth por um dos seus trabalhos?

— Você é maluco. E Kim também.

— Por que não me deixa julgar por mim mesmo? Será que posso passar por aí por volta do meio-dia?

— Hoje? Agora? — Lançou um olhar ao relógio e sacudiu a cabeça. Já passava das 11:00. — Não!

— Eu sei. Você não está pronta. Os artistas nunca estão.

A voz era meiga, como fora na praia.

Ela fitou o telefone.

— Verdade. Não posso.

Era quase um sussurro.

— Amanhã?

Não fazendo pressão, mas firme.

— Ben, juro... não é isso. Eu... — gaguejou, e ouviu a risada dele.

— Por favor. Gostaria mesmo de ver o seu trabalho.

— Por quê?

Sentiu-se instantaneamente burra por ter feito a pergunta.

— Porque gosto de você. E gostaria de ver o seu trabalho. É simplesmente isso. Não faz sentido?

— Mais ou menos.

Não sabia o que mais dizer.

— Está ocupada para o almoço?

— Não, não estou.

Soltou um suspiro triste, de novo.

— Não fique tão desanimada. Prometo não jogar dardos nas suas telas. Juro. Pode confiar em mim.

Estranhamente, confiava. Tinha algo a ver com o jeito como ele falava, a expressão dos seus olhos, que ela recordava.

— Acho que confio. Está bem, então. Meio-dia.

Ninguém que se dirigisse para a guilhotina teria falado tão resolutamente. Ben Thompson sorriu consigo mesmo enquanto desligava.

Chegou pontualmente ao meio-dia. Com um saco de pãozinhos, um bom pedaço de Brie, meia dúzia de pêssegos, além de uma garrafa de vinho branco.

— Isto serve? — perguntou, espalhando as suas riquezas sobre a mesa dela.

— MUITÍSSIMO bem. Mas você não devia ter vindo. — Parecia desalentada enquanto olhava para ele por cima da mesa. Usava

jeans e uma camisa respingada de tinta, o cabelo preso num coque frouxo. — Detesto ser posta em xeque.

A expressão dela era perturbada, enquanto o observava, e por um momento ele parou de ajeitar as frutas.

— Você não está sendo posta em xeque, Deanna. Queria mesmo ver o seu trabalho. Mas não importa o mínimo o que eu ache. Kim diz que você é boa. Você sabe que é boa. Disse-me na praia que a pintura era a sua vida. Ninguém pode brincar com isto. Eu não tentaria. — Fez uma pausa, depois continuou, com mais suavidade: — Você viu alguns dos quadros que adoro no chalé de Carmel. Eu os curto. Isto é algo que você curte. Se você gostou do meu Wyeth, fico feliz, mas se não gostou, isso não muda em nada a beleza dele para mim. Nada que eu vir mudará o que você faz, ou o quanto lhe importa. Ninguém pode alterar isto.

Ela assentiu, calada, depois caminhou lentamente para a parede onde 20 telas estavam encostadas, escondidas e ignoradas. De uma em uma ela as foi desvirando, sem dizer nada, olhando apenas para os óleos enquanto os desvirava. Não olhou para Ben até que ele finalmente falou:

— Pare. — Ergueu os olhos, surpresa, e o viu apoiado à mesa dela com uma expressão nos olhos que não compreendia. — Sentiu alguma coisa quando viu o Wyeth?

Perscrutava o rosto dela, olhando-a bem nos olhos.

Ela balançou a cabeça.

— Senti muita coisa.

— O quê?

Ela sorriu.

— Primeiro, surpresa ao me dar conta de que estava na sua casa. Mas, depois, uma espécie de assombro, uma alegria ao ver o quadro. Senti-me atraída pela mulher, como se fosse alguém que eu conhecia. Senti tudo que acho que Wyeth queria me dizer. Por um momento, fiquei fascinada pelas suas palavras.

— Como eu estou pelas suas. Tem idéia do quanto colocou nessas pinturas, ou de como são lindas? Sabe o que significa ser alcançado e atraído vez após vez, enquanto as desvira? São incríveis, Deanna. Não sabe o quanto são boas?

Sorria para ela, que sentiu o coração bater com força no peito.

— Eu as amo. Mas isto é porque são minhas.

Ela agora estava radiosa. Ele lhe dera o presente máximo, e ela sabia que falava a sério, cada palavra. Fazia tanto tempo que alguém não via o que ela pintava... e se importava.

— Não são apenas suas. São você.

Aproximou-se de uma das telas e fitou-a, calado. Era um quadro de uma mocinha debruçando-se sobre a banheira... Pilar.

— Esta é a minha filha.

Estava adorando, agora. Queria compartilhar mais.

— É um belo trabalho. Mostre-me mais.

Mostrou-lhe todas as telas. Quando acabou, quase exultava de prazer. Ben gostava delas, adorava-as! Compreendia o trabalho dela. Tinha vontade de jogar os braços ao redor do pescoço dele e rir.

Ben abriu a garrafa de vinho.

— Percebe o que isso significa, não é?

— O quê? — perguntou, subitamente desconfiada, mas não muito.

— Que irei persegui-la até você assinar com a galeria. Que tal?

Ela sorriu largamente para ele, mas sacudiu a cabeça.

— Não posso.

— Por que não?

— Não é o momento certo. — E Marc teria um ataque. Acharia comercial e vulgar, embora a galeria Thompson tivesse a reputação de ser tudo menos vulgar e a família de Ben tivesse uma boa fama no mundo da arte há anos. Tinha pesquisado a seu respeito quando voltara de Carmel. O avô possuía uma das melhores galerias de

Londres; o pai, de Nova York. Ben Thompson tinha carta branca no mundo da arte, mesmo aos 38 anos de idade. Ela também tinha lido isto. — Verdade, Ben, não posso.

— Não pode uma ova. Escute, não seja teimosa. Venha até a galeria e dê uma espiada. Sentir-se-á muito melhor quando vir o que há ali.

Pareceu subitamente muito jovem, enquanto falava, e ela riu. Sabia o que havia ali. Também fizera pesquisas a esse respeito. Pissarro, Chagall, Cassatt, um Renoir muito pequeno, um esplêndido Monet, alguns Corots. Também alguns Pollocks, um Dalí e um de Kooning cuidadosamente escondidos, que ele raramente expunha. Ele tinha o melhor. Além de alguns jovens artistas desconhecidos escolhidos a dedo, entre os quais queria incluí-la. O que mais ela podia querer? Mas o que diria a Marc? *Tive que fazê-lo. Ele me pediu. Tive vontade...*

— Não. — Ele simplesmente não compreenderia. E nem Pilar. Ela iria achar uma coisa vulgar, exibicionista. — Você não compreende.

— Tem toda a razão.

Estendeu para ela um pedaço de pão francês e de Brie. Vinte e dois quadros espalhados pela sala. E ele adorara todos. Ela sorria amplamente enquanto pegava o pão das mãos dele.

— Tenho mais 30 no sótão. E cinco na casa de Kim.

— Você é pinel.

— Não, não sou.

Ele lhe entregou um pêssego.

— É, sim. Mas não vou cobrar isso de você. Que tal vir a um *vernissage* que teremos amanhã à noite? Isso não fará mal nenhum, não é? Ou tem medo até mesmo disso?

Ele agora a estava atiçando, e ela não tinha certeza se estava gostando.

— Quem disse que estou com medo?

Parecia muito jovem enquanto mordia o pêssego suculento, depois sorriu.

— E quem precisava dizer? Por que outro motivo não queria expor?

— Porque não faz sentido.

— Você não faz sentido. — Mas a esta altura estavam ambos rindo e tomando o terceiro cálice de vinho. — Gosto de você, de qualquer forma — declarou ele. — Estou acostumado a lidar com birutas como você.

— Não sou biruta, só teimosa.

— E se parece exatamente com o meu Wyeth. Também notou?

Os olhos dele atraíram-na de novo. Ele largou o cálice. Ela hesitou por um momento, depois balançou a cabeça.

— Notei.

— Só que posso ver os seus olhos. — Fitou-os por um longo momento, depois desviou o olhar. Eram precisamente os olhos que ele sabia que a mulher no quadro teria. — Você tem lindos olhos.

— Você também.

A voz dela era como uma brisa suave na sala, e ambos se recordaram do seu passeio em Carmel.

Ben ficou calado por algum tempo, apenas olhando para os quadros dela.

— Falou que aquela era a sua filha. É mesmo verdade?

Olhou para ela de novo, querendo saber mais.

— É. Ela tem quase 16 anos. Chama-se Pilar. E é muito, muito bonita. Muito mais do que parece no quadro. Pinteí vários quadros com ela como modelo. — Pensou melancolicamente naquele que o decorador de Marc tinha rejeitado e rebaixado para o corredor. — Alguns são bem bons.

Sentia-se livre com ele, agora, livre para gostar do próprio trabalho.

— Onde está ela, agora? Está aqui?

— Não. — Deanna olhou-o por um longo momento. — Está no Sul da França. O pai... meu marido é francês.

Queria contar a ele que Marc também estava fora, que estava na Grécia, mas parecia uma traição. Por que lhe contaria? O que queria desse homem? Ele já lhe dissera que gostava do seu trabalho. O que mais podia pedir? Teve vontade de perguntar-lhe se era casado. Mas isso também parecia errado. Que importância tinham essas coisas? Ele estava aqui por causa do trabalho dela. Não importava quão bondosos fossem aqueles olhos profundos, cor do mar.

— Sabe — ele olhou pesaroso para o relógio — detesto dizer isto, mas tenho que ir trabalhar. Tenho um encontro às três horas no escritório.

— Às três? — Os seus olhos voaram para o relógio. Já eram 2:45. — Já? Como é que o tempo passou tão depressa?

Porém eles tinham examinado muitas obras dela. Deanna se levantou com uma expressão de pesar nos olhos.

— Você virá amanhã à noite? Ao *vernissage*?

Os olhos dele diziam-lhe que queria que ela viesse. Ela não tinha certeza do porquê.

— Vou tentar.

— Por favor, Deanna, eu gostaria muito. — Tocou-lhe o braço rapidamente e depois, com um último sorriso apreciativo pela sala, saiu do estúdio e desceu correndo as escadas. — Posso achar o caminho, não se preocupe. Até amanhã!

As palavras dele foram sumindo enquanto ela desabava na poltrona branca confortável e corria os olhos pela sala. Havia quatro ou cinco telas de Pilar, mas nenhuma de Marc. Por um momento totalmente desesperado, não conseguiu se lembrar do rosto dele.

Deanna estacionou o Jaguar azul-escuro do lado oposto à galeria e atravessou a rua lentamente. Ainda não tinha certeza se devia ir, se era sensato. Se fazia sentido. E se Kim estivesse lá? Ela se sentiria uma tola. E se... mas, então, pensou nos olhos dele e empurrou a pesada porta de vidro.

Havia dois *barmen* de jaqueta preta parados ali perto, servindo alternadamente champanha e uísque, e uma jovem bonita estava recebendo os convidados, que pareciam todos cheios da grana ou artistas. Deanna viu rapidamente que era a exposição do trabalho de um homem mais velho. Ele estava cercado pelos amigos, parecendo vitorioso e orgulhoso. Os quadros estavam bem dispostos e tinham um toque de Van Gogh. E então ela viu Ben. Estava parado no extremo oposto da sala, parecendo muito bonitão num terno azul-marinho riscado. Os olhos dele acompanharam a sua entrada. Ela o viu sorrir e pedir licença delicadamente, retirando-se do grupo em que se encontrava. Dali a um momento estava parado ao lado dela.

— Então você veio, hein? Que bom. — Ficaram parados ali por um momento, olhando um para o outro, e ela se sentiu sorrir. Era um sorriso que não podia ter reprimido. Estava feliz por vê-lo de novo. — Champanha?

— Obrigada.

Aceitou uma taça da mão estendida do *barman* e Ben segurou-a suavemente pelo cotovelo.

— Quero lhe mostrar uma coisa no meu escritório.

— Esboços? — Sentiu-se ruborizar. — Que coisa horrível, não devia ter dito isto.

— Por que não? — Ele estava rindo, também. — Mas, não, é um minúsculo Renoir que comprei ontem à noite.

— Meu Deus, onde o conseguiu?

Ela o acompanhou por um longo corredor acarpetado de bege.

— Comprei-o de uma coleção particular. Um velhinho maravilhoso. Disse que jamais gostou dele. Graças a Deus! Comprei-o por um preço incrível. — Destrancou a porta do escritório e entrou rapidamente. Ali, encostado na parede oposta, estava um nu lindo e delicado, naquele estilo característico que dispensava o olhar para a assinatura. — Não é bonito?

Olhava o quadro como se fosse um filho novo do qual estivesse orgulhosíssimo, e Deanna sorriu à luz nos seus olhos.

— É maravilhoso.

— Obrigado.

Olhou para Deanna fixamente, então, como se houvesse mais alguma coisa que quisesse dizer, mas não disse. Ao invés disso, olhou ao seu redor, com um sorriso que a convidava a fazer o mesmo. Havia um outro Andrew Wyeth acima da sua mesa de trabalho, este bem conhecido.

— Também gosto deste. Mas não tanto quanto do outro.

— Eu também. — Os pensamentos deles voltaram instantaneamente para Carmel. O silêncio foi interrompido por uma batidinha à porta. A moça que estivera recebendo os convidados na entrada estava chamando Ben do corredor. — Oi, Sally. O que há? Ah, esta é Deanna Duras; vai ser uma das nossas novas artistas.

Os olhos de Sally instantaneamente se dilataram. Aproximou-se com um aperto de mão e um sorriso.

— Mas que boa notícia!

— Espere aí! — Deanna lançou um olhar a Ben com um sorriso encabulado. — Nunca disse isso.

— Não, mas estou torcendo para que diga. Sally, diga a ela como somos maravilhosos, como nunca passamos a perna nos nossos artistas, nunca penduramos quadros de cabeça para baixo, nunca pintamos bigodes nos nus.

Deanna agora estava rindo e sacudindo a cabeça.

— Neste caso, esta não é a galeria para mim. Sempre tive vontade de ver um bigode num dos meus nus e nunca tive coragem de botá-lo eu mesma.

— Então deixe que o façamos por você.

Ben ainda sorria enquanto as levava de volta para o corredor e começava a interrogar Sally. Já tinha havido três compradores na exposição, e ela viera discutir o preço de um dos quadros com ele. O artista queria mais.

— Direi a ele que compensaremos em outra obra. Ele já concordou com o preço dessa. Deus abençoe Gustave... é o responsável por todos os meus cabelos brancos.

— Sem falar nos meus.

Sally apontou para uma cabeleira loura sem um fio branco e desapareceu no meio da multidão, enquanto Ben começava a apresentar Deanna aos convidados. Ela se sentia surpreendentemente à vontade enquanto percorria a galeria, conhecendo artistas e colecionadores. E ficou surpresa por não ver Kim. Mencionou isso a Ben quando ele veio reunir-se a ela.

— Ela não está aqui? Pensei que estaria.

— Não. Aparentemente, está arrancando os cabelos por causa de um novo anúncio de iogurte. Francamente, prefiro que ela não nos confunda. É melhor tirar o iogurte da cabeça antes de começar com a arte. Não acha? — Deanna riu enquanto ele lhe entregava uma nova taça de champanha. — Sabe — continuou — gostei muito

de ontem. O seu trabalho é extraordinariamente bom. E não vou parar de insistir até que você diga sim.

Deanna sorriu para ele, enquanto sorvia o champanha. Antes de poder protestar, foram interrompidos por vários outros colecionadores que queriam conversar com Ben. Esteve atarefado com eles até quase nove horas.

Deanna percorria lentamente a galeria, observando os compradores em perspectiva e admirando o trabalho de Gustave. Tinha parado diante de um dos seus quadros quando ouviu uma voz familiar às suas costas. Virou-se, surpresa.

— Estudando a técnica, Deanna?

— Jim! — Fitou aqueles sorridentes olhos irlandeses. — O que está fazendo aqui?

— Não pergunte. Colecionando cultura, acho. — Fez um gesto vago na direção de um grupo de pessoas junto da porta. — Eles me arrastaram até aqui. Mas só depois de vários drinques fortes.

— Um amante da arte por excelência. — Ela ostentava o seu costumeiro sorriso cálido, mas lá no seu âmago alguma coisa se mexia, inquietamente. Não queria ver Jim Sullivan ali. Tinha vindo para ver Ben... ou será que não tinha? Estava ali apenas para ver a galeria? Não tinha muita certeza, e talvez Jim soubesse. Talvez enxergasse alguma coisa diferente no rosto dela, nos seus olhos, no seu íntimo. Quase defensivamente, buscou um assunto familiar. — Teve notícias de Marc?

Ele a olhou cautelosamente, por um momento.

— Você teve?

Sacudiu a cabeça, dizendo:

— Recebi um telegrama dele no dia seguinte à sua partida, dizendo que não tinha podido ligar porque era a hora errada, e depois fui passar o fim de semana em Carmel. Com Kim — acrescentou, rápida e desnecessariamente. — Ele pode ter tentado ligar, então. Suponho que a esta altura esteja em Atenas.

Sullivan balançou a cabeça e voltou o olhar para os amigos. Deanna acompanhou-lhe o olhar e percebeu imediatamente uma moça espetacular de cabelos castanhos, vestindo uma luzidia roupa prateada. A modelo de Jim — tinha que ser.

— Deve estar — dizia Jim. — Bem, querida, tenho que ir andando. — Quase como numa reflexão tardia, depois de beijar-lhe a face, olhou para ela de novo. — Quer vir jantar com a gente?

Instantaneamente, ela estava sacudindo a cabeça.

— Eu... não posso... tenho que ir para casa... verdade. Porém, obrigada.

Droga. Por que se sentia tão constrangida? Não tinha nada para esconder. Mas ele não parecia achar nada de diferente nela. E por que deveria? O que estava diferente?

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Está certo. Eu lhe telefono.

Beijou-a rapidamente na face e foi se juntar aos amigos. Um momento mais tarde, tinham ido embora. Ela fitou distraída o lugar onde tinham estado. Jim não lhe respondera se tinha ou não tido notícias de Marc. Em vez disso, tinha rebatido a sua pergunta com a própria, perguntando se ela tivera notícias dele. Ficou imaginando por quê.

— Está com uma cara um bocado séria, Deanna. Pensando em assinar com a gente?

Havia um tom de caçoada nos sussurros de Ben e ela se virou para ele com um sorriso. Não tinha percebido a sua chegada.

— Não. Mas estava pensando que está na hora de ir para casa.

— Já? Não seja boba. Além disso, você não jantou. — Olhou para ela por um momento. — Posso convidá-la para jantar comigo? Ou será que seu marido faria objeção?

— Absolutamente. Ele está passando o verão na Grécia. — Seus olhos se encontraram e não se largaram. — E o jantar é uma

ótima idéia.

Por que não? Sorriu e afastou Jim Sullivan da mente.

Ben fez sinal a Sally de que iam sair, e sem serem notados pelos últimos retardatários atravessaram a porta de vidro e entraram na fresca neblina de verão.

— Às vezes isto me fez lembrar Londres — falou. — Costumava visitar o meu avô lá, quando era criança. Ele era inglês.

Ela riu do anonimato que ele imaginava ter.

— É, eu sei.

— Trouxe o seu carro? — perguntou Ben. Ela indicou o Jaguar azul-escuro. — Puxa vida. Estou impressionado. Dirijo um carrinho alemão que ninguém conhece por aqui. Praticamente não bebe gasolina e me leva aonde quero ir. Você se sentiria envergonhada de ser vista numa coisa tão simples ou devemos levar o seu?

Por um momento ela ficou embaraçada por ter vindo no carro de Marc, mas sempre o guiava quando saía à noite. Era uma questão de hábito.

— Prefiro ir no seu.

— Ao L'Étoile? — perguntou, hesitante, sondando as águas.

— Acho que prefiro um lugar mais parecido com o seu carro. Quietos e simples. — Ele sorriu, em aprovação, e ela riu. — Desconfio de que você tem horror de ostentação, exceto em arte.

— Exatamente. Além do que, a minha governanta se demitiria se eu aparecesse num Rolls. Ela já acha que toda aquela “bosta” nas paredes é um ultraje. Certa vez pendurei um lindo nu francês e ela o tirou da parede tão logo saí de Carmel. Quando voltei, encontrei-o enrolado num lençol. Tive que levá-lo de volta para a cidade.

Deanna riu enquanto ele destrancava o carro e abria a porta para ela.

Levou-a a um pequeno restaurante italiano enfiado numa rua lateral, perto da baía, e falaram sobre arte a maior parte da noite.

Ela lhe contou dos seus anos de borboletear pela Europa e os Estados Unidos com o pai, devorando os museus onde quer que fossem, e ele lhe contou que aprendera sobre arte com o avô, e depois com o pai, assistindo a grandes leilões em Londres, Paris e Nova York.

— Mas nunca pensei em entrar no negócio.

— Por que não?

— Queria fazer algo mais interessante. Como cavalgar em rodeios ou ser espião. Planejava ser espião pelo menos até os nove anos, mas meu avô insistia que não era respeitável. Às vezes tenho as minhas dúvidas se a nossa profissão também o é. Na verdade, quando fui para a faculdade queria ser um daqueles homens que detectam falsificações em arte. Estudei por algum tempo, mas as falsificações sempre me enganavam. Espero estar me saindo melhor agora.

Deanna sorriu. Pelo jeito da galeria e da casa em Carmel, estava certa que sim.

— Diga-me — falou abruptamente —, há quanto tempo está casada?

Ela ficou surpresa ante a pergunta subitamente pessoal. Até então, não lhe tinha feito nenhuma.

— Dezoito anos. Eu tinha dezenove.

— Isso quer dizer que tem...

Ficou contando nos dedos, e ela riu.

— Vou fazer 103, em novembro.

— Não. — Franziu a testa. — Não é 102?

— No mínimo. E quanto a você? Já foi casado?

— Uma vez. Brevemente. — Os seus olhos fugiram dos dela, por um momento. — Infelizmente também não fui muito bom em detectar falsificações nesse setor. Ela me fez de palhaço e eu me diverti muito. E depois acabou.

Sorriu e olhou-o nos olhos de novo.

— Filhos?

— Não. É a única coisa que lamento. Gostaria de ter tido um filho.

— Eu também.

Havia um toque de melancolia na voz dela, que fez com que ele a fitasse atentamente enquanto dizia:

— Mas você tem uma linda filha.

— Também tive dois meninos. Ambos morreram logo após o nascimento.

Era uma informação pesada para se transmitir a um quase estranho, numa mesa de restaurante, mas Ben apenas observou os olhos dela. Viu ali o que precisava saber.

— Sinto muito.

— Eu também. E depois, estupidamente, foi uma espécie de golpe quando Pilar nasceu. Nas famílias francesas as menininhas não são recebidas com aplausos.

— Você queria aplausos?

Parecia divertido.

— No mínimo. — Ela finalmente sorriu para ele. — E uma banda de música. E uma parada.

— Não se pode culpá-la. Ela foi a terceira? — perguntou. Deanna fez que sim. — São muito chegadas?

Imaginava que seriam, e ficou surpreso ao saber que não eram.

— Agora não somos, mas vamos ser de novo. Atualmente, ela está terrivelmente dividida entre ser americana e francesa. Este tipo de coisa pode ser difícil.

— Ter 15 anos também. — Lembrou-se com horror da irmã com essa idade. — Ela se parece com você?

Não conseguia saber ao certo, apenas pelos quadros de Deanna.

— Em nada. É a imagem do pai. É uma menina muito bonita.

— A mãe dela também.

Por um momento Deanna nada disse, depois sorriu.

— Obrigada, senhor.

A conversa voltou de novo a se concentrar em arte. Ben se manteve afastado dos assuntos pessoais e dolorosos, mas às vezes ela se perguntava se ele estava escutando. Parecia estar a observá-la o tempo todo, e dizendo outras coisas com os olhos. Era meia-noite quando foram finalmente encorajados a se retirar.

— Tive uma noite maravilhosa.

Sorriu para ele, toda feliz, quando encostaram ao lado do Jaguar estacionado.

— Eu também.

Ele não disse mais nada. Enquanto ela dava partida no motor, ele recuou com um aceno. Viu-o pelo espelho retrovisor, voltando para o seu carro, as mãos nos bolsos, a cabeça baixa, pensativo.

Ela já estava na cama, com as luzes apagadas, quando o telefone tocou. O rápido zumbido das linhas disse-lhe que era interurbano.

— Deanna?

Era Marc.

— Alô, querido. Onde está?

— Em Roma. No Hassler, se você precisar de mim. Você está bem?

Mas a ligação estava ruim. Não se escutava direito.

— Estou ótima. Por que está em Roma?

— O quê? Não estou escutando...

— Perguntei por que está em Roma.

— Estou aqui a negócios. Para a Salco. Mas vou ver Pilar neste fim de semana.

— Mande-lhe beijos meus.

Estava sentada na cama, no escuro, gritando para se fazer ouvir.

— Não estou escutando!

— Disse para mandar-lhe beijos meus.

— Tudo bem, ótimo, mandarei. Está precisando de dinheiro?

— Não, tudo bem. — Por um momento tudo o que ouviu foi estática e palavras confusas de novo. — Eu o amo. — Por algum motivo precisava dizer-lhe isso e ouvi-lo dizer o mesmo. Precisava de um elo com ele, mas Marc parecia a uma distância interminável. — Eu o amo, Marc! — E sem entender o motivo, percebeu que tinha lágrimas nos olhos. Queria que ele a ouvisse, queria ouvir a si mesma. — Eu o amo!

— O quê?

E então a ligação foi interrompida.

Discou rapidamente para a telefonista internacional e pediu ligação para Roma. Mas levou 25 minutos até que a ligação fosse completada. A telefonista do Hassler atendeu com um rápido “Pronto”, e Deanna pediu para falar com o Signore Duras. Ligaram para o quarto dele. Não atenderam. Em Roma, já eram dez horas da manhã.

— Lamento muito. O Signore Duras saiu.

Ela ficou deitada no escuro, pensando na sua noite com Ben.

Marc-Edouard Duras caminhava lentamente pela Via Vèneto em Roma, olhando para as vitrinas das lojas e ocasionalmente lançando um olhar de admiração a uma garota bonita que passava. Era um dia claro de sol, e as mulheres usavam camisetas de alças estreitas, saias brancas que aderiam às pernas bem-feitas e sandálias que deixavam ver as unhas pintadas. Sorriu consigo mesmo enquanto caminhava, a pasta debaixo do braço. Na verdade não fazia sentido aquela curta estada na Itália, mas, afinal, por que não? E ele tinha *prometido*... Prometido. Às vezes se perguntava como podia prometer com tanta facilidade. Mas prometia.

Parou por um momento, uma figura aristocrática num terno cinzento impecavelmente bem talhado, esperando que a explosão de metralhadora do tráfego de Roma passasse por ele, lançando-se atabalhoadamente em todas as direções, dispersando os pedestres em fuga. Sorriu enquanto via uma velha acenar com uma sombrinha e depois fazer um gesto obsceno. *Ecco, signora*. Curvou-se ligeiramente para ela do lado oposto da rua, e ela fez o mesmo gesto para ele. Ele riu, olhou para o relógio e andou apressado até uma mesa num café. Sob um pára-sol de listras vivas ele podia se refugiar do sol e continuar a admirar a energia e o êxtase que eram a própria essência de Roma. Roma... era uma cidade mágica. Talvez tivesse valido a pena manter a promessa, afinal. Por um instante, mas apenas um, a conversa interrompida com Deanna

passou pela sua mente. Tinha sido quase impossível ouvi-la, e ficou aliviado. Havia vezes em que simplesmente não podia lidar com ela, não podia alcançá-la, não podia suportar imaginar a dor naqueles olhos ou ouvir a solidão na sua voz. Sabia que estavam ali, mas às vezes era mais do que ele podia dar conta. Podia contornar a situação em São Francisco, no contexto da sua rotina ordinária, mas não quando estava no meio de uma crise profissional no exterior, ou quando estava em casa na França. Ou... Ali, em Roma. Sacudiu a cabeça lentamente, como que para afastar a lembrança da voz dela, e se pegou fitando ansioso a rua. Não podia pensar em Deanna agora. Não podia. Não. Agora, não. Os seus pensamentos já estavam a mil quilômetros de distância dela, enquanto os olhos vasculhavam a multidão: uma loura bonita, uma morena alta, dois homens com ar muito romano, de cabelos escuros e grossos, usando ternos leves de linho, uma mulher alta, com ar florentino, como que saída de um quadro da Renascença, e então ele a viu. Descendo a rua em passos largos e alegres, com o seu andar inimitável, as pernas intermináveis parecendo dançar na calçada enquanto uma saia brilhante de seda turquesa lhe acariciava as coxas. Usava uma camisa de seda cor de malva claríssima, sandálias delicadas e um imenso chapéu de palha que quase lhe ocultava os olhos. Quase. Mas não completamente. Nada podia ocultar aqueles olhos, ou as luzes cor de safira que pareciam se alterar com as suas mudanças de humor. Modificavam-se do brilho do fogo ao mistério do profundo mar azul. Uma farta cabeleira castanha roçava-lhe os ombros.

— *Alors, chéri.* — Parou a centímetros dele, e os lábios sensuais ofereceram um sorriso apenas para os seus olhos. — Desculpe o atraso. Parei para olhar aquelas pulseiras bobas de novo.

Ele se levantou para cumprimentá-la e era evidente que a fria reserva de Marc-Edouard Duras tinha sumido como por encanto.

Estava com o rosto de um menino, e de um menino muito apaixonado. O nome dela era Chantal Martin e fora modelo de Dior. Na verdade, a sua primeira modelo, durante seis anos e meio.

— Comprou as pulseiras? — Os olhos dele acariciavam-lhe o pescoço, enquanto ela sacudia a cabeça, os cabelos castanhos dançando por sob o chapéu que ele lhe comprara naquela manhã. Era frívolo, mas encantador. Como ela. — Como é?

Os olhos dela riam para os dele. Sacudiu a cabeça de novo.

— Não, novamente não as comprei. — Inesperadamente, jogou um pequeno pacote no colo dele. — Em vez delas, comprei isto para você.

Ficou esperando que ele abrisse o pacote.

— *Tu me gâtes, petite sotté.* (Você me mima, sua bobinha.)

— E você não me mima? — Sem esperar resposta, ela chamou o garçom. — *Senta!... Cameriere!...* — Ele se aproximou imediatamente, com uma expressão de prazer, e ela pediu um Campari com soda. — E você? — Também está me convidando para os drinques?

Ela nunca esperava que ele tomasse as rédeas das coisas. Chantal gostava de dirigir o seu próprio espetáculo.

— Ora, cale a boca. O que vai tomar?

— Uísque. — Ela fez o pedido, do jeito que ele gostava, e ele observou-lhe os olhos por um longo momento, sentados sob o pára-sol. O começo da multidão de comensais para o almoço rodeava-os pitorescamente. — Você vai ser sempre assim tão independente, meu amor?

— Sempre. Agora abra o seu presente.

— Você é impossível.

Mas isso era precisamente o que sempre o fascinara nela. Era impossível. E ele adorava. Como uma égua selvagem correndo livre pelas planícies de Camargue. Tinham estado lá uma vez juntos, a terra dos vaqueiros franceses e dos belos cavalos brancos

selvagens. Ele sempre pensara nela assim, depois da viagem. Indomada, só uma fração fora de alcance, no entanto mais ou menos dele. Mais ou menos. Gostava de pensar que fosse mais, ao invés de menos. E tinha sido assim entre eles durante cinco anos.

Ela agora estava com 29 anos. Quando se conheceram, estava com 24. Foi no primeiro verão em que Deanna se recusara a ir com ele para a França. Ele se sentira estranho, passando um verão sem ela; fora constrangedor explicar para a sua família, insistindo em que ela não se sentia bem o suficiente para viajar naquele ano. Ninguém acreditou, mas apenas fizeram comentários pelas costas dele, perguntando-se se ela estaria abandonando Marc-Edouard, ou se apenas tinha um amante nos Estados Unidos. Jamais teriam compreendido a verdade — que ela os odiava, que se sentia constrangida, que queria ficar em casa, ficar sozinha, pintar, porque detestava compartilhar Marc com eles, detestava o jeito dele quando estava com eles e detestava ainda mais observar como Pilar estava ficando igual a eles. Fora um choque para Marc-Edouard quando ela se recusou a vir, um choque que o deixou imaginando o que significaria o fato de que ela não mais passaria os verões com a família dele na França. Resolvera mandar-lhe alguma coisa bonita, juntamente com uma carta pedindo-lhe para mudar de idéia. Lembrando-se da beldade melancólica de 18 anos sentada no seu escritório, naquele dia, há tanto tempo, ele fora à Maison Dior.

Assistiu ao desfile de toda a coleção, tomando notas, observando as modelos, estudando cuidadosamente as roupas, tentando decidir quais faziam mais o gênero dela, mas a sua atenção se desviava incessantemente dos trajes para as modelos, e em particular para uma garota espetacular. Era fascinante e se mexia de um modo que se dirigia apenas para ele. Era um gênio no seu trabalho, rodopiando, girando, chamando — apenas a ele, ao que lhe parecia — e ficara sentado sem fôlego na sua cadeira. No final do desfile, pedira para vê-la, sentindo-se constrangido por um

momento, porém não mais do que isso. Quando ela veio ao seu encontro num vestido muito estreito de jérsei preto, os cabelos castanho-avermelhados presos no alto da linda cabeça, aqueles olhos azuis notáveis alternadamente arranhando e acariciando, tivera vontade de agarrá-la e vê-la se derreter no seu abraço. Era um homem racional, um homem de poder e controle, e jamais se sentira assim antes. Aquilo o assustava e fascinava, e Chantal parecia muito consciente do poder que possuía. Manejava-o graciosamente, mas com força esmagadora.

E em vez de comprar um vestido para Deanna, Marc comprara uma bebida para Chantal, e outra, e mais outra. Terminaram com champanha no bar do hotel George V, e, então, para espanto dele próprio, ouvira perguntar a ela se permitiria que ele alugasse um quarto. Mas ela apenas dera uma risadinha e tocara suavemente no rosto dele com a mão longa e delicada.

— *Ah, non, mon amour, pas encore.* Ainda não.

Mas quando, então? Sentira vontade de gritar-lhe as palavras, mas não o fizera. Em vez disso, cortejara-a, bajulara-a, cobrira-a de presentes, até que finalmente ela concordou, modesta e timidamente, de um jeito que transformava em fogo seu coração, alma e carne, sob o toque dela. Tinham passado o fim de semana num apartamento que ele tomara emprestado de um amigo, na luxuosa Avenue Foch, com um quarto de dormir miraculosamente romântico e uma varandinha que dava para árvores que sussurravam suavemente.

Ele se lembraria pelo resto da vida de cada som, cheiro e momento daquele fim de semana. Soubera então que jamais se fartaria de Mademoiselle Chantal Martin. Ela penetrara como fios de linha sob a pele dele, e jamais se sentiria totalmente confortável de novo sem ela. Esgotava-o e encantava-o, e deixava-o quase louco com um desejo que jamais conhecera antes. A evasiva, exótica, requintada Chantal. Aquilo já durava cinco anos. Em Paris, Atenas e

Roma. A qualquer lugar que fosse, na Europa, levava-a junto, e naturalmente apresentava-a nos hotéis, restaurantes e lojas como “Madame Duras”. Ambos tinham se acostumado com isso, no decorrer dos anos. Era simplesmente uma parte da vida dele, agora, e da dela. Uma parte da qual o sócio dele, Jim Sullivan, estava agudamente ciente e a mulher dele, felizmente, não. Deanna jamais saberia. Não havia motivo para lhe contar. Não tirava nada dela, dizia a si mesmo. Ela tinha São Francisco e o seu mundozinho particular. Ele tinha Chantal e um mundo muito mais amplo. Tinha tudo o que queria. Contanto que tivesse Chantal. Rezava para que durasse a vida toda. Mas essa era uma promessa que Chantal jamais fazia.

— *Alors, mon amour*, o seu presente, o seu presente, abra!

Os olhos dela caçoavam, e o coração dele alçou vôo. Abriu a caixa. Era o relógio de mergulhador que ele admirara pela manhã, dizendo que seria divertido tê-lo para as viagens deles à praia e as estadas dele em Cap d’Antibes.

— Meu Deus, você é maluca! Chantal!

Fora monstruosamente caro, mas ela fez pouco caso das objeções dele, com um gesto desinteressado da mão. Podia pagá-lo, agora que não trabalhava mais na Dior. Há três anos se aposentara das passarelas e abrira a sua própria agência de modelos. Não permitia que Marc a instalasse num apartamento em Paris, para ficar sem fazer nada exceto pintar as unhas, arrumar o cabelo e esperar por ele. Recusava-se a ser dependente de qualquer pessoa, especialmente dele. Aquilo às vezes o irritava, o assustava. Ela não precisava dele, apenas o amava, mas pelo menos disto ele tinha certeza. Não importa o que fazia quando ele estava nos Estados Unidos, ela o amava. Ele tinha certeza. E a perfeição das horas que passavam juntos cimentava tal crença.

— Gostou?

Ela o fitava meigamente por sobre o Campari.

— Adorei. — Baixou a voz. — Mas amo você ainda mais.

— É mesmo, *m'lord*?

Arqueou a sobrancelha e ele sentiu o começo de uma ereção.

— Precisa de prova?

— Talvez. O que sugere?

Encarou-o maliciosa por sob o chapéu.

— Estava planejando sugerir um almoço na zona rural, mas, talvez...

O sorriso dele igualava o dela.

— Serviço de copa, querido?

— Uma excelente idéia.

Chamou o *cameriere* e pagou rapidamente a conta.

Ela se levantou languidamente, deixando o corpo oscilar suavemente contra o dele por um instante tantálico, depois começou a circular por entre as mesas lotadas, lançando-lhe um olhar por cima do ombro, de quando em vez. Ele mal podia esperar até chegarem em casa. Queria voltar correndo para o hotel, agarrado à mão dela, mas Chantal caminhava no seu próprio ritmo, seu próprio estilo, sabendo que tinha Marc-Edouard Duras precisamente onde queria. Ele a observava, divertido. Dali a alguns momentos tê-la-ia precisamente onde queria. Nos seus braços, na cama.

No quarto, começou a desabotoar a blusa dela com velocidade alarmante, mas ela afastou as suas mãos, brincalhonamente, fazendo-o esperar até revelar aquilo pelo qual estava tão esfaimado. Acariciou-o com uma das mãos e mordiscou-lhe com suavidade o pescoço, até que ele finalmente achou a botão que prendia a sua saia, e esta caiu ao chão, deixando-a vestida de renda rosa transparente. Agora, ele estava quase rasgando a blusa. Dali a um momento estava nua na frente dele, enquanto ele gemia baixinho. Ela o despiu, rápida e habilmente, e caíram juntos na cama. Cada vez que faziam amor era melhor do que a vez anterior, e sempre

rememorativa da primeira. Deixava-o saciado, porém ainda com fome, ansioso por saber que logo se fundiriam de novo.

Ela rolou na cama, apoiando-se no cotovelo, os cabelos desfeitos, mas ainda linda. Observava-o calada, sorridente. Sua voz era um murmúrio rouco perto do ouvido dele, enquanto seus dedos brincavam lentamente no peito dele e desciam para o seu estômago.

— Amo você, sabe.

Olhou para ela intensamente, os olhos perscrutando os dela.

— Amo você também, Chantal. Talvez demais. Mas amo.

Era uma admissão notável para um homem como Marc-Edouard Duras. Ninguém que o conhecia teria acreditado naquilo. Muito menos Deanna.

Chantal sorriu e depois ficou deitada de olhos fechados por um momento, e a preocupação se espelhou nos olhos dele.

— Você está bem?

— Claro.

— Mas você mentiria para mim, eu sei. Diga a verdade. Está bem, Chantal?

Um ar de preocupação quase desesperada cruzou-lhe a fisionomia. Ela sorriu.

— Estou bem.

— Tomou a sua insulina hoje, direitinho?

Agora estava com um interesse todo paternal, a paixão do momento anterior esquecida.

— Tomei, sim. Pare de se preocupar. Quer experimentar o seu novo relógio na banheira?

— Agora?

— Por que não? — Ela sorriu feliz para ele, que se sentiu totalmente em paz. — Ou tinha alguma outra idéia?

— Tenho sempre uma outra idéia. Mas você está cansada.

— Jamais cansada demais para você, *mon amour*.

E ele jamais estava cansado demais para ela. Os anos entre eles desapareceram enquanto fazia amor com ela de novo.

Já eram três da tarde quando de novo ficaram deitados lado a lado, serenamente.

— Bem, cuidamos da tarde de hoje — sorriu ela maliciosamente, e ele abriu um sorriso em resposta.

— Você tinha outros planos?

— Absolutamente nenhum.

— Quer fazer mais alguma compra?

Adorava mimá-la, paparicá-la, estar com ela, admirá-la, bebê-la. O seu perfume, seus movimentos, cada respiração sua o excitava. E ela sabia disso.

— Provavelmente posso ser atraída de volta às lojas.

— Ótimo.

A viagem até Roma fora para ela, de qualquer forma. Ele ia ter que trabalhar duro no verão, e Atenas ia ser aborrecido para ela. Sabia o quanto ela adorava Roma. E sempre fazia questão de trazê-la. Apenas para agradá-la. Além do mais, teria de deixá-la sozinha no fim de semana.

— O que foi?

Ela o estivera observando muito atentamente.

— Nada. Por quê?

— Você me pareceu preocupado, por um momento.

— Não preocupado. — Mas era melhor acabar logo com aquilo.

— Apenas infeliz. Vou ter que deixá-la por uns dois dias.

— É?

Os olhos dela ficaram subitamente gelados.

— Tenho que dar uma parada em Antibes para visitar a minha mãe e Pilar antes de irmos para a Grécia.

Ela sentou na cama e olhou para ele com irritação.

— E o que planeja fazer comigo?

— Não faça a coisa parecer desse jeito, querida. Não posso fazer nada, você sabe.

— Não acha que Pilar tem idade suficiente para suportar o choque de saber a meu respeito? Ou ainda me acha tão inapresentável? Não sou mais a manequinzinha de Dior, sabe. Dirijo a maior agência de modelos de Paris.

Mas ela sabia que no mundo dele aquilo não contava.

— Não é esse o caso. E não, não acho que ela tenha idade suficiente.

No que dizia respeito a Pilar ele era estranhamente teimoso. Aquilo irritava Chantal sobremaneira.

— E a sua mãe?

— Impossível.

— Sei. — Jogou as pernas compridas pelo lado da cama e caminhou em longas passadas pelo quarto, agarrando um cigarro pelo caminho, virando-se para olhá-lo iradamente apenas quando chegou à janela do lado oposto. — Estou ficando um tanto cheia de ficar largada em lugares longínquos enquanto você visita a sua família, Marc-Edouard.

— Não chamaria Saint-Tropez de um lugar “longínquo”.

Estava começando a parecer irritado e o seu tom de voz não demonstrava nada da paixão das horas anteriores.

— Qual o lugar que você imaginava, desta feita?

— Tinha pensado em San Remo.

— Que conveniente. Bem, não irei.

— Prefere ficar aqui?

— Não.

— Temos que começar tudo isso de novo, Chantal? Está ficando muito tedioso. Além disso, não compreendo. Por que subitamente isso se transformou em problema para nós, quando durante cinco anos você achou perfeitamente aceitável passar algum tempo na Riviera sem mim?

— Quer mesmo saber por quê? — Subitamente, os olhos dela chamejaram. — Porque estou com quase 30 anos e ainda estou brincando das mesmas coisas que brincava com você faz cinco anos. E estou ficando cansada dos jogos. Jogos de faz-de-conta de “Monsieur e Madame Duras” por meio mundo, mas nos lugares que têm importância... Paris, São Francisco, Antibes... tenho que me esconder, me esgueirar e desaparecer. Bem, já estou cheia. Você quer um arranjo exclusivo. Espera que eu fique sentada em Paris prendendo o fôlego durante metade do ano e depois saia de dentro das bolas de naftalina quando você ordena. Não vou mais fazer isso, Marc-Edouard. Pelo menos, não por muito mais tempo.

Parou, e ele a fitou, atônito. Não ousava perguntar se falava a sério. Por um instante terrível, teve certeza de que sim.

— O que espera que eu faça a respeito?

— Ainda não sei. Mas tenho pensado muito no assunto. Existe uma expressão perfeita, se não me engano: “Ou fode ou sai de cima.”

— Não acho graça.

— Não acho graça em San Remo.

Céus! Era inútil. Soltou um pequeno suspiro e correu a mão pelos cabelos.

— Chantal, não posso levá-la para Antibes.

— Você não *quer* me levar para Antibes. Existe uma diferença.

E o que é mais, ela havia acrescentado São Francisco à lista das suas queixas. Aquela informação espantosa não lhe havia escapado. Jamais quisera ir para os Estados Unidos antes.

— Posso perguntar a troco do que tudo isso? Não pode ser o seu 30º aniversário. Ainda faltam quatro meses para ele.

Ela fez uma pausa, de costas para ele, enquanto olhava calada pela janela, depois virou-se lentamente para olhar para ele.

— Uma outra pessoa me pediu em casamento.

O tempo pareceu parar. Marc-Edouard fitou-a, horrorizado.

— Deanna?

O telefone tocara antes que ela saísse da cama. Era Ben.

— Sim?

Parecia sonolenta, e ele sorriu.

— Desculpe. Acordei-a?

— Mais ou menos.

— Que resposta diplomática! Estou ligando para chateá-la um pouco mais. Acho que mais cedo ou mais tarde vou vencer a sua resistência e você assinará com a galeria só para eu largar do seu pé. Quer almoçar comigo?

— Agora?

Ainda estava meio adormecida, e virou-se para o relógio, imaginando se teria dormido demais, porém Ben estava rindo dela de novo.

— Não, não às oito da manhã. Que tal meio-dia ou uma hora? Em Sausalito?

— E o que há por lá?

— Sol. Coisa com que não somos sempre abençoados, do lado de cá da ponte. Convenci você?

— Mais ou menos.

Ela riu ao telefone. Que diabo ele estava fazendo, ligando para ela às oito da manhã? E por que almoçarem juntos, tão cedo? Tinham jantado na véspera e almoçado no estúdio dela no dia

anterior. Estava começando a se perguntar se tinha encontrado um novo amigo, um ardoroso agente em potencial para o seu trabalho, ou algo mais. Perguntou-se se seria sensato vê-lo novamente, tão em seguida.

— É, sim.

— O que é? — perguntou, confusa.

— Você está se perguntando se é uma boa idéia almoçar comigo. É.

— Você é impossível.

— Então vamos almoçar na cidade.

— Não, Sausalito está ótimo. — Tinha aceitado sem pensar mais, e pegou-se sorrindo para o teto enquanto falava ao telefone. — Sou facilmente convencida, a esta hora da manhã. Sem defesas, sem café.

— Ótimo. Então, que tal assinar com a galeria antes do café de amanhã?

— Olha que eu desligo, Ben.

Estava rindo, e era uma delícia começar o dia rindo. Há anos que não fazia isso.

— Não desligue até combinarmos o almoço. Quer que eu a apanhe ao meio-dia?

— Tudo bem.

O que estava tudo bem? O que estava fazendo, almoçando com esse homem? Mas gostava dele. E o almoço, em Sausalito, parecia ser divertido.

— Use os seus *jeans*.

— OK, vejo você ao meio-dia.

Ele parou o carro diante da casa dela exatamente às 12:02. Estava usando uma suéter de gola rulê e *jeans*, e quando ela entrou no carro viu que havia uma cesta no banco, coberta com um pano

vermelho e branco. O gargalo de uma garrafa aparecia por um dos lados. Ben abriu a porta para ela e botou a cesta no banco de trás.

— Bom dia, madame. — Dirigiu-lhe um amplo sorriso enquanto ela se sentava ao seu lado. — Pensei que seria bom fazermos um piquenique. Está bem?

— Está ótimo.

Estaria mesmo? Deveria estar fazendo um piquenique com esse homem? A cabeça de Madame Duras dizia que não, enquanto o coração, que era de Deanna, queria uma tarde passada ao sol. Mas sem dúvida havia outras coisas que ela podia fazer, e tinha o terraço no estúdio, se realmente quisesse apanhar sol.

Ben olhou para ela enquanto dava partida no motor e viu a leve ruga entre suas sobrancelhas.

— Algum problema?

— Não — respondeu baixinho, enquanto ele se afastava do meio-fio. Pegou-se imaginando se Margaret os havia visto.

Ele a divertiu com histórias dos artistas mais pitorescos da galeria, enquanto cruzavam o esplendor da Ponte Golden Gate. Então, ele ficou momentaneamente calado. Ambos olhavam para a vista.

— Bonito, não é? — perguntou ele. Ela concordou, com um sorriso. — Posso lhe fazer uma pergunta estranha?

Pareceu momentaneamente surpresa.

— Por que não?

— Como é que você e seu marido moram aqui, e não na França? Pelo que sei dos franceses, por via de regra não gostam de viver muito longe de casa. Exceto sob coação.

Ela riu. O que ele dissera era verdade.

— Há muitos negócios por aqui. E além disso, Marc não fica muito aqui, viaja a maior parte do tempo.

— É solitário, para você.

Era uma afirmação, não uma pergunta.

— Já estou acostumada.

Não tinha muita certeza se acreditava nela.

— O que você faz quando está sozinha?

Falaram em uníssono, com uma gargalhada.

— Pinto.

— Foi o que pensei.

— O que a fez ir até Carmel?

Ele parecia cheio de perguntas. Até agora, todas fáceis de responder.

— Kim. Insistiu que eu precisava sair daqui.

— E tinha razão? — Lançou-lhe um olhar enquanto entrava na estrada que conduzia à reserva militar do outro lado da ponte. — Você precisava sair daqui?

— Suponho que sim. Tinha esquecido de como Carmel é lindo. Há anos que não ia lá. Você vai todos os fins de semana?

Queria virar as perguntas para o lado dele. Não gostava de falar com ele sobre Marc.

— Vou quando posso. Nunca é o bastante.

Notou então que tinham tomado uma estreita estrada rural e estavam passando por depósitos de combustível e prédios militares desertos.

— Ben, o que é isto?

Olhou ao seu redor, curiosa. Era como se tivessem se deparado com um cenário cinematográfico para um filme que representasse os anos posteriores a uma guerra. Os alojamentos de cada lado da estrada estavam desmoronados e fechados com tábuas, e havia flores silvestres e ervas invadindo a estrada.

— É um velho posto do exército da última guerra. Por algum motivo ainda não o desmontaram, embora esteja vazio. Há uma linda praia logo ali no final. Às vezes venho aqui, só para pensar.

Olhou para ela com um sorriso, e mais uma vez Deanna sentiu como era confortável apenas estar com ele. Tinha tudo para ser um

bom amigo. Caíram num silêncio gostoso enquanto ele guiava pelo resto do caminho.

— É estranho, não acha? Tão bonito e tão vazio.

O carro dele era o único no local quando parou, pouco antes de chegarem à praia. Ela não tinha visto nenhum outro carro desde que ele saíra da estrada principal.

— Está sempre vazio. E jamais contei a alguém sobre este lugar. Gosto de vir para cá sozinho.

— Você faz este tipo de coisa com frequência? Assim como andar sozinho na praia em Carmel? — perguntou ela. Ben fez que sim com a cabeça, estendendo a mão para pegar a cesta no banco de trás. Olhava para ela muito atentamente.

— Não pensei em vê-la de novo depois daquela noite na praia.

— Nem eu. Foi estranho caminhar ao seu lado, conversando sobre arte. Era como se nos conhecêssemos há anos.

— Tive a mesma sensação, mas achei que era porque você se parecia tanto com o Wyeth. — Ela sorriu e baixou os olhos. — Não soube ao certo o que dizer no dia seguinte, quando me deparei com você no meu gabinete. Não sabia se devia ou não admitir que já nos conhecíamos.

— O que o fez decidir não admitir?

Fitou-o nos olhos com um sorrisinho.

— A aliança na sua mão esquerda. Pensei que poderia ser constrangedor para você.

Bem do jeito dele, percebeu Deanna, cheio de perspicácia e consideração. Notou que ele franziu um pouco a testa e se acomodou no banco.

— Seria constrangedor para você se as pessoas soubessem que estamos almoçando juntos? — perguntou.

— Não vejo por quê.

Porém havia mais bravata do que verdade no rosto dela, e ele percebeu.

— O que o seu marido diria, Deanna?

As palavras eram insuportavelmente suaves, e ela teve vontade de dizer-lhe que estava pouco ligando, mas não estava. O chato era que ela se importava. E muito.

— Não sei. Nunca houve esse problema. Não almoço com frequência com homens.

— E quanto aos *marchands* que querem expor o seu trabalho?
— sorriu Ben. Não tinham se mexido do carro.

— Muito menos com *marchands*. Nunca almoço com eles.

— Por que não?

Ela inspirou fundo e fitou-o nos olhos.

— Meu marido não aprova o meu trabalho. Acha que é um *hobby* agradável, um passatempo, mas que “artistas são *hippies* e idiotas”.

— Bem, isso liquida com Gauguin e Manet. — Pensou por um momento. Quando falou, ela sentiu como se os olhos dele estivessem fitando ardentemente a sua alma. — E isso não dói? Não lhe força a negar uma parte essencial de si mesma?

— Não de verdade. Ainda pinto. — Mas ambos sabiam que a negativa dela era uma mentira. Tinha sido forçada a desistir de algo que desejava muitíssimo. — Suponho que o casamento seja uma espécie de troca — continuou. — Cada um abre mão de alguma coisa.

Mas do que o Marc abria mão? Do que desistira? Ficou com um ar pensativo e triste, e Ben desviou os olhos.

— Talvez tenha sido nisso que eu errei quando me casei. Esqueci de abrir mão.

— Você era muito exigente? — indagou Deanna, fitando-o com surpresa.

— Talvez fosse. Faz tanto tempo, que não dá para ter certeza. Queria que ela fosse o que eu sempre pensei que era...

A sua voz foi sumindo.

— E o que queria que fosse?

— Ora — ele ergueu os olhos com um sorrisinho irônico — fiel, honesta, simpática, apaixonada por mim. O de costume.

Ambos acharam graça, então, e ele agarrou a cesta de piquenique e ajudou Deanna a saltar do carro. Também trouxera uma manta e abriu-a com cuidado para ela, na areia.

— Santo Deus, você preparou este almoço?

Olhou para as guloseimas que ele tirava da cesta. Salada de siri, patê, pão francês, uma caixinha de doces, e mais vinho. Havia também uma cestinha menor cheia de frutas e fartamente pontilhada de cerejas. Ela pegou um cachinho e pendurou-o na orelha direita.

— Você fica linda com cerejas, Deanna, mas já experimentou uvas? — Entregou-lhe um cacho, que ela pendurou, rindo, na orelha esquerda. — Parece que devia estar saindo de dentro de uma cornucópia... tudo muito *Fête Champêtre*.

— Não é mesmo?

Debruçou-se para trás, erguendo os olhos para o céu com um amplo sorriso. Sentia-se terrivelmente jovem e irrimediavelmente feliz. Era gostoso estar com ele.

— Pronta para comer?

Olhou para ela, uma tigela de salada de siri numa das mãos. Estava espantosamente bonita, reclinada na manta, com as frutas aparecendo por entre os cabelos escuros. Notando o sorriso dele, ela se lembrou das cerejas e uvas. Tirou-as das orelhas e se apoiou num dos cotovelos.

— Para dizer a verdade, estou esfaimada.

— Ótimo. Gosto de mulheres que têm um bom apetite.

— E o que mais? Do que mais gosta?

Não era uma pergunta muito própria, mas ela não estava ligando. Queria ser amiga dele. Queria saber mais, e compartilhar.

— Ora, vejamos... gosto de mulheres que dançam... mulheres que batem à máquina... mulheres que saibam ler... e escrever! Mulheres que pintam... mulheres de olhos verdes. — Parou, fitando-a de novo. — E você? — perguntou, de maneira quase inaudível.

— Que tipo de mulher eu gosto?

Riu-se dele.

— Ora, cale a boca. Tome, coma alguma coisa.

Entregou-lhe a bisnaga de pão francês e o patê, e ela partiu o bico e lambuzou-o fartamente com a pasta delicada.

Era uma tarde perfeita. O sol ia alto nos céus e havia uma brisa suave enquanto a água lambia delicadamente a praia. De vez em quando um pássaro passava voando. Às costas deles, os prédios desertos fitavam sem enxergar. Era um mundo todo deles.

— Sabe — olhou à sua volta, depois para ele — às vezes gostaria de pintar coisas assim.

— E por que não pinta?

— Quer dizer, como o Wyeth? — Sorriu para ele. — Não sou eu. Cada um de nós faz o que faz, de modo diferente. — Ele balançou a cabeça, esperando que ela dissesse mais. — Ben, você pinta?

Fez que não, com um sorriso de pesar.

— Não. Antigamente eu tentava. Mas acho que o meu destino é vender arte, não fazê-la. Mas criei uma peça de arte, uma vez.

Pareceu sonhador, de novo, fitando a baía. O vento de verão brincava com os seus cabelos.

— O que foi?

— Construí uma casa. Pequenininha, mas bonita de doer. Eu a construí sozinho, com um amigo.

— Não diga! — Ela estava impressionada. — Onde?

— Na Nova Inglaterra. Eu estava morando em Nova York, na época. Era uma surpresa para a minha mulher.

— Ela adorou, não foi?

Ele sacudiu a cabeça, e virou-se para olhar para a baía de novo.

— Não. Nem sequer a viu. Partiu três dias antes do dia em que eu ia levá-la para ver a casa pela primeira vez.

Deanna ficou em silêncio por um momento, atordoada. Ambos tinham tido os seus desapontamentos na vida.

— O que fez com a casa?

— Vendi-a. Ainda fiquei com ela durante algum tempo, mas não era muito divertido. Sempre doía um pouco além da conta. E depois eu me mudei para cá. E comprei a casa em Carmel. — Olhou para Deanna, os olhos meigos e tristes. — Mas foi bom saber que era capaz de fazê-lo. Acho que nunca me senti tão bem como no dia em que terminei a casa. Que sentimento de realização!

Ela sorriu suavemente, enquanto escutava.

— Eu sei — disse, depois de um momento. — Me senti desse jeito quando tive Pilar. Embora não fosse um menino.

— E isso tem tanta importância?

Parecia aborrecido.

— Na época tinha. Significava muitíssimo para Marc ter um filho homem. Mas acho que agora não se importa mais. Adora a filha.

— Eu acho que preferiria ter uma filha do que um filho — falou Ben.

Deanna pareceu surpresa.

— Por quê?

— São mais fáceis de amar. Não é preciso ter todos aqueles grilos de imagens e machismo e toda aquela bosta que não significa coisa nenhuma. Basta amá-las.

Parecia lamentar não ter filhos, e ela se pegou imaginando se ele se casaria de novo.

— Não, não vou.

Não olhou para ela quando falou.

— Não vai o quê?

Estava confusa. Ele tinha um hábito de responder a perguntas que ela não tinha formulado. Exceto mentalmente.

— Casar de novo.

— Você é incrível. Por que não?

Ainda estava espantada por ele ter sabido o que estava pensando.

— Não há motivo para casar de novo. Tenho o que preciso. E agora estou ocupado demais com as galerias. Não seria justo, a não ser que fosse com alguém tão envolvido com elas quanto eu. Há dez anos não estava tão embevecido com os negócios. Agora estou metido neles até o pescoço.

— Mas você quer filhos. Não quer?

Tinha percebido isto.

— Também quero uma propriedade nos arredores de Viena. Também posso passar sem ela. E quanto a você?

— Já tenho uma filha. Está perguntando se quero mais?

Não estava compreendendo.

— Não, ou quem sabe isto também, mas acha que algum dia se casará de novo?

Olhava para ela francamente, com aqueles olhos verdes e profundos.

— Mas eu já sou. Casada, quero dizer.

— Bem casada, Deanna?

A pergunta era dolorosa e direta. Começou a dizer que sim, depois parou.

— Às vezes. Aceito o que tenho.

— Por quê?

— Porque ele e eu temos a nossa história. — Não desejava pronunciar o nome de Marc para Ben. — A gente não pode substituir isso, ou negá-lo, ou fugir da coisa. Temos um passado.

— Um bom passado?

— Às vezes. Depois que aprendi as regras do jogo.

Estava sendo brutalmente franca, até mesmo consigo.

— Quais eram...? — A voz dele era tão insuportavelmente meiga que lhe dava vontade de tocá-lo, e não conversar sobre Marc. Mas Ben agora era seu amigo. E ela não tinha direito a mais do que isto. Apenas a sua amizade. Ainda bem que estavam falando de Marc. — Quais eram as regras?

Ela soltou um suspiro, depois deu de ombros.

— Um bocado de “Não farás isso e aquilo”. Não desafiarás os desejos do teu marido, não farás perguntas em demasia, não desejarás uma vida própria, principalmente como pintora... Mas ele foi muito bom para mim, certa vez. Meu pai me deixou desamparada, sem dinheiro e assustada, quando morreu. Marc me salvou a pele. Acho que não desejava um salvamento tão grande quanto o que ele me deu, mas ele deu. Deu-me conforto e um lar, uma família e estabilidade, e acabou por me dar Pilar.

Não falara em amor.

— Valeu a pena? Vale, agora?

Ela tentou sorrir.

— Acho que sim. Não arredei pé; gosto do que tenho.

— Você o ama?

O sorriso desapareceu lentamente. Ela balançou a cabeça.

— Desculpe, Deanna, não devia ter perguntado.

— Por que não? Somos amigos.

— É. — Sorriu de novo para ela. — Somos. Quer dar um passeio na praia?

Estava de pé, o braço estendido para ajudá-la a se levantar. As suas mãos se tocaram brevemente antes que ele virasse e partisse em largas e rápidas passadas na direção do mar, fazendo-lhe sinal para que o seguisse. Ela caminhou devagar, pensando no que fora dito. Pelo menos tudo estava claro, e ela amava Marc. Pelo menos agora não se meteria em encrencas com Ben. Por um momento ou dois tinha tido medo; havia algo nele que ela gostava muito.

Ele lhe entregou conchinhas e entrou na água até os joelhos, pois já tirara as sandálias há horas. Parecia um garoto alto e feliz brincando no mar, e ela sorriu enquanto olhava para ele.

— Quer apostar corrida?

Olhou maliciosamente para ela quando retornou ao seu lado e ela aceitou o desafio, divertida. Se Pilar pudesse ver a mãe agora, apostando corrida com um homem na praia, como se fosse criança! Mas ela se sentia como uma garota, correndo pela areia úmida, despenteada e sem fôlego. Parou, finalmente, rindo, mal conseguindo respirar, sacudindo a cabeça enquanto ele passava velozmente por ela.

— Desiste? — Ele berrou a palavra para ela. Quando Deanna fez que sim com a cabeça, ele voltou correndo pela praia e parou ao lado dela, que se sentara na areia. O sol punha reflexos vermelhos nos cabelos escuros de Deanna. Ele se deixou cair ao lado dela e ficaram sentados, olhando para o mar e recobrando o fôlego. Dali a um momento, ela levantou os olhos, sabendo o que ia ver: aqueles olhos da cor do mar, esperando por ela. — Deanna... — Ele esperou um tempo interminável, olhando para ela, depois inclinou-se lentamente na sua direção, sussurrando as palavras na escuridão revolta dos seus cabelos. — Ah, Deanna, eu a amo...

Como se não se pudesse deter, sentiu os braços envolverem-na, e a boca fechar-se suavemente sobre a dela, mas os braços dela o cercaram com igual rapidez, e a sua boca era tão faminta quanto a dele. Ficaram ali sentados por muito tempo, abraçando-se e tocando o rosto um do outro, fitando-se nos olhos, sem mais palavras entre eles do que as que ele pronunciara em primeiro lugar. Não precisavam de palavras; tinham um ao outro num mundo em que o tempo tinha parado. Foi Ben quem finalmente se afastou, calado, pondo-se de pé, quieta e lentamente, depois estendendo a mão para ela. Juntos, de mãos dadas, voltaram por onde tinham vindo.

Não falaram outra vez até estarem dentro do carro. Ben ficou sentado por algum tempo, com ar preocupado.

— Devia dizer-lhe que sinto muito, Deanna, mas não sinto.

— Nem eu. — Ela parecia estar em estado de choque. — Mas não estou entendendo.

— Talvez não precisemos entender. Ainda podemos ser amigos.

Olhou para ela com uma tentativa de sorriso, mas não havia sorriso nos olhos dela, apenas um brilho atormentado.

— Não me sinto traída. Pelo menos não por você.

Queria que ele soubesse disto.

— Por você?

— Talvez. Acho só que não estou entendendo.

— Não precisa entender. Você foi muito clara sobre a sua vida quando conversamos, antes. Não há nada para você entender, ou explicar. — A voz dele era tão insuportavelmente meiga... — Podemos esquecer. Estou certo de que esqueceremos.

Mas ela não queria esquecer, e era aquilo que a deixava mais espantada. Não queria esquecer, de jeito algum.

— Você falou a sério? — Referia-se ao “eu a amo”, e podia ver que ele entendia. — Eu também me sinto assim. É uma coisa meio maluca.

— Não é mesmo! — Desta feita ele riu alto e beijou-lhe meigamente a face. — Talvez seja até muito maluca. Mas, independente do que sintamos, não vou destruir a sua vida. Você tem o que precisa, e não precisa de mim atrapalhando a sua estabilidade a esta altura dos acontecimentos. Desconfio que você levou os últimos 18 anos para aceitar a sua vida. — Era verdade, e ela sabia. — Prometo, Deanna, não vou magoá-la.

— Mas o que vamos fazer?

Sentia-se como uma criança, perdida nos braços dele.

— Nada. Vamos ser crecidinhos, eu e você. E bons amigos. Não lhe parece uma boa coisa?

— Suponho que tenha que parecer.

Mas havia alívio na voz dela também, além de pesar. Não queria enganar Marc. Ser fiel representava muito para ela.

Ele ligou o motor e eles se dirigiram lentamente para casa, falando muito pouco pelo caminho. Era um dia do qual ela não se esqueceria com facilidade. Pareceu uma eternidade até que pararam diante da casa de Deanna.

— Você virá almoçar no meu estúdio, de vez em quando?

Ela parecia tão desanimada que a dor dele ficou mais aguda, porém ele sorriu, assim mesmo.

— A qualquer hora. Não demoro a ligar para você de novo.

Ela balançou a cabeça e saltou do carro. Ouviu que ele se afastava antes de ter chance de olhar para trás.

Subiu lentamente as escadas que levavam ao quarto e deitou-se na cama; depois, olhando para o telefone, viu um recado de Marc. Margaret atendera ao telefonema, à tarde. Crispou-se, enquanto lia: POR FAVOR, LIGUE PARA O SR. DURAS. Não queria ligar agora, não queria ouvir-lhe a voz. Não agora. Mas sabia que precisava. Tinha que forçar-se a voltar para a sua vida e fugir do sonho na praia.

Levou meia hora para tomar coragem para dar o telefonema. Finalmente, discou para a telefonista internacional de Roma e pediu o quarto de Marc no Hassler.

Desta feita, ele não tinha saído.

— Marc. Sou eu.

— Sei. Alô.

Parecia estranho e frio.

— Deanna.

Por um momento pensou que ele não estivesse entendendo quem era. Depois, deu-se conta da hora. Eram duas horas da madrugada em Roma. Ele sem dúvida estivera ferrado no sono.

— Sim, sim, eu sei. Eu estava dormindo.

— Desculpe. A ligação caiu da última vez em que falamos, e Margaret deixou um recado. Pensei que talvez fosse alguma coisa importante.

Subitamente, porém, sentiu-se constrangida com ele. Não parecia que estava dormindo.

— Certo. Onde estava?

Deus, por que estava tão frio? Justo agora? Ela precisava de um motivo para agüentar firme. Um motivo para não se apaixonar por Ben. Um motivo para se manter fiel.

— Tinha saído. Fui fazer compras. — Detestava a mentira, mas o que podia lhe dizer? Que estava beijando Ben Thompson na praia? — Está tudo bem em Roma?

— Tudo. Escute — pareceu hesitar por um momento. — Ligo para você outra hora.

— Quando? — Precisava saber. Precisava ouvi-lo, precisava guardar a sua voz na cabeça. Sem dúvida ela amorteceria a dor do que não podia ter. — Quando você vai ligar?

— Amanhã. Este fim de semana. Eu ligo, não se preocupe. *D'accord?*

— Está certo, tudo bem. — Mas ficou magoadíssima com o tom de voz dele. — Eu o amo.

As palavras eram uma súplica, uma tentativa. Ele pareceu não ouvir.

— Eu também. *Ciao*.

E então, sem mais uma palavra, desligou, enquanto Deanna fitava cegamente o telefone.

Deanna comeu sozinha no estúdio, naquela noite, depois ficou durante meia hora no pequeno terraço de ladrilhos, vendo o sol se pôr sobre a baía. Poderia tê-lo visto com Ben, se não o tivesse mandado embora. Por que o fizera? Para poder se sentir virtuosa quando telefonasse para Marc, do outro lado do mundo? Sentiu as lágrimas escorrerem pelas faces. Quando ouviu a campainha da

porta tocar, deu um salto. Resolveu não atender, depois imaginou se seria Kim, vindo ver como estava. Kim teria reconhecido as luzes no estúdio e saberia que ela estava se escondendo. Enxugou as lágrimas com a fralda da camisa e desceu correndo, descalça, a escada dos fundos. Nem pensou em perguntar quem era, simplesmente abriu a porta, parecendo uma garotinha cansada e desarrumada, de *jeans* e sem sapatos, com o cabelo caindo nos olhos. Ergueu os olhos, esperando ver Kim, e recuou surpresa ao ver quem era. Era Ben.

— Cheguei em má hora? — perguntou. Ela sacudiu a cabeça.
— Podemos conversar?

Parecia tão perturbado quanto ela se sentia, e entrou rapidamente na casa quando ela balançou a cabeça afirmativamente.

— Venha até o estúdio. Eu estava lá.

— Trabalhando?

Perscrutou-lhe os olhos, e ela fez que não com a cabeça.

— Pensando.

— Eu também.

Ela fechou a porta suavemente às costas deles. Ele subiu a escada atrás dela, e Deanna indicou-lhe a sua poltrona favorita.

— Café ou vinho?

— Nada, obrigado. — Pareceu repentinamente muito nervoso, como que a se perguntar por que teria vindo. Depois, recostou-se na poltrona, fechou os olhos e correu os dedos pelos cabelos. — Isto é uma loucura, eu não devia ter vindo.

— Estou feliz que tenha vindo.

— Neste caso — abriu os olhos e sorriu conivamente para ela — eu também estou. Deanna, eu... eu sei que isto é uma loucura... mas, que diabo, eu a amo. E me sinto como um guri irracional. Nem devia estar aqui. Não tenho absolutamente nada de

inteligente para dizer, exceto o que já lhe disse na praia. — Baixou a voz para um murmúrio e olhou para baixo. — Só que a amo.

O aposento ficou muito quieto por um longo momento enquanto ela o observava, os olhos marejados de lágrimas. Ele a ouviu suspirar.

— Eu também o amo.

— Sabe o que vim lhe dizer? — perguntou. — Que aceitarei qualquer coisa: um momento, uma noite, um verão. Não ficarei no seu caminho, depois. Deixarei você ir. Mas não suporto ver perdemos o que podemos ter. — Olhou para ela, então. Tinha o rosto molhado de lágrimas, que pingavam lentamente sobre a camisa manchada de tinta, mas estava sorrindo para ele e estendendo a mão. Ele a segurou com firmeza e puxou-a para si. — Isso não lhe parece uma loucura?

— Parece. Uma grande loucura. E no final do verão?

— A gente se deixa ir.

— E se não pudermos?

— Teremos que deixar. Eu a deixarei porque sei que será para a sua paz de espírito. E quanto a você?

— Suponho que possa fazer o mesmo. — Abraçou-o. — Não me importa o que aconteça então, só sei que o amo.

Ele sorria amplamente enquanto a abraçava. Era o que queria ouvir. Sentiu-se subitamente livre, excitado e vivo.

— Quer vir para a minha casa comigo, Deanna? O lugar está uma bagunça, mas quero partilhá-lo com você, mostrar-lhe os meus tesouros. Quero lhe mostrar as coisas de que gosto, dar-lhe a minha vida, mostrar-lhe as minhas galerias e como funcionam. Quero passear na praia em Carmel com você, quero... ah, Deanna, querida, querida, eu a amo!

Os dois agora riam enquanto ele a tomava nos braços e descia as escadas com ela no colo. Por um momento, Deanna sentiu-se grata por ser a noite de folga de Margaret, mas não ousou pensar

além disto. Apenas por um momento, que foi mais do que pensou em Marc. Agora, ela era de Ben. Era de Ben durante o verão.

— Bom dia.

Ouviu a voz de Ben baixinho no seu ouvido. Abriu um dos olhos. O quarto não lhe era familiar. Estava olhando para uma parede amarelinha. Alguém escancarara as persianas das amplas janelas que davam para a baía, e o sol invadia o quarto. Havia árvores bem do lado de fora da janela, e ela podia ouvir os pássaros cantando. Era um dia esplêndido e quente de verão, mais para setembro do que para junho.

Deanna deixou os olhos vagarem pela parede amarelinha e ficou rapidamente embevecida por uma aquarela de uma praia, depois por uma pintura a pastel menor e por uma tela a óleo. As peças eram todas muito sutis e ensolaradas, como o próprio Ben. Ela se apoiou num dos cotovelos com um bocejo, uma espreguiçadela e um sorriso. Ele a fitava com a fisionomia do amor novo.

— Há uma hora que estou esperando por você. Pensei que nunca ia acordar!

Pareceu de repente mais um garotinho do que um amante, e ela achou graça.

— Acho que estava um tanto cansada.

Sorriu de novo e voltou a se enfiar sob os lençóis, com uma das mãos na coxa dele. Fora uma noite longa e deliciosa nos braços dele, e só tinham pegado no sono ao alvorecer.

— Está se queixando?

— Hã-hã. — Deixou os lábios correrem pela perna dele e pararem no quadril, onde beijou a pele pálida e macia onde pulsava uma pequena veia. — Bom dia, meu amor.

Sorriu para a vida que via se agitando, e Ben a tomou meigamente nos braços de novo.

— Já lhe disse esta manhã o quanto a amo? — Olhava carinhosamente nos olhos dela, e havia algo no rosto dele com o qual ela sonhara, e que pintara, mas que jamais tinha visto. Era uma espécie de paixão, uma espécie de amor irrestrito. Era algo pelo que ela ansiara no passado, e tinha deixado de acreditar que podia existir. — Eu a amo, Deanna... eu a amo... — As palavras dele se derreteram nos lábios dela enquanto a beijava pela primeira vez, naquela manhã, e deixava o corpo deslizar suavemente sobre o dela. Deanna protestou fracamente, mas com risos e contorções, enquanto ele a apertava mais contra si. — Tem alguma objeção?

Parecia divertido e surpreso; não tinha cara de quem fosse ser influenciado por qualquer coisa que ela dissesse.

— Nem escovei os dentes! Ou penteei o cabelo... ou... — As palavras dela sumiam, bloqueadas pelos beijos dele, enquanto ele ria e corria as mãos pelos cabelos desfeitos dela. — Ben... tenho que...

— Não, não tem. Eu a amo mesmo assim — falou, decidido.

— Mas eu...

— Psiu...

— Ben!

Mas desta feita ela esqueceu dos dentes e dos cabelos; estava feliz demais onde se encontrava, levada de roldão, à deriva num mar de delícias quando todo o corpo dele pareceu penetrar-lhe na alma.

— Está com sono, querida?

A voz dele era quase um sussurro, quando eles finalmente falaram. Quase duas horas se tinham passado, e ela estava ali enroscada, toda feliz, nos braços dele, uma perna trançada com as dele.

— Hum-hum... Ben?

— Sim?

A voz dele era tão suave, na manhã quente de verão...

— Eu o amo — falou, com voz quase infantil.

— Eu também a amo. Agora vá dormir.

E ela dormiu, durante mais duas horas. Quando abriu os olhos, ele estava parado ao pé da cama, vestido e segurando uma bandeja. Ela despertou, surpresa. Ele usava um terno conservador, azul listrado.

— O que você está fazendo? — Confusa, sentou-se na cama e correu a mão pelos cabelos. Subitamente, sentiu-se muito nua e desarrumada, enquanto o cheiro doce do amor subia de dentro das cobertas. — Dormi muito tempo?

— Não muito. Eu também estaria feito você, só que tenho um almoço marcado na galeria. Cancelei um ontem e se cancelar este também, Sally pedirá as contas. Mas não vou me demorar. — Colocou a bandeja sobre os joelhos dela enquanto ela se recostava nos travesseiros, na ampla cama de casal. — Espero que isto esteja bom. — Havia *croissants*, café com leite, frutas e um ovo pochê feito com capricho. — Não tinha certeza do que você gosta de comer de manhã.

Deanna olhou espantada para o desjejum, depois para ele. O que podia dizer? Ele surgira na sua vida numa praia em Carmel e agora estava preparando os ovos pochês e *croissants* para o café dela, e pedindo desculpas por não saber do que ela gostava. Tinha feito amor a noite toda e a maior parte da manhã; dissera-lhe que a amava, e ela a ele; nem sequer se sentia culpada por acordar na

cama dele, e não na sua... na cama que compartilhara com Marc durante 18 anos. Estava se lixando para Marc, nessa manhã. Sentia-se feliz, jovem e apaixonada, e tudo o que queria era o que tinha com Ben. Olhou para ele com um sorriso encantado e um suspiro, enquanto pegava um croissant.

— Estou lhe avisando, senhor, se me mimar deste jeito, vou ficar insuportável em menos de uma semana.

— Não, não vai — falou, divertido, e com certeza. Subitamente parecia muito adulto de novo.

— Vou, sim. — Fechou os olhos, feliz, enquanto comia o pãozinho. — Vou ficar esperando *croissants* todas as manhãs, e ovos pochês e café com leite... — Abriu os olhos de novo. Estavam muito brilhantes e maliciosos. — Vou esperar até que você não vá para o escritório, todos os dias, para podermos ficar fazendo amor.

— Não, não vai.

— Ah, é? E por que não?

— Porque amanhã é a sua vez de fazer café para mim. Estamos numa democracia, Deanna. Vivemos aqui juntos; alternamos as tarefas. Mimamos *um ao outro*. Preparamos ovos pochês *um para o outro*. — Inclinou-se para beijá-la uma última vez. — E eu gosto dos meus fritos.

— Não vou me esquecer — disse Deanna, com um largo sorriso.

Ele se pôs de pé.

— Pode deixar que eu lhe lembro.

— Tudo bem.

Continuou tomando o seu café, perfeitamente feliz e à vontade. Sentia-se como se vivessem juntos há meses, ou anos. Não lhe parecia nada estranho vê-lo sorrir satisfeito para os seios nus dela enquanto ela sorvia o café com leite numa caneca amarelo vivo. Tudo entre eles era espontâneo, sereno e real. Não tinha nada a ver com o formalismo e os rituais da sua própria casa. E descobriu que

gostava mais do jeito de Ben. A caneca amarela na sua mão tinha uma sensação de solidez. Era forte, não como o Limoges delicado e florido de azul da mãe de Marc.

— O que vai fazer hoje?

— Acho que primeiro de tudo vou tomar um banho.

Ela franziu o nariz, e os dois acharam graça.

— Eu a adoro do jeito que está.

— Você é um porquinho.

Estendeu os braços para ele, que a beijou de novo. Quando se afastou, ele revirou os olhos de pesar.

— Deus, quem sabe terei que cancelar esse almoço, afinal de contas.

— Teremos mais tarde. Ou... — ela começou a perguntar-lhe se ver-se-iam aquela noite, mas já podia ler a resposta nos olhos dele.

— Não tem “ou”, Deanna. Terei encerrado o dia na galeria por volta das cinco. Pensei que podíamos ir jantar em algum lugarzinho tranquilo. Quem sabe em Marin?

— Eu adoraria. — Recostou-se nos travesseiros com um sorriso largo, porém notou que havia uma sombra de preocupação nos olhos dele. — Alguma coisa errada?

— Não para mim. Mas eu... estava imaginando como você se sente... saindo comigo. Não quero criar nenhuma situação difícil para você. — Precisava lembrar a si mesmo que ela tinha uma outra vida. Que jamais seria inteiramente sua. Que estava emprestada. Como uma obra-prima de um museu estrangeiro, não algo que ele pudesse possuir e pendurar na parede da sua galeria. Aquilo a faria infinitamente mais preciosa no tempo que compartilhariam. — Não vai lhe criar um problema se sairmos juntos?

Olhava para ela muito sinceramente, os olhos verdes meigos e abertos.

— Não precisa criar. Vai depender do que fizermos, aonde formos, como nos comportarmos. Acho que não há problema.

Ele meneou a cabeça, calado, e ela lhe estendeu a mão. Ele a tomou, silenciosamente, e sentou-se de novo na cama.

— Não quero fazer nada que vá magoá-la mais tarde.

— Não vai. Agora pare de se preocupar. Tudo vai dar certo.

— Estou falando sério, Deanna. Detestaria que você viesse a sofrer mais tarde.

— Não acha que ambos sofreremos?

Ergueu os olhos, surpreso.

— Como assim?

— Quero dizer que este vai ser o verão mais lindo da minha vida, e espero que da sua também. Quando ele acabar, quando ambos voltarmos às nossas vidas, não acha que vamos sofrer?

Ele meneou a cabeça afirmativamente, olhando para a mão graciosa que apertava na sua.

— Está arrependida do que decidimos?

Deanna jogou a cabeça para trás e deu uma risada sonora antes de beijá-lo meigamente na face.

— Nem por um momento. — E então ficou séria de novo. — Mas acho que seríamos malucos se esperássemos não sofrer depois. Se valer alguma coisa, se for lindo, se realmente gostarmos um do outro... então sofreremos. Teremos que aceitar isto.

— Por mim, eu aceito. Mas...

— Mas, o quê? Não quer que eu sofra também? Não quer que eu sinta nada? Ou que o ame? Não seja maluco, Ben. Vale a pena.

— Compreendo, concordo. Mas também quero que seja discreta. Não quero criar problemas para você com Marc. — Ela quase se crispou ao som do nome dele. Ben se inclinou para ela de novo, beijou-a rapidamente, depois se levantou. — Acho que já dissemos o suficiente por uma manhã. — Detestava pensar no que aconteceria no final do verão, mas era difícil acreditar que aquela hora chegaria. Os seus momentos juntos haviam apenas começado.

— Onde estará às cinco? — olhou para ela por cima do ombro, parado à porta. — Aqui?

Ela sacudiu a cabeça.

— É melhor eu ir para casa.

— Quer que a apanhe lá?

Pareceu em dúvida, por um momento.

— Encontro você aqui.

Ele assentiu, sorriu, e se foi. Ela ouviu o carrinho alemão se afastando dali a um momento, enquanto caminhava pelo quarto, depois se sentava nua na beira da cama, cruzando a perna. Sorria consigo mesma. Tinha vontade de cantar. Sentia-se maravilhosamente bem, e estava apaixonada. Que homem encantador ele era, carinhoso, cauteloso e sensato. E a divertia, também; adorava rir, adorava contar histórias bobas e engraçadas, interminavelmente. Passara horas na noite anterior contando-lhe histórias da sua juventude, mostrando-lhe álbuns de retratos de quando era criança, e de seus pais e irmã, e dos amigos deles, muitos deles artistas, atores, dramaturgos e escritores famosos. Os álbuns ainda jaziam pelo chão.

Ele tinha uma casinha confortável, muito diferente do chalé em Carmel. A casa de Carmel era maior e tinha o mesmo colorido das areias: brancos, beges, cinza, madeiras claras, e lãs cor de pérola. A casa da cidade era uma “jóia” minúscula, aninhada no alto de Telegraph Hill, e atulhada de quadros e livros. Havia dois sofás fundos de couro vermelho numa sala de visitas com prateleiras cheias de volumes lindamente encadernados, principalmente sobre arte. As paredes eram de um bege suave que realçava os dois quadros que ele pendurara; o piso era de tábuas antigas e enceradas, e o tapete era oriental, mas não de qualidade tão boa quanto a dos tapetes que Marc lhe trouxera há anos do Irã. A casa pequena de Ben não era um mostruário; era cálida e linda, e um lugar onde era evidente que ele apreciava estar, e passar as noites

conversando com seus artistas ou amigos. Havia uma lareira muito usada com suportes de latão que ele descobrira na França, e um violoncelo encostado numa parede. Tinha um piano pequeno e um violão, uma linda escrivaninha antiga inglesa e um busto de bronze de Cézanne. Pela casa toda, havia um jeito de “mexido” gostoso, uma espécie de “uso” elegante. Alguns dos objetos eram de valor, mas a maioria era de valor apenas para ele e as pessoas que o amavam. A sala era típica de Ben, assim como o lindo quartinho de dormir amarelo que dava para o leste, sobre a baía, e que era claro como o sol da manhã. Tinha um terracinho cheio de plantas e flores vivas, duas cadeiras de lona desbotadas e confortáveis. Além disso, havia a cozinha e um quarto extra, onde Ben guardava o seu trabalho — algumas telas raras, muitos arquivos, outra escrivaninha. O quarto adicional permitia-lhe trabalhar em casa e, como o seu carro, era utilitário, não luxuoso. Enquanto Deanna olhava à sua volta, percebia mais uma vez que ele era uma estranha mistura de conforto e estilo, e que sempre parecia casar os dois muito bem, de um jeito que era só seu. Deanna enfiou o roupão de seda azul e preto dele e se dirigiu para o terraço. Sentou-se numa das cadeiras de lona desbotadas. No passado fora de um verde-papagaio vivo, agora o sol a transformara num lima pálido. Esticou as pernas por um momento, virando o rosto para o sol e pensando nele, imaginando onde estaria... já na galeria? Almoçando? Assinando cheques com Sally? Conversando com Gustave? Gostava do jeito que ele vivia a sua vida, do que fazia, de como lidava com as pessoas à sua volta... de como lidava com ela. Descobriu que até mesmo gostava da idéia de alternar a tarefa de preparar o café... uma democracia, como ele dissera. Era um jeito muito agradável de se viver. Deixou o roupão se entreabrir um pouquinho, e sorriu ao sentir o calor gostoso do sol. Dali a pouco iria para casa, para o seu estúdio, para pintar. Porém ainda não. Estava feliz demais sentada ao sol como uma gata, pensando em Ben.

— *Grazie, Signore... Signora Duras.*

O *concierge* do Hassler curvou-se formalmente para Chantal e Marc enquanto eles pediam as contas no hotel, e Marc presenteava-o com uma gorjeta mais do que substancial. Um carro já os esperava diante do hotel. As malas tinham sido colocadas no portamalas, e o motorista esperava para levá-los ao aeroporto.

Chantal estava estranhamente quieta enquanto rodavam para o aeroporto. Finalmente, Marc desviou o olhar das janelas e se permitiu buscar-lhe os olhos.

— Tem certeza de que é o que quer fazer?

— Absoluta.

Mas aquilo o preocupava. Ela jamais fora tão obstinada antes. Insistira em que não ia se esconder em San Remo ou outra cidade qualquer da Riviera. Queria voltar para Paris e esperá-lo ali, enquanto ele visitava a família em Cap d'Antibes. Para poder passar um fim de semana roubado com o amante, o homem que lhe pedira para se casar com ele? A ameaça velada não passara despercebida a Marc. Sentiu uma onda de ciúme assassino.

— Exatamente o que pretende fazer o fim de semana inteiro?

Havia um tom cortante na voz dele, porém ela o fitou serenamente enquanto o carro atravessava o tráfego.

— Vou para o escritório. Não posso deixar tudo com Marie-Ange. Já basta que quando viajamos juntos eu tenha que largar tudo nas costas dela. Já que tenho tempo, é melhor ir ao escritório e ver o que se está passando por lá.

— Estou impressionado com a sua devoção ao trabalho. Novidade, não é?

Era raro para ele ser sarcástico com Chantal.

Mas o tom de voz dela igualava o dele.

— Não, não é. É só que você não costuma estar por perto para ver. O que exatamente pensou que eu ia fazer?

— Não esqueci da sua novidadezinha de ontem, Chantal.

— Falei que alguém me pediu em casamento. Não falei que tinha aceitado.

— Que reconfortante. Imagina-se, contudo, que não lhe teria pedido com base em dois almoços e um chá. Suponho que se conheçam muito bem.

Chantal não respondeu. Simplesmente ficou olhando pela janela, enquanto Marc-Edouard fumegava de raiva. Droga, o que ela esperava dele? Não podia passar mais tempo com ela do que já passava, e não podia pedi-la em casamento. Já tinha Deanna.

Mas a voz de Chantal estava estranhamente suave, enquanto lhe respondia.

— Não se preocupe com isso.

— Obrigado. — Soltou um suspiro, e seus ombros pareceram ficar caídos enquanto tomava a mão dela. — Eu a amo, querida. Por favor, por favor, tente compreender.

— Eu tento. Mais do que você imagina.

— Sei que é difícil para você. É para mim também. Mas pelo menos não tente estabelecer uma competição entre você, Pilar e minha mãe. Isso não é justo. Preciso vê-las também.

— Talvez eu também precise.

Havia algo tão triste na voz dela que Marc ficou sem saber o que dizer. Se fosse um homem menos racional, teria mandado tudo às favas e a levado com ele, mas simplesmente não podia.

— Querida, desculpe. — Meigamente, abraçou-a e puxou-a mais para perto de si, e não houve resistência. — Vou tentar pensar e achar uma solução. Está bem? — Ela fez que sim, calada, mas uma lágrima pairava na ponta dos seus cílios, e ele sentiu algo repuxar-lhe o coração. — É só por alguns dias, estarei de volta no domingo à noite, e podemos jantar no Maxim's antes de partirmos para Atenas.

— Quando partimos?

— Segunda ou terça-feira.

Ela meneou a cabeça de novo. Ele ficou abraçado com ela durante toda a viagem até o aeroporto.

Deanna girou a chave na porta e parou por um momento, tentando ouvir algum sinal da presença de Margaret. Mas não havia ninguém em casa. Ainda era o dia de folga de Margaret. Seria possível? Será que não tinham se passado semanas? Ou meses, ou até anos? Será que fora apenas na noite passada que ficara com Ben para fazer amor com ele pela primeira vez? Será que só fazia mesmo 18 horas desde que saíra de casa? Seu coração batia com força enquanto fechava a porta atrás de si. Como tinha sido sossegado, na casa dele, enquanto tomava banho e se vestia. Ficara olhando dois passarinhos brincando no terraço, e escutara um dos seus discos enquanto fazia a cama. Tirara uma ameixa de uma grande cesta de frutas na cozinha enquanto saía, sentindo-se como se vivesse ali há anos, como se a casa fosse dela também. E agora, subitamente, estava ali de novo. Na casa de Marc, no lar de Monsieur e Madame Duras. Lançou um olhar a uma foto deles numa moldura de prata, tirada durante o seu primeiro verão em Cap d'Antibes. Será que aquela era mesmo ela? De pé, sem jeito, com um copo de vinho branco na mão, enquanto Marc conversava com a mãe dele, sob o seu gigantesco chapéu de palha. Como se sentia sem jeito simplesmente olhando para a foto, como se sentia sem jeito nessa sala. Ficou parada na entrada da sala de visitas de seda verde pálida, com o tapete Aubusson, pensando que só o fato de olhar para ela lhe causava angústia. Mas este era o seu lar. Aqui era o seu lugar, não naquela casa minúscula na ladeira, onde acabara de passar a noite com um homem estranho. O que afinal estava fazendo?

Descalçou as sandálias e entrou na sala verde gélida e se sentou cuidadosamente no sofá. O que tinha feito? Enganara Marc

pela primeira vez em 18 anos, e tudo lhe parecera tão natural, tão normal. Por uma noite inteira fora como se nem conhecesse Marc, como se fosse casada com Ben. Pegou uma pequena foto de Pilar em outra moldura de prata e viu que sua mão estava tremendo. Pilar estava usando roupas de jogar tênis; a foto fora tirada no Sul da França. Deanna fitou-a quase cegamente. Nem escutou o tocar persistente da campainha. Levou dois ou três minutos para se dar conta de que havia alguém à porta. Deu um salto, assustada, e largou a foto de Pilar. A cabeça dela fervia enquanto se dirigia para a porta. Quem era? Quem sabia? E se fosse Ben? Não se sentia pronta para vê-lo, agora. O que tinham feito era errado. Tinha que dizer-lhe, tinha que parar, agora, antes que fosse tarde demais, antes que a sua vida ordeira se desmontasse toda... antes que...

— Quem é?

Uma voz lhe informou que era uma encomenda. Relutante, abriu a porta e viu o entregador.

— Mas eu não pedi...

E então percebeu. Eram flores de Ben. Por um momento, teve vontade de mandá-las de volta, de fingir que a noite anterior não tinha acontecido e jamais aconteceria de novo. Em vez disso, estendeu os braços e levou as flores para dentro, onde apanhou o cartão e segurou-o por um momento antes de ler o que dizia:

Volte logo para casa, minha querida.

Encontro-a às cinco.

Eu a amo,

Ben.

Eu a amo, Ben. Correu os olhos pelas palavras, e eles ficaram cheios de lágrimas. *Eu a amo, Ben.* Já era tarde demais. Ela

também o amava.

Correu para o seu quarto, lá em cima, e preparou uma maleta. Depois foi para o estúdio. Era só o que levaria. Uma ou duas telas, algumas tintas, se ajeitaria por algum tempo. Não precisava ficar lá mais do que alguns dias. Só isso.

Deixou o número do telefone para Margaret e explicou que ia ficar na casa de uma amiga. Às cinco e meia estava de volta à casa dele. Estacionou o Jaguar a meia quadra de distância e caminhou hesitante para a porta. Que diabo estava fazendo? Mas ele já a escutara nos degraus da frente. Antes que tocasse a campainha, Ben abriu a porta para ela com uma curvatura, um sorriso e um gesto amplo e convidativo com o braço.

— Entre. Estou esperando há horas. — Fechou a porta suavemente às costas dela. Por um momento ela ficou ali parada, os olhos muito apertados para conter as lágrimas. — Deanna? Está bem, querida? — Havia preocupação na voz dele, mas ela balançou a cabeça afirmativamente. Lentamente, ele a abraçou. — Está com medo?

Ela abriu os olhos e fez que sim com a cabeça, hesitante.

Mas Ben apenas sorriu e a abraçou com força, enquanto murmurava junto aos seus cabelos:

— Eu também.

- Muito bem, garota. Levante o traseiro daí, que é a sua vez.
Ben catucou-a de leve no meio das costas, e Deanna gemeu.
— Não é, não. Preparei o café ontem.
Sorriu para dentro do travesseiro e escondeu o rosto.
— Sabe que a amo, mesmo sendo uma mentirosa? Fui eu que preparei o café ontem, e dois dias antes, e mais quatro dias antes. Na verdade, acho que você está me devendo três dias seguidos.
— É mentira! — ela riu.
— É, uma ova. Já lhe disse, estamos numa democracia!
Ben também ria, e tentava virar o corpo despido que amava para poder ver-lhe o rosto.
— Não gosto de democracia.
— Azar o seu. Quero café, rabanada e ovos.
— E se eu não preparar o café?
— Então hoje você dorme no terraço.
— Eu sabia. Devia ter trazido Margaret.
— Um *ménage à trois*? Que beleza. Ela sabe cozinhar?
— Melhor do que eu.
— Ótimo. Vamos mandar que se mude ainda hoje para cá. —
Ele rolou na cama com um sorriso de satisfação. — Enquanto isso, trate de ir levantando o traseiro da cama e me alimentando.
— Você é completamente mimado.
— E adoro ser.

— Vai engordar. — Ficou sentada na beira da cama, olhando para o corpo dele, que nada tinha de gordo. — Além disso, ovos não fazem bem, contêm carboidratos ou colesterol ou cromossomos ou coisa assim e... — Ele apontava para a cozinha, com uma carranca de mentirinha, e Deanna se levantou. — Odeio você.

— Eu sei.

Rindo, ela sumiu na cozinha. Estavam juntos há duas semanas — um momento; uma vida. Dividiam as tarefas e o preparo da comida. Uma velhinha engraçada vinha duas vezes por semana fazer a limpeza, mas Ben gostava de fazer as coisas por si mesmo, e Deanna descobriu que curtiar partilhar essas coisas com ele. Iam ao mercado, faziam o jantar, davam polimento nas peças de latão, e arrancavam ervas daninhas do meio das flores no terraço. Ela o observava enquanto examinava os catálogos dos próximos leilões, e ele a observava desenhar, ou trabalhar com tinta pastel ou a óleo. Era a primeira pessoa a quem ela permitira ver o seu trabalho em andamento. Liam livros de mistério, viam televisão e davam passeios de carro; caminharam na praia, uma vez, à meia-noite, e duas vezes foram passar a noite na casa dele em Carmel. Ela foi a outra *vernissage* na galeria dele, e o acompanhou numa visita a um artista novo, fazendo-se passar por sua mulher. Era como se nada tivesse existido antes, e nada fosse existir depois — eles tinham apenas o tempo e a vida que compartilhavam.

Deanna pousou a bandeja com o desjejum dele e o jornal.

— Sabe de uma coisa? Gosto de você. Gosto de verdade.

— Parece surpresa. Estava com medo de que a “democracia” fosse cansá-la?

— Talvez. — Sentou-se com um dar de ombros feliz. — Eu não cuidava de mim mesma, ou de outra pessoa, de uma maneira prática, há muito tempo. Sou responsável por todos, mas acho que há anos não preparo um café da manhã. Ou faço qualquer outra das coisas que temos feito.

— Não gosto de depender de outras pessoas, como empregadas. Basicamente, gosto de uma vida muito simples.

Riu consigo mesma, lembrando-se dos três quadros caríssimos que ele comprara em Los Angeles na véspera, porém sabia que o que estava dizendo era verdade. A opulência não fazia o gênero dele. Tinha visto opulência demais em criança, na casa dos avós, e dos pais. Era mais feliz com a pequena casa na ladeira em São Francisco e o chalé despretensioso em Carmel.

Ele se inclinou para beijar-lhe a ponta do nariz, depois recostou-se nos travesseiros com o café que ela preparara ainda esperando na bandeja.

— Eu a amo, Deanna. — Sorria maliciosamente. — Agora, quando é que você vai assinar com a galeria?

— Vai voltar ao assunto de novo? Então é *disto* que se trata. Você apenas quer que eu assine com a galeria. Eu sabia! Eu sabia! — E riu enquanto ele se desviava do travesseiro que ela jogou em cima da sua cabeça. — As coisas que algumas pessoas fazem para conseguir a assinatura de um novo artista!

— E então? Funcionou?

— Claro que não! Vai ter que fazer coisa *melhor*!

— Melhor? — Olhou para ela sinistramente e deixou de lado a bandeja. — O que exatamente quer dizer com “melhor”. Ora, eu... — Colou seus lábios aos dela e buscou-lhe o corpo com as mãos. — Melhor...? — Agora ambos riam.

Foi só meia hora mais tarde que se soltaram e recobram o fôlego.

— Como é, foi melhor? — perguntou Ben.

— Muito.

— Ótimo. — Olhou para ela, feliz, de onde estava deitado. — Agora, vai assinar?

— Bem... — Pousou a cabeça no peito dele e olhou para ele com um pequeno bocejo. — Quem sabe se você fizer tudo isso de

novo...

— Deanna! — Rolou para cima dela, cobrindo-lhe o corpo com o seu, agarrando-a pela garganta, “ameaçadoramente”. — Quero que assine comigo! — trovejou.

Ela sorriu, docemente.

— OK.

— O quê?

Ele se sentou na cama, com uma expressão atônita.

— Eu falei OK. OK?

— Está falando a sério?

— Estou. Ainda me quer? Para a galeria, quero dizer.

Abriu um sorriso e olhou para ele indagadoramente. Talvez tivesse sido uma brincadeira o tempo todo.

Mas ele a olhava como se fosse maluca.

— Claro que quero, sua lunática! Você é a melhor artista nova em que botei as mãos em 15 anos!

Ela rolou para o lado de novo e encarou-o com um sorrisinho felino.

— E em quem você “botou as mãos” nos últimos 15 anos?

— Sabe o que quero dizer. Por exemplo, o Gustave. — Ambos riram da idéia. — Está falando a sério, Deanna? Vai assinar? — Ela assentiu. — Não precisa, sabe disso. Eu a amo mesmo que você não me deixe expor o seu trabalho.

— Eu sei. Mas venho olhando você trabalhar há semanas, e não agüento mais. Também quero ser parte disso. Quero a minha própria exposição.

Ele riu.

— A sua própria, hein? Nada de outros artistas. Está bem, ganhou. Quando?

— Quando for conveniente para você.

— Vou verificar a agenda com Sally. Talvez daqui a algumas semanas.

Atacou o desjejum com um largo sorriso. Parecia que ela tinha acabado de dar à luz o filho dele.

— Quer que lhe prepare outra coisa? — indagou, vendo-o devorar a rabanada gelada.

— Só o que você tem a fazer é me trazer os seus quadros e me deixar expô-los. De agora em diante eu faço o café. Todos os dias. Não... cinco dias por semana. Você fica com os fins de semana. Que tal?

— Maravilha. Eu sabia que haveria vantagens em ceder. — Puxou as cobertas até o queixo. — Ben? Acha que estou fazendo a coisa certa?

Ele sabia o que vinha a seguir. As dúvidas estavam todas estampadas no rosto dela. Mas não ia deixá-la recuar.

— Cale a boca. Se começar com isso, vamos fazer a exposição na semana que vem. Você é boa o bastante. Você é fantástica. Fabulosa. Pelo amor de Deus, Deanna, você é a melhor artista jovem nesta cidade, provavelmente também em Los Angeles. Fique de boca fechada e deixe-me preparar a exposição. Certo?

— Certo.

Durante algum tempo ela ficou muito quieta, pensando em Marc. Como poderia dizer-lhe que finalmente tinha se resolvido a expor? Ou será que ele precisava saber? Há anos que ele lhe dissera para pôr de lado os seus sonhos sobre a arte, que Madame Duras não podia ser uma espécie de “pintora *hippie*”. Mas ela não era, caramba, e que direito tinha ele de...

— No que está pensando — perguntou Ben, ainda a observando.

— Em nada de especial. — Sorriu. — Estava só pensando na exposição.

— Tem certeza? Estava com cara de quem estava prestes a ser espancada.

Ela soltou um suspiro, depois olhou para ele de novo.

— Sentia como se estivesse. Estava pensando no que... no que dizer a Marc.

— E tem que dizer?

Ben parecia momentaneamente tenso.

— Provavelmente sim. Suponho que pareça uma doidice para você, agora, mas não quero ser desonesta com ele. Não mais do que for necessário.

— Parece mesmo uma doidice, mas entendo o que você quer dizer. Ele não vai ficar satisfeito com a exposição, vai?

— Não, não vai. Mas acho que devo dizer-lhe.

— E se ele disser que não?

Ben parecia magoado, e Deanna baixou os olhos.

— Não vai dizer.

Mas ambos sabiam que diria.

Marc entrou sem fazer barulho no apartamento. Era o segundo fim de semana que passava longe de Chantal. Mas os seus fins de semana com a família no Sul da França eram sagrados. Ela sempre compreendera isso antes. Por que estava criando problemas agora? Na sexta-feira, quando ele partira, ela mal estava falando com ele. Largou a mala no corredor e olhou à sua volta. Ela não estava em casa. Mas já passava das nove horas. Onde diabo estaria? Teria saído? Com quem? Soltou um suspiro longo e cansado enquanto se sentava no sofá. Olhou ao seu redor. Ela não lhe deixara nenhum bilhete. Olhou de novo para o relógio e estendeu a mão para o telefone. Era meio-dia em São Francisco, uma boa hora de dar a Deanna notícias de Pilar. Discou direto e esperou que o telefone tocasse. Há uma semana que não falava com ela. Estivera ocupado demais para ligar, e da única vez em que o fizera, Margaret lhe dissera que Deanna tinha saído.

— Alô? — Deanna atendeu ao telefone, sem fôlego, depois de ter subido as escadas do estúdio. Ben acabara de deixá-la em casa. Tinha prometido vir para casa e escolher 25 dos seus quadros favoritos. Aquilo a manteria ocupada durante dias. — Pronto?

Ainda não recobrava o fôlego e a princípio não reparara no zumbido de um telefone internacional.

— Deanna?

— Marc! — exclamou, fitando o aparelho espantada, como se ele fosse algum fantasma do passado.

— Não precisa ficar tão surpresa. Não faz tanto tempo assim que nos falamos pela última vez.

— Não, não, desculpe. É que... eu estava pensando em outra coisa.

— Algum problema?

— Não, claro que não. Como vai Pilar? — Parecia confusa, aos ouvidos dele, como se estivesse sem saber o que dizer. — Você a tem visto?

— Vi-a hoje. Acabo de chegar de Antibes. Ela está bem. Manda beijos para você. — Era uma mentira, mas que ele repetia com frequência. — E minha mãe também.

Deanna sorriu à última frase.

— Pilar está bem?

De repente, o fato de falar de novo com Marc lembrou-lhe os seus deveres. Com Ben, pensava apenas nele e em si mesma. Pensava nos seus quadros e nas galerias, nas suas noites juntos, nas horas boas que curtiam. Era uma mulher de novo, uma garota. Mas a voz de Marc devolveu-a ao seu papel de mãe. Era como se, por algum tempo, ela se tivesse esquecido.

— Sim, Pilar está bem.

— Ela não comprou a moto, não é?

Fez-se um longo momento de silêncio. Longo demais.

— Deanna...

— Marc, ela comprou? A voz de Deanna aumentou de volume.
— Que diabo, comprou. Eu sei.

— Não é uma motocicleta de verdade, Deanna. É mais uma... —
Buscou as palavras, mas estava cansado, e diacho, onde estava Chantal? Eram 9:45. — Juro, não precisa se preocupar. Ela estará bem. Eu a vi guiando. É extremamente cautelosa. Mamãe não deixaria que ela guiasse se não fosse.

— Sua mãe não vê quando ela está guiando longe de casa. Ela não tem mais controle sobre Pilar do que eu, ou você. Marc, eu lhe disse explicitamente... — As lágrimas começaram a marejar-lhe os olhos. Tinha perdido para eles de novo. Sempre perdia. E desta vez era algo perigoso, que podia... — Que merda, Marc, por que você nunca me escuta?

— Acalme-se. Ela vai ficar bem. O que você tem feito?

Não havia coisa nenhuma que ela pudesse fazer. E sabia disso. O assunto de Pilar e da moto estava encerrado.

— Não muita coisa.

A voz de Deanna era como gelo.

— Liguei uma vez; você não estava em casa.

— Comecei a pintar num estúdio.

— Não pode pintar em casa?

Marc parecia irritado e confuso.

Deanna fechou os olhos.

— Achei um lugar onde é mais fácil para eu trabalhar.

O coração dela disparou, ao pensar em Ben. E se Marc pudesse ler os seus pensamentos? E se soubesse? E se alguém os tivesse visto juntos? E se...

— Com nós dois fora de casa, não compreendo por que não pinta aí mesmo. E que frenesi repentino é este pelo trabalho?

— Que “frenesi”? Estou pintando como sempre.

— Deanna, juro que não estou entendendo.

Mas o tom no qual disse essas palavras subitamente atingiu-a como uma bofetada na cara.

— Gosto do meu trabalho.

Ela o estava espicaçando, e sabia disso.

— Não vejo por que precisa chamá-lo de “trabalho”.

Suspirou ao telefone e olhou para o relógio.

— Chamo-o de trabalho porque é. Vou fazer uma exposição numa galeria no mês que vem.

A voz dela era desafiadora, e sentia o seu coração disparar cada vez mais. Ele não respondeu.

Então:

— Você o quê?

— Vou fazer uma exposição numa galeria.

— Sei. — Havia um tom maldoso de divertimento na voz dele, e por um momento ela o odiou. — Estamos tendo um verão boêmio, não é? Bem, pode ser que lhe faça bem.

— Pode ser que faça.

Filho da mãe... ele nunca compreendeu!

— É necessário provar a sua opinião com uma exposição? Por que não dispensá-la? Pode trabalhar no outro estúdio, e deixar por isso mesmo.

Obrigado, papai.

— A exposição é importante para mim.

— Então, pode esperar. Discutiremos o assunto quando eu voltar.

— Marc... — *Estou apaixonada por outro homem...* — Vou fazer a exposição.

— Ótimo. Mas espere até o outono.

— Para quê? Para você me convencer a desistir quando voltar para casa?

— Não o farei. Conversaremos a respeito, então.

— Isso não pode esperar. Eu já esperei demais.

— Sabe, querida, você é velha demais para acessos de raiva e moça demais para a menopausa. Acho que não está sendo nada razoável.

Teve vontade de bater nele, só que por um momento também sentiu vontade de rir. Era uma conversa ridícula, e ela se deu conta de que se parecia um bocado com Pilar. Riu e sacudiu a cabeça.

— Talvez tenha razão. Escute só: você vença o seu caso em Atenas; eu farei o que for preciso com a minha arte, e nos veremos no outono.

— Este é o seu jeito de dizer que não me meta com o que não é da minha conta?

— Talvez seja. — Sentiu-se subitamente tão corajosa como não se sentia há anos. — Talvez ambos tenhamos que fazer o que é necessário para nós, agora.

Oh, Deus, o que você está fazendo? Está dizendo a ele...

— Bem, de qualquer forma, é necessário que você atenda o seu marido, e o seu marido está necessitando ir para a cama, então por que não deixamos isso de lado durante algum tempo? Falaremos de novo daqui a alguns dias. Está certo? Nesse meio tempo, nada de exposição. *C'est compris? Capisce?* (Compreendeu?)

Teve vontade de ranger os dentes. Ela não era uma criança, e ele era sempre o mesmo. Pilar ganhou a motocicleta, Deanna não ganhou a exposição de pintura, e todos discutiremos o assunto “quando eu tiver tempo”. Do jeito *dele*, sempre do jeito dele. Mas agora chega, pensou.

— Compreendo, Marc, mas não concordo.

— Você não tem escolha. — Não era do feitio dele ser tão óbvio. Deanna se deu conta de que devia estar muito cansado. Ele também deve tê-lo notado. — Deixe para lá — Marc falou. — Desculpe. Conversaremos outra hora.

— Ótimo.

Ficou calada no seu estúdio, esperando, imaginando o que ele diria.

E ele disse:

— *Bonsoir.*

E desligou. Boa noite. E desta feita ela não se dera ao trabalho de dizer-lhe que o amava. “Nada de exposição.” As palavras ecoavam na sua cabeça. Nada de exposição. Soltou um forte suspiro e desabou na sua poltrona. E se o desafiasse? E se fizesse a exposição assim mesmo? Poderia fazer isso com ele? Consigo mesma? Era corajosa o suficiente para seguir em frente e fazer o que queria? Por que não? Ele estava fora. E ela tinha Ben. Mas não era pelo Ben. Era por si mesma. Olhou ao seu redor por um longo momento, sabendo que a sua vida estava de cara para aquelas paredes, escondida em telas que ninguém vira, nem veria, a não ser que ela fizesse o que sabia que tinha que fazer, agora. Marc não podia impedi-la, e Ben não podia fazer com que ela se decidisse. Tinha que fazê-lo, agora. Tinha. Por si mesma.

Enquanto desligava o telefone, Marc olhava de novo para o relógio. Eram quase dez horas, e o telefonema para Deanna não fizera nada para acalmar-lhe os nervos. Merda. Contara a ela sobre a moto, e não pretendia contar. E a sua maldita exposição de pintura. Por que diabo não desistia daquela bobagem? E onde diabo se metera Chantal? O ciúme começava a roer-lhe de novo as entranhas enquanto se servia de um uísque. Quando ouviu a campainha, foi até a porta e abriu-a uma polegada. Era o vizinho do lado, um velhinho, Monsieur Moutier. Ele era um amor, dizia Chantal, e quem cuidava dele eram a filha e uma empregada. No passado também fora advogado, mas agora estava com 80 anos. Tinha uma quedinha por Chantal. Certa vez lhe mandara flores.

— *Oui?* — Marc olhou para ele, indagadoramente, imaginando se o velho estava doente. Caso contrário, por que viria bater na porta deles a essa hora? — Algum problema?

— Eu... não. Eu... *je regrette*. Queria perguntar-lhe a mesma coisa. Como está *mademoiselle*?

— Muito bem, obrigado, exceto que pelo jeito perdeu a hora de vir para casa. — Sorriu para o senhor idoso usando um casaco preto para uso caseiro e chinelas bordadas, sem dúvida feitas pela filha. — Não quer entrar? — convidou Marc, afastando-se para o lado, querendo voltar ao seu uísque. Mas o velho sacudiu a cabeça.

— Não, não... — Olhou com tristeza para Marc. Compreendia bem demais. O homem que estava sempre viajando, que nunca estava lá. Ele também fora assim. Sua mulher morrera, e ele só viera a saber tarde demais. — Ela não perdeu a hora, *monsieur*. Eles a levaram para o hospital ontem à noite.

Fitou Marc, enquanto o choque se registrava na sua fisionomia.

— Chantal? Meu Deus! Onde?

— O Hospital Americano, *monsieur*. Ela estava numa espécie de estado de choque. O motorista da ambulância falou que...

— Ah, meu Deus! — Marc olhou para o senhor idoso, aterrorizado, e depois correu para dentro para pegar o paletó que estava numa cadeira. Voltou instantaneamente e bateu a porta do apartamento, enquanto o velho se afastava para o lado. — Preciso ir.

Ah, meu Deus... Ah, Chantal... Ah, não... Então ela não tinha saído com outro homem. Depois de descer as escadas correndo, o coração martelando dentro do peito, Marc correu para a rua e fez sinal para um táxi.

O táxi parou no Boulevard Victor Hugo 92 em Neuilly, na periferia de Paris. Marc enfiou alguns francos em notas na mão do chofer e entrou correndo no prédio. Já passava, e muito, do horário de visitas, mas ele caminhou resolutamente para o balcão de informações e perguntou por Mademoiselle Chantal Martin. Quarto 401, internada com choque de insulina, condição atual satisfatória. Poderia ir para casa dentro de dois dias. Marc fitou a enfermeira, desolado. Sem discutir mais o assunto, tomou o elevador até o quarto andar. Uma enfermeira sentava-se severamente no seu posto e observou-o quando saltou do elevador.

— *Oui, Monsieur?*

— Mademoiselle Martin. — Tentou parecer autoritário, mas sentiu-se subitamente assustado. Como acontecera, e por quê? Sentiu uma súbita onda de culpa por ter ido para Antibes. — Preciso vê-la.

A enfermeira sacudiu a cabeça.

— Amanhã.

— Ela está dormindo?

— O senhor poderá vê-la amanhã.

— Por favor. Eu... vim desde... — Ia dizer Sul da França... depois teve uma idéia melhor. Abriu a carteira. — Desde São Francisco, nos Estados Unidos. Tomei o primeiro avião logo que soube.

Fez-se uma longa pausa.

— Pois bem. Dois minutos. E depois vai embora. É... o pai dela? Marc apenas sacudiu a cabeça. Era o golpe final.

A enfermeira conduziu-o a um quarto que não ficava longe. Lá dentro, ardia uma luz baixa. Deixou Marc-Edouard à porta. Ele hesitou um momento antes de cruzar o vão da porta.

— Chantal? — A voz dele era um murmúrio, no quarto escuro. Ela estava deitada na cama, parecendo muito pálida e muito jovem. No braço estava espetado um tubo intravenoso, preso a uma garrafa de aspecto sinistro. — Querida... — Ele se aproximou, perguntando-se o que havia feito. Apegara-se a essa moça e lhe dera apenas metade da sua vida. Precisava escondê-la da mãe, da filha, da mulher, até mesmo dele próprio. Que direito tinha de fazer isso com ela? Os olhos dele estavam brilhantes demais, enquanto ficava ao seu lado e segurava-lhe a mão livre, meigamente. — Querida, o que aconteceu?

Um sexto sentido já o avisara de que o choque de insulina não fora acidente. Chantal tinha o tipo de diabete com o qual não se brinca. Mas enquanto tomasse a sua insulina, seguisse uma pequena dieta, dormisse bastante e não engravidasse, estaria bem.

Os olhos dela se fecharam e as lágrimas escorreram por entre os cílios.

— *Je m'excuse*. Desculpe... — E, depois de uma pausa: — Parei de tomar a minha insulina.

— De propósito? — Enquanto a via meneando a cabeça afirmativamente, sentiu como se alguém lhe tivesse dado um soco no coração. — Ah, meu Deus! Chantal, querida... como pôde? — Fitou-a, subitamente horrorizado. E se ela morresse? E se...? Não podia suportar perdê-la, não podia suportar. Subitamente, sentiu o peso integral do que acontecera. Apertou com força a mão livre da moça. — Nunca mais, nunca mais faça isso de novo! — A voz dele se ergueu desesperadamente. — Está me ouvindo? — Ela assentiu

de novo. E então as lágrimas começaram a escorrer pelo rosto dele também, além do dela. Sentou-se ao lado dela. — Eu morreria sem você. Não sabe disso?

Não houve resposta nos olhos dela. Não, ela não sabia. Mas era verdade. Ele próprio estava sabendo, pela primeira vez. Agora, eram duas. Deanna e Chantal. Duas a quem devia uma vida inteira, e era apenas um homem. Não poderia viver consigo mesmo se tirasse Deanna da sua vida. E não podia viver sem Chantal. O peso da percepção atingiu-o como se fosse um machado. Viu que ela o observava. Ele estava pálido. — Eu a amo, Chantal. Por favor, por favor, nunca faça uma coisa dessas de novo. Prometa!

Apertou com mais força a mão delicada.

— Prometo.

Foi um sussurro na súbita eletricidade do quarto. Lutando contra os soluços que lhe subiam pelo peito, Marc-Edouard tomou-a carinhosamente nos braços.

Quando o dia acabou, Deanna tinha escolhido 11 quadros. Ia ser trabalhoso escolher o resto. Separou os 11 e depois voltou para a parte principal da casa. Ainda estava pensando na sua conversa com Marc. Perguntava-se se o teria desafiado quanto à exposição, se ele não tivesse deixado Pilar comprar o moto. Era estranho como essas coisas funcionavam. O casamento deles estava cheio de vinganças mesquinhas. Subiu a escada até o seu quarto e espiou para dentro do armário. Do que precisaria? Outro roupão de banho, *jeans*, a saia de camurça cor de champanha que, tinha certeza, agradaria a Ben. O que estava fazendo ali, no quarto de dormir de Marc, planejando a sua vida com outro homem? Estava na menopausa, ou sendo infantil, como ele sugerira, ou simplesmente maluca? O telefone tocou enquanto ela olhava para dentro do armário conjecturando. Nem se sentia mais culpada, exceto quando

estava falando com Marc. O resto do tempo sentia como se o seu lugar fosse ao lado de Ben. O telefone tocou e tocou. Não havia ninguém com quem tivesse vontade de falar. Sentia-se como se já tivesse se mudado. Porém, relutante, atendeu.

— Alô?

— Posso ir buscá-la? Está pronta para vir para casa?

Era Ben. E eram apenas quatro e meia.

— Tão cedo?

Sorriu ao telefone.

— Quer mais tempo para trabalhar?

Como se o trabalho dela tivesse importância, como se ele compreendesse.

Mas ela sacudiu a cabeça.

— Não. Acabei por hoje. Escolhi 11. Para a exposição.

A voz dela era forte, e ele sorriu.

— Estou tão orgulhoso de você que mal me agüento. Falei hoje a Sally sobre a exposição. Vamos publicar um belo anúncio.

Ah, Jesus, um anúncio, não. E quanto a Kim? Sentia como se estivesse com falta de ar quando falou de novo.

— Tem que ter anúncio?

— Deixe-me cuidar do meu negócio, e você cuida do seu. Por falar nisso...

Começou a sussurrar coisas ao telefone, e Deanna enrubesceu.

— Pare com isso!

— Por quê?

— Por que você está no seu escritório, e eu... estou aqui.

— Bem, se é só isso o que a está impedindo, vamos ambos dar o fora desses lugares repressivos. Eu a apanho em dez minutos. Está pronta?

— Desesperadamente.

Não podia esperar para sair da casa. Cada momento que passava nela era opressivo.

— Desesperada o bastante para ir até Carmel?

— Adoraria. — E depois: — Mas, e quanto a sua governanta?

— A Sra. Meacham? Estará de folga. — Era desagradável estar se escondendo daquele jeito, mas ele sabia que Deanna achava que não tinha escolha. Ainda não estava livre. — De qualquer maneira, não se incomode com a Sra. Meacham. Apanho você daqui a dez minutos. E, a propósito, Deanna — fez uma pausa enquanto ela esperava, imaginando o que ele diria; parecia muito solene. Então sua voz ficou baixa de novo, e ela quase podia vê-lo sorrir. — Eu a amo.

Ela sorriu, toda feliz, e fechou os olhos.

— Eu também.

O fim de semana em Carmel foi uma delícia. O Quatro de Julho. Passaram os três dias andando pela praia, deitados ao sol, procurando conchas, juntando pedaços de madeira lançados à praia, e, uma ou duas vezes, enfrentando o oceano ainda gélido para um rápido banho de mar.

Ela sorria consigo mesma enquanto ele se deitava ao seu lado na manta, tremendo de frio da água do mar. Ela estivera se torrando ao sol, aumentando o bronzeado cor de mel.

— Do que está sorrindo, bela adormecida?

O corpo dele era fresco e úmido ao lado do dela, e a sua pele estava deliciosa quando ela se virou e correu os dedos pelo seu braço.

— Eu estava pensando que isto parece uma lua-de-mel. Ou um casamento muito bom.

— Não posso saber. Não tive nem uma coisa nem outra.

— Não teve lua-de-mel?

— Não de verdade. Nós a passamos em Nova York. Ela era atriz, e estava trabalhando numa peça *off*-Broadway, portanto passamos a noite no Plaza em Nova York. Quando a peça saiu de cartaz, fomos para Nova Inglaterra.

— A peça ficou muito tempo em cartaz?

Parecia cheia de admiração, os olhos grandes e verdes e inocentes. Ben sorriu.

— Três dias. — Ambos acharam graça, e Ben mudou de posição, para poder olhar para Deanna. — Você era feliz com Marc, antes de eu aparecer?

— Pensava que era. Às vezes. Às vezes me sentia terrivelmente sozinha. Não temos um relacionamento deste tipo. De um certo modo, não somos realmente amigos. Nós nos amamos, mas... é muito diferente. — Lembrou-se da última conversa deles, quando Marc mandara que ela não expusesse o seu trabalho. Ele ainda era a voz da autoridade. — Ele não me respeita como você... meu trabalho, meu tempo, minhas idéias. Mas precisa de mim. Gosta de mim. À sua moda, ele me ama.

— E você o ama?

Os olhos dele perscrutaram-lhe o rosto. Ela não respondeu imediatamente.

— Pensei que não íamos falar nessas coisas. Este é o *nosso* verão.

A voz dela continha reprovação.

— Mas também é a *nossa* vida. Existem algumas coisas que preciso saber.

Estava estranhamente sério.

— Você já as sabe, Ben.

— O que está dizendo?

— Que ele é meu marido.

— E que você não o deixará?

— Não sei. Precisa perguntar isto agora? — Os olhos dela estavam cheios de tristeza outonal. — Não podemos apenas ter o que sabemos que podemos ter, e depois...

— E depois, o quê?

— Ainda não sei, Ben.

— E prometi que não perguntaria. Mas estou achando cada vez mais difícil.

— Acredite se quiser, eu também. Minha mente se dirige para o fim do verão, e fico me fazendo perguntas que não posso responder. Fico torcendo por um sinal de Deus, um milagre, alguma coisa que tire as respostas das nossas mãos.

— Eu também. — Sorriu para ela e se inclinou para beijar-lhe os lábios repetidas vezes. — Eu também.

— Ben?

Sorriu consigo mesmo ao ouvir a voz de Deanna, vinda do quarto anexo. Era tarde da noite de domingo, e eles tinham acabado de voltar de mais um fim de semana em Carmel.

— O que é? Precisa de ajuda?

Só o que escutou foi um grito e uma gargalhada abafada. Ela estava lá dentro há mais de uma hora. Ele saiu da cama e foi ver o que estava se passando. Quando abriu a porta do quarto extra, no qual costumava trabalhar, ela estava cambaleando e tentando segurar uma pilha de telas tenuemente empilhadas que haviam começado a deslizar de cima de uma montanha de caixas encostadas à parede.

— Socorro! É uma avalanche. — Olhou para ele, um pequeno pincel preso entre os dentes, os dois braços estendidos, tentando impedir que a pilha de quadros desabasse no chão. — Vim aqui assinar alguns que notei que tinha esquecido de assinar e...

Ela empurrou as telas para o lado enquanto ele as retirava dos seus braços. Então, as mãos ainda cheias da montanha de trabalhos dela, ele se inclinou para beijar-lhe a ponta do nariz.

— Tire o pincel da boca.

— O quê?

Olhou para ele com uma expressão de prazer distraído. Ainda estava pensando em dois quadros que sabia que tinha que assinar.

— Eu falei... — largou com cuidado os quadros e pegou o pincel com uma das mãos — tire esta coisa da boca.

— Por quê? Assim fico com as mãos livres para procurar...

Mas ele a silenciou quase imediatamente com um beijo.

— Eis por que, sua boboca. Como é, vem para a cama?

Puxou-a para perto de si, e ela se aninhou nele com um sorriso.

— Daqui a um minuto. Posso terminar isto?

— Não vejo por que não. — Sentou-se na velha cadeira confortável à escrivaninha e ficou vendo enquanto ela remexia na pilha de novo, procurando telas sem assinatura. — Está tão entusiasmada quanto eu, madame, com a exposição?

Faltavam apenas quatro dias. Quinta-feira. Ele ia finalmente lançá-la no mundo da arte. Há anos que já devia estar expondo. Olhou para Deanna com orgulho e prazer, quando ela enfiou o cabo do pincel nos cabelos para deixar as mãos livres de novo. Havia um imenso sorriso no rosto dela. Não apenas brincava com a sua boca, mas dançava nos seus olhos.

— Entusiasmada? Está brincando? Estou meio maluca. Há dias que não durmo.

Ela desconfiava que fosse verdade. Todas as noites, quando iam para a cama, olhava sonolento nos olhos dela, depois de terem passado horas fazendo amor, e a última coisa de que se lembrava era sempre aquele sorriso. E, subitamente, agora estava muito desperta pela manhã. Levantava da cama e ia preparar o café, depois desaparecia no quarto extra onde colocara todo o seu trabalho. Tinha trazido os seus tesouros para ele, para guardar até a exposição. Nem os queria na galeria até a véspera da inauguração.

Agora, terminou de assinar o último e se virou para ele com um amplo sorriso.

— Não sei se vou agüentar até quinta à noite.

— Vai, sim.

Ele resplandecia enquanto olhava para ela. Que linda mulher ela era. Parecia ainda mais bonita, ultimamente, o rosto tinha uma beleza suave e luminosa, e os olhos uma espécie de fogo apaixonado. Havia ternura e ardor nela, a um só tempo, como uma chama de veludo. E o tempo que passavam juntos tinha magia, como ele jamais conhecera antes. O pequeno chalé em Carmel quase cantarolava com a sua presença, enchendo os quartos de flores, trazendo grandes pedaços de madeira da beira da areia, nos quais se encostavam enquanto tostavam os pés perto da fogueira armada na duna “deles”, em frente à casa. Ela enchia os sonhos e os braços e os dias dele. Já não podia imaginar uma vida sem ela.

— No que está pensando?

Inclinou a cabeça para o lado e se apoiou na pilha de quadros.

— Em quanto a amo.

— Ah. — Ela sorriu, e seus olhos ficaram meigos, enquanto fitavam os dele. — Eu penso nisso um bocado.

— No quanto a amo?

Sorriu, e ela também.

— É. E no quanto o amo. O que eu fazia na vida antes de você aparecer?

— Vivia excessivamente bem e nunca fazia o próprio café da manhã.

— Parece horrível.

Caminhou para junto dele, que a puxou para o colo.

— Isso é só porque você está entusiasmada com a exposição e não consegue dormir. Espere mais um mês ou dois... — Parou, dolorosamente; estava prestes a dizer “um ano”, mas não contavam com um ano. Apenas mais umas cinco ou seis semanas. — Vai ficar cansada de fazer o café. Você vai ver.

Ela queria ver. Queria ver pela vida toda, não um mês.

— Nunca me cansarei disso. — Enterrou o rosto no peito dele, sentindo-se aquecida e protegida, feito uma criança. Estavam

ambos queimados do seu fim de semana em Carmel, e os pés dela ainda estavam cheios de areia, enquanto roçavam o chão. — Sabe o que penso?

— O quê?

Fechou os olhos e sentiu o aroma fresco dos cabelos dela.

— Que temos muita sorte. O que mais podíamos ter?

Um futuro, mas não disse. Abriu os olhos e olhou para ela sentada no seu colo.

— Não tem vontade de ter outro filho?

— Na minha idade? — Estava espantada. — Santo Deus, Pilar está com quase 16 anos.

— E o que isso tem a ver? E como assim, “na sua idade”? Muitas mulheres têm filhos na casa dos 30 anos.

— Mas eu estou com 37. É uma loucura.

Ela sacudiu a cabeça. Deanna estava meio atônita.

— Não é velho demais para um homem, por que o seria para uma mulher?

— Há uma grande diferença, meu querido, e você está sabendo.

— Não, não estou. Adoraria ter o nosso filho. Até dois. E não acho que você seja muito velha.

Um bebê? Agora? Olhou para ele, atônita, mas ele falava a sério. Ainda a estava abraçando.

— Está falando a sério?

— Estou. — Por um longo momento observou os olhos dela, e não teve muita certeza do que via. Confusão, assombro, e também tristeza e dor. — Ou será que não pode mais ter filhos, Deanna?

Nunca perguntara isto antes. Não havia por quê. Ela sacudiu a cabeça.

— Não, não há motivo para eu não ter, mas... não creio que pudesse passar por tudo aquilo de novo. Pilar foi um presente, depois dos dois meninos. Não creio que quisesse repetir tudo aquilo.

— Os médicos sabem por que aquelas coisas aconteceram?

— Simples fatalidade, disseram. Duas tragédias inexplicáveis. As probabilidades de acontecer aquilo duas vezes numa família são mínimas... mas aconteceu.

— Então não aconteceria de novo.

Ele parecia resoluto e Deanna se afastou.

— Está tentando me convencer a ter um bebê?

Os olhos dela estavam dilatados, o rosto imóvel.

— Não sei. Pode ser. É o que parece, não é? — Sorriu e baixou a cabeça. Depois, ergueu os olhos. — O que você acha que eu estava fazendo?

Ela assentiu, subitamente muito séria.

— Não o faça.

— Por quê?

— Sou velha demais.

E já tenho uma filha. E um marido.

— Este é o único motivo que categoricamente não aceito! É bobagem!

Parecia quase zangado, agora, e ela se perguntava por quê. O que importava se ela tinha ou não idade para ter filhos?

— Sou, sim. Estou com quase 40 anos. E até isto é uma loucura. Sinto-me como uma garota de novo, estou agindo como se tivesse 17, não 37 anos.

— E o que há de errado nisso?

Olhou-a nos olhos, e ela se rendeu.

— Absolutamente nada. Estou adorando.

— Ótimo. Então, venha para a cama.

Tomou-a nos braços e depositou-a no quarto ao lado, na cama grande e confortável. O edredom estava amassado onde eles se haviam deitado ao voltar de Carmel e havia apenas uma pequena lâmpada acesa no quarto. As cores suaves pareciam cálidas e bonitas, e o grande vaso de margaridas que ela colhera na sexta à

tarde no terraço dava ao quarto um toque campestre. Ela fazia algo especial com a casa dele, dava-lhe um sabor pelo qual ele ansiava há anos. Nunca soubera direito o que estava faltando, mas agora que a tinha, sabia. O que estivera faltando era Deanna, com seus olhos verdes e cabelos escuros e sedosos, as pernas nuas aparecendo por entre as cobertas na sua cama, ou sentada de pernas cruzadas com seus blocos de desenho no seu terraço, cercada de flores. Deanna, com a sua pilha de quadros e os pincéis enfiados em todas as xícaras de café dele, com as camisas que ela “tomava emprestado” e respingava de tinta, e com os inúmeros gestos cheios de consideração — as gravatas que limpava, os ternos que guardava, os presentinhos que comprava, os livros que trazia para ele, que sabia que ele gostaria, os risos e as caçoadas e os olhos meigos que sempre compreendiam. Entrara na vida dele como um sonho. E ele não queria acordar nunca mais. Não sem Deanna ao seu lado.

— Ben?

A sua voz era muito fraca, no escuro ao seu lado.

— O que é, amor?

— E se as críticas forem ruins?

Parecia uma criança assustada, e ele teve vontade de rir, mas não riu. Sabia como o medo dela era grande.

— Não serão. — Abraçou-a de novo, por baixo do edredom. Este tinha sido presente da mulher de um artista para a sua mãe, há anos, em Nova York. — As críticas serão maravilhosas, prometo.

— Como é que você sabe?

— Sei porque você é muito, muito boa. — Beijou-lhe o pescoço e tremeu ao contato da sua carne nua contra as pernas. — E porque eu a amo tanto.

— Você é um bobo.

— Como disse? — olhou para ela, sorrindo. — Digo que a amo e você me chama de bobo. Escute aqui, sua...

Puxou-a mais para junto de si e cobriu-lhe a boca com a sua, enquanto desapareciam em uníssono sob o edredom.

Ela acordou às seis da manhã seguinte e desapareceu instantaneamente no quarto extra. Lembrara-se de um quadro que não devia estar ali. Depois, lembrou-se de outro que provavelmente não estava na moldura certa. Depois do café, lembrou-se de mais dois sem assinatura, e assim continuou a coisa pelos quatro dias restantes. Estava num frenesi de nervosismo por causa da exposição. E o tempo todo Ben sorria e amava e adulava. Levou-a para jantar, arrastou-a a um cinema, fez com que ela lhe fizesse companhia na praia; forçava-a a ir nadar, mantinha-a acordada até tarde fazendo amor. Na quinta-feira, levou-a para almoçar.

— Não quero escutar — falou, levantando a mão.

— Mas, Ben, e se...

— Não. Nem uma palavra sobre a exposição até amanhã.

— Mas...

— Não! — Levou o dedo aos lábios dela, que o empurrou para o lado com nova explosão de preocupação. Mas ele apenas riu. — Que tal está o vinho?

— Que vinho?

Olhou à sua volta, distraída, e ele apontou para o copo.

— O vinho que você não está tomando. Que tal está?

— Não sei, e o que quero lhe perguntar é...

Ele enfiou dois dedos nos ouvidos e ela começou a rir dele.

— Ben! Pare com isso!

— O quê?

Sorria contente para ela, do outro lado da mesa. Ela estava rindo.

— Preste atenção! Quero lhe perguntar uma coisa sobre hoje à noite!

Ele começou a cantarolar suavemente, os dedos ainda nos ouvidos. Deanna não conseguia parar de rir.

— Você é horrível, e eu o odeio!

— Não odeia, não. Mal pode manter as mãos longe de mim, e está querendo me arrastar com você para poder me atacar. Certo?

— Bem, já que você tocou no assunto...

Ela sorriu e tomou um gole do seu vinho e eles passaram o almoço brincando. Ele tirara a tarde de folga. Os quadros estavam todos pendurados, à perfeição, para a exposição de Deanna. Sally estava no controle na galeria, e ele achou que seria uma boa idéia ficar com Deanna antes que ela mudasse de idéia ou desmontasse tudo. E tinha uma surpresa para ela, à tarde. Olhou para o relógio enquanto voltavam para o carro, depois do almoço.

— Deanna, importa-se se eu der uma parada no Saks?

— Agora? — Parecia surpresa. — Não, tudo bem.

— Não vou demorar. — Estacionou diante da loja, com um sorriso absorto. — Quer entrar?

— Não, eu espero.

— Tem certeza?

Não insistiu; mas sabia que ela não queria ficar sozinha, nem por pouco tempo.

— Está certo. Eu vou. — Fora fácil convencê-la, e ele entrou satisfeito com ela na loja. — O que você tem que fazer?

Falou com absoluta autoconfiança e completa descontração.

— Apanhar um vestido.

— Um vestido?

— Para Sally. Ela falou que não ia ter tempo. Assim, falei que o apanharia e o levaria para a galeria hoje à noite, a tempo para ela mudar de roupa. A propósito, o que você vai vestir?

Ela andara tão ocupada com as assinaturas e as molduras que ele nem tinha muita certeza se tinha pensado no assunto.

— Não sei. Pensei em usar o meu vestido preto.

Tinha trazido dois ou três vestidos de noite da casa dela. Estavam pendurados no armário dele, juntamente com os *jeans*, as camisas manchadas de tinta, vários pares de calças de gabardine e meia dúzia de suéteres de *cashmere* de gola rulê. Ben gostava de ver as roupas dela penduradas ao lado das dele.

— Por que não usa o vestido verde?

— Toalete demais. — Estava a dez mil quilômetros de distância, quando falou: — Escute, sabe quais os críticos que virão?

Olhou-o nos olhos.

— Não acho que seja toalete demais.

Parecia divertido.

— Ouviu o que eu perguntei?

A voz dela começava a ficar aflita.

— Não. E quanto ao vestido verde?

— Dane-se o vestido verde, quero perguntar-lhe... — Beijou-a com força na boca e deixou-a sem fôlego enquanto saltavam do elevador no segundo andar. — Ben! — Mas não havia ninguém por perto para ver o que ele tinha feito. — Quer prestar atenção?

— Não. — Ele já estava cumprimentando a vendedora. Esta trouxe o vestido. — Perfeito. — Sorriu para ela de novo e olhou para Deanna. — O que você acha?

— Hã? — Ela estava nas nuvens, mas subitamente o vestido chamou a sua atenção. Era de lã azul-urze, quase cor de malva, com gola alta, mangas compridas e sem costas. E tinha um casaco muito bem talhado para combinar. — Que bonito. É o vestido de Sally? — Deu um passo à frente e tocou na lãzinha fina. Era tecido francês e desenho também francês e devia ter custado uma fortuna. — Que beleza! — A vendedora e Ben sorriram com os olhos, um para o outro. — Talvez eu deva usar o vestido verde, afinal de contas.

— Não acho. Por que não usa este?

Tinha um ar de inocência que deixou Deanna totalmente confusa.

— Usar o vestido de Sally? Não seja bobo!

— Você podia emprestar-lhe o seu verde.

— Querido, eu o amo, mas acho que você é maluco.

Sorriu para a vendedora e começou a se afastar, mas Ben tomou-a meigamente pelo braço e sussurrou ao seu ouvido:

— Também acho que você é maluquinha, mas agora vá experimentar o seu vestido novo.

Olhou para ele, atônita.

— Está brincando? — Ele sacudiu a cabeça. — É para mim?

Ele assentiu, com um sorriso satisfeito.

— Gostou?

— Eu... ah, Ben, não posso. É deslumbrante! — Virou-se para olhar para ele de novo, de olhos arregalados. Era fabuloso, mas provavelmente também muitíssimo caro. E Ben tinha feito isso por ela? O homem que dirigia um carrinho alemão anônimo e preferia comer espaguete a caviar? O homem que se orgulhava de não ter empregada, apenas uma faxineira que vinha uma ou duas vezes por semana, quando seu avô vivera cercado por um exército de criados, e o pai se aposentara e fora morar num *palazzo* perto de Roma? Esse homem comprara-lhe esse vestido? Era o tipo de vestido que hesitaria até em fazer Marc pagar.

— Santo Deus!

— Cale a boca e vá experimentá-lo. Quero ver!

Ela foi, e ele viu. Era perfeito. O corte, o estilo, a cor. Parecia uma rainha, vindo na direção dele, o casaco dobrado no braço. O seu bronzeado realçava o azul-urze, e as costas nuas e os ombros ficavam perfeitamente esculpidos no vestido.

— O que vai usar com ele?

— Brincos de brilhantes e sandálias de seda preta. E o cabelo preso.

— Ah, Deus, não agüento.

Ele sorriu com tanto prazer que até a vendedora achou graça.

Quando ela o vestiu, à noite, Ben estava sentado na cama. Sorriram um para o outro, e ele abotoou o que havia para abotoar nas costas. Ela botou os brincos de brilhantes nas orelhas e penteou o cabelo bem para o alto da cabeça. Estava perfeita, e por um momento ele ficou sem fôlego. Depois, com um sorriso, ele tirou suavemente os brincos das suas orelhas.

— O que está fazendo?

— Tirando os seus brincos.

Ela parecia intrigada.

— Por quê? Não gosta deles? — Quem sabe era porque tinham sido um presente de Marc. — Não tenho aqui nenhum outro que sirva.

— Não se incomode. — Tirou do bolso um saquinho azul de seda. Abriu-o e tirou de dentro duas pérolas grandes e muito lindas. Havia um pequeno brilhante sob cada pérola, e os brincos pareciam muito antigos e finos. — Quero que use estes.

— Ah, Ben. — Deanna olhou para os brincos, espantada, depois ergueu os olhos para ele. — O que você fez?

O vestido, os brincos, a exposição. Ele lhe estava dando tanto. Tudo...

— Os brincos eram da minha avó. Quero que fique com eles, Deanna. Esta é uma noite muito especial. — Os olhos dela estavam cheios de lágrimas quando ergueu os olhos para ele de novo. Carinhosamente, tomou o seu rosto entre as mãos. — Quero que esta seja a noite mais linda da sua vida. É o começo da sua vida no mundo da arte, Deanna. E quero que todos saibam o quanto você é boa.

Havia mais amor transbordando dos olhos dele do que ela jamais vira, e o seu coração tremia enquanto o abraçava.

— Você é tão bom para mim.

— Somos bons um para o outro, e este é um dom muito especial.

— Não posso ficar com os brincos.

Não podia. A não ser que ficasse com Ben. Mas, dali a um mês teria de voltar para Marc.

— Sim, pode ficar com os brincos. Quero que fique com eles, não importa o quê.

Ele compreendia. Sempre compreendia. E aquilo tornava as coisas piores. As lágrimas começaram a escorrer tristemente pelo rosto dela, e os soluços começaram a sacudir-lhe os ombros.

— Não, querida.

— Ah, Ben... não posso deixar você.

— Não precisa. Ainda não. Vamos aproveitar o que temos.

Ben não parecia assim tão resignado desde o começo, e ela se perguntava se ele finalmente aceitava o que teria que ser.

— Eu o amo.

A voz dela era tensa, enquanto se agarrava a ele, que fechou os olhos.

— Eu a amo também. Agora, que tal irmos a esse seu *vernissage*?

Afastou-a de si para olhar para ela, que assentiu. Meigamente, pegou um dos brincos e prendeu-o na orelha dela. Depois de ter parado para dar-lhe um beijo na boca, prendeu o outro.

— Você está belíssima. E estou tão orgulhoso que o *vernissage* seja seu.

— Fico pensando que vou acordar, e que tudo terá sido um sonho. Vou acordar na praia em Carmel, sentindo-me como Rip Van Winkle, e Kim ainda estará à minha espera no hotel. Mas, cada vez que me sinto assim, olho à minha volta, e você é real.

Olhou para Ben, encantada e espantada, e ele riu.

— Realíssimo. — Riu de novo enquanto enfiava a mão dentro do vestido dela. — E gostaria muito de prová-lo para você, minha querida. Mas infelizmente não temos tempo. — Estendeu-lhe o braço com uma pequena reverência. — Vamos?

Ela tomou-lhe o braço.

— Mas, é claro.

— Está pronta?

Tinham acabado de parar diante da galeria.

— Ah Deus, não!

Estendeu os braços para ele, de olhos arregalados, mas ele a abraçou por apenas um instante, depois levou-a para dentro. Havia um fotógrafo à espera, e um número considerável de convidados. Os críticos de arte estavam presentes em peso, e ela viu até mesmo Kim, começando um relacionamento animado com um representante da imprensa. Sally estava por perto, embasbacada com o lindo vestido azul-urze.

No seu todo, a noite foi um sucesso. A galeria vendeu sete quadros. Por um momento, sentiu como se estivesse se separando de velhos amigos. Não queria se desfazer dos seus quadros, mas Ben caçoou dela enquanto a apresentava aos admiradores do seu trabalho. Ben era maravilhoso com ela: estava sempre por perto, mas nunca perto demais, dava-lhe apoio, mas não ostensivamente. Era Benjamin Thompson III, um excelente dono de galeria. Ninguém se teria dado conta do caso deles. Era tão discreto quanto o fora naquela primeira manhã, com Kim, e Deanna soube que não tinha nada a temer. Por um momento, naquele dia, tivera medo do que Marc pudesse ouvir. Nunca se sabia quem comparecia a esses *vernissages*, quem veria alguma coisa, ou o que adivinhariam. Mas ninguém adivinhou nada naquela noite, nem mesmo Kim, que

mandara um imenso buquê de flores para a casa dela. Ela se sentia pessoalmente responsável pela ligação entre Deanna e Ben... de um ponto de vista profissional, é claro, já que não tinha ciência de outro qualquer. Perguntava-se, contudo, se Deanna tinha contado a Marc sobre a exposição. Mais para o fim da noite, Deanna contou a Kim que tinha.

— E o que ele falou?

— Não muita coisa. Mas não ficou satisfeito.

— Vai superar a coisa.

— Suponho que sim.

Mas Deanna não se estendeu no assunto. Não contou a Kim que Marc a proibira de fazer a exposição e no final desligara o telefone na sua cara. Dissera-lhe que era vulgar e exibicionista, mas pela primeira vez no casamento deles ela fizera pé firme. Era importante demais para ela ceder, desta vez. *Ele* não cedera aos desejos dela sobre Pilar e a moto. Por que deveria ceder quanto a sua arte?

— Puxa, mas por que esta cara franzida, querida?

Ben falou baixinho, para que ninguém mais ouvisse, e Deanna voltou ao presente.

— Por nada. Desculpe. Eu... é que... tanta coisa aconteceu.

— E aconteceu mesmo. Sally acaba de vender mais dois quadros seus. — Parecia feliz como um garotinho, e Deanna teve vontade de envolvê-lo num abraço. Em vez disso, apenas acariciou-o com os olhos. — Posso convidá-la para um jantar comemorativo?

— Só se for *pizza*.

Sorriu para ele, conhecendo as suas preferências.

— Não desta vez, madame. É pra valer.

— Hambúrgueres?

— Vá à merda.

Sem maiores cerimônias, envolveu-lhe os ombros com o braço e beijou-a na face.

Não era um gesto impróprio para um dono de galeria, na noite do primeiro sucesso de uma artista, mas enquanto Kim os observava, pegou-se subitamente imaginando se havia algo mais. Deanna acabara de murmurar qualquer coisa ao ouvido de Ben, em resposta à qual Kim ouvira-o dizer, com um sorriso meigo:

— Que bom que você gosta deles.

Deanna tocara as pérolas nas orelhas e se afastara, satisfeita. Enquanto Kim observava, desconfiou pela primeira vez.

— OK. Estou pronta. Diga-me a verdade.

Deanna estava sentada na cama no quarto amarelo, de olhos fechados, mãos cerradas, um travesseiro em cima da cabeça.

— Você parece que está esperando um terremoto. — Ben olhou para ela e riu. Estava encarapitado na cama ao lado dela, o jornal na mão. — O que quer que leia para você, querida? As cotações da bolsa? As histórias em quadrinhos? Ah, já sei!

— Quer ler para mim de uma vez? Não agüento nem mais um minuto.

Rangeu os dentes, e ele riu de novo, virando as páginas para encontrar a crítica da exposição dela. Mas já sabia o que ia ler. Estava no ramo há tempo demais para ficar muito surpreso. Geralmente sabia o que estava por vir. E enquanto passava os olhos pelo artigo, viu que acertara de novo.

— Como é, está pronta?

— Benjamin! Leia de uma vez!

Falou por entre dentes cerrados, e parecia aterrorizada, enquanto ele começava a ler.

— ...um estilo luminoso, delicado, que revela não apenas anos de estudo e devoção à sua arte, mas o tipo de talento que raramente vemos...

A voz dele continuava enquanto ela arregalava os olhos e tirava o travesseiro de cima da cabeça.

— Você está inventando!

Tentou agarrar o jornal. Ele o manteve fora do seu alcance e continuou lendo, até chegar ao fim do artigo.

— Não acredito. — Parecia em estado de choque. — Não pode ser.

— Por que não? Você é boa. Eu lhe disse. Eu sei, eles sabem, exceto você, sua boba, pateta, humilde...

Esticara a mão e estava lhe fazendo cócegas.

— Pare com isso! Sou famosa! Você não pode me fazer cócegas agora! — Mas ela estava rindo demais para conseguir impedi-lo. — Pare com isso! Sou uma estrela!

— Ah, é? E quem fez de você uma estrela? Quem lhe disse que tinha que fazer uma exposição? Quem lhe suplicou? Quem queria expor o seu trabalho, desde a primeira vez que o viu? Hein? Diga, diga.

Agora os dois riam, e ela estava embolada nos braços dele, a camisola de seda rosa-clara subindo até a cintura. Ben parou por um momento e olhou para ela, deitada nos seus braços. Nunca parecera tão delicada, e ele queria segurá-la daquele jeito para sempre. Queria fazer o tempo parar.

— O que foi, querido? — Tinha notado a expressão nos olhos dele, e o observava desconfiada. — Algum problema?

— Pelo contrário. Você é incrivelmente bonita.

— E inteiramente sua.

Deslizou o corpo para cima do dele e sorriu-lhe feliz antes de pousar a boca na dele para um beijo longo e carinhoso. Em menos de um minuto a camisola de seda rosa estava largada no chão. Já era meio-dia quando saíram da cama. Deanna bocejou, sonolenta, parada à porta do terraço, ainda nua, os cabelos caindo pelas costas como ondas de ébano. Ele a fitava da cama, desejando que ela ficasse ali para sempre.

— Sabe, acho que você está destruindo a minha carreira.

Não desviou os olhos dela enquanto se virava de novo para ele. Parecia tão frágil e tão jovem. A sua aparência desmentia a fortaleza que ele sabia haver dentro dela. Havia uma certa dose de aço nela, caso contrário não teria sobrevivido à solidão dos seus anos com Marc.

— Por que estou destruindo a sua carreira? Pensei que ia fazer você ganhar uma fortuna com os meus quadros brilhantes.

Olhou imperiosamente por cima do ombro.

— E ganharia, se eu estivesse indo ao escritório. Foi uma boa coisa eu ter dito a Sally que não me esperasse hoje. Sabe que nunca fiz uma coisa dessas na vida? — Mas não parecia aborrecido com o seu novo estilo de vida enquanto se enrolava numa toalha, jogava para Deanna o roupão, e ia com ela para o terraço, onde se sentaram confortavelmente nas duas cadeiras verdes de lona. — Você me deixa preguiçoso e feliz, aceso e jovem.

— O que é precisamente como você me deixa. — Debruçou-se para ele, e se beijaram. — Sinto-me com uns 21 anos. Talvez vinte e dois.

— Ótimo. Então vamos nos casar e ter 12 filhos.

Ela lançou-lhe um olhar de novo e por um momento chegou a pensar que falava a sério.

— Isso certamente nos daria novos problemas com que nos preocupar, não é? — Tentou manter o tom de voz brincalhão. Não queria falar com ele sobre aquele assunto de novo. Não podia. Não era direito. Em vez disso, perguntou: — O que vamos fazer neste fim de semana?

Ergueu o rosto para o sol e fechou os olhos, satisfeita. Era uma delícia estar com Ben, viver com ele, ir para Carmel e ficar na cidade, acordar de manhã e pegar no sono à noite ao lado dele. Sentia como se estivessem juntos há 100 anos, não apenas sete semanas. Já fazia tudo isso? A vida deles se fundira assim tão

depressa? Era notável o quanto tinha acontecido, e com que rapidez.

— Quer ir para Carmel, ou está cansada de lá?

— Jamais me cansarei de lá. É o lugar mais perfeito, mais tranqüilo para se estar.

— Que bom. — Tomou-lhe a mão. — É assim que também me sinto. Mas fico achando que você poderia querer fazer algo mais exótico.

— Como o quê?

Achou a idéia divertida. Atenas? Forçou os pensamentos a se afastarem de Marc.

— Não sei. Podíamos ir para Beverly Hills. Há semanas que não vou até lá. — Geralmente passava apenas o dia lá e voltava para o jantar. — Ou um dia desses podíamos ir até mesmo a Nova York. — Ele nunca se afastava muito do seu trabalho: outras galerias, outros *marchands*, leilões, artistas. Ao seu modo, a sua paixão pela profissão não diferia muito da de Marc. As diferenças eram que ele a incluía, e que era uma paixão da qual ela compartilhava. — De qualquer modo, minha querida, qual é a sua escolha para este fim de semana?

— Já lhe disse. Carmel.

Abriu os olhos com um sorriso cálido, feliz.

— Então, que seja Carmel.

— E isso me lembra... — Recostou a cabeça, franzindo a testa. — Preciso apanhar algumas coisas lá em casa.

Há dias que não ia em casa. De quando em vez imaginava o que Margaret devia estar pensando. Tinha explicado que estava trabalhando no estúdio de uma amiga, e que era mais fácil dormir lá a maior parte do tempo. Mas as suas paradas matutinas ocasionais em casa para desmanchar a roupa de cama, quando Margaret tinha a noite de folga, não teriam enganado a ninguém, muito menos a mulher que trabalhava para ela há anos. Mas o que podia dizer?

Estou apaixonada por outro homem? Assim, simplesmente ficava calada e evitava os olhos azuis e astutos da mulher idosa.

Eram duas da tarde quando Ben a deixou a uma quadra de casa. Queria dar uma olhada na correspondência e assinar alguns cheques. Tinha que pagar a Margaret e deixar-lhe dinheiro para a comida, não que ela própria ainda comesse em casa. O seu coração e seu estômago moravam em outra parte. Nem sequer trabalhava mais no seu estúdio. Pintava todos os seus quadros na casa de Ben, inclusive aquele no qual estava trabalhando em segredo, sempre que ele não estava em casa.

Deanna entrou na casa e chamou para ver se havia alguém ali. Mas Margaret não estava. E por que estaria? Deanna nunca estava e havia pouca coisa a fazer. Havia a pilha costumeira de contas e convites desinteressantes, nenhuma carta de Pilar e nada de Marc. Ele não escrevia para ela. Telefonava. Também não havia correspondência para ele. Sempre que estava viajando, Dominique vinha à casa três vezes por semana e pegava a sua correspondência para mandar pela mala, junto com os documentos oficiais.

Subiu devagar até o seu quarto, a correspondência numa das mãos, a outra segurando o corrimão, e parou no alto da escada. Era deprimente estar de volta. Era como ser forçada a desistir de um sonho, a envelhecer de novo, longe do homem que falava em casamento e 12 filhos. Sorriu consigo mesma à idéia e suspirou quando ouviu o telefone tocar. Resolveu não atender, mas depois ficou imaginando se seria Ben, falando de um telefone público enquanto esperava. Era como se ninguém mais existisse, apenas eles dois. Não podia imaginar que pudesse ser outra pessoa, que não ele.

— Pronto?

Respondeu com um sorriso na voz.

— Alô? — *Ah, Jesus*, era Marc. — Alô?

— Marc?

Estava ganhando tempo.

— Obviamente. E gostaria que me explicasse essa bobagem sobre uma exposição. Dominique acaba de me ligar.

— Que conveniente.

— Eu lhe disse o que achava. O que você fez é de muito mau gosto.

Parecia estar lívido.

— Ao contrário, asseguro-lhe que foi tudo de muito bom gosto.

— Isso, minha cara, é discutível. Sabe perfeitamente bem que a proibi de fazer a exposição. E a publicidade! Pelo amor de Deus, Deanna, faz você parecer uma espécie de *hippie*.

— Não faz, mesmo! — Enrijeceu o corpo, à idéia. — As críticas me fazem parecer uma artista séria. E é o que sou.

— Pensei que tínhamos resolvido isso há já algum tempo.

— Talvez você tenha resolvido, mas eu não.

Ele que fosse à merda. Não compreendia. Nunca compreendera.

— Sei. De qualquer forma, espero que essa nova você de gala não esteja planejando dedicar-se a acontecimentos notáveis como esse todos os dias.

— É difícil. Terei sorte se tiver uma exposição a cada cinco anos.

— Nesse caso, lamento ter perdido esta.

— Não, não lamenta.

Agora estava furiosa, e não faria o joguinho dele.

— Como disse?

— Disse que você não lamenta não ter estado aqui. Estou cheia da sua hipocrisia. Como ousa diminuir o meu trabalho?

— Deanna?

Ele estava chocado.

— Desculpe. Eu... — *Deus, o que estava acontecendo?* Não conseguia mais se controlar. Era como se tivesse que botar tudo para fora. — Não sei, Marc... acho que estou cansada.

— Acho que deve estar. Não foi uma boa hora para eu telefonar?

A voz dele pingava sarcasmo e gelo. Não estava gostando nem um pouco da atitude dela. Ela devia ter sido obrigada a passar o verão em Cap d'Antibes.

— Não é isso. Eu estava de partida para Carmel.

— De novo?

— É. Com Kim. — *Ah, Deus, não de novo.* Detestava mentir para ele. — Não tenho muita coisa para fazer, sabe, quando você não está aqui.

Sabia que aquilo o acalmaria.

— Bem, não vai ser por muito tempo mais.

— Quanto tempo?

Fechou os olhos e prendeu a respiração. *Faça com que seja muito tempo, ah, por favor, não deixe que ele volte para casa...*

— Cerca de um mês.

Deanna assentiu, silenciosamente. Ela e Ben tinham mais um mês. E era só.

Dali a meia hora estavam seguindo pela estrada familiar que levava a Carmel. Deanna estava invulgarmente quieta enquanto rodavam. Ben olhou para ela, linda e pensativa, com a brisa fustigando-lhe os cabelos.

— Algum problema? — perguntou. Ela sacudiu a cabeça. — Más notícias em casa, agora?

— Não. — Depois de longa hesitação, olhou para a paisagem que passava velozmente e falou de novo. — Ele telefonou.

— E como foi?

Você pediu o divórcio...?

— Como sempre. Fiquei zangada. Ele estava furioso com a exposição. A secretária dele ligou para Paris especialmente para contar-lhe.

— E isso tem importância? — indagou. Ela deu de ombros. — Você ainda liga tanto assim para o fato de deixá-lo zangado?

Virou-se para olhar para ele.

— De certa forma, Marc é como meu pai. Tem sido a minha figura de autoridade durante anos.

— Tem medo dele?

— Nunca achei que tivesse, mas talvez tenha. Apenas pensava que o respeitava. Mas... ora, quem sabe...

— Qual é a pior coisa que ele podia fazer com você?

— Abandonar-me... pelo menos é o que eu pensava.

— E não se sente mais assim?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não.

De uma forma estranha, quase desejava que Marc a abandonasse. Tornaria tudo tão simples, mas é claro, havia Pilar. Pilar jamais a perdoaria. Deanna franziu a testa, e Ben tocou-lhe a mão.

— Não se preocupe tanto. Tudo vai dar certo.

— Gostaria de saber como. Ben, não sei o que fazer. — Ela sabia. Mas não queria fazer. Perdê-lo, ou deixar Marc. — E também tenho uma obrigação para com Pilar.

— É, e uma obrigação para com você mesma. A sua primeira obrigação é para com você, a segunda para com a sua filha. Depois disso, cabe a você decidir.

Deanna assentiu, ficando calada por algum tempo. Parecia menos perturbada do que a princípio.

— É estranho. Esqueço que Marc existe a maior parte do tempo. Há 18 anos que ele é o eixo da minha vida e de repente, em um

mês e meio, é como se ele tivesse sumido e eu nunca o tivesse conhecido. Sinto-me como uma pessoa nova. Mas ele existe, Ben. Marc me telefona, e é real, e espera que eu fale com ele, e eu não posso.

— Então não fale com ele, por ora.

Jesus, ele não compreende. E, Deus, não o deixe ficar possessivo. Por favor, ainda não.

Mas Ben continuou:

— Por que não relaxa e aproveita o momento? Mais tarde pode se preocupar com o futuro.

— E é isso o que você faz, não é? — Passou a mão pelo pescoço dele e beijou-lhe a face. Tinha visto a preocupação no rosto dele, o medo nos seus olhos, a ansiedade quando pensava que ela não estava olhando. — Você absolutamente não se preocupa, não é?

— Eu?

Sacudiu a cabeça, com um ar de tanta confiança que ela riu.

— Está mentindo. Está tão preocupado quanto eu. Portanto, não faça nenhum discurso. Antes eu pensava que você era tão sereno que isso não o atingia. Bem, agora estou sabendo que não é assim.

— Ah, é?

Olhou para ela, com riso e bravata misturados nos olhos. Mas estava apavorada com o que aconteceria no outono. Era a única coisa que não conseguia forçar-se a enfrentar.

— Bem, pelo menos ele falou que só viria para casa daqui a um mês.

— Um mês?

Deanna assentiu, silenciosamente, e eles continuaram o seu caminho.

— Vamos, dorminhoca, levante-se. São quase dez horas. — Ela abriu um dos olhos, gemeu e virou para o outro lado. Ben deu uma palmadinha no traseiro dela, depois inclinou-se e beijou-a. — Vamos. Você tem um encontro com um provável comprador, hoje. Tem que estar na galeria às 11:00.

— E quanto a você?

Falou com ele das profundezas do travesseiro.

— Estou de saída. Querida, quer se levantar?

— Não.

Ele se sentou de novo ao seu lado.

— Deanna, você está bem?

Ela tinha estado freqüentemente exausta nas duas últimas semanas desde a exposição.

— Estou ótima.

Mas não era verdade. A cabeça estava pesada, o corpo parecia ter sido mergulhado em cimento. Era muito mais fácil ficar em casa, passar o dia dormindo, ou cochilando.

— Como é que anda tão cansada, atualmente?

Olhava para ela com considerável preocupação.

— Acho que deve ser velhice.

— Aparentemente. Só espero que o sucesso não venha a ser demais para você, porque parece que vai ser muito bem-sucedida.

— Conversava com ela por cima do ombro, enquanto se dirigia para a cozinha. — Quer torrada?

A idéia não a atraía. Sacudiu a cabeça enquanto fechava os olhos de novo e enfiava a cabeça no travesseiro.

— Não, obrigada!

Mas ele reapareceu um momento mais tarde com café, e pela primeira vez em anos aquilo também não a atraía.

— Deanna? Está mesmo bem?

— Estou. Só me sinto um pouco cansada. — E doente de apreensão quanto à volta de Marc. Tinha que ser isso. Aquilo a estava exaurindo até o âmago, ficar pensando nele e em Pilar. Era uma tolice deixar que eles estragassem estas últimas semanas com Ben, mas não podia fazer nada. — Juro, querido, estou bem. Não precisa se preocupar.

Sorriu vivamente para ele e tomou um gole de café, mas quando o vapor quente subiu ao seu rosto, sentiu uma onda de náusea. Ficou visivelmente pálida e largou a xícara.

— Você está doente!

Era uma acusação cheia de medo.

— Não estou, pare com isso. Estou bem, estou ótima, estou cheia de saúde e adoro você.

Estendeu os braços para ele com um sorriso animado e ele a abraçou. Não queria que nada acontecesse com ela, e ficou subitamente apavorado de perdê-la. Pensava naquilo dez mil vezes ao dia. Ela podia ficar doente, sofrer um acidente, afogar-se na praia em Carmel; podia morrer num incêndio... *Podia voltar para Marc.*

— Quem é este comprador com quem vamos nos encontrar hoje?

— O nome dele é Junot. É suíço ou francês, não sei ao certo.

Francês? Quem sabe conhecia Marc. Mas antes que pudesse falar, Ben já lhe dava a resposta.

— Não. Ele chegou à cidade esta semana e gostou do seu trabalho quando passou pela galeria. Simplesmente isso. Tá legal?

— Perfeito, leitor de pensamentos.

— Ótimo. Então, vejo-a lá às 11:00.

Olhou para ela de novo, forçando um sorriso. Acenou enquanto fechava a porta. Os dois estavam sofrendo da mesma coisa, agora, e ele sabia. Angústia. Ela tinha pesadelos e apertava-o desesperadamente enquanto adormeciam, e agora essa exaustão e mal-estar. Ambos sofriam os mesmos terrores, perguntando-se o que o fim do verão traria, e já temendo a perda. Tinham mais duas semanas. Talvez três, se Marc se atrasasse. Estava trazendo Pilar para casa com ele. Mas, e então? Nenhum dos dois tinha as respostas. Ainda não. E o milagre que ambos queriam ainda não tinha ocorrido.

Deanna chegou à galeria às 11:00 em ponto, usando um costume de seda creme com uma blusa de seda cor de marfim. Os sapatos e a bolsa eram da cor de baunilha. Usava as pérolas da mãe e os brincos que Ben lhe dera pouco antes da exposição. O provável comprador, Monsieur Junot, ficou embasbacado. Fez todos os gestos e ofertas apropriados, e irradiou charme. Comprou não apenas um dos quadros dela, mas dois dos melhores. Ela e Ben apertaram-se as mãos satisfeitos, depois que ele se foi. A venda totalizara quase 8.000 dólares, quase metade dos quais, é claro, iria para Ben. Ele ficava com os 40 por cento padrão dos *marchands*. Alguns até ficavam com 50. Mas, mesmo assim, ela se saíra muito bem nas últimas semanas. Desde a exposição, ganhara quase 12.000 dólares.

— O que vai fazer com tudo isto? — perguntou Ben, observando-a divertido. Ela fitava o cheque, toda feliz.

— Ser independente — falou, subitamente, lembrando-se do que Marc dissera antes de partir. Que era este o motivo pelo qual ainda pintava, para poder ser independente se precisasse ser,

novamente. Talvez ele estivesse certo. Não era o único motivo, sem dúvida, mas a sensação de que agora tinha algo só dela fazia-a sentir-se nova em folha.

— Quer provar a sua independência e me levar para almoçar?
— Ben olhava para ela com um olhar de admiração, mas, embora estivesse notavelmente bonita, ele podia ver nos seus olhos que não estava perfeitamente bem. — Que tal? Almoço?

Estava morrendo de vontade de sair com ela, de estar com ela, de levá-la para casa, de ficarem a sós, de aproveitar cada minuto que ainda tinham. Estava se tornando uma obsessão. Mas ela estava sacudindo a cabeça.

— Adoraria. Mas não posso. Vou almoçar com Kim.

— Bolas. Está certo, não vou pedir que cancele. Mas quando eu for embora daqui, às cinco, hoje, madame, a senhora é toda minha.

— Sim, senhor — respondeu, com prazer.

— Promete?

— Será uma promessa fácil de manter.

— Está certo, então.

Ele a acompanhou até a porta da galeria, deu-lhe um beijo cavalheiresco na face e ficou olhando enquanto ela atravessava a rua até o Jaguar. Que mulher elegante ela era. E era dele. Sorriu com orgulho, enquanto voltava para dentro da galeria.

— E, então, como vai a minha artista favorita hoje? A nova Mary Cassatt.

Kim ostentava um largo sorriso enquanto Deanna tomava assento à mesa. Encontravam-se, como de costume, no Trader Vic's. Há quase dois meses que Deanna não ia lá.

— Acredita que vendemos mais dois quadros esta amanhã?

— Acredito. Graças a Deus, Thompson soube quando exercer pressão. Pensei que jamais veria o dia de você ceder. — Mas ela

também sabia que muito daquilo tinha a ver com a ausência de Marc. Deanna jamais teria concordado com a exposição, se Marc estivesse presente para jogar água fria na fervura. — De qualquer modo, estou radiante por você ter cedido, e já não era sem tempo. — Kim fez sinal ao garçom e pediu champanha, a despeito dos risos e protestos de Deanna. — Por que não? Mal nos vimos desde Carmel, pela madrugada. E temos um bocado de coisas para comemorar. — Deanna riu consigo mesma. Mais do que Kim sabia. — Então, além do fato de que você agora é uma artista famosa, o que há de novo? — Os olhos de Kim perscrutaram os dela, mas Deanna apenas sorriu. — Você está parecendo o gato que engoliu o canário.

— Não sei por quê.

— Pois sim! Acho que talvez *eu* saiba. — Tinha notado na noite do *vernissage* de Deanna, mas a princípio não tivera certeza. — Bem, você vai me contar, ou vou ter que morrer de suspense?

— Quer dizer que tenho escolha?

— Deixe disso. Vamos, Deanna, seja boazinha... conte.

Kim estava brincando, mas Deanna ficou subitamente séria.

— Parece que você já sabe. Jesus, espero que não seja assim tão óbvio.

— Não é. Subitamente fiquei imaginando coisas, na noite da inauguração da exposição. Mas acho que mais ninguém teria notado.

Os seus olhos finalmente se encontraram, e Deanna ficou calada durante algum tempo.

— Ele é incrivelmente especial, Kim. E eu o amo. MUITÍSSIMO.

Kim soltou um suspiro lento e esperou.

— Ele parece ser um homem muito simpático. É sério? — perguntou. Deanna assentiu, e Kim sorveu o seu champanha.

— Gostaria de dizer que não sei. Mas sei. — Os olhos dela ficaram cheios de lágrimas. — Tenho que voltar para Marc. Ben

também está sabendo. Não posso recomeçar tudo, Kim. Não posso. Sou velha demais. Estou com quase 40 anos, e... — A sua voz mal passava de um sussurro. — Tenho uma vida com Marc. Sempre o amei. E... e há Pilar...

Mas Deanna não pôde continuar. As lágrimas estavam quase caindo, e ela teve que assoar o nariz.

Kim teve vontade de abraçá-la e apresentar uma solução mágica. Ambas sabiam que não havia nenhuma.

— Não há outro jeito? — Deanna sacudiu a cabeça. — Como é que Ben se sente?

Deanna inspirou fundo.

— Tão apavorado quanto eu. Mas simplesmente não posso abandonar o que tenho e começar tudo de novo. Não posso... — Parecia desesperada enquanto sussurrava para Kim: — Estou velha demais.

— Se é só isto o que a está impedindo, sabe muitíssimo bem que não está. Poxa, há mulheres que refazem a vida aos 60, quando os maridos morrem. Aos 37, você seria maluca de jogar fora uma coisa que quer realmente.

— Mas não é direito. E eu *sou* velha demais, que diabo, Kim. Ele quer filhos, pelo amor de Deus, e eu tenho uma filha quase adulta.

— Por isto mesmo. Pilar vai viver a vida dela. Se quer mais filhos, a hora é esta.

— Você é tão maluca quanto ele. — Deanna tentou sorrir, mas não estava fácil. Sentia-se como se as duas semanas seguintes já estivessem desaparecendo sob seus olhos.

— Você é feliz com Ben, Deanna?

— Nunca fui tão feliz na minha vida. E não estou entendendo. Vivi com Marc quase 20 anos; nós nos conhecemos, e de repente... Ah, Deus, Kim, mal me lembro da cara do Marc, da sua voz. É como se a minha vida inteira fosse com Ben. A princípio eu me sentia

culpada, achava que era horrível por fazer o que fazia. Agora, nem me sinto mal. Apenas o amo.

— E acha que vai ser capaz de desistir disto?

Kim olhava para ela com tristeza pelo que sabia que estava acontecendo com a amiga.

— Não sei. Talvez a gente ainda possa se ver. Talvez... Kim, não sei.

Kim também não sabia, mas desconfiava que Ben Thompson não suportaria dividi-la por muito tempo. Não parecia esse tipo de homem.

— Vai contar a Marc?

Deanna sacudiu a cabeça.

— Nunca. Ele jamais compreenderia. Ficaria de coração partido. Eu... vamos ver. Ben terá que ir a Nova York em setembro para passar algumas semanas. Isto me dará tempo para ver como as coisas ficam.

— Se eu puder fazer alguma coisa, Deanna... se precisar de uma mão ou um ombro amigo... estou sempre à sua disposição, querida. Espero que saiba disto.

— Eu sei.

As duas trocaram um sorriso e passaram a outros assuntos, mas, muito depois de Kim tê-la deixado, sentia-se atormentada pelo rosto de Deanna, e pelo que tinha visto.

E depois de ter deixado Kim, Deanna foi devagar para casa. Tinha que verificar a correspondência e pagar as contas. Só ia se encontrar com Ben de novo às cinco. Iriam jantar em algum lugar tranquilo, e depois dar uma volta, pegar um cinema, fazer o tipo de coisa que fazem as pessoas que não têm filhos, ou pressões, ou pouco tempo. Queria passar aquelas duas semanas como tinham passado os dois meses anteriores, simples e sossegadamente — juntos. Era o que Ben também queria.

— Sra. Duras?

Margaret estava esperando por ela quando Deanna girou a chave na fechadura da porta. Tinha uma expressão tensa que, a princípio, Deanna não entendeu.

— Margaret? Você está bem? — Achou a mulher mais velha e pálida. Ao chegar à mesa do corredor, notou que a governanta ainda a fitava. — Margaret? Alguma coisa errada? — A sua voz era mais insistente agora, e olhou longa e firmemente para a mulher no uniforme azul-escuro. Será que ela sabia sobre Ben? Será que os tinha visto? — O que foi?

— Houve dois telefonemas... — a voz de Margaret foi sumindo, pois não sabia o que mais dizer. Não tinha certeza. Não tinha o direito de preocupar a Sra. Duras, mas estava com um pressentimento.

— Do Sr. Duras?

Deanna esticou bem o corpo.

— De Madame Duras, a mãe dele.

— O que foi que ela disse? — Agora os olhos de Deanna estavam perturbados. — Algum problema?

— Não sei. Ela só falou com a telefonista em Paris. Mas quer que a senhora ligue para ela. Imediatamente.

— Em Paris? Quer dizer, Antibes.

Para Margaret, Deanna sabia, tudo era a mesma coisa. A governanta sacudiu enfaticamente a cabeça.

— Não. Era Paris. Deixaram um número.

Margaret destacou o recado da pilha e entregou-o a Deanna. Tinha razão. Era Paris. Era o número da casa da rue François Premier. Havia algo errado. Talvez a velha estivesse doente e quisesse que Pilar viesse para casa mais cedo. Marc! Alguma coisa acontecera com Marc!! Mil catástrofes lhe passaram pela mente enquanto subia as escadas correndo e se dirigia para o telefone do quarto. Passava da meia-noite em Paris. Tarde demais? Deveria esperar até de manhã?

A telefonista internacional completou a ligação rapidamente, e o ronronar familiar do telefone francês chegou instantaneamente aos ouvidos dela. Durante anos parecera-lhe sinal de ocupado, mas agora estava acostumada, e não havia problemas.

— Pode ser que levem um minuto para atender. Sinto muitíssimo.

— Tudo bem.

A telefonista parecia californiana e sem pressa, e Deanna sorriu. Então, ouviu a voz da sogra na linha.

— *Allo? Qui?*

— *Mamie?* — O termo afetuoso não saía com facilidade da boca de Deanna. Mesmo depois de quase 20 anos, ainda se sentia tentada a chamar a sogra de Madame Duras. — *Mamie?* — A ligação não estava muito boa, mas Deanna conseguia ouvir, e ergueu a própria voz para se fazer ouvir. Madame Duras não parecia sonolenta, nem agradável. Nunca parecia. — É Deanna. Desculpe ligar tão tarde, mas achei que...

— Deanna, *il faut que tu viennes*. (É preciso que você venha.)

Ora, pombas, não em francês, com uma ligação dessas! Mas Madame Duras continuou, atropeladamente, em francês. Deanna mal podia ouvir.

— Espere, espere, não estou escutando. Não estou entendendo. Por favor, fale em inglês. Algum problema?

— Sim. — A palavra era um longo lamento, e então se fez silêncio enquanto Deanna esperava. O que tinha acontecido? Era Marc. Ela sabia! — Pilar... Ela teve... um acidente... na moto...

Deanna sentiu o coração parar.

— Pilar? — Agora estava gritando ao telefone, e nem ouviu Margaret entrar no quarto. — Pilar? — A ligação estava cada vez mais fraca, e ela gritou mais alto. — *Mamie?* Está me ouvindo? O que aconteceu?

— A cabeça dela... as pernas...

— Ah, Deus! Ela está bem? — As lágrimas jorravam pelo seu rosto e ela tentava desesperadamente controlar a voz. — *Mamie?* Ela está bem?

— *Paralysées. Les jambes.* As pernas... paralisadas. E a cabeça... Não sabemos.

— Onde está ela? — guinchava Deanna.

— No Hospital Americano.

Madame Duras agora soluçava.

— Já ligaram para Marc?

— Não conseguimos encontrá-lo... Está na Grécia. A *société* dele está tentando localizá-lo. Acham que estará aqui amanhã. Ah, por favor, Deanna, venha!

— Esta noite. Imediatamente. — Todo o seu braço tremia enquanto olhava para o relógio. Faltavam dez minutos para as quatro. Sabia que havia um vôo às sete e meia. Marc sempre o tomava. Com a diferença de fusos, ela chegaria lá às quatro e meia do dia seguinte, horário de Paris. — Chegarei... à tarde... irei diretamente para o hospital. Quem é o médico dela? — Anotou rapidamente o nome. — Como posso entrar em contato com ele?

Madame Duras deu o telefone da casa dele.

— Ah, Deanna. A pobre menina... eu falei a Marc que a *moto* era grande demais para uma criança. Por que ele não me escutou? Eu falei...

Eu também.

— *Mamie*, quem está lá com ela?

Fora a primeira coisa que lhe viera à mente. A sua filhinha estava sozinha num hospital de Paris.

— Temos enfermeiras, é claro.

Agora ela estava se parecendo mais com a Madame Duras que Deanna conhecia.

— Mais ninguém?

A sua voz estava cheia de horror.

— Passa da meia-noite, aqui.

— Não a quero sozinha.

— Está bem. Mandarei Angéline para lá agora, e eu irei de manhã.

Angéline, a empregada mais velha na face da terra. Angéline. Como pôde?

— Estarei aí logo que puder. Diga a ela que a amo. Até logo, *Mamie*. Até amanhã.

Desesperada, Deanna chamou a telefonista.

— Dr. Hubert Kirschmann, ligação particular. É uma emergência.

Mas o *Docteur* Kirshmann não estava atendendo a telefonemas. E uma ligação para o Hospital Americano não revelou mais muita coisa. Embora ainda em estado crítico, Mademoiselle Duras estava descansando confortavelmente, estava consciente, e havia uma possibilidade de a operarem pela manhã. Ainda era cedo para se saber. Ela chegara de avião de Cannes à noitinha, e se Madame quisesse ter a bondade de ligar para o docteur de manhã... Ora, vá para o diabo. Pilar não podia atender ao telefone, e não havia nada mais que Deanna pudesse fazer. Exceto tomar um avião.

Ficou imóvel por um momento, lutando contra as lágrimas, segurando a cabeça nas mãos, até que um súbito soluço escapou-lhe da boca, arrancado do fundo do coração.

— Pilar... minha filhinha. Ah, meu Deus!

E então o uniforme azul estava à sua volta, e os braços reconfortantes de Margaret a envolviam com força.

— É grave? — sussurrou ela, no quarto quieto demais.

— Não sei. Dizem que as pernas dela estão paralisadas, e que há algo errado com a sua cabeça. Mas não consegui obter respostas inteligentes de ninguém. Vou tomar o próximo avião.

— Vou arrumar a mala.

Deanna assentiu, e tentou coordenar os pensamentos. Tinha que ligar para Ben. E para Dominique. Instintivamente, seus dedos

discaram para Dominique no escritório. A voz com que antipatizava atendeu logo.

— Onde está Monsieur Duras?

— Não tenho idéia.

— Não tem, é uma conversa! A nossa filha acaba de sofrer um acidente, e não estão conseguindo achá-lo. Onde está?

— Eu... Madame Duras, lamento muito... farei o possível para localizá-lo até amanhã de manhã, e mandarei que ligue para a senhora.

— Estou de partida para Paris hoje à noite. Diga a ele para ir para lá. E para ligar para a mãe dele. Pilar está no Hospital Americano em Paris. E pelo amor de Deus, faça-me um favor, sim, Dominique? Encontre-o.

A voz dela tremia ao pronunciar as palavras.

— Farei o máximo. E sinto muito, de verdade. É sério?

— Não sabemos.

Ligou para a companhia aérea e para o banco. Deu uma olhada no que Margaret havia posto na sua mala, e ligou rapidamente para Ben antes que ele saísse da galeria. Ainda tinha uma hora antes de sair para o aeroporto. Ele veio atender rapidamente.

— Tenho que sair da cidade hoje à noite.

— O que você fez esta tarde? Roubou um banco?

A voz dele estava cheia de malícia e risos; esperava ansioso a noite próxima. Mas logo percebeu que havia algo errado.

— Pilar sofreu um acidente. Ah, Ben...

E então as lágrimas vieram, soluçantes, doloridas, assustadas, e zangadas com Marc por ter dado a moto à sua filha.

— Calma, querida. Vou já para aí. Não faz mal se eu for até a sua casa?

— Não.

Margaret abriu a porta para ele sete minutos mais tarde. Deanna estava esperando no quarto. Ainda usava o costume que usara ao

almoço, e os brincos que Ben lhe dera. Ia levá-los para a França. Ele olhou rapidamente para ela, enquanto entrava, e tomou-a nos braços.

— Tudo bem, querida, tudo bem. Ela vai ficar boa. — Deanna contou-lhe sobre as pernas paralisadas de Pilar. — Pode ser uma reação temporária à queda. Você ainda não sabe os detalhes. Pode não ser tão ruim quanto parece. Quer beber alguma coisa?

Ela estava perigosamente pálida, mas sacudiu a cabeça. Tudo o que ele via era o rosto dela e a dor ali espelhada. Ela começou a chorar de novo e refugiou-se outra vez nos braços dele.

— Tenho pensado coisas tão horríveis.

— Não pense. Você não sabe. Tem de agüentar firme até chegar lá. — Olhou de novo para ela, interrogativamente: — Quer que eu vá?

Ela soltou um suspiro e deu-lhe uma sombra de sorriso.

— Quero. Mas você não pode. Adoro você por ter perguntado, de qualquer maneira. Obrigada.

— Se precisar de mim, telefone, que eu vou. Promete? — indagou. Ela assentiu.

— Quer ligar para Kim e dizer aonde fui? Tentei falar com ela, mas tinha saído.

— Não vai ficar desconfiada se eu lhe contar?

Parecia preocupado, mas com Deanna, não com Kim.

— Não. — Deanna sorriu. — Contei a ela sobre a gente, hoje na hora do almoço. Ela já tinha adivinhado, não me pergunte como. No *vernissage*. Mas ela acha que você é um homem muito especial. Acho que tem razão. — Estendeu os braços para ele de novo, e ele a abraçou. Seria a última vez, durante algum tempo, que poderia fazer isto, abraçá-lo e ser dele. — Queria uma chance de ir para casa de novo... só ficar lá... sinto tanta paz.

Ela se referia à casa dele, não à dela, mas ele compreendeu.

— Logo você estará de novo em casa.

— Promete?

Buscou-lhe os olhos.

— Prometo. Agora, acho melhor irmos andando. Tem tudo de que precisa? — indagou. Ela assentiu e fechou os olhos de novo. Por uma fração de segundo, sentira-se tonta. — Está bem?

— Estou ótima.

Acompanhou-o escada abaixo e abraçou Margaret, na despedida. Tinham uma hora para chegar ao aeroporto. Quarenta e cinco minutos mais tarde, ela estaria no avião. Doze horas depois, estaria em Paris... com a sua filhinha, Pilar.

Durante a viagem até o aeroporto, Deanna pegou-se rezando silenciosamente para encontrá-la com vida.

— *Quoi? Oh, mon Dieu!* Dominique, tem certeza?

— Absoluta. Falei também com a sua mãe. E com o médico.

— Como é o nome dele? — Passou a informação a Marc, enquanto ele fazia gestos desesperados, pedindo uma caneta. Chantal entregou-lhe a dela. — Quando operaram?

— Hoje de manhã, hora de Paris. Faz umas três horas, creio. Acham que ela está um pouco melhor, mas ainda não recobrou a consciência. Estão preocupados principalmente com o crânio dela, e... as pernas.

As lágrimas tinham começado e correr lentamente pelo rosto de Marc-Edouard enquanto escutava o que Dominique dizia.

— Mandarei um telegrama. Chegarei lá hoje à noite. — Chamou o *concierge*. As suas ordens foram sucintas. — Aqui fala Duras. Arranje-me lugar num avião para Paris. Imediatamente.

Desligou e enxugou o rosto, olhando estranhamente para Chantal.

— É Pilar? — perguntou. Ele fez que sim. — A coisa é muito ruim?

Sentou-se ao lado dele no sofá e tomou-lhe as mãos.

— Não sabem. Não sabem...

Não teve coragem de dizer as palavras, ou para contar-lhe que a motocicleta tinha sido presente dele, enquanto os soluços começavam a convulsioná-lo.

Deanna saltou do avião no Aeroporto Charles De Gaulle numa nuvem de exaustão, terror e náusea. Passara a noite olhando reto para a frente e apertando as mãos. Ligara do aeroporto para o hospital, mas não havia novidades. Deanna fez sinal para um táxi diante do aeroporto e ficou sentada em silêncio, enquanto corriam. Dera ao chofer o endereço do Hospital Americano e dissera-lhe apenas:

— *Aussi vite que possible.*

Ao bom estilo gaulês, ele a tomou ao pé da letra. As árvores na beira da estrada mal passavam de um borrão no canto dos olhos de Deanna enquanto olhava reto para a frente, observando as manobras do chofer enquanto ele ultrapassava todos os objetos à vista. Ela podia sentir cada pulsação do seu corpo, cada batida do seu coração... depressa... depressa... VITE! Parecia ter levado horas até que chegaram ao Boulevard Victor Hugo e frearam ruidosamente diante das grandes portas duplas. Deanna tirou rapidamente da carteira os francos que tinha trocado pelos dólares no aeroporto. Sem pensar, entregou-lhe 100 francos, e escancarou a porta.

— *Votre monnaie?* — Olhou para ela indagadoramente, e ela sacudiu a cabeça. Estava se lixando para o troco. Os lábios dela eram uma linha estreita e apertada perdida no meio da agonia de marfim do rosto. Ele compreendera desde o princípio, quando ela lhe dera o endereço do Hospital Americano. Soubera. — O seu marido?

— *Non. Ma fille.*

Mais uma vez, os olhos dela ficaram cheios de lágrimas.

O motorista balançou a cabeça, compartilhando o pesar dela.

— *Désolée.*

Tirou a pequena valise de couro marrom do banco e abriu a porta do seu lado. Ficou ali por um momento, segurando a porta, olhando para ela, querendo dizer alguma coisa mais. Também tinha

uma filha, e podia ver a dor nos olhos de Deanna. A sua mulher também ficara com aquela cara, quando quase tinham perdido o filho deles. Entregou a mala para Deanna, sem dizer nada. Os olhos dela fitaram os dele por uma fração de segundo, depois ela se virou e entrou rapidamente no hospital.

Havia uma enfermeira de cara azeda sentada à recepção.

— *Oui, madame?*

— Pilar Duras. O número do quarto?

Ah, Deus, só o número do quarto, por favor. Não deixe que me digam... não deixe...

— Quatrocentos e vinte e cinco.

Deanna teve vontade de soltar um suspiro longo e angustiado. Em vez disso, balançou a cabeça brevemente e seguiu pelo corredor. Havia dois homens e uma mulher no elevador dirigindo-se a outros andares. Tinham o jeitão de europeus compenetrados, talvez fossem amigos de pacientes, talvez maridos ou mulheres, mas nenhum deles parecia particularmente abalado ou perturbado. Deanna olhava para eles com inveja, enquanto esperava pelo seu andar. A viagem de avião longa e cheia de medo estava começando a fazer sentir os seus efeitos. A noite fora longa e insone, e os seus pensamentos tinham ricocheteado de Pilar para Ben. E se tivesse deixado que ele viesse com ela? Pegou-se ansiando pelos braços dele, seu calor, seu conforto, seu apoio, a meiguice das suas palavras.

As portas do elevador se abriram no quarto andar e ela saltou, hesitante. Havia uma azáfama de enfermeiras, e em grupinhos serenos notou homens idosos e distintos: os médicos. Porém, subitamente, Deanna sentiu-se perdida. Estava a 9.500 quilômetros de casa, procurando por uma filha que podia estar até morta. De repente nem tinha mais certeza se ainda sabia falar francês, ou se encontraria Pilar naquele labirinto. Sentiu as lágrimas arderem nos

olhos. Lutou contra uma onda de tonteira e náusea, depois dirigiu-se lentamente para a recepção.

— Estou procurando Pilar Duras. Sou a mãe dela.

Nem tentou falar em francês. Não podia. Só rezava para que alguém compreendesse. A maioria das enfermeiras era francesa, mas alguém tinha que falar inglês. Alguém saberia... alguém deixaria tudo melhor — levá-la-ia até Pilar, mostrar-lhe-ia que ela não estava assim tão ferida...

— Duras? — A enfermeira parecia perturbada enquanto erguia os olhos para Deanna, depois franziu a testa, fitando um gráfico. Tudo dentro de Deanna virou primeiro geléia, depois pedra. — Ah, sim. — Fitou os olhos de Deanna e balançou a cabeça, perguntando-se subitamente se a mulher desesperadamente pálida tremendo à sua frente estaria doente. — Madame Duras?

— Sim.

Deanna pôde emitir apenas um sussurro. Subitamente, cada momento da viagem parecia afetá-la, a uma só vez. Não agüentava mais. Pegou-se até mesmo desejando a presença de Marc.

— Madame Duras, está se sentindo bem?

A moça no seu uniforme branco tinha um forte sotaque, mas seu inglês era fluente. Deanna apenas a fitava. Nem mesmo ela tinha certeza. Sentia-se esquisita, como se estivesse prestes a desmaiar.

— Tenho que... acho... Posso me sentar?

Olhou à sua volta imprecisamente, depois ficou vendo, fascinada, enquanto tudo ao seu redor ficava primeiro cinzento, depois encolhia. Era como ver uma imagem que se apagava devagar num aparelho de TV defeituoso, enquanto lentamente... lentamente... a imagem simplesmente se apagou. No final, só o que ouvia era um zumbido. E então sentiu a mão de alguém pousar no seu braço.

— Madame Duras? Madame Duras?

Era a voz da mesma moça e Deanna sentiu-se sorrir. Tinha uma voz tão jovem e agradável... tão agradável... Deanna sentia-se insuportavelmente sonolenta. Tudo o que queria fazer era apagar, mas a mão ficava puxando-a pelo braço. De repente, sentiu uma coisa fresca no pescoço, e depois na cabeça. A imagem voltou à tela. Uma dúzia de rostos a cercava, todos olhando para baixo. Ela começou a se sentar, mas uma mão imediatamente a deteve, e dois rapazes falaram com urgência entre si, em francês. Queriam transferi-la para a emergência, mas Deanna sacudiu rapidamente a cabeça.

— Não, não, estou bem. Juro. É que fiz um longo vôo desde São Francisco e não comi o dia todo. Juro, estou só muito cansada e... — As lágrimas subiram-lhe aos olhos de novo. Tentou fazer com que eles fossem embora, desejando-o mentalmente. Que diabo, por que queriam levá-la para a emergência? — Tenho que ver a minha filha, Pilar.... Pilar Duras.

As palavras pareceram detê-los. Os dois rapazes fitaram-na, depois concordaram. Tinham compreendido. Dali a um momento, com uma mão em cada cotovelo, ela estava de pé, enquanto uma jovem enfermeira ajudava-a a endireitar a saia. Alguém trouxe uma cadeira, e a primeira enfermeira trouxe um copo d'água. Um momento mais tarde, a multidão tinha se dispersado. Apenas a enfermeira mais moça e a mais velha permaneceram.

— Sinto muitíssimo — disse Deanna.

— Mas não há do quê. A senhora está muito cansada. Fez uma longa viagem. Nós compreendemos. Daqui a um momento a levaremos para ver Pilar.

As duas enfermeiras trocaram um olhar, e a mais velha balançou quase imperceptivelmente a cabeça.

— Obrigada. — Deanna tomou outro gole d'água e devolveu o copo. — O Dr. Kirschmann está aqui?

A enfermeira balançou a cabeça, negativamente.

— Saiu hoje à tarde, mais cedo. Esteve com Pilar a noite toda. Eles a operaram, sabe.

— Nas pernas?

Deanna sentiu-se tremer de novo.

— Não. Na cabeça.

— Ela está bem?

Fez-se uma pausa interminável.

— Está melhor. Venha ver por si mesma.

Afastou-se para ajudá-la a levantar-se, mas Deanna agora estava firme e furiosa consigo mesma por ter perdido tanto tempo.

Conduziram-na por um longo corredor cor de pêssego, e finalmente pararam diante de uma porta branca. A enfermeira olhou longa e fixamente para Deanna, depois abriu bem devagar a porta. Deanna deu alguns passos para dentro do quarto e sentiu o ar se congelar nos pulmões. Era como se não pudesse mais respirar.

Pilar estava enrolada em ataduras e coberta de máquinas e tubos. Havia uma enfermeira de ar severo sentada sossegadamente a um canto, e pelo menos três monitores estavam emitindo relatórios misteriosos. Pilar mal estava visível, no meio das ataduras, e seu rosto estava muito distorcido pelos diversos tubos.

Mas, desta feita, Deanna não desmaiou. Largou a valise ali mesmo e entrou no quarto com passo firme e um sorriso, enquanto a enfermeira que a trouxera observava. Trocou olhares com a enfermeira de serviço no quarto. A mulher se aproximou, mas Deanna nem notou. Continuou se dirigindo para a cama, orando por forças e lutando contra as lágrimas com um sorriso de cortar o coração.

— Oi, filhinha, é a mamãe. — Ouviu-se um fraco gemido vindo da cama, e os olhos da menina acompanharam-lhe os passos. Era fácil ver que Pilar a reconhecia, e compreendia. — Tudo vai dar certo. Vai dar certo... — Ficou parada ao lado da cama, e pegou a mão de Pilar que não estava machucada, e meigamente, quase tão

de leve que mal a tocava, segurou a mão nas suas duas, levou-a aos lábios e beijou os dedos da sua filhinha. — Tudo bem, querida, você vai ficar boa.

A garota emitiu da cama um som horrível.

— Psiu... você fala comigo mais tarde. Agora não.

A voz de Deanna mal passava de um sussurro, mas era firme.

Pilar sacudiu a cabeça.

— Eu...

— Psiu... — falou Deanna, desolada, mas os olhos de Pilar estavam cheios demais de palavras.

— É algo que você quer?

Agora Deanna estava atenta, mas não havia resposta naqueles olhos. Deanna lançou um olhar à enfermeira. Será que ela estava sentindo dor? A enfermeira se aproximou, e juntas observaram e esperaram enquanto Pilar tentava de novo.

— Que... bom... vocêêê... veio.

Era apenas um sussurro vindo da cama, mas encheu o coração de Deanna de paixão e lágrimas. Os seus olhos ficaram marejados. Forçou-se a sorrir enquanto continuava segurando a mão de Pilar.

— Também acho. Agora, não fale, querida. Por favor. Podemos conversar mais tarde. Teremos muita coisa para dizer.

Desta feita Pilar balançou a cabeça afirmativamente, depois, finalmente, fechou os olhos por algum tempo. A enfermeira disse a Deanna, quando saíram para o corredor, que, exceto na hora da operação, quando lhe administraram anestesia, Pilar *estivera* acordada o tempo todo, como se estivesse esperando alguém, alguma coisa, e agora era fácil ver por quê.

— A sua presença aqui fará uma enorme diferença, sabe, Madame Duras.

A enfermeira de Pilar falava em inglês impecável e parecia terrivelmente decidida. Deanna ficou aliviada ao ouvir-lhe as palavras. Pilar estivera esperando por ela. Ainda gostava dela. Era

uma besteira que, numa hora dessas, isto tivesse importância, mas tinha. Ela temera que, mesmo nas circunstâncias mais extremas, Pilar ainda a rejeitasse. Mas não o fizera. Ou será que estivera esperando era por Marc? Não fazia diferença. Deanna voltou com passos leves para o quarto e se sentou.

Passaram-se mais duas horas até que Pilar acordasse, e ficou ali deitada, apenas observando a mãe, o olhar grudado no rosto de Deanna. Finalmente, depois que as duas pareciam estar se fitando há séculos, ela pensou ter visto Pilar sorrir. Deanna aproximou-se da cama de novo e segurou meigamente a mão da mocinha de novo.

— Eu a amo, querida. E você está indo muito bem. Por que não tenta dormir mais um pouco?

Mas os olhos diziam que não. Ficaram abertos por mais uma hora, observando, apenas observando, fitando o rosto da mãe como que a absorvê-lo, como se estivesse tentando dizer as palavras que não tinha forças para pronunciar. Foi só dali a mais uma hora que ela falou de novo:

— Doggie...— Deanna pareceu intrigada, e Pilar tentou de novo.
— Você... trouxe... o meu... cachorrinho?

Desta vez Deanna não conseguiu evitar o choro. Doggie, o tesouro dos anos quando Pilar ainda era uma criança. Doggie, tão velho e sujo e desmantelado, e finalmente removido para uma prateleira remota em algum canto da casa. Deanna não conseguira jogá-lo fora. Doggie trazia lembranças demais de Pilar em criança. Agora, Deanna a fitava, perguntando-se se ela ainda sabia onde estava, ou se havia voltado para algum lugar distante, para o passado, e para Doggie.

— Está esperando por você em casa.

Pilar balançou a cabeça, com um sorrisinho.

— Está bem...

As palavras saíram levíssimas dos seus lábios, enquanto voltava a pegar no sono.

Doggie. Ele levou Deanna 12 anos ao passado, enquanto se sentava na cadeira estreita e deixava seus pensamentos vagarem para quando Pilar tinha três, e quatro, e cinco e nove anos... e então, cedo demais, 12, e agora quase 16. Fora tão meiguinha, em criança, tão pequenina e graciosa, a menininha de cachinhos dourados e olhos azuis. As coisas deliciosas que dissera; as danças que às vezes mostrava para os pais, quando brincava; os chás que dava para as bonecas; as histórias que escrevera, os poemas, as peças; a blusa que fizera certa vez para o aniversário de Deanna, de dois panos de prato *chartreuse*... e Deanna a usara, muito compenetrada, para ir à igreja.

— Madame Duras?

Deanna teve um sobressalto e foi trazida de uma grande distância pela voz desconhecida. Olhou à sua volta, espantada, e viu uma nova enfermeira.

— Sim?

— Não quer descansar? Podemos preparar uma cama para a senhora no quarto ao lado. — O seu rosto era muito meigo, e os olhos velhos e sábios. Deu uma palmadinha no braço de Deanna. — Já está aqui há muito tempo.

— Que horas são?

Deanna sentia como se estivesse vivendo há horas num sonho.

— Quase onze.

Eram duas da tarde em São Francisco. Estava longe de casa há menos de 24 horas, mas parecia que eram anos. Levantou-se e espreguiçou-se.

— Como está ela?

Deanna olhou intensamente para a cama.

A enfermeira bondosa hesitou por um momento.

— Está na mesma.

— Quando o médico vai voltar?

E por que cargas d'água não tinha estado ali nas cinco horas em que Deanna se encontrava ao lado de Pilar? E onde estava Marc, afinal? Será que não viria? Ele daria um jeito de fazer aqueles molengas se mexerem. Deanna fitou os monitores, irritada com os hieróglifos que escreviam.

— O médico voltará daqui a algumas horas. A senhora bem que podia descansar um pouco. Podia até mesmo ir passar a noite em casa. Demos outra injeção em *mademoiselle*. Ela agora dormirá por algum tempo.

Deanna não queria partir, mas parecia que estava na hora de dar uma passada na casa da sogra. Podia descobrir se tinham localizado Marc e ver o que estava acontecendo com aquele médico. Quem era ele? Onde estava? O que tinha para dizer? A única coisa que Deanna sabia agora era que o estado de Pilar era crítico. Deanna sentia-se desesperadamente impotente, sentada ali há horas, esperando uma explicação, ou um sinal, algo para encorajá-la ou dar-lhe uma boa notícia... alguém que lhe dissesse que não era nada. Mas isso seria difícil de acreditar.

— Madame?

A enfermeira a observava com tristeza.

Deanna parecia quase tão pálida quanto Pilar, enquanto apanhava a sua valise.

— Vou deixar o número do telefone onde posso ser encontrada, e volto logo. Quanto tempo acha que ela vai dormir?

— Pelo menos quatro horas, talvez até cinco ou seis. Mas não acordará antes das três. E eu lhe prometo... se houver algum problema, ou se ela acordar e chamá-la, eu telefonarei.

Deanna assentiu e anotou o telefone da mãe de Marc. Olhou agoniada nos olhos da enfermeira.

— Ligue imediatamente se... eu precisar vir.

Não teve forças para dizer mais, porém a enfermeira compreendeu. Prendeu o número do telefone ao gráfico e sorriu para os olhos muito cansados de Deanna.

— Eu ligo. Mas a senhora precisa dormir um pouco.

Deanna não se lembrava de ter-se sentido assim cansada na vida, mas a última coisa que planejava fazer era dormir. Tinha que ligar para Ben. Falar com o médico. Descobrir onde andava Marc. A cabeça dela estava a mil por hora, e se sentiu tonta de novo. Apoiou-se contra a parede, mas desta feita não caiu. Simplesmente ficou parada por um longo momento, olhando para Pilar. Então, com os olhos cheios de lágrimas, saiu do quarto, a mala na mão, o casaco em cima do braço, arrastando o coração atrás de si.

Achou um táxi num ponto fronteiro ao hospital e desabou no banco com um suspiro tão alto que era quase um gemido. Cada centímetro do seu corpo estava cansado e dolorido, cada fibra do seu corpo tensa e exausta, e a sua cabeça não conseguia parar de funcionar: Pilar bebezinha... Pilar no ano passado... Pilar aos sete anos... Pilar no quarto. Na escola. No aeroporto. Com um penteado novo. As suas primeiras meias compridas. Um laço vermelho. Era um filme incessante ao qual assistira o dia inteiro, às vezes com trilha sonora, às vezes sem, mas era uma visão da qual não podia escapar, enquanto o táxi corria por Paris, em direção à rue François Premier.

Era um bairro elegante, convenientemente situado perto da Maison Christian Dior. A rua era uma das mais bonitas de Paris, bem perto do Champs Elysées. Quando era mais moça, Deanna freqüentemente dera as suas fugidinhas à tarde para olhar as lojas e tomar um café *expresso* antes de voltar para a austeridade da vida na casa da sogra, mas agora todo e qualquer pensamento daquela época estava ausente da sua cabeça. Seguia cegamente, a exaustão envolvendo-a como uma manta ensopada de éter.

O motorista estava fumando um Gauloïse *papier maïs* e cantando uma velha canção. Estava feliz demais para notar a tristeza no banco de trás, e quando parou no endereço seus olhos se encontraram com os de Deanna com um sorriso sedutor. Ela não notou. Simplesmente entregou-lhe o dinheiro e saiu. O motorista apenas deu de ombros e se afastou, enquanto Deanna caminhava pesadamente para a porta. Não deixara de perceber que a sogra não estivera no hospital a noite toda. A enfermeira dissera que ela passara duas horas com Pilar, pela manhã. Duas horas? Só isso? E a deixara naquelas condições apavorantes, completamente sozinha? Aquilo provava tudo o que Deanna sempre achara. Madame Duras não tinha coração.

Tocou a campainha com duas pressões rápidas e fortes, e a pesada porta externa de madeira se abriu diante dela. Passou pela soleira alta e fechou a porta atrás de si, dirigindo-se rapidamente para a gaiola minúscula e elegante. Sempre achara que devia haver um canário naquele elevador, e não gente, mas hoje os seus pensamentos estavam longe de ser levianos, enquanto apertava o botão do sétimo andar. Era a cobertura; Madame Duras era dona do andar inteiro.

Uma empregada desconhecida de uniforme estava esperando à porta, quando Deanna saltou.

— *Oui, madame?*

Olhou para Deanna com desprazer, senão com desdém.

— *Je suis Madame Duras.*

O sotaque de Deanna nunca fora pior, mas ela estava se lixando.

— *Ah, bon.* Madame está esperando no salão.

Que gracinha. Servindo chá? Deanna sentiu os dentes rangerem enquanto marchava atrás da empregada na direção da sala de visitas. Nada estava diferente, nada estava fora do lugar. Ninguém teria acreditado que a neta de Madame Edouard Duras

jazia, possivelmente à morte, num hospital a três quilômetros dali. Tudo parecia estar em perfeita ordem, inclusive Madame Duras, enquanto a empregada acompanhava Deanna até a sala. A sogra estava usando uma roupa de seda verde-escura e um penteado impecável, o seu passo era firme enquanto se dirigia para Deanna com a mão estendida. Apenas os olhos traíam a sua preocupação. Apertou a mão de Deanna e beijou-a em ambas as faces, olhando desolada para a expressão no rosto da nora.

— Acaba de chegar?

Olhou para a empregada, despedindo-a com os olhos. A mulher imediatamente se foi.

— Não. Passei essas últimas horas com Pilar. E ainda não vi o médico.

Deanna tirou o casaco e quase caiu numa cadeira.

— Está parecendo muito cansada.

A mulher mais velha olhava para ela com um rosto talhado em pedra. Apenas os olhos velhos e astutos sugeriam que alguém vivia de verdade por detrás do granito do seu rosto.

— Se estou ou não cansada, não tem importância. Quem é esse tal de Kirschmann e onde está?

— É um cirurgião conhecido em toda a França. Esteve com Pilar até o fim da tarde de hoje e vai vê-la de novo daqui a algumas horas. Deanna... — ela hesitou, depois falou mais gentilmente: — não há nada mais que ele possa fazer. Pelo menos, não no momento.

— Por que não?

— Agora precisamos esperar. Ela precisa recuperar as forças. Precisa... viver. — A sua expressão denotava dor ante a palavra, e Deanna passou a mão pelos olhos. — Quer comer alguma coisa?

Deanna sacudiu a cabeça.

— Só quero tomar um banho e descansar um pouco. E — ergueu os olhos com uma expressão de agonia no rosto — desculpe

ter entrado desse jeito. Não disse nenhuma das coisas apropriadas como “prazer em vê-la”, “como vai”, mas sinto muito, *Mamie*, não posso.

— Compreendo.

Será que compreendia? Deanna se perguntava. Mas o que importava agora se compreendia ou não?

— Acho que deve comer algo, minha cara — dizia Madame Duras. — Você está muito pálida.

Também se sentia muito fraca, mas simplesmente não tinha fome. Não conseguiria comer, de jeito algum. Não nessa noite. Não depois de ter visto Pilar fragilizada naquela cama, pedindo o Doggie, e fraca demais para segurar a mão da sua mãe.

— Vou tomar um banho e trocar de roupa e voltar. Vai ser uma longa noite. A propósito, teve notícias de Marc? — perguntou, franzindo a testa. A sogra assentiu.

— Estará aqui dentro de uma hora. Uma hora... Uma hora. Depois de mais de dois meses, Deanna não sentiu nada por dentro, exceto o que sentia por Pilar. — Vai chegar de Atenas. Está muito perturbado.

— E deve estar mesmo. — Deanna olhou fixamente nos olhos da mãe dele. — Comprou aquela moto para ela. Implorei-lhe que não o fizesse.

Madame Duras abespinhou-se instantaneamente.

— Deanna, ele não pode ser culpado. Estou certa de que já se sente suficientemente mal.

— Estou certa que sim. — Desviou o olhar, depois se levantou. — O avião estará aterrissando daqui a uma hora?

— É. Você irá recebê-lo?

Deanna já ia dizer que não, mas algo dentro dela vacilou. Estava pensando em Pilar, e na aparência da menina... como seria para Marc entrar, como ela entrara, e vê-la pela primeira vez. Parecia cruel deixar que passasse por aquilo sozinho. Pilar era o

seu bebê, o seu tesouro, a sua filhinha. Também o era de Deanna, mas para Marc, Pilar era quase uma deusa. Não podia deixar que ele passasse por aquilo como ela passara. Tinha que ir encontrá-lo no avião.

— Sabe o número do vôo dele? — A mãe fez que sim. — Então, eu vou. Vou apenas lavar o rosto, nem vou trocar de roupa. Pode chamar um táxi?

— Pois não. — Madame Duras parecia satisfeita. — Terei o maior prazer. Fleurette vai fazer um sanduíche para você.

Fleurette, florzinha. O nome da imensamente rotunda cozinheira de Madame Duras sempre parecera engraçado a Deanna, mas não esta noite. Nada mais era engraçado. Ela fez um gesto seco de cabeça para a sogra e desceu às pressas o corredor. Já ia entrar no quarto de hóspedes quando reparou no quadro numa passagem escura. Largado ali, indesejado, sem ser apreciado ou admirado, esquecido. Era o retrato dela com Pilar. Madame Duras jamais gostara muito dele. Agora, sem hesitar, Deanna decidiu que desta vez ela o levaria para casa, onde era o seu lugar.

No quarto de hóspedes familiar, olhou ao seu redor. Tudo era num tom polido de bege arenoso, em damasco ou seda, e os móveis eram todos Luís XV. Era um quarto que sempre parecera frio a Deanna, mesmo quando dormira nele na sua lua-de-mel com Marc. Passou um pente nos cabelos e tentou forçar-se a pensar em Marc. Como seria vê-lo de novo? Ver o seu rosto, tocar a sua mão... depois de Ben. Por que seria que Ben lhe parecia mais real, agora, ou era apenas um sonho? Será que ela fora engolida viva de novo por esse mundo de seda bege, para nunca mais voltar? Desejava desesperadamente ligar para Ben, mas não tinha tempo. Tinha que ir para o aeroporto a tempo de pegar Marc enquanto saía pelo portão, caso contrário não o encontraria mais. Perguntava-se se haveria jeito de dar-lhe um recado, avisando que iria ao aeroporto, mas sabia, por experiência, que tais recados sempre se

extraviavam. Um homem de voz fina, fraca, ficaria num canto do terminal cochichando consigo mesmo “Monsieur Duras... Monsieur Duras”, enquanto Marc passava por ele sem ouvir. E se por acaso ouvisse, poderia tomar um susto grande demais, pensando em Pilar. Pelo menos, podia poupar-lhe isto.

A empregada bateu à porta do quarto de hóspedes e avisou que o táxi estava esperando. Enquanto dizia as palavras, entregou a Deanna um pequeno pacote. Dois sanduíches de presunto e parte de uma galinha. Quem sabe *monsieur* também estará com fome. Fome? Jesus, quem conseguiria comer?

Ao contrário da viagem anterior do aeroporto para o hospital, que pareceu interminável, esta pareceu curta demais. Ela se pegou cochilando no banco de trás enquanto corriam noite adentro, os pensamentos pulando, numa confusão incoerente de Pilar para Ben e para Marc. Parecia que tinham se passado apenas alguns momentos quando o táxi freou ruidosamente.

— *Voilà.*

Murmurou um “*merci*” distraído ao motorista, pagou a corrida e deu-lhe uma bela gorjeta, e entrou rapidamente no terminal, alisando a saia enquanto corria. Estava começando a sentir como se não trocasse de roupa há uma semana, mas não se importava com a aparência, estava com a cabeça cheia de muitas outras coisas. Olhou para o quadro imenso que dava o número dos vôos e dos portões e saiu correndo na direção do portão pelo qual ele sairia. O vôo acabara de pousar. Dali a um ou dois minutos os passageiros desembarcariam. Ela tinha justo o tempo de chegar lá. Os passageiros da primeira classe sempre desembarcaram primeiro e Marc sempre viajava de primeira classe.

Saiu “costurando” por entre os outros viajantes, quase tropeçando nas malas de alguém. Mas chegou ao local quando os primeiros passageiros estavam passando pela alfândega, e com um suspiro recuou para um canto, para espiar. Por um momento louco,

teve vontade de surpreendê-lo, de mostrar que gostava dele, apesar da traição do verão. Mas, mesmo nessa hora pavorosa de agonia por Pilar, ela queria dar algo para Marc, tornar as coisas mais fáceis para ele. Simplesmente se aproximaria dele com um toque dos dedos e um sorriso. Ainda podia fazer isso por ele, dar-lhe um momento de prazer em meio a tanta dor. Apertou mais o casaco do costume em volta do corpo e baixou os olhos para a gravata da blusa de seda cor de marfim. Sete ou oito pessoas já tinham passado por ela, mas nem sinal de Marc.

Então, de repente, ela o viu, alto e magro e arrumado, impecável mesmo depois do vôo. Notou com surpresa que parecia menos abalado do que ela temia. Obviamente, ainda não tinha entendido o quanto a coisa era séria, ou quem sabe... E, então, quando já ia dando um passo para sair do seu esconderijo, Deanna sentiu o coração parar.

Ele estava se virando com um sorriso lento e suave, o sorriso que a chamava de *Diane*, não Deanna. Viu quando ele tomou a mão de uma moça. Esta bocejava, sonolenta, e ele deixou a mão pousar no seu ombro, enquanto a puxava mais para junto de si. A mulher disse algo e deu uma batidinha no braço dele. Deanna fitava-os, estupefata, sem voz, perguntando-se quem seria a moça, mas sem se importar realmente. O que estava vendo era a peça que faltava no quebra-cabeça, a resposta para tantos anos de perguntas na sua vida. Esta não era uma conhecida casual, uma garota que paquerara no avião. Era alguém com quem ele se sentia à vontade, alguém que lhe era familiar, que ele conhecia bem. O jeito com que andavam e falavam e se moviam e compartilhavam contava tudo a Deanna.

Ela ficou presa ao chão, no canto, com a mão erguida em horror até a boca entreaberta, e ficou acompanhando os dois com o olhar até que sumiram de vista. E, então, de cabeça baixa, correndo, sem

ver ninguém, e desejando desesperadamente não ser vista, correu para a saída e chamou um táxi.

Sentindo-se em pânico e sem fôlego, Deanna deu ao motorista do táxi o endereço do hospital. Recostou a cabeça no banco e fechou os olhos. Podia escutar o coração batendo nos ouvidos. Só o que queria era se afastar dali, colocar o máximo possível de quilômetros entre si mesma e o aeroporto. Teve uma sensação momentânea de loucura, de estar sendo carregada numa onda, de ter entrado no quarto de alguém e deparado com a pessoa nua, de ter descoberto o que não era para descobrir. Mas será que era isso mesmo? Seria verdade? E se ela fosse apenas uma mulher com quem ele viajara no avião? E se as suas suposições fossem precipitadas, as suas conclusões insanas? Não, não era apenas isso. Soubera no momento em que os vira. No fundo do seu coração, simplesmente soubera. Mas, quem era ela? E há quanto tempo vinha acontecendo? Uma semana? Um mês? Um ano? Acontecera no verão, ou era algo mais? Muito, muito mais...?

— *Voilà*, madame.

O motorista virou-se para ela, lançando um olhar ao taxímetro. Deanna mal escutava. Os seus pensamentos corriam em várias direções simultâneas. Durante toda a viagem agoniada desde o aeroporto, não pensara nem uma vez em Ben. Não lhe ocorrera que ela tinha feito a mesma coisa, só o que sabia é que tinha visto o marido com outra mulher, e ainda se importava. Muitíssimo. Estava cega de surpresa e dor.

— Madame?

O chofer a fitava enquanto ela olhava de novo para o taxímetro, de olhos vidrados, confusa.

— *Je m'excuse.*

Ela lhe entregou rapidamente o dinheiro e saltou, olhando ao seu redor. Estava de volta ao hospital, mas como é que tinha chegado ali? Quando tinha dado a ele o endereço? Tinha planejado voltar ao apartamento para se controlar, porém em vez disso tinha vindo para cá. Tudo bem. Marc iria para casa deixar as suas coisas e ver a mãe, e finalmente viria ver Pilar. Deanna ganhara mais um pouco de tempo. Ainda não estava pronta para vê-lo. Cada vez que pensava nele, parado ali, via a cabecinha bonita e jovem inclinada para ele, a mão no braço dele, os olhos enternecidos enquanto ele lhe envolvia os ombros com o braço. E ela parecia tão terrivelmente jovem! Os olhos de Deanna ficaram cheios de lágrimas enquanto abria as pesadas portas de vidro e entrava no saguão do hospital. Inspirou fundo. O cheiro já lhe era familiar. Sem pensar, sentiu a mão apertar o botão do elevador para o quarto andar. Tinha-se tornado um robô, um corpo automatizado, sem mente; podia sentir-se funcionando, mas sem compreender. Só no que podia pensar era naquele rosto, junto ao de Marc. E ele parecia tão feliz, tão jovem...

— Você ficará bem?

Marc olhou para ela com olhos cansados, enquanto pegava o casaco. Chantal estava deitada na cama.

— Ficarei ótima. Você já tem muitos problemas para ficar se preocupando comigo. — Mas sabia que ele detestava quando ela estava cansada. O médico avisara, depois do seu quase encontro com a morte, que ela não podia se esgotar. Desde então, Marc a vinha tratando como um pai superprotetor com uma filha delicada. Queria que ela descansasse bastante, mantivesse a dieta, e se

cuidasse para que a diabete não fugisse ao controle e as possibilidades sinistras das quais o médico os advertira jamais ocorressem. — E você, ficará bem? — Estendeu os braços para ele. Detestava vê-lo partir, detestava ver quão pouco podia fazer por ele. Mas sabia que não podia ir para o hospital com ele. Deanna estaria lá. Uma coisa era insistir em ser levada para Cap d'Antibes, botar banca quando tudo ia bem, mas teria sido loucura ir com ele agora. Não era a hora. Chantal compreendia. O seu senso de oportunidade sempre fora excelente. — Liga para mim dizendo como ela está?

Havia um interesse real nos seus olhos, e Marc sentiu-se instantaneamente agradecido.

— Tão logo eu saiba de qualquer coisa. Prometo. E, querida... — Sentou-se e abraçou-a. — Obrigado. Eu... não teria conseguido fazer a viagem sem você. Essa foi a noite mais difícil da minha vida.

— Ela vai ficar boa, Marc-Edouard. Prometo.

Abraçou-a bem apertado. Quando se afastou, enxugou os olhos e pigarreou.

— *J'espère*. Espero.

— *Oui, oui. Je le sais*.

Mas como ela podia saber? Como sabia? E se estivesse errada?

— Volto mais tarde para pegar a minha mala.

— Você me lembra se eu estiver dormindo?

Um sorriso de gata pairava nos seus olhos, e ele riu.

— *On verra*.

Mas ele já a tinha deixado, os seus pensamentos estavam em outra parte. Tinham chegado do aeroporto há dez minutos, mas já sentia que tinha demorado demais. Enfiou a capa de chuva.

— Marc-Edouard!

Ele parou e se virou, ao som da voz dela. Já estava à porta.

— *N'oublie pas que je t'aime...* Não esqueça que eu o amo.

— *Moi aussi!*

A porta se fechou silenciosamente sobre as palavras dele.

Guiou o pequeno Renault de Chantal até o hospital e estacionou-o na rua do prédio. Devia ter tomado um táxi, mas não quis perder nem mais um momento. Queria estar lá. Ao lado dela. Vendo o que acontecera. Tentando compreender. No vôo para cá, ficara remoendo os pensamentos o tempo todo. O porquê e o como e o quando, e nada fazia sentido. Havia momentos em que parecia que nada tinha acontecido, como se estivessem voltando para Paris, como sempre, depois das reuniões de negócios na Grécia... e, então, subitamente, tudo ficava claro como o cristal de novo e se lembrava de Pilar. Jamais teria conseguido se controlar no vôo de volta, se não fosse por Chantal.

O saguão estava quieto. Dominique já lhe tinha dado o número do quarto de Pilar, quando haviam falado ao telefone, e ele próprio tinha conseguido se comunicar com o Dr. Kirschmann, antes de deixar Atenas. Era cedo demais para se saber qualquer coisa. Os danos feitos ao seu crânio tinham sido consideráveis, às pernas talvez permanentes; o baço sofrera ruptura, um rim fora afetado. No todo, era um quadro desolador.

Marc sentiu um aperto no peito enquanto entrava no elevador e apertava o botão de número quatro. A sua mente era um branco, enquanto o elevador subia. Depois, com um zumbido, as portas se abriram e ele saltou. Sentiu-se perdido por um momento, impotente e amedrontado, enquanto olhava ao seu redor, perguntando-se onde encontraria a filha. Viu a enfermeira-chefe à sua mesa e aproximou-se dela, sombriamente.

— Pilar Duras? — A enfermeira começou a dar-lhe instruções para chegar ao quarto. Ele ergueu a mão. — *D'abord*, como está ela?

— Em estado crítico, *monsieur*.

Os olhos da enfermeira eram solenes.

— Mas melhor do que já esteve? — Como resposta, um meneio negativo da cabeça.— E o Dr. Kirschmann? Está aqui?

— Esteve, e já saiu de novo. Voltará daqui a pouco. Está muito atento à situação. Ela está completamente monitorada... Estamos fazendo tudo o que podemos.

Desta feita, Marc apenas assentiu. Pigarreou e enxugou os olhos com o lenço enquanto descia decididamente o corredor. Tinha que se controlar, mostrar a Pilar que tudo ficaria bem, ele a faria ficar melhor, dar-lhe-ia a sua força. Chantal fora esquecida, só pensava na sua filhinha.

A porta estava entreaberta e ele olhou para dentro. O quarto parecia estar cheio de máquinas. Havia lá duas enfermeiras, uma numa veste verde esterilizada de sala de operações, a outra de branco. Os olhos delas perscrutaram-lhe o rosto. Silenciosamente, ele entrou.

— Sou o pai dela. — As palavras murmuradas tinham um toque de autoridade, e as duas assentiram enquanto os olhos dele corriam pelo quarto. Ele a encontrou instantaneamente, apequenada pela cama e os tubos e os monitores que saltavam com precisão a cada respiração sua. Por um momento, sentiu-se gelado, ao olhar para o rosto dela. Estava de um tom cinza muito pálido, e não parecia uma pessoa conhecida, até que ele se aproximou mais e reconheceu as feições distorcidas da filha. Os tubos, a dor e as ataduras tinham-na modificado quase totalmente, mas era a sua Pilar. Observou-a por um longo momento enquanto jazia ali, de olhos fechados, e com passos silenciosos ele chegou mais perto e, com um toque muito delicado, pegou-lhe a mão. A mão se mexeu apenas ligeiramente. Ela abriu os olhos. Mas não houve sorrisos, apenas o mais leve ar de reconhecimento. — Pilar, *ma chérie, c'est Papa*.

Teve que lutar contra as lágrimas. Não falou mais nada, apenas ficou parado ali, fitando-a, segurando-lhe a mão e observando-a, até

que ela finalmente fechou os olhos azuis brilhantes de novo. Ele sentia como se todo o ar do quarto tivesse sido aspirado, era tão difícil pensar, ver e respirar. Como isto pôde acontecer? Como? E à sua filha? Sentiu os joelhos trêmulos e por um momento pensou que ia vomitar, mas continuou parado, observando, tocando a mãozinha pálida. Até mesmo as unhas dela estavam de uma cor estranha, manchadas, ela mal recebia ar suficiente. Mas ele ficou parado ali, e continuou parado ali, sem se mover, sem falar, apenas observando a filha.

Silenciosamente, da sua cadeira no canto, Deanna o observava. Nada dissera quando Marc entrou, e ele não a vira, oculta como estava pelas máquinas gigantescas.

Foi quase 20 minutos mais tarde que ele finalmente deparou com o rosto familiar e aqueles olhos... observando-o com uma expressão de desespero. Pareceu surpreso ao vê-la, como se não compreendesse. Por que não dissera nada? Por que apenas ficava sentada ali? Quando chegara? Ou será que simplesmente estava em estado de choque? Parecia devastada, quase tão pálida quanto Pilar.

— Deanna... — falou, no mais baixo dos sussurros.

Os olhos dela não lhe abandonaram o rosto.

— Olá, Marc.

Ele balançou a cabeça e voltou o olhar para Pilar, mais uma vez.

— Quando chegou?

— Às cinco horas.

— Passou aqui a noite toda?

— Passei.

— Alguma alteração?

Silêncio. Marc olhou para ela de novo, a pergunta repetida nos seus olhos.

— Parece estar um pouco pior. Saí durante algum tempo, mais cedo... precisei... Fui até a casa da sua mãe deixar a minha maleta,

e fiquei fora apenas umas duas horas, e... e quando voltei ela parecia estar tendo grande dificuldade em respirar. Kirschmann esteve aqui. Disse que, se ela não melhorar dentro de algumas horas, terão que operar de novo.

Suspirou e baixou os olhos. Era como se tivesse perdido a ambos naquelas duas horas. Pilar e Marc.

— Acabo de chegar.

Mentiroso. Chegou faz duas horas. Aonde foi? Porém Deanna não falou absolutamente nada.

Ficaram assim por quase uma hora, até que finalmente a enfermeira pediu-lhes que saíssem do quarto por alguns minutos; precisava trocar umas ataduras. Lentamente, Deanna se levantou e saiu do quarto. Marc ainda se demorara mais um minuto, relutante em deixar a filha. O pensamento de Deanna voltou à cena no aeroporto. Era tudo subitamente tão estranho. Há dois meses não o via, no entanto mal se haviam cumprimentado. Não podia fazer o jogo do reencontro feliz. Era tarde demais. Porém ele também não estava fazendo o jogo, ou quem sabe apenas estava abalado demais por causa de Pilar.

Desceu o corredor, solenemente, de cabeça baixa, pensando em trechos de orações que conhecera quando criança. Agora não tinha tempo para desperdiçar com Marc, todas as suas energias tinham que ser gastas com Pilar. Ouviu os passos dele às suas costas, mas não se virou. Simplesmente continuou andando, pé após pé, após pé, descendo o corredor até chegar ao seu final, e ficou olhando por uma janela que dava apenas para uma parede próxima. Podia vê-lo parado às suas costas, pelo reflexo no vidro.

— Deanna, posso ajudar? — Parecia cansado, submisso. Ela fez que não, lentamente. — Não sei o que dizer. — Começou a chorar. — Estava errado dando-lhe a...

— Agora não tem importância. Você deu. Está feito. Podia ter acontecido de dez mil maneiras diferentes. Ela teve um acidente,

Marc. Que diferença faz agora de quem foi a culpa do acidente, quem lhe deu a motocicleta, quem...

A voz de Deanna também estava trêmula.

— *Mon Dieu...* — Ela o viu enterrar o rosto nas mãos, depois viu-o endireitar-se e ouviu-o inspirar fundo. — Meu Deus, se ela conseguir se safar dessa! E se não puder andar?

— Então teremos que lhe ensinar a viver da melhor maneira possível. Devemos isso a ela, agora: nosso amor, nossa ajuda, nosso apoio, no que tiver que enfrentar...

Se tivermos tal chance. Pela primeira vez em quase 20 anos, Deanna sentiu uma onda pavorosa de terror... *E se?*

Deanna sentiu as mãos dele nos ombros, depois ele a virou lentamente para si. Seus olhos eram os de Pilar, e o rosto o de um homem muito velho e cansado.

— Você poderá me perdoar?

— Por quê? — falou, com voz distante e fria.

— Por isto. Pelo que fiz à nossa filha. Por não ter escutado você, quando devia. Por...

— Fui buscá-lo hoje no aeroporto, Marc.

Algo nos olhos de Deanna contou-lhe o que ela tinha sofrido, e ele sentiu-se congelar por dentro.

— Devemos ter-nos desenganchado.

Mas havia uma pergunta na voz dele. Perscrutou-lhe o rosto.

— Não. Eu vim embora. Eu... aquilo me explicou muita coisa, Marc. Eu devia ter sabido. Há muito tempo. Mas não soube. — Deu um sorrisinho, depois alçou os ombros. — Suponho que tenha bancado a idiota. E deixe-me dar-lhe os parabéns. Ela é não apenas bonita, como jovem.

Havia amargura na voz dela, além de tristeza.

— Deanna — ele apertou as mãos que lhe seguravam os ombros — você está tirando conclusões muito precipitadas. Não creio que compreenda. — Mas a desculpa soava esfarrapada.

Estava cansado e perturbado demais para inventar uma história plausível. Sentia a vida desabar-lhe à volta da cabeça. — Foi um vôo desgastante, e o dia foi incrível, você mesma sabe. A moça e eu começamos a conversar e...

— Marc, pare. Não quero ouvir. — Ela simplesmente sabia. E pronto. E não queria ser reconfortada com mentiras. — Por favor, hoje não.

— Deanna... — Mas não pôde continuar. Em outra ocasião talvez tivesse podido, mas não naquela. Simplesmente não conseguia fabricar uma mentira apropriada. — Por favor. — Desviou os olhos; não conseguia olhar para a dor nos olhos dela. — Não é o que você está pensando. — Mas detestava-se por tais palavras. Era o que ela estava pensando, exatamente. E agora se sentia um traidor, negando Chantal. Agora estava condenado, fizesse o que fizesse. — Não é.

— É, Marc. Estava claro como o dia. Nada que você possa me dizer agora modificaria isso. Nada poderia retirar o que vi, o que senti, o que soube. — Tinha sido feito uma flecha, direto ao coração dela. — Você deve ter me achado muito burra, todos esses anos.

— O que a faz pensar que foram anos?

Que diabo, como é que ela sabia?

— O jeito como vocês se moviam juntos, o jeito como andavam, o modo como ela olhava para você. É difícil adquirir aquela tranqüilidade em pouco tempo. Você parecia mais casado com ela do que jamais pareceu comigo.

Mas, de repente, ficou conjeturando. Ela também não parecera assim casada com Ben? E em muito pouco tempo. Contudo, enquanto voltava do aeroporto, naquela noite, tinha entendido tudo... as ausências, a distância, as viagens constantes, o número de telefone em Paris que aparecia com tanta freqüência na conta deles, as poucas histórias que não se encaixavam direito. E esta

noite, o olhar dele. Se não era aquela garota, era outra. Há anos. Tinha certeza.

— O que quer que eu diga?

Ficou de frente para ela de novo.

— Nada. Não há nada mais para dizer.

— Está me dizendo que acabou? Que você me deixaria porque me viu no aeroporto com uma garota? Mas isso é uma loucura. Deanna, você está maluca.

— Estou? Somos realmente felizes juntos? Você gosta da minha companhia, Marc? Anseia por voltar para casa, quando está fora? Ou será que temos um relacionamento profundo e significativo, que respeitamos as necessidades, as virtudes e sentimentos um do outro? Talvez seja que somos tão tremendamente felizes um com o outro, depois de todos esses anos...

— Talvez seja que eu ainda a ame.

Ao falar, os olhos dele ficaram cheios de lágrimas, e ela virou a cabeça.

— Isso não importa.

Era tarde demais. Tinham seguido rumos diferentes.

— O que está dizendo, Deanna? — perguntou, subitamente sombrio.

— Não estou inteiramente certa. Primeiro, vamos resolver o problema de Pilar. Depois, poderemos conversar a nosso respeito.

— Vai dar certo para nós. Sei que sim.

Olhou para ela com determinação, e Deanna sentiu a fadiga inundá-la como uma onda de cimento.

— O que o faz pensar assim? Por que deveria dar certo?

— Porque eu quero.

Mas não parecia totalmente seguro.

— Verdade? Por quê? Porque você gosta de ter uma esposa, além de uma amante? Não posso culpá-lo. Deve ser um arranjo

muito confortável. Onde ela mora, Marc? Aqui? Deve funcionar perfeitamente.

Fora por este motivo que não quisera que ela viesse junto na viagem para a Grécia.

— Deanna, pare com isto!

Agarrou-lhe o braço, mas ela o tirou da sua mão.

— Deixe-me em paz. — Pela primeira vez na vida odiava-o, o que ele era, o que fazia com ela, tudo o que não compreendia, e por um momento ofuscante e doloroso pegou-se ansiando por Ben. Mas Marc era mesmo tão ruim? Ela seria diferente, melhor? A sua mente estava tumultuada. — Não quero discutir isto com você esta noite. Já temos bastante com que nos preocupar. Discutiremos quando Pilar estiver fora de perigo.

Ele assentiu, aliviado. Precisava de tempo. Tinha que pensar. Encontraria as palavras certas para dizer. Ajeitaria as coisas.

Quase naquele mesmo instante, a enfermeira chamou a ambos, e seus problemas pessoais foram esquecidos enquanto desciam depressa o corredor, na sua direção.

— Alguma alteração? — Marc foi logo perguntando.

— Não. Mas ela está acordada. E está chamando a ambos. Por que não vão conversar um pouquinho com ela, mas com cuidado para não cansá-la demais? Precisa das poucas forças que lhe restam.

Deanna notou uma diferença sutil em Pilar, quando entraram no quarto. A sua cor não estava melhor, mas os olhos pareciam ter mais vida. Pareciam ir nervosamente de um rosto para o outro, procurando alguém, buscando, dardejando daqui para lá.

— Olá, meu bem. Estamos aqui. O papai também está aqui.

Deanna chegou bem perto dela e acariciou-lhe a mão, muito docemente. Quando fechava os olhos, podia imaginar que Pilar ainda era uma criancinha muito pequena.

— Que... bom que veio... — O olhar de Pilar se desviou para o pai e tentou sorrir, mas a sua respiração era muito difícil, e fechava os olhos de quando em vez. — Oi, papai. Que... tal... a Grécia? — Parecia muito mais cônica dos acontecimentos atuais do que anteriormente, e de repente também parecia mais inquieta.

— Estou... com... sede.

Deanna lançou um olhar à enfermeira, que sacudiu a cabeça e fez um gesto com o dedo: “Não.”

— Água?

— Daqui a um pouquinho, meu bem.

Deanna continuou a falar num tom apaziguador, enquanto Marc ficava ao seu lado, agoniado. Parecia ter perdido o dom da fala, e Deanna podia ver, pelos olhos marejados e os lábios trêmulos, que estava em luta constante contra as lágrimas.

— Ça va?

Finalmente ele falava, e Pilar tentou novamente sorrir. Balançou a cabeça de leve.

— Ça va. — Mas como qualquer coisa poderia ir bem, nas condições em que estava? Então, como se entendesse pelo que ele estava passando, olhou significativamente para ele e lutou para encontrar as palavras. — Eu... estava indo... depressa demais... Culpa minha, papai... não sua... — Fechou os olhos e apertou a mão de Deanna. — Desculpe.

As lágrimas agora escorriam livremente pelo rosto de Marc. Suavemente, ele virou o rosto. Os olhos de Pilar continuaram fechados.

— Não se preocupe, querida. Não importa de quem foi a culpa. Mas a sua mãe tinha razão.

Lançou um olhar para Deanna.

— Mamãe...?

A voz dela parecia ficar mais fraca.

— Psiu. Não fale.

— Lembra da casinha de bonecas que eu tinha... no jardim? Fico sonhando... com ela... e com meu cachorrinho, Augustin.

Era um *terrier* engraçadinho, lembrava-se Deanna, que fora substituído por um buldogue anão, depois um gato, depois um passarinho, até que finalmente se acabaram os bichinhos de estimação. Marc-Edouard não gostava de animais em casa.

— Para onde... mandaram... Augustin?

Haviam-no dado para uma família no campo.

— Foi para o campo. Acho que ficou muito feliz.

Deanna continuou a tagarelar, mas agora os seus olhos buscavam os de Marc. O que significava isto? Ela estava melhor ou pior? Lembrou-se subitamente do garotinho minúsculo que havia se movido tanto nos seus braços nas poucas horas anteriores à sua morte. Philippe-Edouard. Seria a mesma coisa, ou um sinal de que ela estava melhorando? Nenhum dos dois sabia.

— Mamãe?... O Augustin... pode... voltar? Peça ao papai...

Agora era a voz da criança. Deanna fechou os olhos e inspirou rapidamente.

— Vou falar com o papai.

Os olhos de Marc ficaram subitamente cheios de medo. Olhou para Pilar, depois para Deanna.

— Vamos dar-lhe um cachorrinho, *chérie*... Você vai ver. Um amor de cachorrinho de orelhas caídas e que viva abanando o rabinho.

Estava procurando por qualquer coisa que pudesse achar na mente, só para encontrar palavras para botar na boca.

— Mas eu quero... Augustin.

A voz agora era um queixume, e a enfermeira fez sinal para que eles se afastassem. Pilar já cochilava de novo, e nem notou quando eles saíram do quarto.

Desta vez eles começaram a andar pelo corredor, para cima e para baixo, a princípio sem dizer nada. Sem pensar, Deanna pegou

na mão de Marc.

— Quando esse tal de Kirschmann vai voltar?

— Falaram que logo. Acha que ela está pior?

Deanna fez que sim com a cabeça.

— Parece nervosa, inquieta, ansiosa.

— Mas está falando. Pode ser um bom sinal.

— Talvez seja — falou Deanna. Mas havia terror no coração de ambos. Enquanto andavam pelo corredor, o braço dele envolveu-lhe os ombros, e ela não o tirou. Subitamente, sentia necessidade da presença dele ali, como ele sentia da dela. Era a única pessoa que compreendia, que podia partilhar o que ela sentia, que *sabia*. — Marc?

Olhou para ela com olhos cheios de angústia, mas ela apenas sacudiu a cabeça. As lágrimas escorriam pelo seu rosto, e ele a tomou silenciosamente nos braços. Não tinha nada para dizer, nenhuma palavra de conforto, apenas as suas lágrimas para acrescentar às dela.

Percorreram o longo corredor de novo, de um extremo ao outro, sete ou oito vezes mais, e finalmente se sentaram em duas cadeiras de espaldar reto. Os olhos de Deanna estavam vidrados de fadiga. Fitou a bainha da sua saia creme muito vincada.

— Lembra-se de quando ela estava com cinco anos e nós lhe demos aquele cachorro?

Sorriu consigo mesmo enquanto se lembrava. Tinham escondido o cachorrinho numa bota e o deixado no armário de Pilar, mandando que ela abrisse a porta imediatamente e guardasse as suas roupas. E lá estava ele, espiando de dentro da bota. Pilar dera gritinhos de alegria.

Marc também sorriu consigo mesmo, à lembrança.

— Sempre me lembrarei do rosto dela.

— Eu também.

Deanna olhou para ele, sorrindo por entre as lágrimas, e pegou o lenço dele para assoar o nariz. Era estranho. Há uma hora estavam brigando e ela insinuara que queria o divórcio. Mas agora não tinha importância. O casamento deles não era o que importava agora, só a filha. Não importava a dor por que tinham passado, ainda partilhavam Pilar. Naquele preciso momento, Marc era a única pessoa que tinha idéia do que ela sentia, e ela era a única alma que compartilhava o seu terror. Era como se eles se abraçassem forte e não se soltassem, e continuassem se mexendo e continuassem falando e esperando e rezando... então Pilar ainda estaria ali, não poderia morrer. Deanna ergueu os olhos de novo para Marc, que bateu de leve na mão dela.

— Tente relaxar.

Ela soltou um suspiro de novo e cobriu os olhos com a mão, mas antes que pudesse falar, a enfermeira estava ao lado deles.

— O Dr. Kirschmann gostaria de lhes falar. Está lá dentro com ela agora.

Eles se puseram de pé num salto e quase correram para o quarto, onde o médico estava ao pé da cama, alternadamente vigiando a garota e as máquinas. Pareceu horas até que saíssem para o corredor.

— *Docteur?*

Marc foi o primeiro a falar. Parecia pesaroso.

— Quero dar-lhe um pouco mais de tempo. Se as coisas não melhorarem dentro de uma hora, vamos levá-la de volta à sala de operações e ver o que se pode fazer.

— O que o senhor acha?

Marc queria palavras dele, promessas, garantias.

— Não sei. Ela está agüentando firme. Não posso dizer-lhe mais do que isso. — Ele podia ter-lhe dito quais as chances dela, mas como não eram boas, preferiu ficar calado.— Querem lhe fazer companhia por algum tempo?

— Sim — Deanna foi logo falando, e retomou o seu posto junto à cabeceira de Pilar. Marc foi juntar-se a ela.

Ficaram parados ali durante quase uma hora, enquanto Pilar dormia, fazendo ruídos estranhos, mexendo-se de vez em quando, parecendo lutar para respirar. Marc apoiava uma mão na cama, sentindo o corpinho frágil perto dele, os olhos jamais abandonando o seu rosto. Deanna segurava a mão dela e esperava. Por alguma coisa... por esperança. A hora tinha quase se esgotado quando Pilar finalmente acordou.

— Sede...

— Daqui a um pouquinho, querida. — As palavras de Deanna eram um sussurro doce acariciado por um sorriso. Tocou a testa da filha com a mão infinitamente leve. — Daqui a pouco, meu amor. Agora durma. Mamãe e papai estão aqui, querida. Durma... você vai se sentir muito melhor, daqui a pouco.

E então Pilar sorriu. Foi um sorriso de verdade, a despeito dos tubos, e tocou fundo os corações de Marc e Deanna.

— Já... me sinto... melhor.

— Que bom, *chérie*. E vai se sentir muito melhor amanhã. Mamãe tem razão.

A voz de Marc era suave como a brisa de verão. Mais uma vez Pilar sorriu e fechou os olhos.

Dali a um momento o médico voltou e fez sinal para que saíssem novamente.

Sussurrou para eles, enquanto saíam:

— Vamos prepará-la agora para a cirurgia. Os senhores poderão voltar daqui a um momento.

Ele se virou, e eles saíram. Deanna sentia falta de ar, agora, como se também ela tivesse que lutar para respirar, como Pilar. O corredor estava a um só tempo frio e abafado demais, e ela teve que se apoiar em Marc. Eram quatro horas da madrugada, e nenhum dos dois dormia há dois dias.

— Ela falou que se sentia melhor. — Marc se apegava à débil esperança, e Deanna concordou. — Também achei a cor dela um pouco melhor.

Deanna já ia dizer alguma coisa, mas o Dr. Kirschmann reapareceu, descendo o corredor na direção deles.

— *Merde*. Ele devia estar é com Pilar, em vez de estar procurando por nós.

Marc começou a caminhar na direção do médico, mas Deanna parou. Já sabia, e agarrou o braço de Marc. Ela sabia, e não podia dar mais um passo. O mundo tinha acabado. Pilar estava morta.

O sol estava nascendo quando saíram do hospital. Levaram mais de uma hora para assinarem os papéis e tomarem as providências. Marc decidira que queria que o enterro fosse realizado na França. Deanna estava pouco se importando. Um dos seus bebês estava enterrado na Califórnia, o outro na França. Não fazia diferença para ela. E desconfiava que Pilar teria preferido que fosse assim. O Dr. Kirschmann fora compassivo e bondoso. Não tinha havido nada que ele pudesse fazer. O estado de Pilar já era grave demais quando a tinham trazido do Sul da França. O golpe na sua cabeça fora sério demais, e ele se admirava apenas que ela não tivesse morrido nos momentos que se seguiram ao acidente.

— Ahh... motocicletas! — disse, enquanto Marc se crispava visivelmente.

Fora-lhes oferecido café, que eles recusaram, e finalmente tudo acabou. Marc pegou-a pelo braço e levou-a gentilmente até a rua. Ela sentia como se o seu cérebro tivesse parado de funcionar nessa última hora. Não podia pensar, não podia se mexer, não podia nem sentir. Tinha cumprido todas as formalidades mecanicamente, mas sentia como se também tivesse morrido.

Marc acompanhou-a até o pequeno Renault azul e destrancou a porta.

— De quem é este carro?

Era uma pergunta estranha para ser feita numa manhã dessas, mas os olhos dela fitavam-no quase cegamente, enquanto falava.

— Não importa, entre. Vamos para casa.

Nunca se sentira tão cansado, ou perdido, ou sozinho. Todas as suas esperanças tinham sido destroçadas, todas as suas alegrias, os seus sonhos. Nem lhe importava agora que tinha Deanna, e Chantal. Perdera Pilar. As lágrimas começaram a rolar de novo lentamente pelo seu rosto enquanto dava partida no carro, e desta feita ele as deixou correr livremente. Não estava ligando.

No seu assento, Deanna recostou a cabeça e fechou os olhos, sentindo um nó no peito e um bolo na garganta. Havia uma vida inteira de choro instalada ali, mas no momento não queria sair.

Rodaram lentamente por Paris, enquanto os varredores de rua trabalhavam e o sol brilhava forte demais na calçada. Devia ter sido um dia de chuva e neblina pesada, mas não era, e o sol forte fazia com que o horror parecesse uma mentira. Como ela poderia não estar mais aqui, num dia como este? Mas não estava... não estava mais. O pensamento ficava se repetindo na cabeça de Marc-Edouard, enquanto Deanna olhava pela janela, sem ver.

A empregada já estava à porta quando chegaram ao apartamento dos Duras, ainda de robe. Ouvira o barulho do elevador e viera correndo saber. O rosto de Marc-Edouard dizia tudo. Silenciosamente, ele começou a chorar.

— Quer que acorde madame?

Marc sacudiu a cabeça. Não havia motivo para acordá-la agora. As más notícias podiam esperar.

— Um pouco de café, *monsieur*?

Desta feita ele meneou a cabeça afirmativamente, e fechou a porta devagar, enquanto Deanna ficava parada ali, sentindo-se perdida. Olhou para ela por um momento, enxugou os olhos e estendeu a mão. Sem nada dizer, ela a tomou, e caminharam lentamente para o quarto.

As persianas estavam fechadas, os postigos também, a cama estava preparada, mas Deanna não estava com vontade de ir para a cama. Não podia suportar ficar deitada ali, pensando, não podia suportar saber que Pilar estava morta. Marc-Edouard desabou numa cadeira e enterrou o rosto nas mãos. Lentamente, os soluços vieram de novo. Deanna foi até ele e segurou-o pelos ombros, mas não havia mais nada que pudesse fazer. Finalmente ele esgotou as lágrimas, e ela o ajudou a ir para a cama.

— Deve tentar dormir — sussurrou para ele, como sussurrara para Pilar.

— E você? — perguntou com voz rouca.

— Mais tarde. Não trouxe mala?

Olhou pelo quarto, surpresa. Nenhuma das coisas dele estava ali.

— Eu a apanho mais tarde.

Fechou os olhos. Apanhar a mala significava ver Chantal. Ter-lhe-ia que contar sobre Pilar. Como teria que contar para a mãe. E para os amigos. Não poderia suportar. Contar a eles faria a coisa ser mais real. As lágrimas escorreram de novo pelo canto dos olhos dele. Finalmente, acabou pegando no sono.

Apenas Deanna tomou o café, quando ele chegou. Levou a xícara para o salão, onde ficou sentada sozinha, olhando por sobre os telhados de Paris, pensando na filha. Sentia-se em paz, sentada ali, pensando, olhando para o céu da manhã debruado de dourado. Pilar tinha sido tantas coisas, e não muito fáceis, nos últimos anos, mas acabaria por crescer. Elas teriam sido amigas... *Teriam sido*. Era difícil imaginar. Sentia como se Pilar estivesse ali por perto, e não estivesse perdida. Era inconcebível para ela que não mais conversariam, ou ririam, ou discutiriam, e que Pilar não mais jogaria aquela cabeleira loura como uma juba, ou fiscaria aqueles olhos azuis para obter o que estivesse desejando, que os chinelos de Deanna não mais seriam tomados de empréstimos, o seu batom

não sumiria, o seu robe predileto não desapareceria juntamente com o seu melhor casaco... Ao pensar nisso, as lágrimas finalmente vieram em grandes ondas. Soube, finalmente, que Pilar não existia mais.

— Deanna? — Era Madame Duras, parada no centro da sala, parecendo uma estátua num robe azul-claro. — Pilar?

Deanna sacudiu a cabeça e fechou os olhos. Madame Duras apoiou-se numa cadeira.

— Ah, meu Deus. *Ah, bon Dieu... bon Dieu.* — E então, olhando ao redor, as lágrimas escorrendo pelas faces: — Onde está Marc?

— Dormindo, creio. Na cama.

A sogra assentiu e saiu silenciosamente da sala. Não havia nada que pudesse dizer, mas Deanna odiou-a mais uma vez, por nem sequer ter tentado. Era perda dela, também, mas devia a Deanna algumas palavras, ao menos.

Nas pontas dos pés, Deanna voltou para o quarto deles. Estava com medo de acordar Marc, e abriu a porta muito suavemente. Ele ainda dormia, roncando ligeiramente. Desta feita, enquanto o observava, ele não mais parecia jovem. O seu rosto todo parecia flácido, marcado pela dor, e mesmo dormindo Deanna podia ver que ele não estava em paz.

Ficou sentada durante algum tempo, observando-o, perguntando-se o que aconteceria, o que fariam. Um bocado de coisas tinha mudado num dia. Pilar. A mulher com quem o vira no aeroporto. Percebia agora que era provavelmente com ela que arranjará o carro e deixará a mala. Queria odiá-lo por isso, mas agora não se importava. Subitamente deu-se conta de que tinha que ligar para Ben. Uma olhada ao relógio de Marc disse-lhe que passava das oito e meia. Seria meia-noite em São Francisco. Ele ainda podia estar acordado, e ela precisava ligar para ele agora, enquanto podia.

Correu a mão pelos cabelos, vestiu o casaco de novo, e agarrou a bolsa. Daria o telefonema da agência dos correios a meia quadra de distância, de onde os residentes parisienses sem telefone faziam as suas chamadas. Não queria o número dele na conta de telefone da sogra.

Sentia-se entorpecida enquanto descia no elevador minúsculo e depois caminhava a meia quadra até a *poste*. Não conseguia mexer os pés depressa e também não conseguia andar mais devagar; andou no mesmo ritmo, como uma máquina, até entrar na cabina telefônica dos correios e fechar a porta.

O número tocou apenas duas vezes, e a ligação tinha sido feita rapidamente. Sentiu-se tremer enquanto esperava, e depois ouviu a voz dele. Parecia sonolento, e ela se deu conta de que já estava na cama.

— Ben?

— Deanna? Querida, você está bem?

— Eu...

E então as palavras cessaram. Não conseguia falar mais.

— Deanna? — Ela tremia violentamente, ainda sem conseguir falar. — Ah, querida... como...? Como está ela, muito ruim? Tenho pensado em você todos os minutos, desde que partiu. — O único som que Deanna emitiu em resposta foi um soluço curto e convulso. — Deanna! Por favor, coração, tente acalmar-se e falar comigo. — Porém, subitamente, ele sentiu um arrepio de medo correr-lhe pelas costas. — Meu Deus, ela está... Deanna? — falou, com voz subitamente muito suave.

— Ah, Ben, ela morreu hoje de manhã.

Por outro momento interminável, não conseguiu mais falar, depois de ter pronunciado as palavras.

— Ah, Deus, não. Querida, você está sozinha? Onde está?

— Na agência dos correios.

— Ah, pelo amor de Deus, o que está fazendo aí?

— Quis telefonar para você.

— Ele... também está em Paris?

— Está. — Tentou recobrar o fôlego de novo. — Chegou ontem à noite.

— Sinto tanto. Por vocês dois.

Ela soluçou de novo. Com Ben ela podia se soltar, podia entregar-se a ele e mostrar o quanto precisava dele. Com Marc, sempre mantinha uma fachada. Tinha que viver o que ele esperava, ser o que ele achava que ela devia ser.

— Quer que eu vá para aí? — perguntou Ben. — Posso tomar o primeiro avião da manhã.

E fazer o que, perguntou-se ela. Era tarde demais para Pilar.

— Adoraria que você viesse, mas não faz muito sentido. Estarei em casa daqui a uns dois dias.

— Tem certeza? Não quero ser um problema, mas irei logo para aí, se isso ajudar. Ajudaria?

— MUITÍSSIMO. — Sorriu por entre as lágrimas. — Mas é melhor não vir.

— E... todo o resto?

Tentou não parecer preocupado ou abalado.

— Não sei. Teremos que conversar.

Ele sabia que ela estava falando de Marc.

— Bem, não se preocupe com tudo isso, agora. Depois que tudo isso acabar, nós nos preocuparemos com o resto. O... você vai querer que seja aí?

— O enterro? — Teve vontade de morrer ao dizer a palavra. A mão dela tremia terrivelmente. Segurou com mais força o aparelho.

— Não, mas Marc quer que seja aqui. Não faz mal. Acho que Pilar provavelmente teria preferido o mesmo. De qualquer forma, estarei em casa dentro de dois ou três dias.

— Gostaria de poder poupar-lhe tudo isso.

— Não... — mas não conseguiu continuar, momentaneamente — ...faz mal. Estarei bem.

Mas estaria? Não tinha tanta certeza. Nunca se sentira tão desamparada na vida.

— Bem, lembre-se de que, se precisar de mim, eu irei. Não irei a parte alguma nos próximos dias sem deixar um número, para você poder sempre me achar. Está bem?

— Está bem. — Tentou sorrir enquanto falava, mas o esforço apenas fez com que chorasse mais. — Pode... pode ligar para...

— Kim?

— É.

Foi um sussurro triste.

— Vou ligar imediatamente. Agora, quero que vá para casa e descanse um pouco. Querida, não pode continuar nesse ritmo. Tem que descansar. Vá dormir um pouco. E logo que você voltar para casa, iremos para Carmel. Não me importo com o que aconteça depois, mas você irá para Carmel comigo. Andaremos pela praia, e estaremos juntos.

Agora ela soluçava violentamente. Jamais estariam juntos de novo. Ela jamais andaria por aquela praia, ou outra qualquer. Estaria presa para sempre naquele pesadelo, sozinha.

— Deanna, preste atenção — dizia Ben. — Pense em Carmel, em meio a tudo isso, e tente lembrar-se de que a amo. — Ela balançou a cabeça, tristemente, ainda sem conseguir emitir as palavras. — Meu amor, estou com você a cada momento. Seja forte, minha querida. Eu a amo.

— Eu também o amo.

Mas a voz dela não passava de um murmúrio, enquanto desligava o telefone, depois se dirigia para o balcão e pagava à encarregada pelo telefonema... e caía desmaiada no chão.

— Por onde você andou? — Marc estava sentado na sala de visitas, parecendo envelhecido e abatido, quando ela voltou. — Esteve fora durante horas. — Era uma acusação. Fitava-a, de olhos vermelhos, por cima da beira de uma xícara de café. Ela não parecia nada melhor, ao contrário, consideravelmente pior. — Onde esteve?

— Fui dar um passeio. Desculpe. Precisava de ar. — Largou a bolsa sobre uma cadeira. — Como está a sua mãe?

— Você pode imaginar. Liguei para o doutor faz meia hora, e ele lhe deu uma injeção. Provavelmente não acordará antes do meio-dia.

Por um momento, Deanna a invejou. Que saída fácil. Mas não verbalizou o pensamento. Em vez disso, perguntou:

— E você?

— Temos muita coisa para fazer hoje. — Olhou para ela, pesaroso, e foi então que notou as manchas na sua saia. — O que aconteceu? Caiu?

Ela assentiu e desviou os olhos.

— Deve ter sido o cansaço. Tropecei. Não é nada.

Ele veio para junto dela e abraçou-a.

— Devia ir para a cama.

— Eu vou. Mas, e quanto às providências?

— Pode deixar que eu cuido. Você não precisa fazer nada.

— Mas quero...

Subitamente, sentiu-se fora do controle de novo, como se nunca tivesse nenhuma participação.

— Não. Quero que vá dormir um pouco. — Levou-a até o quarto e fê-la sentar-se na cama. — Quer que chame o médico para você? — Ela fez que não com a cabeça, depois se deitou, olhando para ele com olhos sofredores que o despedaçavam. — Deanna...

— E quanto à sua amiga?

Ele se levantou e deu-lhe as costas.

— Deixe isso para lá.

— Talvez esta não seja a hora, porém mais cedo ou mais tarde teremos que conversar a respeito.

— Talvez não.

— Como assim?

Fitou-o fixamente. Ele se virou para olhá-la.

— Quero dizer que o problema não é seu. E que farei o máximo para resolvê-lo.

— Definitivamente?

Ele pareceu hesitar por longo tempo, e depois meneou a cabeça suavemente, sem a fitar.

— Sim.

Chantal escutou a chave girar na fechadura enquanto saía do chuveiro. Não tivera coragem de ligar para a casa da rue François Premier, e no seu último telefonema anônimo para o hospital conseguira apenas a informação de que Pilar estava na mesma. Tinha a intenção de ligar de novo tão logo tomasse café, mas Marc-Edouard chegou primeiro, com cara de quem não tinha dormido a noite toda. Chantal ergueu os olhos e sorriu, da porta do banheiro. Estava secando a perna com uma toalha amarelinha.

— *Bounjour, mon chéri*. Como está Pilar?

Endireitou o corpo com uma expressão séria, segurando a toalha na mão. Havia algo nos olhos dele que subitamente a assustou. Ele os fechou e cobriu por um momento com a mão. Pareceu passar-se longo tempo até que olhasse para ela de novo.

— Ela... faleceu. Às quatro horas da madrugada.

Sentou-se pesadamente numa cadeira da sala, e Chantal se aproximou rapidamente, tirando um robe rosa pálido de um gancho na parede do banheiro.

— Ah, Marc-Edouard... ah, querido, sinto tanto. — Ajoelhou-se ao lado dele e tomou-o suavemente nos braços, envolvendo-lhe os ombros e segurando-o com força, como uma criança. — *Oh, mon pauvre chéri, Marc-Edouard. Quelle horreur...*

Desta feita ele não chorou, ficou apenas sentado, de olhos fechados, sentindo-se aliviado por estar ali.

Ela teve vontade de perguntar-lhe se havia mais alguma coisa errada. Era uma pergunta loucamente estúpida, levando-se em conta o que acontecera de madrugada, mas ele lhe parecia esquisito, diferente, estranho. Talvez fosse apenas exaustão, e o choque. Largou-o apenas o tempo suficiente para servir-lhe uma xícara de café, e depois sentou-se de novo aos seus pés, o corpo enroscado sobre o tapete branco, o robe cor-de-rosa ocultando apenas o essencial, e deixando nuas as longas pernas sedosas. Ele a fitava enquanto ela acendia um cigarro.

— Posso fazer alguma coisa?

Ele sacudiu a cabeça.

— Chantal, Deanna nos viu ontem à noite. Ela veio me apanhar no aeroporto e nos viu saltando do avião. E soube. De tudo. As mulheres são intuitivas, nesse aspecto. Disse que soube pelo jeito que nos movíamos que nos conhecíamos há muito tempo.

— Ela deve ser uma mulher muito inteligente.

Chantal examinava-o, perguntando-se o que diria a seguir.

— E é, ao seu modo tranqüilo.

— E... o que foi que ela falou?

— Não muita coisa. Ainda. Tem coisa demais acontecendo, mas ela é americana. Não aceita bem esse tipo de coisa. Nenhuma delas aceita. Acreditam em fidelidade eterna, o casamento perfeito, maridos que lavam a louça, filhos que lavam o carro, e todo mundo vai junto à igreja aos domingos e vivem felizes para todo o sempre até os 109 anos de idade.

Parecia amargurado e cansado.

— E você? Acredita nisso?

— É um sonho bonito, de qualquer forma. Mas não muito real. Sabe disso tanto quanto eu.

— *Alors*, o que vamos fazer? Ou, mais precisamente, o que você vai fazer?

Ela não queria perguntar “ela ou eu?”, mas resumia-se nisso, e ambos o sabiam.

— Ainda é cedo para saber, Chantal. Veja o que acaba de acontecer. E ela está num estado terrível, está tudo confuso.

— Ainda está recente.

Ele concordou e desviou o olhar. Tinha vindo dizer adeus a Chantal, terminar com tudo, explicar que não podia fazer isso com Deanna... tinham acabado de perder a sua única filha. Mas enquanto olhava para ela, sentado ao seu lado, só o que queria era tomá-la nos braços, correr as mãos pelo seu corpo, abraçá-la forte, agora e para sempre, vezes sem conta. Como podia largar o que amava e necessitava tanto?

— No que está pensando, Marc-Edouard?

Podia ver o tormento no rosto dele.

— Em você — falou muito baixinho, olhando para as mãos.

— De que jeito?

— Estava pensando — olhou-a nos olhos de novo — que a amo, e que, neste momento, o que mais quero é fazer amor com você.

Ela ficou a observá-lo por um longo momento, depois se levantou e estendeu a mão. Ele a tomou e acompanhou-a, silenciosamente, até o quarto. Ela sorriu quando ele desceu o robe cor-de-rosa pelos seus ombros.

— Chantal, você nunca saberá o quanto eu a amo.

Nas duas horas seguintes, ele o demonstrou de todas as maneiras que conhecia.

O enterro foi breve, formal, e uma agonia. Deanna usou um vestido de lã preto simples e um chapeuzinho preto com véu. A mãe de Marc estava inteiramente vestida de preto, com meias pretas. Marc usou um terno escuro e gravata preta. Foi tudo feito segundo a mais formal das tradições francesas, numa igreja bonita no *seizième arrondissement*, e a *Ave-Maria* foi cantada pelo coro da escola paroquial. Era de cortar o coração, enquanto as vozes das crianças emitiam as notas, e Deanna tentava desesperadamente não escutar. Mas não havia como evitar. Marc fizera tudo *à la française...* o culto, a música, o elogio fúnebre, o pequeno cemitério no campo, com mais um padre, e depois a reunião de amigos e parentes em casa. Era um empreendimento para o dia todo, com rodadas intermináveis de aperto de mão e pêsames, explicações e tristezas partilhadas. Para alguns era indubitavelmente um alívio prantear daquele jeito, mas para Deanna não era. Mais uma vez sentia que Pilar fora roubada dela, só que agora realmente não importava. Esta era a última vez. Até mesmo ligou para Ben da casa, a cobrar.

— Desculpe. Não vou demorar muito. Só precisava falar com você. Estou em casa.

— Está agüentando firme?

— Não sei. Acho que estou entorpecida. É tudo como um circo. Tive até que lutar com eles por causa de um caixão aberto. Graças a Deus, pelo menos essa batalha eu venci.

Ele não estava gostando do som da voz dela. Parecia nervosa, cansada e tensa. O que não era de surpreender, dadas as circunstâncias.

— Quando vai voltar?

— Dentro dos próximos dois dias, espero. Mas não tenho certeza. Vamos combinar hoje à noite.

— Mande-me um telegrama quando souber.

Ela soltou um pequeno suspiro.

— Mandarei. Acho melhor voltar para as festividades macabras.

— Eu a amo, Deanna.

— Eu também.

Teve medo de dizer as palavras, caso alguém entrasse no quarto, mas sabia que ele entenderia.

Voltou para junto dos 50 ou 60 convidados que circulavam pelos salões da sogra, tagarelando, mexericando, discutindo Pilar, consolando Marc. Deanna nunca se sentira uma estranha tão completa quanto agora. Parecia horas que não via Marc. Ele a encontrou finalmente na cozinha, olhando por uma janela, que dava para uma parede.

— Deanna? O que está fazendo aqui?

— Nada. — Os olhos grandes e tristonhos fitaram os dele. Marc estava com melhor aparência. E, dia após dia, ela parecia pior. Também não estava se sentindo bem, mas não contara nada para Marc, inclusive o fato de que desmaiara duas vezes nos quatro últimos dias. — Só estou aqui tomando fôlego.

— Desculpe estar sendo um dia tão longo. Minha mãe não teria compreendido se tivéssemos feito as coisas de outro jeito.

— Eu sei, compreendo.

Subitamente, olhando para Marc, deu-se conta de que ele também compreendia, e que podia ver o quanto aquilo a estava esgotando.

— Marc, quando vamos voltar para casa?

— Para São Francisco? — Ela fez que sim. — Não sei. Não pensei no assunto. Está com pressa?

— Só quero voltar. É... mais difícil para mim aqui.

— *Bon*. Mas tenho trabalho que preciso completar aqui. Preciso de pelo menos mais duas semanas.

Ah, Deus, não. Não conseguiria sobreviver mais duas semanas sob o teto da sogra... e sem Ben.

— Não há motivo para que eu fique, há?

— Como assim? Quer ir para casa sozinha? — Parecia aflito. — Não quero que faça isso. Quero que vá para casa comigo.

Já tinha pensado no assunto. Seria duro demais para ela enfrentar a casa sozinha: o quarto de Pilar, as suas coisas. Não queria isso. Ela teria que esperar por ele.

— Não posso esperar duas semanas.

Parecia desesperada com a idéia, ele notou mais uma vez como ela estava exausta e nervosa.

— Veremos.

— Marc, tenho de ir para casa.

A voz dela tremia, enquanto aumentava de volume.

— Está bem. Mas, primeiro, quer fazer uma coisa para mim?

— O quê?

Olhou para ele de modo estranho. O que ele estava querendo? Só o que ela queria era ir embora.

— Quer passar dois dias fora comigo? Qualquer lugar, durante um fim de semana. Algum lugar tranquilo, onde possamos os dois descansar. Precisamos conversar. Aqui não foi possível, e não quero que você volte antes de conversarmos. Sossegadamente. Sozinhos. Faz isso por mim?

Ela esperou um longo momento, depois olhou para ele.

— Não sei.

— Por favor. É só o que peço. Só isto: dois dias, e depois você pode ir.

Ela se virou para olhar para os telhados de novo. Estava pensando em Ben e Carmel. Mas não tinha o direito de correr para ele apenas para se sentir melhor. Devia alguma coisa ao casamento deles, nem que fosse apenas dois dias. Virou-se para olhar para Marc, e assentiu, lentamente.

— Está certo, eu vou.

— *Merde alors!* O que espera de mim? Minha filha morreu há três dias e você quer que eu comunique a Deanna que quero o divórcio? Isso não lhe parece um pouco apressado, Chantal? E já lhe ocorreu que está se aproveitando injustamente da situação? — Sentia-se dividido entre duas mulheres, dois mundos. Novamente sentia um tipo estranho de pressão por parte de Chantal, uma espécie de chantagem emocional que lhe dizia que haveria tragédia se Chantal sofresse alguma perda. As duas mulheres queriam que ele fizesse uma escolha, uma escolha dolorosa. Tinha se dado bem conta disso, durante esta semana. Deanna parecia que ficaria felicíssima em abandoná-lo agora. Ainda não o perdoara pelo que vira no aeroporto na noite da morte de Pilar. Mas ele não queria perder Deanna. Ela era sua mulher, precisava dela, respeitava-a, estava acostumado com ela. E era o seu último elo com Pilar. Deixar Deanna seria como deixar o lar. Mas também não podia desistir de Chantal... ela era o seu excitamento, sua paixão, sua alegria. Olhou para Chantal, exasperado, e correu a mão pelos cabelos. — Não dá para você compreender? É cedo demais!

— Já faz cinco anos. E agora ela sabe. E talvez não seja cedo demais. Talvez a melhor hora seja esta.

— Para quem? Para você? Que é isso, Chantal, seja um pouquinho paciente. Deixe-me ajeitar as coisas.

— E quanto tempo vai demorar? Outros cinco anos, enquanto você mora lá e eu moro aqui? Você devia voltar dentro de duas semanas, e então o quê? E quanto a mim? Fico aqui sentada, esperando durante dois meses até você voltar? *Et alors?* Eu estava com 25 anos quando nos conhecemos, agora estou com quase 30. E depois estarei com 35, 37 e 45. O tempo passa depressa. Especialmente desse jeito. Passa depressa demais.

Ele sabia que era verdade, mas não estava com disposição para discutir.

— Escute, não podemos adiar isso por algum tempo? Por simples decência. Gostaria de deixar minha mulher se recuperar da perda da filha antes de destruí-la a vida.

Por um momento, odiou Chantal. Porque gostava dela, porque não queria perdê-la... e porque aquilo a deixava por cima.

E ela sabia.

— O que o faz pensar que o fato de você a abandonar destruiria a sua vida? Quem sabe ela tem um amante?

— Deanna? Não seja ridícula. Na verdade, acho que você está sendo inconveniente com relação a tudo isso. Vou passar o fim de semana fora. Temos muito o que discutir. Falarei com ela, verei como estão as coisas. E dentro em breve darei o passo certo.

— E que passo é esse?

Ele soltou um suspiro imperceptível e sentiu-se repentinamente muito velho. A coisa chegara a esse ponto.

— O que você quer.

Mas, enquanto chamava um táxi, duas horas mais tarde, para ir ao apartamento da mãe, onde Deanna esperava, ficou se questionando. Por que Chantal tinha que agir assim com ele? Primeiro as discussões sobre Cap d'Antibes, depois aquela noite terrível em que chegara e não a encontrara (talvez perdida para sempre) na qual parara de tomar a insulina. E agora, isto. Mas, por quê? Por que agora? Por um motivo estranho que não compreendia,

aquilo lhe deu vontade de correr para junto de Deanna e protegê-la de um mundo prestes a ser muito cruel.

Partiram para o campo de manhãzinha. Deanna estava estranhamente quieta, enquanto saíam da cidade, imersa nos seus pensamentos. Ele quisera levá-la para algum lugar neutro, onde não haveria uma enxurrada de lembranças de Pilar. Já tinham lembranças suficientes para enfrentar na casa da mãe dele. Um amigo oferecera a sua casa de campo, perto de Dreux.

Lançou um olhar distraído para Deanna e depois concentrou-se na estrada, mas pegou-se pensando de novo em Chantal. Tinha falado com ela de manhã, antes de saírem.

— Vai contar a ela neste fim de semana?

— Não sei. Vou ver. Se a levar a ter um colapso nervoso, não vai ser bom para nenhum de nós.

Mas Chantal parecera infantil e petulante. Repentinamente, depois de tantos anos de paciência, ela estava fugindo ao seu controle. Contudo, tinha sido o esteio da vida dele nos últimos cinco anos. Não podia desistir dela. Mas será que podia desistir de Deanna tão facilmente? Olhou para o lado dela, de novo. Ainda estava de olhos fechados, e não tinha dito uma só palavra. Será que a amava? Sempre pensara que sim, mas depois do verão com Chantal, não tinha tanta certeza. Era impossível saber, concluir, entender... e dane-se Chantal por forçá-lo a isso. Prometera a Deanna, há dois dias, que terminaria o relacionamento com Chantal, e agora tinha feito a mesma promessa à amante com relação a Deanna.

— É muito longe?

Os olhos de Deanna se abriram, mas ela não mexeu a cabeça. Sentiu-se esmagada pela exaustão que a vinha atormentando há dias.

— Não. Fica a mais ou menos uma hora daqui. E é uma casa bonita. Não me hospedo lá desde menino, mas sempre foi linda. — Sorriu para ela. Deanna estava com olheiras. — Sabe, está com um ar um bocado cansado.

— Eu sei. Quem sabe neste fim de semana eu descanse um pouco.

— Pegou alguns comprimidos para dormir com o médico da mamãe?

Mandara que o fizesse, na última vez que o marido fora à casa deles.

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu mesma me ajeito.

Ele fez uma careta, e ela sorriu pela primeira vez.

Foi só depois que chegaram que ela falou de novo. Era na verdade um belo lugar, uma velha casa de pedra, de considerável grandiosidade e proporções, quase ao estilo de um *château*, cercada por jardins magnificamente bem tratados. À distância ficavam pomares que se estendiam por quilômetros.

— Bonito, não é? — falou ele, de forma carinhosa, e seus olhos se encontraram.

— Muito. Obrigada por ter arranjado isso. — Então, quando ele ia pegar as malas, ela falou de novo, quase inaudivelmente: — Que bom que viemos.

— Também acho.

Olhou para ela muito cautelosamente, e ambos sorriram.

Ele levou as malas para dentro da casa e pousou-as no corredor principal. Os móveis eram, na sua maioria, ingleses e franco-provinciais, e tudo nos aposentos era fiel ao século XVII, quando a casa fora construída. Deanna caminhou pelos longos corredores, olhando para os pisos de parquet e espiando pelas janelas altas que davam para o jardim. Parou finalmente na extremidade do corredor, num solário cheio de plantas e cadeiras confortáveis.

Sentou-se numa delas e fitou silenciosamente os terrenos. Dali a certo tempo escutou os passos de Marc ecoando pelo corredor.

— Deanna?

— Estou aqui.

Ele entrou no aposento e ficou parado junto à porta por algum tempo, olhando para fora, e lançando olhares ocasionais à mulher.

— *C'est joli, non?* — Falava distraidamente, e os olhos dela ergueram-se até os dele. — É bonito.

Ela assentiu.

— Eu compreendi. Marc? — Não queria perguntar, mas precisava. E sabia que ele não ia ficar satisfeito. — Como vai a sua amiga?

Ele não respondeu, durante longo tempo.

— Não sei ao que está se referindo.

— Sabe, sim. — Sentiu a náusea subir-lhe à boca, enquanto perscrutava-lhe os olhos. — Já decidiu como vai fazer?

— Não acha que é um pouco cedo para discutirmos? Acabamos de saltar do carro.

Ela sorriu.

— Mas, que toque francês! O que pretendia, querido? Que passássemos o fim de semana sendo encantadores, e depois discutíssemos o assunto no domingo, a caminho de casa?

— Não foi para isso que a trouxe para cá. Ambos precisávamos sair um pouco.

Ela assentiu de novo, os olhos marejados de lágrimas.

— É, precisávamos. — Os seus pensamentos imediatamente voaram para Pilar. — Mas também temos que discutir isso. Sabe, estou me perguntando por que continuamos casados.

Ergueu os olhos de novo para ele. Marc entrou na sala e sentou-se, lentamente.

— Está maluca.

— Talvez esteja.

Ela procurou o lenço e assoou o nariz.

— Deanna, por favor...

Olhou para ela, depois desviou os olhos.

— O quê? Quer fingir que nada aconteceu? Marc, não podemos.

Coisas demais tinham acontecido durante o verão. Ela tivera Ben, e agora sabia que Marc também tinha alguém. Só que, no caso de Marc, o romance provavelmente já durava anos.

— Mas isso não é assunto para você se preocupar agora.

— E que hora melhor? Já estamos ambos sofrendo tanta dor, que é melhor lancetar logo todo o furúnculo. Se não o fizermos, ele vai continuar latejando e doendo para sempre, enquanto tentamos fingir que não está ali.

— Você está tão infeliz há tanto tempo assim?

Ela meneou a cabeça lentamente, virando-se para olhar para fora. Estava pensando em Ben.

— Nunca me dei conta até este verão do quão terrivelmente solitária eu estava, do quão constantemente sozinha... de quão pouco fazemos juntos, do quão pouco compartilhamos. De quão pouco você compreende o que desejo.

— E o que é que você deseja? — perguntou ele, com voz muito baixa e suave.

— O seu tempo, o seu afeto. Risos. Caminhadas pela praia. — Falou as últimas palavras sem pensar, e depois virou o rosto para ele, surpresa. — Quero que você ligue para o meu trabalho, porque ele é importante para mim. Quero estar com você, Marc. Não ficar sozinha em casa. O que você acha que vai acontecer, agora que Pilar se foi? Você vai viajar durante meses, e eu, o que farei? Ficarei sentada, esperando? — A simples idéia de tal existência fez com que ela tremesse por dentro. — Não posso mais fazer isso. Não quero.

— Então, o que sugere?

Ele queria que ela falasse, que pedisse o divórcio.

— Não sei. Podíamos acabar com tudo, ou, se decidirmos continuar casados, as coisas teriam que ser diferentes, especialmente agora.

Jesus, o que estava fazendo? Se ficasse com ele, não poderia ter Ben. Mas este era o seu marido, o homem com quem vivia há 18 anos.

— Está me dizendo que quer viajar comigo?

Parecia aborrecido.

— E por que não? Ela viaja com você, não é? — Deanna finalmente chegara a esta conclusão. — Por que não eu?

— Porque... não faz sentido. Não é prático. E... é caro.

E porque assim não poderia levar Chantal.

— Caro? — Deanna ergueu a sobrancelha com um sorrisinho maldoso. — Ora, ora. Ela é que paga a passagem dela?

— Deanna! Não vou discutir isso com você.

— Então, para que viemos para cá?

Os olhos dela estavam ferozes, no rosto longo e branco.

— Viemos para cá para descansar.

Eram as palavras de um monarca, do seu rei. O assunto estava encerrado.

— Sei. Então, só o que temos a fazer é suportar o fim de semana, sendo educados, depois voltar para Paris fingindo que nada aconteceu. Você volta para a sua amiguinha, e daqui a duas semanas retornamos aos Estados Unidos e continuamos como sempre. E quanto tempo você vai ficar lá desta vez, Marc? Três semanas? Um mês? Seis semanas? E então partirá de novo, e por quanto tempo, e com quem, enquanto eu fico sentada sozinha naquele maldito museu no qual vivemos, esperando que você volte. Sozinha de novo, porra. Sozinha!

— Não é verdade.

— É sim, e você sabe. E o que estou lhe dizendo agora é que estou cheia. No que me diz respeito, esses dias terminaram.

Ela se ergueu, repentinamente, e já ia sair da sala, mas quando se levantou, ficou tonta. Parou por um momento, olhando para baixo e se apoiando na cadeira.

Ele a observou, a princípio calado, depois com ar preocupado.

— Algum problema?

— Não. Nada. — Endireitou o corpo e fitou-o com raiva, de onde estava. — Estou apenas muito cansada.

— Então, vá descansar. Vou lhe mostrar o nosso quarto. — Tomou-a novamente pelo cotovelo, até se certificar de que estava pisando firme, depois foi mostrando o caminho pelo longo corredor até a outra extremidade da casa. Tinham ficado com o quarto principal, uma esplêndida suíte decorada em sedas cor de framboesa com creme. — Por que não se deita um pouquinho, Deanna? — Ela parecia cada vez pior. — Vou dar uma volta.

— E depois? — Olhou para ele, infeliz, sentada na cama. — Depois o que fazemos? Não posso mais fazer isso, Marc. Não posso mais jogar.

Sentiu-se tentado a dizer “Como, jogar?”, a negar tudo. Ficou calado, contudo, e Deanna continuou, olhando direto nos olhos dele enquanto falava. Pareciam perturbados e muito saturados.

— Quero saber o que você sente, o que pensa, o que vai fazer. O que vai ser diferente para mim, além do fato de não mais termos Pilar. Quero saber se você vai continuar vendo a sua amante. Quero saber todas as coisas que você acha grosseiro dizer. Diga-as agora, Marc. Preciso saber.

Ele balançou a cabeça, silenciosamente, depois caminhou para o outro lado do quarto, olhando pela janela para as colinas ondulantes.

— Não é fácil para mim falar sobre essas coisas.

— Eu sei. — A voz dela era muito suave. — Metade do tempo em que estamos casados, nunca tive certeza se você me amava.

— Sempre amei. — Falou sem se virar, e ela só enxergava as costas dele. — Sempre a amarei, Deanna.

Ela sentiu as lágrimas ardendo nos olhos.

— Por quê? — Mal conseguiu pronunciar as palavras.— Por que me ama? Por que sou sua mulher? Por força do hábito? Ou porque gosta de mim realmente?

Mas ele não respondeu, apenas se virou para ela com uma expressão de dor intensa no rosto.

— Precisamos fazer isso? Agora... tão em seguida à morte... de Pilar? — Deanna ficou calada. O rosto dele todo tremera ao falar em Pilar. — Deanna, eu... não posso.

Sem mais uma palavra saiu do quarto, e ela o viu a seguir, de cabeça baixa, caminhando pelo jardim. Os olhos dela ficaram cheios de lágrimas de novo, enquanto olhava para ele. Esses últimos dias pareciam ser o fim da vida dela. Por um momento nem pensou em Ben. Apenas em Marc.

Marc só voltou para casa dali a uma hora, e quando voltou, encontrou-a dormindo. Ainda havia um ar de exaustão nos olhos cercados por fundas olheiras. Pela primeira vez em anos, ela não usava maquiagem alguma, e em contraste com a colcha de seda cor de framboesa, achou que o rosto dela estava quase verde. Voltou para o corredor principal, e dali passou para um estúdio. Por um momento ficou ali sentado, fitando o telefone. E então, como se fosse necessário, começou a discar.

Ela atendeu no terceiro toque.

— Marc-Edouard?

— *Oui*. — Fez uma pausa. — Como vai?

E se Deanna acordasse? Por que ligara para ela?

— Você parece esquisito. Algum problema?

— Não, não. Só estou muito cansado. Ambos estamos.

— É compreensível. Já conversaram?

Ela era implacável. Era uma faceta de Chantal que ele não conhecia.

— Não de verdade. Só um pouquinho.

— Imagino que não seja fácil.

Podia ouvi-la suspirar.

— Não, não é. — Fez uma pausa. Escutara passos no corredor.

— Escute, ligo depois.

— Quando?

— Mais tarde. — E então: — Eu a amo.

— Que bom, querido, eu também.

Desligou com mãos trêmulas quando os passos se aproximaram. Mas era apenas o zelador, que viera ver se estavam confortavelmente instalados. Satisfeito, o homem se retirou, e Marc desabou lentamente numa cadeira. Jamais daria certo. Não podia manter aquela situação para sempre. Ligando para Chantal, acalmando Deanna, voando daqui para lá entre a Califórnia e a França, escondendo-se e desculpando-se, e bombardeando as duas com presentes cheios de culpa. Deanna tinha razão. Tinha sido quase impossível durante anos. Claro que Deanna não sabia, então, mas agora que sabia isso tornava tudo diferente. Fazia com que ele se sentisse muito pior. Fechou os olhos, e o seu pensamento voltou imediatamente para Pilar, para a última vez em que a vira. Tinham caminhado pela praia. Ela implicara com ele, que achara graça, e a fizera prometer que seria cuidadosa com a moto. Novamente, ela rira... As lágrimas inundaram-lhe a garganta de novo, e repentinamente o aposento ficou cheio do som dos seus soluços. Nem escutou Deanna entrar, feito felino, apenas de meias. Caminhou lentamente até ele e abraçou os seus ombros trêmulos.

— Tudo bem, Marc. Estou aqui. — O rosto dela também estava cheio de lágrimas, e ele podia sentir a umidade morna através da camisa, quando ela apoiou a face nas suas costas. — Tudo bem.

— Se você soubesse o quanto eu amava Pilar... Por que fui fazer aquilo? Comprar-lhe aquela maldita moto! Eu devia ter sabido.

— Agora não tem importância. Era o destino. Não pode ficar fazendo isso com você mesmo pelo resto da vida.

— Mas, por quê? — A voz dele tremia de dor, enquanto se virava para olhar para a mulher. — Por que ela? Por que nós? Já perdemos dois meninos, e agora a única filha que tínhamos. Deanna, como é que você agüenta?

Ela fechou os olhos, apertando-os com força.

— Não temos escolha. Pensei... pensei que ia morrer quando os dois bebês morreram... Pensei que não ia agüentar nem mais um dia. Cada dia eu só queria desistir, ir me esconder num canto. Mas não o fiz. Continuei... sei lá como. Em parte, por sua causa. Em parte, por minha causa. E depois tivemos Pilar, e eu me esqueci daquele tipo de dor. Pensei... pensei que jamais voltaria a me sentir daquele jeito de novo. Mas agora me lembro como foi. Só que, desta vez, é muito pior.

Abaixou a cabeça, e ele a tomou nos braços.

— Eu sei. Se você soubesse como desejo agora que tivéssemos aqueles filhos. Não temos... não temos mais filhos. — Deanna meneou a cabeça, calada, sentindo mais do que nunca a dor das palavras dele. — Faria qualquer coisa para... para tê-la de volta.

Ficaram sentados ali por longo tempo, abraçados. Finalmente, saíram para dar um passeio. Voltaram na hora do jantar.

— Quer ir até a aldeia para comer?

Olhou-a com uma expressão de dor e fadiga, mas ela sacudiu a cabeça.

— Por que não preparo alguma coisa aqui mesmo? Não há comida?

— O zelador disse que a sua mulher nos deixou um pouco de pão, queijo e ovos.

— Está bom para você?

Ele concordou, com indiferença. Ela tirou a suéter que tinha usado no passeio, largou-a sobre uma grande cadeira Luís XIV, e se dirigiu para a cozinha.

Voltou dali a 20 minutos, com ovos mexidos, torradas, queijo e duas xícaras de café preto fumegante. Perguntou-se se sentir-se-iam melhor depois de comer, se fazia mesmo alguma diferença. A semana toda, as pessoas tinham-lhes dito para comer, como se isso fosse ajudar em alguma coisa. Mas ela não se importava se nunca mais fosse comer. Tinha preparado o jantar para Marc, e para terem alguma coisa para fazer. Nenhum dos dois parecia estar com vontade de falar, embora devesse haver muita coisa para dizer.

Comeram em silêncio. Depois da refeição, foi cada um para o seu lado, ela para os longos corredores e galerias para examinar a coleção de quadros, Marc para a biblioteca. Às onze da noite foram para a cama em silêncio, e de manhã ele saltou da cama tão logo ela se mexeu. Já eram 11:00 quando se falaram pela primeira vez. Deanna acabara de se levantar e se sentiu enjoada, enquanto se sentava numa cadeira do quarto de vestir.

— *Ça ne va pas?*

Olhou para ela com uma ruga de preocupação no rosto.

— Não, estou bem.

— Não está com boa cara. Quer um pouco de café?

A simples idéia do café deixou-a sentindo-se mal. Sacudiu a cabeça, quase em desespero.

— Não, mesmo. Obrigada.

— Acha que há alguma coisa errada? Há dias que você não parece bem.

Ela tentou sorrir, mas foi uma tentativa vã.

— Detesto dizer isso, querido, mas nem você.

Ele apenas deu de ombros.

— Será que está com úlcera, Deanna?

Ela tivera uma depois da morte do primeiro filho deles, mas a úlcera jamais voltara a dar sinal de vida. Ela sacudiu a cabeça.

— Não sinto dor. Só ando exausta o tempo todo, e de vez em quando me sinto enjoada. É apenas fadiga — continuou, forçando um sorriso. — Não é de admirar. Nenhum de nós dois tem dormido muito. Estamos ambos lutando contra fusos horários diferentes, viagens longas, o choque... suponho que seja de surpreender que ainda estejamos de pé. Estou certa de que não é nada.

Mas Marc não estava certo de concordar. Viu que ela oscilou por um momento quando se levantou. A emoção podia causar coisas estranhas às pessoas. Pensou em Chantal de novo, enquanto Deanna entrava no chuveiro. Tinha vontade de ligar para ela de novo, mas ela queria relatórios, queria ouvir as novidades, e ele não tinha nenhuma para dar, exceto que estava passando o fim de semana com a sua mulher... e que ambos se sentiam péssimos.

No chuveiro, Deanna levantou o rosto e deixou a água escorrer pelas costas. Estava pensando em Ben. Em São Francisco eram duas da manhã; ele ainda estaria dormindo. Podia enxergar o seu rosto tão nitidamente na cama, os cabelos escuros despenteados, uma das mãos no peito, a outra apoiada nela, em alguma parte do seu corpo... Não, ele provavelmente estava em Carmel, e ela se pegou pensando nos seus fins de semana ali. Como eram diferentes desses dias com Marc. Era como se Marc e ela não tivessem mais nada para se dizer. Só o que tinham era o passado.

Desligou finalmente o chuveiro e ficou pensando por um momento, olhando pelas janelas abertas para o jardim, enquanto se secava com grossas toalhas cor de framboesa. Esta casa era bem diferente da de Carmel. Um *château* na França e um chalé em Carmel. Sedas cor de framboesa, e lãs velhas e confortáveis. Pensou no cobertor de xadrez gostoso na cama rústica de Ben, enquanto vislumbrava a colcha de seda de babados no outro quarto. Era como o contraste entre as suas duas vidas. Lá, a realidade

simples e fácil da vida com Ben, na sua “democracia”, onde se revezavam fazendo o café e botando o lixo lá fora; e aqui, apenas o eterno esplendor vazio da sua vida com Marc. Correu uma escova pelos cabelos e soltou um longo suspiro.

No quarto anexo, Marc estava lendo o jornal com a testa franzida.

— Quer ir comigo à igreja?

Olhou por cima do jornal quando ela saiu do banheiro, o robe firmemente amarrado, e ficou parada diante do guarda-roupa. Ela concordou e tirou de lá uma saia e uma suéter pretas. Ambos usavam o *deuil* formal, o luto fechado ainda comum na França. A única coisa que omitia eram as meias pretas, que a sogra usava.

Deanna parecia estranhamente sem atrativos no luto fechado, com os cabelos escuros repuxados, formando um coque na nuca. Novamente, estava sem maquiagem. Era como se não se importasse mais.

— Você está terrivelmente pálida.

— É só o contraste com todo este preto.

— Tem certeza?

Fitou-a por um momento antes de saírem da casa, mas ela apenas sorriu. Ele agia como se estivesse com medo de que ela estivesse morrendo, mas quem sabe estava mesmo com medo disso. Ambos tinham perdido tanto!

Rodaram em silêncio até a pequenina igreja campestre de Sainte Isabelle. Deanna sentou-se discretamente no banco, ao lado de Marc. A igreja, pequenina, bonita e calorosa, estava cheia de camponeses e alguns visitantes de fim de semana, como eles, vindos de Paris. Lembrou-se subitamente que ainda estavam no verão, não tinham chegado ainda ao fim de agosto. Nos Estados Unidos logo seria o Dia do Trabalho, anunciando o outono. A sua noção de tempo tinha sumido, na última semana. Não conseguia concentrar-se na missa. Pensava em Carmel, e em Ben, em Marc e

em Pilar; pensou nas longas caminhadas pelo campo, em criança, depois ficou olhando fixamente para a parte de trás da cabeça de alguém. Estava abafado, na igreja, e o sermão continuava, sem ter fim. Finalmente, ela tocou suavemente no braço de Marc. Começou a sussurrar que estava com muito calor, mas de repente o rosto dela se desfez ante os seus olhos, e tudo ficou escuro.

— Marc?

Estendeu a mão para ele, enquanto o marido e outro homem carregavam-na até o carro.

— Quieta, querida, não fale.

O rosto dela estava cinza pálido, suado.

— Podem me largar. Estou bem, juro.

— Não se incomode.

Agradeceu ao homem que ajudara a levá-la até o carro, e que mais uma vez explicou como se chegava ao hospital.

— O quê? Está maluco. Só desmaiei porque estava muito calor.

— Não estava calor, estava bem fresco. E não vou discutir o assunto.

Bateu a porta do lado dela, e entrou atrás do volante.

— Marc, eu *não* vou para o hospital.

Pousou a mão no braço dele. Os olhos de Deanna imploravam, mas ele sacudiu a cabeça. Ela estava com um tom cinza pálido, quase opaco. Ele deu partida no carro.

— Não estou interessado no que você “não” vai fazer.

A fisionomia dele estava fechada. Não queria ir para um hospital de novo, não queria escutar aqueles sons, ou sentir aquele odores à sua volta. Nunca... nunca mais. Sentiu o coração disparar. E se fosse sério? E se ela estivesse muito doente? E se... Olhou para Deanna de novo, tentando disfarçar o seu medo, mas ela estava

olhando para fora, para a paisagem. Lançou um olhar ao seu perfil, e depois aos seus ombros, às mãos, tudo envolto em tanto preto. Austero. Parecia simbólico, como tudo o que lhes estava acontecendo agora, tudo que diziam. Por que não podiam escapar? Por que este não era apenas um fim de semana no campo, do qual voltariam descansados e felizes para encontrar Pilar com aquele sorriso radioso no rosto? Por que esse luto afetivo? Olhou mais uma vez para o lado de Deanna e soltou um suspiro. O som fez com que ela tirasse os olhos da estrada.

— Não seja tão bobo, Marc. Juro, estou perfeitamente bem.

— *On verra*. Veremos.

— Prefere que voltemos a Paris?

A mão dela tremia enquanto pousava na dele, e Marc olhou vivamente para ela de novo. Paris... e Chantal. Sim, ele queria voltar. Mas primeiro tinha que saber se Deanna estava bem.

— Voltaremos a Paris logo que você consulte um médico.

Ela ia protestar de novo, mas uma onda de tontura a percorreu. Recostou a cabeça no assento. Ele olhou nervosamente para ela e pisou no acelerador. Ela não discutiu, não tinha forças.

Dali a mais dez minutos pararam diante de um pequeno prédio de aparência funcional com o cartaz HÔPITAL SAINT GÉRARD. Sem uma palavra, Marc saltou do carro e veio rapidamente para o lado dela, mas quando abriu a porta Deanna não fez nenhum gesto para sair.

— Pode andar?

Havia terror nos olhos dele, de novo. E se isso fosse o começo de um derrame? Então, o que faria? Ela ficaria paralisada e ele teria que ficar com ela para sempre. Mas isso era uma loucura, ele *queria* ficar com Deanna, não queria? O pulso dele estava disparado enquanto a ajudava a sair do carro.

Ela já estava prestes a dizer-lhe de novo que estava bem. Mas, a esta altura, ambos sabiam que não estava. Ela inspirou fundo e se

levantou, com um sorrisinho. Queria provar para ele que conseguiria, que era apenas o sistema nervoso. Por um momento, enquanto entravam no hospital, ela se sentiu melhor, se perguntou por que tinham vindo. Por um minuto chegou a caminhar com as suas passadas de costume, elegantes e tranqüilas. Então, quando já ia se vangloriar para Marc-Edouard, passou por eles um velho numa padiola. Era muito idoso e enrugado, cheirava mal, a boca aberta, o rosto flácido. Deanna estendeu a mão para Marc e prontamente caiu ao chão desmaiada.

Ele soltou um grito e tomou-a nos braços. Duas enfermeiras e um homem de jaleco branco apareceram correndo. Em menos de um minuto tinham-na colocado numa mesa num quartinho cheirando a anti-séptico, e ela estava desperta de novo. Olhou ao seu redor por um momento, confusa. E então viu Marc, parado a um canto, horrorizado.

— Desculpe, mas aquele homem...

— Agora chega. — Marc aproximou-se lentamente, erguendo a mão. — Não foi o velho, ou a temperatura na igreja. — Ficou parado ao lado dela, muito alto, muito severo, e repentinamente muito velho. — Vamos descobrir o que foi... o que é. *D'accord?*

Ela não respondeu enquanto o médico fazia um gesto de cabeça para ele, que saiu do quarto.

Ficou rondando o corredor, estranhamente deslocado, e olhando para o telefone. Devia ligar para Chantal? E por que não? Que diferença faria? Quem iria ver? Mas agora não estava com vontade. Seus pensamentos estavam com Deanna, sua mulher há 18 anos. Tinham acabado de perder a sua única filha. E agora, talvez... Não pôde suportar a idéia. Passou mais uma vez pelo telefone, desta feita sem parar.

Pareceu levar horas até que uma jovem médica viesse procurá-lo.

E então ele soube. E soube que podia contar a verdade a Deanna. Ou podia contar-lhe uma mentira... uma mentirinha. Perguntou-se se devia isso a ela, contar-lhe que *sabia* — ou, se, ao contrário, era Deanna quem lhe devia algo.

Deanna sentou-se na cama, ereta, mais branca do que as paredes caiadas às suas costas.

— Está errado. É mentira!

Marc a fitava, com um pequeno sorriso. Estava completamente calmo.

— Mas não é, mesmo. E daqui a seis meses, minha querida, você vai ter um trabalhão para convencer qualquer pessoa disso, pode crer.

— Mas não posso estar.

— E por que não?

Os olhos dele perscrutavam-lhe o rosto.

— Sou velha demais para estar grávida, pelo amor de Deus.

— Aos 37 anos? Não seja tola. Você provavelmente será capaz de ter um filho a qualquer tempo, nos próximos 15 anos.

— Mas sou velha *demais*!

Ela quase guinchava, e parecia prestes a desatar em lágrimas. Por que não haviam contado para ela primeiro, dando-lhe tempo para absorver o choque antes de ter que enfrentar Marc? Mas não, não era assim ali na França, onde o paciente era o último a saber das coisas. E bem podia imaginar a cena que Marc fizera: um homem resolutivo, um homem *importante* que devia ser informado primeiro das condições de madame; não queria que a sua mulher

ficasse abalada, e eles já haviam passado por tanta coisa, tanta tragédia...

— Querida, por favor. Não seja tola — dizia Marc. Ele se levantou e foi para o lado da cama, onde pousou suavemente a mão na cabeça dela, e correu-a vagarosamente pelos cabelos longos e sedosos. — Você não é velha demais, de maneira alguma. Posso me sentar? — perguntou. Ela concordou, e ele se sentou na beirada da cama.

— Mas... dois meses?

Olhou para ele com os olhos cheios de desespero. Queria que estivesse grávida de um filho de Ben. Pensara nisso, também, pela primeira vez, pouco antes de adormecer. A idéia lhe ocorrera, e discutira com ela, mas enquanto pegava no sono subitamente ficou conjecturando... a tonteira, a náusea, a vontade constante de dormir. Só no que conseguira pensar fora em Ben. Não queria que fosse de Marc. Olhava para ele, agora, cheia de desapontamento e dor. Dois meses de gravidez significavam que era de Marc, não de Ben.

— Deve ter acontecido naquela noite antes da minha partida. *Un petit au revoir*.

— Não tem graça. — As lágrimas afloraram-lhe aos olhos. Estava longe de ter ficado satisfeita. Agora ele compreendia muito mais do que ela sabia. Mas agora ele compreendia que, não apenas havia outro homem, mas que era alguém que ela amava. Não tinha importância. Ela o esqueceria. Tinha algo importante para fazer nos próximos meses. Devia a Marc o seu filho. — Não compreendo.

— Querida, não seja ingênua.

— Há anos que não fico grávida. Por que agora?

— Às vezes as coisas acontecem assim. De qualquer forma, não fazia diferença. Estamos tendo uma nova chance... outra família, um filho.

— Já tivemos uma filha. — Parecia uma garotinha petulante, sentada de pernas cruzadas na cama do hospital, enxugando as

lágrimas com a palma da mão. — Não quero mais filhos.

Pelo menos, não seus. Agora ela também sabia a verdade. Se o amasse verdadeiramente, teria querido o seu filho. E não queria. Queria o de Ben.

Marc parecia embaraçosamente satisfeito e dolorosamente paciente.

— É normal sentir-se assim, a princípio. Todas as mulheres se sentem. Mas quando ele chega... Lembra-se de Pilar?

Os olhos de Deanna faiscaram, fitando os dele.

— Sim, lembro-me de Pilar. E dos outros. Já fiz isso, Marc, não vou fazer de novo. Para quê? Mais desilusão, mais dor? Para você não estar presente por mais 18 anos? Na minha idade, espera que eu vá criar um filho sozinha? E outro mestiço, outro meio-americano, todo francês? Quer que eu passe por tudo aquilo de novo, competindo com você pela dedicação do nosso filho? Droga, não vou fazer isso!

— Sem dúvida que vai.

A voz dela era quieta e sólida como aço.

— Não preciso! — Agora estava gritando com ele. — Não estamos na Idade Média! Posso fazer um aborto, se quiser!

— Não, não pode!

— Não posso, uma ova!

— Deanna, não vou discutir isso com você. Está nervosa. — Ela agora estava deitada na cama, chorando no travesseiro. “Nervosa” era insuficiente para exprimir o que sentia. — Vai se acostumar com a idéia. Vai ficar satisfeita.

— Quer dizer que não tenho escolha, não é? — olhou com raiva para ele. — O que fará comigo se eu me livrar dele? Pedirá o divórcio?

— Não fale bobagem.

— Então pare de me obrigar.

— Não estou obrigando. Estou feliz. — Olhou para ela com um sorriso e estendeu os braços, mas havia algo diferente no seu olhar. Deanna não veio para os braços dele. Depois de um momento, tomou as mãos dela e levou uma após a outra aos lábios. — Eu a amo, Deanna. E quero o nosso filho. Nosso bebê. Seu e meu.

Ela fechou os olhos e quase se crispou enquanto ele falava. Já conhecia aquela conversa. Mas ele não disse nada; levantou-se, tomou-a nos braços, alisou-lhe os cabelos rapidamente. Depois se afastou. Ela ficou vendo enquanto ele se retirava, pensativo e distraído.

Sozinha no escuro, ela chorou por algum tempo, perguntando-se o que devia fazer. Isso mudava tudo. Por que não percebera? Por que não adivinhara? Já devia ter calculado, mas as regras só tinham faltado uma vez, e pensara que era o sistema nervoso, por causa do *vernissage*, as suas relações constantes com Ben, depois a notícia de Pilar, a viagem... Pensara que eram apenas umas duas semanas. Mas, dois meses? Como podia ser? E, Jesus, aquilo significava que estava grávida de Marc o tempo todo em que estivera com Ben. Permitir que o bebê continuasse nela era como negar tudo que tivera com Ben, e arrancar-lhe o coração. Este bebê era uma confirmação do seu casamento com Marc.

Ficou acordada na cama a noite toda. Na manhã seguinte, Marc-Edouard tirou-a do hospital. Iam voltar direto para Paris, para a casa da mãe dele, antes de Marc partir no dia seguinte para Atenas.

— E ponto final. Estarei fora por cinco ou seis dias. Com isso, acertarei tudo na Grécia. De hoje a uma semana deixaremos Paris, iremos para casa e ficaremos lá.

— O que quer dizer com isso? Eu fico lá e você viaja?

— Não. Quero dizer que eu fico lá o máximo que puder.

— Cinco dias por mês? Cinco dias por ano? Ou qualquer coisa assim? — Olhava pela janela enquanto falava. Sentia como se tivesse sido condenada a uma repetição dos seus primeiros 18 anos

como mulher dele. — Quando o verei, Marc? Duas vezes por mês para jantar, quando você estiver na cidade, e não tiver que ir jantar em outra parte?

— Não será assim, Deanna, prometo.

— Por que não? Sempre foi assim antes.

— Era diferente. Agora aprendi uma coisa.

— Verdade? O quê?

Parecia amargurada, enquanto o observava guiar, mas a voz dele era baixa e triste, quando falou, e manteve os olhos fixos na estrada.

— Aprendi como a vida pode ser curta, como pode se apagar rapidamente. Nós tínhamos aprendido isso juntos, anteriormente, duas vezes, mas eu tinha esquecido. Agora eu sei. Lembraram-me de novo. — Deanna deixou pender a cabeça e ficou calada. Mas ele sabia que tinha acertado o alvo. — Depois de Pilar, depois dos outros, você acha mesmo que podia abortar este?

Ficou chocada por ele ter lido os seus pensamentos, e não respondeu durante longo tempo.

— Não tenho certeza.

— *Eu* tenho certeza absoluta. Isso a destruiria. — O tom da voz dele a deixou assustada. Talvez ele soubesse. — A culpa, a dor emocional, você estaria acabada. Jamais seria capaz de pensar ou viver ou amar, ou até mesmo pintar de novo. Garanto. — A simples idéia deixou-a aterrorizada. E ele provavelmente tinha razão. — Você não tem temperamento para agir com tal sangue-frio.

— Em outras palavras — suspirou ela — não tenho escolha.

Ele não respondeu.

Estavam na cama às nove e meia daquela noite, e nada mais foi dito. Ele a beijou meigamente na testa ao deixá-la no quarto deles. Ia tomar um táxi para o aeroporto.

— Telefone todas as noites. — Parecia preocupado, mas também inegavelmente satisfeito, e não tinha mais aquela angústia

aterradora nos olhos, a única tristeza que ali restava era a que sentia por Pilar. — Prometo, querida, telefono todas as noites.

Repetiu a frase, mas ela desviou o olhar.

— E ela vai deixar? — Ele tentou ignorar o comentário, mas Deanna olhou para ele da cama, significativamente. — Você me ouviu, Marc. Suponho que ela vá junto com você. Estou certa?

— Não seja ridícula. É uma viagem de negócios.

— E a última não era?

— Você está nervosa. Por que não paramos? Não quero brigar com você antes de partir.

— Por que não? Tem medo que eu perca o bebê?

Por um momento insano teve vontade de dizer-lhe que o bebê não era dele, mas o pior era que, se estava grávida de dois meses, ele era.

— Deanna, quero que descanse enquanto eu estiver fora.

Olhou para ela com um ar de ternura paternal, jogou-lhe um beijo e fechou mansamente a porta.

Ela ficou ali deitada, durante algum tempo, escutando os sons da casa da sogra. Até agora ninguém sabia. Era o “segredo deles”, segundo Marc.

Quando acordou, na manhã seguinte, a casa estava em silêncio. Ficou deitada durante longo tempo, pensando, imaginando o que faria. Poderia ir para São Francisco enquanto Marc estivesse na Grécia, poderia fazer um aborto e ficar livre, mas admitia a verdade do que ele lhe dissera. Um aborto a destruiria tanto quanto a ele. Ela já sofrera perdas demais. E se ele tivesse razão? E se fosse um dom divino? E se... e se fosse de Ben? Um último raio de esperança tremulou e morreu. Dois meses, ele dissera, e a médica jovem e com cara de tímida abanara a cabeça, concordando. Não podia ter sido de Ben.

Assim ela ficaria nesse casulo de seda bege por uma semana, esperando que Marc voltasse, para levá-la para casa, para poderem recomeçar a mesma charada. Sentiu uma onda de pânico à idéia, e subitamente só o que tinha vontade de fazer era fugir. Saltou da cama, firmando-se por um momento até passar a onda de tontura, depois vestiu-se lentamente. Tinha que sair, dar um passeio, pensar.

Entrou em ruas que mal conhecia e descobriu jardins e praças e parques que a encantaram. Sentou-se nos bancos e sorriu para os transeuntes, velhinhas engraçadas com chapéus tortos, velhinhos jogando xadrez, crianças tagarelando com as amigas, e aqui e ali uma jovem empurrando um carrinho de bebê. Uma jovem — todas pareciam ter 21 ou 22 anos, não 37. A médica lhe dissera para ir com calma, para dar passeios, mas fazer pausas e descansar; para sair, mas voltar para casa e tirar uma soneca, para não pular as refeições, não ficar acordada até tarde, e que dali a algumas semanas sentir-se-ia melhor. Já estava se sentindo. E enquanto passeava por Paris, parava com freqüência, e pensava. Em Ben. Há dias que não ligava para ele.

A tarde já ia no fim quando ela finalmente parou na agência dos correios. Não podia mais ficar longe dele. Deu o número à mulher e meneou a cabeça ante o seu ar surpreso:

— *L’Amerique?*

Pareceu levar séculos até que escutou a voz de Ben, mas levara menos de um minuto até ele atender. Para ele, eram oito horas da manhã.

— Estava dormindo?

A voz dela parecia veemente, mesmo com 9.500 quilômetros a separá-los.

— Quase. Acabo de acordar. — Ben acomodou-se na cama com um sorriso. — Quando vai voltar para casa?

Ela apertou os olhos e lutou contra as lágrimas em resposta.

— Logo. — *Com Marc... e o bebê dele.* — Sentiu um soluço alojar-se na garganta. — Sinto uma falta terrível de você.

As lágrimas começaram a rolar, silenciosamente, pelo rosto dela.

— Não tanto quanto eu de você, querida. — Ele prestou atenção, tentando escutar. Havia algo que ela não estava dizendo, algo que ele não compreendia. — Você está bem? — Sabia que ainda estaria abalada por causa de Pilar, mas parecia haver algo mais. — Está? Responda!

Ela não dizia nada, apenas ficava parada na cabina, aos prantos, calada.

— Deanna? Querida?... Alô?

Prestou muita atenção. Tinha certeza de que ela ainda estava lá.

— Estou aqui.

Era um triste sussurro.

— Ah, querida... — Franziu a testa, depois sorriu. — Que tal se eu for para aí? Alguma chance disso?

— Não muita.

— E que tal o fim de semana que vem em Carmel? É o fim de semana do Dia do Trabalho. Acha que já estará de volta?

Aquilo estava a anos-luz de distância. Já ia dizer não, quando se deteve. O fim de semana que vem em Carmel. Por que não? Marc estaria na Grécia. Se partisse esta noite, eles teriam até o final do fim de semana, e quem sabe até mais um dia, antes de ele voltar. Juntos. Em Carmel. E depois tudo acabaria, como haviam previsto. O fim do verão teria chegado. A cabeça dela fervia.

— Estarei em casa amanhã.

— Verdade? Ah, coração... a que horas?

Fez uns cálculos rápidos de cabeça.

— Por volta de seis horas amanhã de manhã, hora daí.

Ficou parada na cabina, subitamente sorrindo de orelha a orelha, por entre as lágrimas.

— Tem certeza?

— Claro que sim. — Disse a ele o nome da companhia aérea. — Ligo para você se não conseguir pegar essa avião, mas se não ligar, pode me esperar. — E, então, rindo ao telefone, sentiu as lágrimas ardendo nos olhos de novo. — Estou voltando para casa, Ben.

Parecia que tinha partido há tanto tempo. E fazia apenas uma semana.

Naquela noite, deixou um bilhete para a sogra. Explicava apenas que tinha sido chamada a São Francisco, e que lamentava sair assim às pressas. A propósito, sentira uma necessidade irresistível de levar consigo o quadro que pintara de Pilar e dela própria. Tinha certeza de que a sogra compreenderia. Deu ordem à empregada para dizer a Marc, quando ele telefonasse, que ela não estava. Era só. Aquilo faria com que ganhasse pelo menos um dia. Porém não havia nada que ele pudesse fazer. Tinha que terminar o serviço na Grécia. Pensou no assunto na viagem de volta de avião. Marc a deixaria em paz por uma semana. Não havia motivo para não fazê-lo. Ficaria irritado porque ela viajara de volta sozinha, e ponto final. Ela agora estava livre. Por mais uma semana. Só conseguia pensar nisto.

Uma hora antes do pouso, mal conseguia ficar parada na poltrona. Sentia-se como uma mocinha. Até mesmo as ondas ocasionais de náuseas não lhe tiravam o ânimo. Ficava sentada imóvel por alguns minutos, de olhos fechados, e a náusea passava. Ficava se concentrando em Ben.

Foi uma das primeiras a saltar do avião em São Francisco, depois que ele pareceu ser impelido para baixo através das nuvens, apostando corrida com o sol enquanto tudo ao seu redor ficava rosa e dourado. Tinha sido uma manhã esplêndida, mas nem mesmo isso fora suficiente para desviar o seu pensamento de Ben. Só

conseguia pensar nele enquanto o avião finalmente freava junto ao portão, e ela esperava impaciente para poder se livrar da poltrona. Já estava com um meio-sorriso no rosto enquanto vestia o casaco de veludo preto por cima das calças brancas e da blusa de seda branca. O seu rosto de marfim e o cabelo de ébano ajudavam a formar o retrato em preto e branco. Estava consideravelmente mais pálida do que quando partira, e seus olhos contavam uma infinidade de histórias, mas também dançavam e cantavam, enquanto se dirigia lentamente para a porta, junto com os demais passageiros.

Então ela o viu, ali parado, sozinho no terminal, às seis da manhã, esperando por ela para além da barreira da alfândega, com o paletó jogado sobre o braço e um sorriso no rosto. Correram um para o outro quando ela cruzou a porta, e Deanna se jogou instantaneamente nos seus braços.

— Ah, Ben!

Havia risos e lágrimas nos olhos dela, mas ele nada disse, apenas abraçou-a com força. Pareceu levar uma eternidade até que ele se afastou.

— Fiquei terrivelmente preocupado com você, Deanna. Que bom que está de volta.

— Também acho.

Perscrutou-lhe os olhos, mas não teve muita certeza do que viu. Uma coisa ele sabia que estava ali — dor, porém mais do que isso não podia dizer. Ela apenas o abraçou com força.

— Vamos para casa?

Ela fez que sim, e seus olhos ficaram marejados de lágrimas de novo. Para casa. Por uma semana.

— Está se sentindo bem? — Ela estava deitada na cama dele, de olhos fechados e um sorrisinho no rosto. Fazia quatro horas que estava em casa, e passara todo esse tempo com ele na cama. Eram apenas dez horas da manhã, mas ela não pregara olho no vôo de Paris. Ele não tinha muita certeza se era o efeito do longo vôo que estava vendo, ou se a semana da morte de Pilar a havia desgastado ainda mais do que imaginara. Deanna mostrara-lhe o quadro, quando desfizera as malas. — Deanna? Tudo bem?

Ele a observava quando ela abriu os olhos.

— Nunca me senti melhor na vida. — O seu sorriso dizia que falava a sério. — Quando partimos para Carmel?

— Amanhã. Depois de amanhã. Quando você quiser.

— Será que podemos ir hoje?

Havia uma linha tênue de desespero em alguma parte, mas ele ainda não descobrira onde. Aquilo o perturbava.

— Talvez. Vou ver o que posso ajeitar com Sally. Se ela não se importar de cuidar da galeria sozinha enquanto estivermos fora, tudo bem.

— Espero que ela possa.

Falou suave mas ansiosamente.

— Está assim tão ruim? — perguntou. Ela apenas meneou a cabeça, e ele compreendeu. Foi preparar o café deles. — Amanhã é a sua vez. — Gritou para ela da cozinha, com voz cantada, e ela riu

enquanto cruzava o quarto, nua, e ficava parada no vão da porta, observando-o. Agora não tinha importância se faziam amor com o filho de Marc-Edouard no ventre dela. Tinham feito durante todo o verão, e ela não estava ligando. Queria fazer amor com Ben. Iria precisar daquilo para se lembrar. — Deanna?

Deanna sorriu e inclinou a cabeça.

— Pronto, senhor?

— O que há de errado? Quero dizer, além do óbvio... Pilar. Há mais alguma coisa?

Já ia dizer-lhe que aquilo era o suficiente, mas não podia mentir para ele.

— Surgiram alguns probleminhas enquanto eu estava na França.

— Alguma coisa que eu deva saber?

Como Marc, ele estava desconfiado da saúde dela, pois parecia frágil demais. Olhou-a atentamente, de onde estava.

Lentamente, ela sacudiu a cabeça. Ele não precisava saber do bebê. Teria sido diferente se fosse dele.

— Que tipo de probleminhas? — Os olhos dele sorriram um pouco, enquanto perguntava: — Fritos ou mexidos?

— Mexidos está ótimo. — Só de pensar em ovos fritos, ficava verde, mas conseguiria comer os mexidos, contanto que não sentisse demais o cheiro do café dele. — Não quero café.

— Como? — perguntou, parecendo chocado.

— Desisti do café durante a Quaresma.

— Acho que você está uns seis ou sete meses adiantada.

— *Sete meses... sete meses.* Desviou a atenção do pensamento e sorriu ante a sua tentativa de fazer uma piada.

— Pode ser.

— E então? O que há?

— Ah, não sei. — Ela entrou na cozinha e envolveu-o com os braços, apoiando-se nas suas costas. — Não sei... não sei. Só

gostaria que a minha vida fosse um pouco mais simples.

— E...

Virou-se, no círculo dos seus braços, e ficou de frente para ela, os dois nus diante do fogão da cozinha dele.

— Eu amo você, só isso. — Droga, por que tinha que ser agora? Por que tinha que lhe contar tão cedo? Ficou com os olhos cheios de lágrimas, mas forçou-se a olhar para ele. Devia-lhe isso. — E... as coisas não vão se resolver tão facilmente quanto eu pensava.

— E você alguma vez pensou que seria fácil?

Os olhos dele não se desgrudavam dos dela.

Deanna sacudiu a cabeça.

— Não. Porém mais fácil do que agora.

— E como é agora?

— Não posso abandonar Marc, Ben.

Pronto. Falara. Ah, Deus, dissera-lhe. Olhou para ele por um tempo interminável, os olhos se enchendo de lágrimas.

— Por que não?

— Não posso. Não agora.

E nem mais tarde, não depois de ter tido o filho dele. Procure-me daqui a mais 18 anos.

— Você o ama, Deanna?

Mais uma vez, ela sacudiu a cabeça.

— Pensei que amasse. Tinha certeza. E sei que já amei. Suponho que ainda o ame, de certa forma. Ele me deu algo durante 18 anos, à sua maneira. Mas... há anos que está acabado. Eu não compreendia, até este verão. Compreendo ainda melhor depois desta última semana. — Parou para tomar fôlego, depois continuou: — Havia mesmo vezes, quando eu estava com você, em que não tinha certeza se devia deixá-lo, ou não. Não sabia. Parecia que não tinha o direito. E também achava que talvez o amasse.

— E não ama?

— Não. — Era um pequeno soluço sufocado. Finalmente, desviou o olhar e enxugou o rosto com as mãos. — Só me dei conta disso faz alguns dias. Aconteceu uma coisa... e eu soube.

Porque não quero o bebê dele, Ben, quero o seu!

— Então, por que vai ficar com ele? Por causa de Pilar?

Falava com uma calma estranha, quase como um pai falando a um filho.

— Este e outros motivos. Não importa o porquê, vou ficar. — Olhou para ele agoniada, de novo. — Quer que eu me vá?

Mas ele apenas fitou-a, depois saiu silenciosamente do aposento. Escutou-o na sala por um momento, depois ouviu-o bater a porta do quarto com quantas forças tinha. Ficou parada na cozinha durante algum tempo, conjecturando, atordoada. Sabia que tinha que ir embora agora. Não haveria Carmel. Mas todas as roupas dela estavam trancadas com ele, no quarto. Não tinha escolha exceto ficar até que ele saísse. Finalmente saiu, uma hora mais tarde. Ficou parado no vão da porta, olhos vermelhos, abatido. Por um momento, ela não teve certeza se ele estava furioso, ou simplesmente abalado.

— O que exatamente você estava me dizendo, Deanna? Que tudo acabou?

— Eu... não... eu... ah, Deus! — Por um momento ela pensou de novo que ia desmaiar, mas não podia, não agora. Inspirou fundo duas vezes e sentou na beira do sofá, as pernas longas, esguias e nuas pendendo graciosamente até o chão. — Tenho uma semana.

— E depois?

— Desapareço.

— Naquela vida solitária de novo? Numa vida sozinha? Naquele mausoléu em que vivia, e agora até sem Pilar? Como pode fazer isso com você mesma?

Parecia atormentado.

— Talvez seja o que eu tenha que fazer, Ben.

— Não entendo. — Já ia voltar para o quarto, mas se deteve, virando-se para olhar para ela. — Deanna, eu falei... disse a você que poderia ser apenas durante o verão e... que eu entenderia. Foi o que eu disse. Não tenho o direito de mudar agora, tenho?

— Você tem todo o direito de estar furioso, ou muito, muito magoado.

Ela viu os olhos dele ficarem marejados de lágrimas e sentiu os próprios ficarem do mesmo jeito, mas Ben não vacilou, olhando-a fixamente.

— Estou as duas coisas. Mas é porque a amo muitíssimo.

Ela balançou a cabeça, mas não conseguiu mais falar. Pôde apenas voltar para o círculo dos seus braços. Pareceu levar horas até que eles se soltassem.

— Vamos hoje para Carmel? — Estava deitado de barriga para baixo, olhando para o rosto dela. Deanna tinha acabado de acordar de um sono de três horas, e eram quase cinco. Ele nem fora à galeria... explicara a Sally que teria que ficar fora toda a semana, e que ela teria que se virar sozinha. — O que você quer fazer, de verdade?

— Ficar com você — disse ela, gravemente, mas com um sorrisinho feliz nos olhos.

— Em qualquer lugar?

— Em qualquer lugar.

— Então vamos para o Taiti.

— Prefiro ir para Carmel.

— Sério?

Correu o dedo pela coxa dela. Deanna sorriu.

— Sério.

— OK, então vamos. Podemos jantar lá mesmo.

— Claro. São duas horas da manhã, hora de Paris. Quando formos jantar, já estarei pronta para o café da manhã.

— Pombas, não estava pensando nisso. Está meio morta?

Ela parecia muito cansada, mas com uma cor um pouco melhor.

— Não, estou bem, feliz e amo você.

— Nem a metade do que eu a amo. — Segurou o rosto dela entre as mãos e puxou-a mais para perto. Queria beijá-la, abraçá-la e tocá-la, e ter tudo dela que podia nos poucos dias que lhes restavam. Então, pensou numa coisa. — E quanto ao seu trabalho?

— O que é que tem?

— Ainda vamos trabalhar juntos na galeria? Nós ainda a representaremos... eu a representarei?

Queria que ela concordasse, que respondesse “mas é claro”, mas por um longo momento ela nada disse. E ele soube.

— Não sei. Vamos ver.

Mas como poderiam representá-la? Como poderia ir vê-lo na galeria daqui a alguns meses, com a barriga grande com o filho de Marc-Edouard?

— Tudo bem — disse ele. — Não se incomode.

Mas a expressão de dor nos olhos dele era demais para ela suportar. Desatou a chorar. Parecia fazê-lo com muita frequência.

— O que é, amor?

— Você vai pensar que sou como ela... aquela falsa com quem você foi casado.

Ele se ajoelhou no chão, ao lado dela.

— Você não é falsa, Deanna. Nada em você jamais foi falso. Nós apenas nos propusemos a fazer uma coisa difícil e agora temos que cumprir o trato. Não é fácil, mas é honesto. Sempre foi honesto. Eu a amo mais do que jamais amei alguém na vida. Quero que se lembre sempre disso. Se alguma vez quiser voltar, sempre estarei à sua espera. Sempre. Mesmo quando tiver 93 anos de idade. —

Tentou fazê-la sorrir, mas falhou. — Vamos fazer um outro trato, agora?

— Qual?

Fazia biquinho enquanto erguia os olhos para ele. Odiava Marc-Edouard, e se odiava ainda mais. Devia fazer um aborto. Qualquer coisa para poder ficar com Ben. Ou quem sabe ele aceitaria o filho de Marc, se ela lhe contasse a verdade logo de cara. Porém sabia que jamais poderia contar-lhe. Ele jamais compreenderia.

— Vamos, quero fazer outro trato com você. Quero que nós dois prometamos que não vamos falar sobre esta como sendo “só mais uma semana”. Vamos viver cada dia, amar cada dia, curtir cada momento e enfrentar a hora quando ela chegar. Se ficarmos falando no assunto, vamos estragar o tempo que temos. Combinado? — Segurou o rosto dela entre as mãos e beijou-a meigamente na boca, enquanto o cabelo dela caía ao redor do rosto, soltando-se do nó frouxo que fizera no alto da cabeça. — Combinado?

— Combinado.

— OK — falou ele, gravemente, balançando a cabeça, beijou-a de novo e saiu do quarto.

Uma hora mais tarde, partiam para Carmel, mas era difícil não sentir o peso da situação. As coisas não eram como antes. Estava quase acabado, e quer tocassem ou não no assunto, ambos sabiam. Estava perto demais. O verão estava chegando ao agri-doce fim.

— Pronta, minha querida?

Era meia-noite da segunda-feira. Dia do Trabalho. Tinha acabado. Hora de ir para casa. Deanna correu os olhos pela sala pela última vez, depois segurou silenciosamente a mão dele. As luzes já estavam apagadas, a mulher na praia do Wyeth ocultava o rosto ao luar. Deanna lançou-lhe um último olhar, enquanto saía da casa. Estava frio, mas havia uma luz brilhante e um céu cheio de estrelas.

— Eu o amo.

Sussurrou as palavras quando entrou suavemente no carro. Ele tocou-lhe o rosto, depois beijou-a.

— Eu também a amo. — Ambos sorriam; de repente não era uma hora para ficar triste. Tinham partilhado um elo de alegria e paz e amor como nenhum outro, e era algo que ninguém lhes podia tirar. Era deles. Pela vida toda. — Está tão feliz quanto eu, Deanna? — perguntou. Ela assentiu, sorridente. — Não sei por que me sinto tão bem assim, exceto que você me faz feliz, e sempre fará. Não importa o quê.

— Comigo é a mesma coisa.

E me fará feliz. Agarrar-se-ia às lembranças na longa noite de inverno da sua vida com Marc. Pensaria nele quando segurasse o bebê, pensando que poderia ter sido dele. Gostaria que tivesse sido; de repente, desejou isso mais do que qualquer outra coisa na vida.

— No que está pensando? — Tinham começado a viagem de regresso a São Francisco. Planejavam estar de volta às duas da manhã. No dia seguinte, dormiriam até tarde, e depois do café ele a levaria para casa. Marc devia chegar à tarde. Terça-feira, às três. Fora só o que dissera o seu telegrama. Margaret lera-o para ela, ao telefone, quando ligara para saber se tudo estava bem em casa. Terça-feira, às três. — Perguntei no que estava pensando.

— Há um minuto eu estava pensando que gostaria de ter tido um filho seu.

Ela sorriu dentro da noite.

— E uma filha? Não ia querer a minha filha, também?

Ambos sorriam.

— Quantas crianças tem em mente?

— Um bom número redondo. Quem sabe 12.

Desta feita ela achou graça e se apoiou no ombro dele, enquanto dirigia. Lembrou-se da primeira vez que dissera isso, na manhã seguinte à sua exposição. Será que alguma vez haveria outra manhã como aquela?

— Eu teria me contentado com duas.

Ele odiava os tempos de verbo que ela usava. Eles lhe diziam o que não queria saber. Ou se lembrar. Não esta noite.

— Desde quando decidiu que não é velha demais?

— Ainda acho que sou, mas... é fácil sonhar.

— Você ficaria uma graça, grávida. — Desta vez, ela ficou calada. — Cansada?

— Só um pouquinho.

Ela estivera cansada com frequência excessiva, a semana toda. Era a tensão, mas ele não estava gostando das olheiras escuras, ou da palidez do rosto dela quando se levantava de manhã. Mas não devia mais se preocupar, depois de hoje. Esta era a sua última chance. Milagrosamente, no outro dia, devia parar.

— Agora, no que você está pensando? — perguntou, olhando ansiosa para ele.

— Em você.

— Só isso?

Tentou caçoar, mas ele não estava disposto a brincar.

— Só isso.

— E sobre o quê?

— Estava pensando no quanto queria o nosso filho.

Ela sentiu um soluço feito um punho cerrado na garganta e virou a cabeça.

— Ben, não.

— Desculpe.

Ele a puxou mais para perto de si e seguiram o seu caminho.

— E o que significa isso?

Chantal olhou ferozmente para Marc do outro lado do quarto. Ele fechou a mala e colocou-a no chão.

— Significa exatamente o que eu disse, Chantal. Vamos, nada de brincadeiras. Passei quase três meses aqui neste verão, agora tenho que trabalhar por lá.

— Por quanto tempo?

Estava lívida, e seus olhos demonstravam que estivera chorando.

— Já falei. Não sei. Agora, seja uma boa menina e vamos indo.

— *Non, tant pis.* Estou me lixando se você perder o seu avião. Não vai me deixar desse jeito. O que acha que sou? Burra? Você vai é voltar para ela. Pobre, pobre mulherzinha, de coração partido porque perdeu a filha, e agora o maridinho querido vai consolá-la. *Alors non, merde!* E quanto a mim?

Avançou para ele, ameaçadora, e um músculo se retesou no maxilar de Marc.

— Já lhe disse. Ela está doente.

— De quê?

— Diversas coisas. Não importa de que, Chantal. Está doente.

— Assim, você não pode deixá-la agora. Então, quando poderá deixá-la?

— Que merda, já repisamos este assunto durante uma semana. Por que temos que fazer isso quando tenho que tomar um avião?

— O seu avião que vá à merda. Não vou permitir que me deixe.

— A voz dela aumentara perigosamente de volume, e seus olhos dardejavam pelo quarto. — Não pode ir! *Non, Marc-Edouard, non!*

Estava em lágrimas de novo. Ele soltou um suspiro, enquanto se sentava.

— Chantal, *chérie*, por favor. Já lhe disse, não vai ser por muito tempo mais. Por favor, querida, tente compreender. Você nunca foi assim antes. Por que tem que ser tão irracional, agora?

— Porque para mim chega! Estou farta! Aconteça o que acontecer, você continua casado com ela. Ano após ano após ano após ano. *Bien merde alors, j'en ai marre*. Estou cheia!

— Precisa ficar cheia justo agora? — olhou para o relógio com desespero. — Já lhe disse ontem à noite, se parecer que vai demorar muito, mando buscá-la. Está bem?

— Por quanto tempo?

— Ora, Chantal! — Tinha o ar de irritação que usava anteriormente apenas com Pilar. — *Voyons*. Vamos ver como ficam as coisas. Você pode ficar nos Estados Unidos por algum tempo, se for para lá.

— Quanto é algum tempo?

Mas ela agora estava começando a brincar, e ele percebeu, com um brilho de exasperação nos olhos.

— Algum é algum. Está bem assim? Agora, vamos indo, ligo para você quase todos os dias. Vou tentar estar de volta dentro de algumas semanas. Se não puder, você vai para lá. Satisfeita?

— Quase.

— Quase? — Ele gritou a palavra, mas ela levantou o rosto para um beijo, e ele não pôde resistir. — *Toi, alors!* — Beijou-a, e ambos riram enquanto voltavam correndo para o quarto, implicando, se tocando e famintos de novo. — Vou perder o avião, sabe.

— E daí? E depois vamos jantar no Maxim's.

Dava-se para imaginar que era ela a grávida, mas eles sabiam enfaticamente que não era. Uma vez tinham pensado que estava grávida, e tinham ficado tão apavorados, por causa da diabete, que haviam decidido jamais correr o risco de novo. Não podiam se dar a esse luxo. A vida de Chantal estava em jogo. E ela não estava ligando se não podia ficar grávida, nunca tivera nenhuma vontade especial de ter um filho. Nem mesmo de Marc.

Ben parou o carro na metade da rua de Deanna.

— Aqui?

Ela assentiu, sentindo como se o mundo fosse acabar. Como se alguém lhes tivesse comunicado o Apocalipse. Sabiam que ia chegar, até mesmo sabiam quando... mas, e agora? Aonde ir? O que fazer? Como poderia viver cada dia sem ele? Como poderia existir sem os momentos que partilhavam em Carmel? Como poderia deixar de acordar no quarto amarelo, perguntando-se se era a sua vez ou a dele de fazer o café da manhã? Perguntava-se, sentada ali, se conseguiria. Olhou para ele longa e fixamente e depois o abraçou com força. Nem estava ligando se alguém a visse. Que vissem. Jamais a veriam abraçando-o de novo. Pensariam que fora uma miragem. Perguntou-se, por um momento, se era isso que ela mesma pensaria, nos anos vindouros. Será que tudo pareceria um sonho?

As suas palavras eram um sussurro no ouvido dele.

— Cuide-se bem. Eu o amo...

— Eu também a amo. — Ficaram agarrados um ao outro, calados. Finalmente, ele abriu a porta. — Não quero que vá, Deanna. Mas se você demorar mais, não serei capaz de... deixá-la ir.

Notou que os olhos dele estavam brilhantes demais, e sentiu os próprios olhos encherem-se de lágrimas. Baixou os olhos para o colo, depois olhou rapidamente para ele. Tinha que vê-lo, tinha que saber que ainda estava ali. Instantaneamente, abraçou-o de novo.

— Ben, eu o amo. — Agarrou-se a ele com força, depois foi-se afastando lentamente, e olhou para ele por um longo momento cheio de agonia. — Posso lhe dizer que esses meses fizeram toda a minha vida valer a pena?

— Pode. — Sorriu para ela e beijou-lhe a ponta do nariz. — E posso lhe dizer para ir dando o fora do meu carro?

Olhou para ele, surpresa. Depois achou graça.

— Não pode.

— Bem, como acho que não vai haver um meio fácil de fazer isso, pelo menos podemos dar uma boa risada.

E ela riu, e ao mesmo tempo começou a chorar de novo.

— Jesus, estou um lixo.

— É, está mesmo. — Falou com um aceno de cabeça de apreciação e um sorriso que cedeu lugar a uma expressão mais sóbria. — E eu também. Mas, francamente, minha cara, acho que temos uma classe dos diabos. — E, então, com um sorriso torto, inclinou-se para beijá-la mais uma vez, olhou para ela fixamente, depois falou: — Vá.

Ela assentiu, tocou-lhe o rosto. Com as mãos crispadas, angustiada, saiu do carro, olhou para ele por um momento interminável, virou-se e afastou-se. Tão logo lhe dera as costas, enquanto ainda remexia na bolsa à procura das chaves, ouviu que ele se afastava com o carro. Mas não se virou, não olhou para trás,

não viu, simplesmente enterrou-o no seu coração e se dirigiu para a casa que compartilharia para o resto da vida. Com Marc.

— Bom dia, querida, dormiu bem?

Olhou para ela, deitada na cama.

— Perdeu o avião?

Não houve menção à semana anterior, ao fato de que ela havia literalmente fugido de Paris.

— Perdi. Estupidamente. Não consegui arranjar táxi, houve um engarrafamento no trânsito, dez mil pequenos incidentes, e tive que esperar seis horas pelo voo seguinte. Como está se sentindo?

— Decente.

— Nada mais que isso?

Deu de ombros, em resposta. Sentia-se podre, e desejava estar morta. Tudo o que queria era Ben. Mas não desse jeito. Não com o bebê de Marc-Edouard.

— Quero que vá consultar o médico hoje — falou Marc. — Mando Dominique marcar hora para você, ou você mesma marca?

— Tanto faz.

Por que tão dócil? Não estava gostando do que via. Ela parecia abatida e pálida, nervosa e infeliz, e no entanto indiferente a tudo que ele dizia.

— Quero que vá vê-lo hoje — repetiu.

— Ótimo. Posso ir sozinha, ou vai mandar Dominique me levar?

Os olhos dela cuspiam fogo.

— Pare com isso. Vai hoje?

— Pode apostar. E você, aonde vai hoje, Atenas ou Roma?

Ela passou por ele, entrou no banheiro e fechou suavemente a porta. Iam ser oito meses deliciosos, pensou Marc sombriamente. Quando o bebê chegasse um mês mais tarde do que Deanna esperava, ele ia simplesmente dizer-lhe que passara do prazo. Isso acontecia o tempo todo, bebês que nasciam três semanas atrasados. Pensara nisso durante toda a viagem de avião.

Caminhou até o banheiro e falou firmemente para a porta fechada.

— Estarei no escritório se precisar de mim. E não deixe de ir ao médico. Hoje. Compreendeu?

— Sim, perfeitamente.

Manteve a voz firme para que ele não soubesse que estava chorando. Não podia continuar desse jeito. Não podia viver assim. Era demais. Tinha que abandoná-lo, voltar para Ben, com ou sem esta maldita criança. Mas teve uma idéia. Quando ouviu a porta da frente bater, saiu do banheiro e foi diretamente para o telefone. A enfermeira disse que ele estava ocupado, mas quando ela mandou que a mulher explicasse quem estava ao aparelho, ele atendeu.

— Deanna?

Pareceu surpreso. Ela raramente ligava, agora.

— Oi, Dr. Jones. — A sua voz ficou trêmula de alívio, apenas de escutá-lo. Ele a ajudaria. Sempre ajudara antes. — Estou com um problema. Um problema muito grande. Posso ir vê-lo?

O médico pôde notar a urgência na voz dela.

— Quando queria vir, Deanna? Hoje?

— Vai me odiar se eu disser que sim?

— Não vou odiá-la, mas pode ser que vá arrancar o pouco cabelo que me resta. Não dá para esperar?

— Não. Ficarei maluca.

— Está certo. Esteja aqui dentro de uma hora.

Ela foi, e ele se ajeitou na enorme poltrona de couro vermelho em que Deanna sempre pensava quando pensava nele.

— Bem?

— Estou grávida.

Os olhos dele não vacilaram. Nada se moveu no seu rosto.

— E como se sente a respeito?

— Péssima. É a hora errada... e tudo nisso está errado.

— Marc também pensa assim?

O que ele tinha a ver com isso? O que importava? Mas tinha que ser honesta.

— Não. Ele está satisfeito. Mas há mil razões por que acho que é errado. Uma delas é que sou velha demais.

— Tecnicamente, não é. Mas sente-se velha demais para lidar com um bebezinho?

— Não é tanto isso, mas... sou velha demais para passar por tudo aquilo de novo. E se o bebê morrer, e se uma coisa daquelas acontecer de novo?

— Se é isso que a preocupa, não precisa, e sabe disso. Sabe tão bem quanto eu que os dois incidentes não tiveram relação alguma, foram apenas acidentes trágicos. Não vai acontecer de novo. Mas acho que o que está me dizendo, Deanna, é que não quer esse bebê. Não importam os motivos. Ou existem motivos que não quer me contar?

— Eu... sim. Eu... não quero o filho de Marc.

Por um momento, o bom doutor ficou atônito.

— Algum motivo especial, ou é um capricho momentâneo?

— Não é um capricho. Venho pensando em deixá-lo durante todo o verão.

— Sei. E ele sabe? — perguntou. Ela sacudiu a cabeça. — Isso complica as coisas, não é? Mas o bebê é dele?

Jamais teria feito tal pergunta há dez anos, mas agora as coisas aparentemente eram diferentes, e perguntou com tanta bondade

que ela não se importou.

— O bebê é dele. — Hesitou, depois continuou. — Porque estou grávida de dois meses. Se fosse menos, não seria dele.

— Como sabe que está grávida de dois meses?

— Disseram-me na França.

— Podiam estar errados, mas provavelmente não estão. Por que não quer o bebê? Porque é de Marc?

— Parcialmente. E não quero ficar amarrada a ele mais do que estou. Se eu tiver o bebê, não posso simplesmente me levantar e ir embora.

— Não muito facilmente, mas poderia. Mas, então, o que faria?

— Bem, não posso voltar para o outro homem com o filho de Marc.

— Poderia.

— Não, doutor. Não poderia.

— Não, mas não tem que ficar com Marc porque vai ter o filho dele. Poderia se separar assim mesmo.

— Como?

— Acharia um jeito, se é o que quer mesmo.

— Não é. Quero... quero outra coisa.

E então ele entendeu.

— Antes de você me dizer, quero saber como a sua filha se encaixa nessa história toda. Como se sentiria, de um jeito ou de outro, se você tivesse outro filho?

Mas Deanna olhava sombriamente para o colo. Finalmente, ergueu os olhos para ele.

— Isso também não tem mais importância. Ela morreu faz duas semanas, na França.

Por um momento, tudo parou, e depois ele se inclinou para diante e tomou-lhe a mão.

— Meu Deus, Deanna, sinto muito.

— Nós também.

— E mesmo assim, você não quer outro filho?

— Não desse jeito, não agora. Não posso. Quero um aborto. É para isto que estou aqui.

— Acha que poderia viver com isso? Depois, você sabe, não há como voltar atrás. É quase sempre uma situação que cria remorso, culpa, arrependimento. Você vai sentir isso por muito tempo.

— No meu corpo?

— No seu coração... na sua mente. É preciso querer livrar-se dele desesperadamente, para se sentir confortável com o que fez. E se tivesse havido um erro no diagnóstico na França, e houvesse uma chance de que o filho fosse do outro homem? Ainda ia querer o aborto?

— Não posso me arriscar. Tenho que me livrar dele, para o caso de ser de Marc. E não há motivo para pensar que cometeram um erro.

— Às vezes se comete. Eu próprio cometo. — Sorriu benevolmente para ela, depois franziu a testa, quando pensou em outra coisa. — Levando-se em conta o que acabou de acontecer com Pilar, sente-se em condições de fazer isso agora?

— Tenho que fazer. O senhor o fará para mim?

— Se é o que quer. Mas, primeiro, quero examiná-la e ver se concordo. Que diabo, pode ser que nem esteja grávida.

Mas estava. E ele concordou que provavelmente de dois meses, embora fosse difícil precisar logo no começo da gravidez. Era melhor fazer logo a operação. Deanna parecia tão resolvida!

— Amanhã? — perguntou ele. — Venha às sete da manhã e poderá ir para casa às cinco. Vai contar a Marc?

Ela sacudiu a cabeça.

— Vou dizer que perdi a criança.

— E então?

— Não sei. Terei que resolver depois.

— E se resolver ficar com Marc e ter outro filho, mas depois deste descobrir que não pode mais conceber? E então, o quê, Deanna? Irá se destruir com o sentimento de culpa?

— Não. Não posso imaginar isso acontecendo, mas se acontecer, terei que viver com ele. E viverei.

— Tem certeza?

— Absoluta. — Ela se levantou, ele assentiu e anotou o endereço do hospital para o qual queria que ela fosse. — É perigoso?

Nem pensaria em perguntar até então. Não estava mesmo se importando. Preferia morrer do que continuar grávida do filho de Marc.

Mas o Dr. Jones sacudiu a cabeça e deu-lhe uma palmadinha no braço.

— Não, não é.

— Aonde vai a esta hora?

Marc levantou a cabeça e olhou para ela, que se esgueirava para fora da cama, irritada consigo mesma por tê-lo acordado.

— Para o meu estúdio. Não consigo dormir.

— Devia ficar na cama.

Mas os olhos dele já estavam fechados.

— Vou passar muito tempo na cama hoje.

Pelo menos este tanto era verdade.

— Está certo.

Mas ele já estava dormindo de novo quando ela terminou de se vestir, e não a viu sair. Deixou-lhe um bilhete: ia sair e estaria de volta à tarde. Poderia ficar aborrecido, mas jamais saberia, e quando ela voltasse seria tarde demais. Enquanto entrava no carro e dava partida no motor, olhou para as suas sandálias e *jeans*. Usara-as pela última vez em Carmel com Ben. Enquanto esperava

que o motor esquentasse, pegou-se pensando nele de novo, e olhando para o pálido céu da manhã. Da última vez que vira um céu daqueles, fora com ele. Então, sem motivo aparente, lembrou-se da pergunta que o médico lhe fizera: e se o bebê fosse de Ben? Mas não podia ser, como seria? Dois meses atrás ela fizera amor com Marc. Mas também conhecera Ben no final de junho, também podia ser dele. Por que não podia ter certeza? Por que não podia estar grávida de apenas um mês, ao invés de dois?

— Merda — exclamou em voz alta, enquanto punha o pé no acelerador e dava marcha à ré para o meio da rua. Mas e se fosse o filho dele? Ainda iria querer o aborto? Teve uma vontade súbita de conversar com ele, contar-lhe, perguntar-lhe o que achava, mas isso era uma loucura. Dirigiu diretamente para o endereço, a cabeça começando a rodar.

Ela parecia pálida e abatida quando chegou. O Dr. Jones já estava esperando. Estava sereno e meigo, como sempre, e tocou o braço de Deanna.

— Tem certeza? — perguntou. Ela fez que sim, mas havia algo nos olhos dela de que não gostou. — Vamos conversar.

— Não. Vamos apenas operar.

— Está certo.

Deu instruções à enfermeira e Deanna foi conduzida a um pequeno quarto onde mandaram que vestisse um avental de hospital.

— Aonde vão me levar?

— Para o fim do corredor. Vai ficar por lá o dia todo. Só vai voltar aqui no fim do dia.

De repente, pela primeira vez, teve medo. E se doesse? E se morresse? E se tivesse uma hemorragia ao voltar para casa? Se... a enfermeira começou a explicar a técnica de sucção para Deanna, esta sentiu-se empalidecer.

— Compreendeu?

— Sim.

Deanna não pôde pensar em outra coisa para dizer. Súbita e desesperadamente, ansiou por Ben.

— Está com medo?

A enfermeira tentou parecer meiga, mas sem êxito.

— Um pouco.

— Não tenha medo. Não é nada. Já fiz três.

Pombas, pensou Deanna. *Que maravilha. Com desconto?*

Deanna sentou-se no seu quartinho, esperando. Finalmente, conduziram-na pelo corredor até um quarto, onde a puseram na mesa apropriada, com os pés amarrados aos suportes. Era como as salas de parto em que dera à luz os dois meninos, e finalmente Pilar. Uma sala de parto... não de aborto. Sentiu-se ficar toda suada. Deixaram-na sozinha por quase meia hora. Ficou deitada ali, com os pés para cima, lutando contra a vontade de chorar e lembrando-se que logo terminaria. Eles o arrancariam de dentro dela com aquela máquina. Olhou à sua volta, imaginando qual peça da maquinaria de ar agourento seria A Peça, mas todas pareciam igualmente aterradoras. Sentiu as pernas começarem a tremer. Pareceu levar horas até o Dr. Jones entrar na sala, e ela sentiu um sobressalto.

— Deanna, vamos lhe dar uma injeção para deixá-la meio tonta, e um pouco mais à vontade.

— Não quero.

Tentou sentar-se ereta, e se debateu com as pernas no ar.

— A injeção? Mas será bem mais fácil para você se a tomar. Acredite. É muito mais difícil desse jeito.

Parecia imensamente compassivo, mas ela sacudiu a cabeça.

— Não quero. Não a injeção. O aborto. Não posso. E se o bebê for de Ben?

O pensamento a atormentara durante toda a última hora, ou seria apenas uma desculpa para não abortar? Não tinha certeza.

— Tem certeza, Deanna? Ou é apenas medo?

— As duas coisas. Tudo... não sei.

Ficou com os olhos cheios de lágrimas.

— E se o bebê fosse apenas seu, e de mais ninguém? Se não houvesse homem algum envolvido. Se pudesse ter o bebê apenas para você. Iria querê-lo, então? — Ela ergueu os olhos para ele e assentiu, silenciosamente. Ele desamarrou-lhe as pernas. — Então vá para casa, meu bem, e resolva as coisas. Você pode ter o bebê sozinha, se quiser. Ninguém poderá tirá-lo de você. Será todo seu.

Ela se pegou sorrindo ante a idéia.

Marc estava no chuveiro quando ela chegou em casa, e subiu suavemente até o estúdio, entrando e trancando a porta. O que tinha feito? Tinha resolvido ficar com o bebê, e o que o médico dissera era verdade. Podia ter o bebê sozinha e torná-lo apenas seu. Podia, não é? Ou o bebê sempre seria de Marc? *Como Pilar o fora*. Subitamente, soube que jamais escaparia. O bebê era de Marc. Não tinha ainda a coragem de tê-lo sozinha. E que importância poderia ter, agora? Já tinha perdido Ben.

— Bom dia, Deanna. — Marc lançou-lhe um olhar enquanto se acomodava na sua cadeira. A variedade habitual de jornais estava à sua disposição, o café estava quente, e Deanna comia um ovo. — Está com fome, hoje?

Há semanas que não a via comer.

— Não muita. Tome, coma a minha torrada.

Empurrou o prato azul delicado de Limoges na direção dele. A toalha de mesa também era de um azul-claro delicado.

Deanna sentiu-se triste, deprimida.

Marc olhou com cuidado para ela, que brincava com o ovo no prato.

— Ainda se sente doente?

Ela deu de ombros, e ergueu os olhos, depois de um momento.

— Não.

— Acho que talvez devesse chamar o médico.

— Vou consultar-me com ele semana que vem, de qualquer forma.

Fazia três semanas desde que o vira pela última vez. Três semanas que não via Ben. E não tinha havido notícias. Sabia que não haveria de novo. Encontrar-se-ia com ele algum dia, em algum lugar qualquer, e bateriam papo por um momento como velhos amigos. E seria só. Tinha acabado. Não importava o quanto ambos

se gostassem. Sentiu todo o corpo pender ante a idéia. A única coisa que queria fazer era voltar para a cama.

— O que vai fazer hoje?

Marc parecia incerto, mas preocupado.

— Nada. Provavelmente vou trabalhar um pouco no estúdio.

Mas não estava trabalhando. Apenas ficava sentada, fitando a montanha de quadros que tinham sido devolvidos pela galeria, a despeito dos protestos iniciais de Ben. Mas não podia fazê-lo. Não podia deixar que vendesse os seus trabalhos, sem vê-lo. E não queria que ele a visse grávida naquele inverno. Não tivera escolha. Insistira com Sally para que fossem devolvidos. Agora, estavam apoiados contra as paredes do estúdio, de cara para a parede, as costas das telas cor de lama fitando-a cegamente, exceto por aquele retrato dela com Pilar, que passava horas por dia olhando.

— Quer ir almoçar comigo em algum lugar?

Ouviu as palavras enquanto se afastava e virou-se para vê-lo na sua cadeira da sala de jantar, parecendo um rei. Ele era o seu rei, agora, e ela era a sua escrava, tudo por causa desta criança que não nascera e que ela era covarde demais para abortar.

Novamente, sacudiu a cabeça.

— Não, obrigada.

Tentou dar um sorriso, mas era quase como um raio de sol no inverno, menos do que um brilho na neve. Não queria ir almoçar com ele. Não queria estar com ele, ou ser vista com ele. E se Ben os visse juntos? Não podia suportar a idéia. Apenas sacudiu a cabeça mais uma vez e caminhou mansamente até o pequeno estúdio, onde se escondeu.

Ficou ali sentada, encolhida, abraçando os joelhos, com as lágrimas correndo pelo rosto. Pareceu horas mais tarde quando ouviu o telefone.

— Oi, guria, o que está fazendo?

Era Kim. Deanna suspirou consigo mesma e tentou desencavar um sorriso.

— Nada de especial. Estou sentada aqui no estúdio, achando que devo me aposentar.

— Uma ova. Não depois das belas críticas que a sua exposição recebeu. Como vai Ben? Vendeu mais algum trabalho seu?

— Não. — Deanna tentou não deixar a voz trair o que estava sentindo. — Ele... não teve muita chance.

— Acho que não. Mas estou certa de que, quando voltar de Londres, ele o fará. Sally falou que ainda ficará lá mais uma semana.

— Ah, eu não sabia. Marc voltou para casa há três semanas e temos andado muito ocupados.

Kimberly custou a acreditar; com a morte recente de Pilar, sabia que não estavam indo a parte alguma. Pelo menos, fora o que Deanna lhe dissera, da última vez em que se tinham falado.

— Posso atraí-la para longe do seu estúdio para almoçar?

— Não, eu... verdade... não posso.

De repente, Kim não gostou do que estava ouvindo. Notou um tremor de dor na voz de Deanna que a assustou, de tão violento.

— Deanna? — Mas não houve resposta; ela tinha começado a chorar. — Posso ir até aí agora?

la dizer que não, queria impedi-la, não queria vê-la, mas não teve forças.

— Deanna, você me ouviu? Vou já para aí. Chegarei dentro de dois minutos.

Deanna ouviu Kim nos degraus do estúdio antes de poder descer. Não queria que ela visse as filas de quadros encostados às paredes, mas já era tarde demais. Kim bateu uma vez e entrou,

olhando espantada ao seu redor, sem compreender o que via. Devia haver 20 ou 30 telas encostadas às paredes.

— O que é tudo isto? — Sabia que não podiam ser obras novas. Enquanto ia desvirando os quadros e reconhecendo os temas familiares, virou-se para Deanna com surpresa no olhar. — Retirou-as da galeria? — perguntou. Deanna fez que sim. — Mas, por quê? Fizeram uma bela exposição para você, as críticas foram muito boas. Na última vez que falei com Ben, ele me contou que vendera quase a metade das suas telas. Por quê? — E, então, compreendeu. — Por causa de Marc?

Deanna soltou um suspiro e sentou-se.

— Tive que retirá-las.

Kim sentou-se à sua frente, a testa franzida de preocupação. Deanna estava abatida e pálida, mas o pior é que havia algo trágico estampado nos seus olhos.

— Deanna, eu... sei como deve estar se sentindo quanto a Pilar. Na verdade não sei, mas posso imaginar. Mas não pode destruir toda a sua vida. A sua carreira tem que ser separada de todo o resto.

— Mas não é. Por causa... por causa de Ben.

As palavras foram abafadas pelas mãos e pelas lágrimas.

Kim aproximou-se mais de Deanna e abraçou-a firmemente.

— Solte-se.

Sem saber o porquê, Deanna se soltou. Chorou nos braços de Kim pelo que parecia ser dias, pela perda de Pilar, de Ben, e talvez até mesmo de Marc. Sabia que o havia perdido para a amante. A única coisa que não perdera era o bebê que não queria. Kim não lhe disse nada, mas deixou que esgotasse a sua dor nos braços dela. Pareceu levar horas até que os soluços finalmente pararam, e Deanna ergueu os olhos para o rosto de Kim.

— Ah, Kim, desculpe. Não sei o que aconteceu, simplesmente...

— Qual é, não peça desculpas. Não pode ficar com tudo dentro de si. Não pode, de verdade. Quer uma xícara de café?

Ela sacudiu a cabeça, depois ficou um pouco mais animada.

— Quem sabe uma xícara de chá.

Kim pegou o telefone e chamou a cozinha.

— E quem sabe depois podíamos ir dar uma volta. Que tal?

— E quanto a você? Largou o emprego, ou apenas tirou o dia de folga para bancar o meu terapeuta?

Deanna sorriu por entre os olhos vermelhos e marejados.

— Pombas, se você pôde se retirar da galeria, talvez eu deva largar o emprego. Faz o mesmo sentido.

— Não, está errada. Eu agi certo, fazendo o que fiz.

— Mas, por quê? Simplesmente não entendo.

Deanna estava prestes a lhe dizer uma mentirinha qualquer. Em vez disso, simplesmente olhou para Kim.

— Não quero mais ver Ben.

— Acabou tudo com Ben? — Por um longo momento tudo parou no aposento, enquanto as duas mulheres se olhavam nos olhos. Deanna assentiu. — Vai ficar com Marc?

— É preciso. — Solto um suspiro e trouxe para dentro a bandeja que Margaret deixara do lado de fora da porta. Entregou o café a Kim e sentou-se com o seu chá, tomando um golezinho antes de cerrar os olhos com força e novamente: — Marc e eu vamos ter um filho.

— O quê? Está brincando?

Deanna abriu os olhos de novo.

— Quem me dera. Descobri quando estava na França. Desmaiei numa igreja campestre alguns dias depois do enterro, e Marc insistiu em me levar ao hospital local. Achava que eu tinha alguma coisa gravíssima, mas estávamos os dois tão histéricos, àquela altura, quem podia saber? Só o que descobriram é que eu estava grávida de dois meses.

— Isso quer dizer que agora está de quantos meses?

— Exatamente três.

— Não parece.

Ainda com ar chocado, Kim baixou os olhos para a barriga ainda totalmente lisa de Deanna, metida nos *jeans*.

— Sei que não pareço. Acho que desta vez vou ficar pequena e ando tão nervosa que perdi muito peso.

— Pombas. Ben está sabendo?

Deanna sacudiu a cabeça.

— Não tive coragem de contar. Estava pensando em... em fazer... um aborto. E tentei. Ajeitei tudo, mas quando me vi na mesa, simplesmente não pude. Não com dois bebês mortos, e agora Pilar. Não importa o quanto não deseje este filho, não posso.

— E Marc?

— Está radiante. Finalmente terá o seu filho. Ou uma substituta para Pilar.

— E você, Deanna?

A voz dela era dolorosamente suave.

— O que terei? Não muita coisa. Vou perder o único homem que amo de verdade, vou ficar trancada num casamento que descobri estar morto, há anos, vou ter outro bebê que pode ou não viver... e se viver, será de Marc e ele o virará contra mim e fará dele um francês 2.000 por cento. Deus sabe, Kim, já passei por tudo isso. Mas que opções tenho, o que posso fazer?

— Poderia tê-la sozinha, se quer a criança. Ben pode até querê-la, mesmo não sendo dele.

— Marc jamais me deixaria ir. Fará tudo que estiver ao seu alcance para me impedir.

Parecia uma ameaça nebulosa, mas ela pareceu aterrorizada pelas próprias palavras. Kim ficou vendo a dor estampada nos olhos da amiga.

— Mas o que ele poderia fazer?

— Não sei. Alguma coisa. Qualquer coisa. Sinto como se nunca pudesse escapar. Se tentasse viver por conta própria, ele faria tudo que pudesse para me impedir. E consegue abalar a minha autoconfiança, me convencer de que não posso.

— Diga-me uma coisa, Deanna. — Kim olhou para ela longa e fixamente. — Está pintando, atualmente?

Deanna sacudiu a cabeça.

— Para quê? Não posso expor.

Deu ligeiramente de ombros, desanimada.

— Você não expôs durante 20 anos, e pintava assim mesmo. Por que parou agora?

— Não sei.

— Porque Marc mandou que parasse? Porque ele acha que é uma bobagem, porque faz com que você e a sua arte pareçam inferiores?

Os olhos de Kim lançavam chamas.

— Não sei, pode ser... Ele faz com que tudo pareça tão trivial e sem sentido.

— E Ben?

A voz de Deanna ficou subitamente muito suave, e nos seus olhos havia de novo aquela luz que Kim vira tão raramente.

— É muito diferente com Ben.

— Não acha que ele podia amar o bebê?

— Não sei. — Deanna voltou à realidade e olhou longa e fixamente para Kim. — Não posso pedir-lhe isso. Sabe que eu estava grávida de Marc o tempo todo em que dormi com Ben? Tem idéia do quanto isso é revoltante?

— Deixe de bancar a puritana, pela madrugada! Não sabia que estava grávida, sabia?

— Não. Claro que não.

— Está vendo? Pelo amor de Deus, Deanna, ele pode até ser de Ben!

Mas Deanna estava balançando a cabeça.

— Não. Há discrepância de um mês.

— Não podiam ter se enganado? Você devia saber.

— É, devia, mas é difícil dizer. Sou irregular. Isso torna as coisas muito confusas. Tenho que me apoiar nas teorias deles, não nas minhas. E dizem que fiquei grávida do meio para o fim de junho. Ainda podia ser de Ben... mas não é muito provável.

Kim ficou sentada por longo tempo, observando a amiga, antes de fazer a única pergunta que lhe parecia importante. O resto não era.

— Deanna, você quer o bebê? Quero dizer, se nada disso existisse, se os dois sumissem da face da terra, e só restasse você, iria querer essa criança? Pense um segundo antes de responder.

Mas não era preciso. O Dr. Jones havia feito a mesma pergunta. Ergueu os olhos para Kim, e neles havia uma pequena luz meiga.

— A resposta é sim. Sim, iria querê-lo. Queria que fosse o meu bebê. Meu. — Desviou o olhar, com os olhos marejados de lágrimas. — E sempre poderia dizer a mim mesma que era de Ben.

Kim soltou um suspiro e pousou a xícara.

— Então, pelo amor de Deus, Deanna, tenha o seu filho. Curta-o. Ame-o. Fique com ele. Floresça com ele... mas tenha-o sozinha. Deixe Marc, para ao menos poder aproveitar este filho.

— Não posso. Tenho medo.

— Do quê?

Deixou pender a cabeça, como que envergonhada.

— O pior é que não sei.

— Não sei, Kim. Não gosto dos *layouts*, e o jeito global não é elegante o bastante.

Ben correu a mão pelos cabelos e fitou distraído a parede oposta. Estivera intratável, nessa manhã, e Kim sabia qual era o problema, enquanto o observava.

— Quem sabe se tivesse dormido um pouco ontem à noite, depois do seu vôo de Londres, gostaria deles um pouquinho mais.

Tentou caçoar, mas era inútil. Ele estava até com pior aparência do que Deanna, o que não era fácil.

— Não banque a sabida. Sabe o jeito que quero.

— Está certo. Vamos tentar outra vez. Você estará aqui para examiná-los daqui a duas semanas, ou vai se mandar de novo?

Andava fazendo muito isso, ultimamente.

— Vou para Paris na terça-feira. Mas estarei de volta daqui a duas semanas. Tenho que tomar umas providências com relação à minha casa.

— Vai redecorá-la?

— Vou me mudar.

— Por quê? Pensei que gostasse dela.

Durante os meses em que Kim estivera encarregada da conta dele, tinham se tornado amigos. E o relacionamento dele com Deanna tinha forjado um elo suplementar entre eles.

— Não agüento mais aquela casa. — Subitamente, ela sentiu o seu olhar penetrante. — Você a tem visto? — Kim assentiu, calada. — Como está?

— Está bem.

Desolada, um lixo, como você.

— Que bom. Gostaria de poder dizer o mesmo. Kim, eu... não sei como dizer isso, mas estou ficando maluco. Não estou agüentando. Nunca me senti assim, nem quando a minha mulher me deixou. Mas não faz sentido. Tínhamos tudo a nosso favor. E eu tinha prometido... que seria apenas durante o verão, que não faria pressão depois. Mas, meu Deus, Kim, ela está se enterrando com aquele homem. Acho que ele nem a ama.

— Se serve de consolo, também sempre achei o mesmo.

— Não serve. Ela ainda resolveu ficar com ele, não importa o que você ou eu achemos. Está feliz? Está pintando?

Kim quis mentir, mas não pôde.

— Não. Nem uma coisa nem outra.

— Então, por quê? Por causa de Pilar? Não faz nenhum sentido para mim. Podia ter pedido que eu esperasse, esperaria. Podia ficar com ele durante algum tempo, eu não teria forçado a barra. Qual o domínio que ele tem sobre ela?

— Os relacionamentos são complicados. É difícil para quem está de fora enxergar. Conheço gente que se odiava e ficou casada 50 anos.

— Que maravilha. — Mas, enquanto falava, sua expressão era sombria. — Tenho vontade de ligar para ela, mas acho que não devo.

— E quanto a você, Ben? Como está se saindo? — perguntou, com voz dolorosamente meiga.

— Estou me mantendo ocupado. Não tenho opção. Ela não me deixou nenhuma escolha.

Tinha vontade de dizer a ele que aquilo passaria, mas pareceu-lhe cruel dizer uma coisa dessas.

— Posso fazer alguma coisa para ajudar?

— Pode, me ajude a raptá-la. — Desviou os olhos de novo. — Sabe, não suporto nem mais olhar para o meu Wyeth, é tão parecido com ela. — Soltou um suspiro e se levantou, como que para se afastar dos próprios pensamentos. — Não sei o que fazer, Kim. Não sei que diabo fazer.

— Não há nada que possa fazer. Gostaria de poder ajudar.

— Eu também. Mas não pode. Vamos, convido-a para almoçar.

Kim colocou os anúncios da galeria de volta na pasta e largou-a de novo no chão. Era uma agonia vê-lo daquele jeito.

— Sabe, fico torcendo para me encontrar com ela, por acaso. A cada restaurante que vou, cada loja, até no correio, me pego buscando... como se, se olhar com intensidade suficiente, verei o rosto dela.

— Ela não anda saindo muito, atualmente.

— Ela está bem? Não está doente, está? — Kim sacudiu a cabeça, sem dizer palavra, e ele continuou: — Suponho que a única solução é continuar em movimento, viajando, correndo.

— Não pode fazer isso eternamente.

Levantou-se e seguiu-o até a porta, enquanto os olhos dele a fitavam tristemente por trás dos muros da sua prisão particular.

— Posso tentar.

— O que foi que o médico disse hoje? — Deanna já estava na cama quando Marc chegou. — Tudo bem?

— Falou que, para quatro meses, estou muito pequena, mas imagina que seja o sistema nervoso e o peso que perdi. Quer que volte daqui a duas semanas, contudo, para poder escutar o coração do bebê. Ainda está muito pequenino para se escutar, e Jones falou que devia ter escutado hoje. Quem sabe daqui a mais duas semanas? — Mas Marc não pareceu preocupado com as notícias. — Que tal foi o seu dia?

— Excessivamente cansativo. Mas temos um caso novo. Parecia satisfeito.

— Onde?

— Em Amsterdam. Mas vou dividi-lo com Jim Sullivan. — Olhou para ela com um sorriso. — Eu lhe disse que não ia ficar fora o tempo todo. Não cumpri a palavra?

— Totalmente. — Desta feita ela também sorriu. Há dois meses que Marc estava em casa, e não tinha se mexido. Nem mesmo uma viagem de fim de semana a Paris. Não que aquilo tivesse importância. De alguma forma, ela se sentiria aliviada, mas ele lhe dissera que a história com a tal garota tinha acabado. — Mas não há motivo para você não aceitar o caso. Quando irá a julgamento?

— Provavelmente não até junho. Bem depois da chegada do bebê.

O bebê: ainda não parecia real. Não para ela, apenas para Marc.

— Quer comer alguma coisa? Vou descer para fazer uma boquinha.

Olhou para ela do vão da porta, novamente com aquele sorriso terno. Só no que pensava agora era no filho deles, e no bem-estar dela, relacionado com a criança. Às vezes aquilo a emocionava, geralmente a irritava. Sabia que não tinha nada a ver com ela. Tinha a ver com o bebê. Com o seu Herdeiro.

— O que vai comer, pickles e sorvete?

— O que prefere, Deanna? Caviar e champanha? Também pode-se arranjar.

— Basta umas bolachas.

— Que coisa sem graça. Espero que o bebê tenha melhor gosto.

— Estou certa que sim.

Voltou dali a alguns minutos, com bolachas para ela e um sanduíche para ele.

— Nem morangos, nem *pizzas*, nem *tacos*?

Era a primeira vez em meses que ele via o seu senso de humor. Porém ela tivera um dia agradável. Depois da sua visita ao médico, fora almoçar com Kim. Kim a estava ajudando a manter a sua sanidade, nesses dias estranhos e solitários. E Deanna podia contar-lhe como sentia saudade de Ben. Ainda estava esperando que a dor da saudade passasse. Contudo, até agora, não dava sinais de querer diminuir.

Marc estava prestes a oferecer-lhe uma mordida do seu sanduíche, quando o telefone tocou ao lado dela.

— Quer que eu atenda? Provavelmente é para você.

— A esta hora? — Olhou de novo para o relógio, depois assentiu. Eram oito da manhã na Europa. Era mesmo provavelmente para ele. Sentou-se de novo na cama, ao lado da

mulher. Não a via assim amável há semanas. Sorriu para ela mais uma vez e atendeu ao telefone. — Alô?

Escutou o costumeiro zumbido das linhas internacionais e depois ficou esperando para ver qual dos seus clientes estava tão precisado dele.

— Marc-Edouard?

Era uma voz cheia de desespero, e ele se sentiu ficar subitamente pálido. Chantal. Deanna viu as costas dele se enrijecerem ligeiramente, e ele se virou para o outro lado, com a testa franzida.

— Sim? O que é? — Tinha falado com ela pela manhã. Por que estava ligando para ele em casa? Já lhe prometera que estaria de volta à Europa nas próximas semanas. Tinha certeza de que poderia se afastar de Deanna logo após o Dia de Ação de Graças. Até lá, teria pago a sua cota. Dois meses e meio ao seu lado, nos Estados Unidos. — Algum problema?

— Sim. — Ela soltou um longo soluço estrangulado e ele sentiu o medo trespassar-lhe o coração. — Eu... estou de novo no hospital.

Ah, *merde*. — Fechou os olhos, e Deanna viu que franzia a testa. — Por que, desta vez? A mesma coisa?

— Não. Confundi a minha insulina.

— Você nunca a confunde. — *Exceto de propósito*, pensou, lembrando-se daquela noite no hospital e do pânico que sentira. — Depois de todos esses anos, sem dúvida você devia saber... — *Merda*. Era tão constrangedor ficar ali sentado, conversando com ela, na presença de Deanna. — Mas está bem?

— Não sei. — E depois de uma pausa: — Ah, Marc-Edouard, preciso de você. Por favor, não pode vir para casa?

Droga. Como podia discutir com ela ali?

— Não tenho aqui os papéis adequados para discutirmos a situação. Não podemos fazê-lo amanhã, do meu escritório?

Pegou o telefone e cruzou o quarto até uma cadeira. Deanna voltara a ler o seu livro. A conversa parecia chata e Marc aborrecido.

Mas Marc estava achando o diálogo tudo menos chato. Chantal dera um gritinho ante a sua sugestão de discutirem o “assunto do escritório”, no dia seguinte.

— Não! Não pode ficar desconversando.

— Não estou desconversando. Simplesmente não sei quando vou poder.

— Então deixe que eu vá para junto de você. Prometeu antes de partir que eu podia ir para aí, se você não pudesse vir. Por que não posso?

— Terei que discutir isso amanhã, quando estiver com as pastas na mão. Pode esperar dez horas, e eu lhe telefonarei? — Agora havia dureza na voz dele. — Onde posso encontrá-lo? — Ela lhe deu o nome de uma clínica particular e ele ficou agradecido porque, pelo menos desta vez, ela não estava no Hospital Americano, não teria suportado ligar para ela ali. — Telefone tão logo chegue ao escritório.

— Se não telefonar, tomo o primeiro avião.

Estava se comportando como uma criança mimada. E perigosa. Ele não queria mais encrencas com Deanna. Não até depois do bebê nascer. Então, veriam. Mas, por causa da sua nacionalidade, a criança seria legalmente francesa, tanto quanto americana. E, quando estivesse na França, estaria sob jurisdição francesa. Seria dele. E se resolvesse levar o seu filho para a França, não haveria nada que Deanna pudesse fazer para tirá-lo de lá. Nada. Este pensamento é que o manteria à tona durante os próximos sete meses. Quando o bebê estivesse com um mês, eles o levariam à França para conhecer a avó. Deanna iria também, é claro, mas depois poderia fazer a sua própria escolha. Poderia ir ou ficar. Mas o bebê não deixaria o país de novo. Se necessário, ficaria com a mãe de Marc, e este tomaria providências para passar mais tempo ali.

Aquele bebê era dele... como Pilar devia ter sido totalmente; teria sido, se não fosse por Deanna. A idéia do novo bebê desviava os seus pensamentos de Pilar. Esta criança ia ser inteiramente dele. Nesse meio-tempo, precisava de Deanna. Precisava dela sadia e feliz até dar à luz a criança. E depois, ficaria perfeitamente feliz em permanecer casado com ela — se ela quisesse ficar com o bebê na França. Já estava com tudo esquematizado... tudo. E não era hora de Chantal estragar as coisas.

— Marc-Edouard? Escutou o que eu disse? Se você não vier para cá, tomarei o primeiro avião.

— Para onde? — perguntou, com voz gélida.

— São Francisco, é claro. Onde está pensando?

— Deixe que eu tome essa decisão. E lhe avisarei. Amanhã. Estamos entendidos?

— *D'accord*. Marc-Edouard...

— Sim?

Ele amaciou um pouco ao som da voz dela.

— Eu o amo tanto.

— Estou absolutamente certo de que é um acordo recíproco. — Por um momento, quase sorriu. — Conversaremos de novo dentro de algumas horas. Boa noite.

Marc desligou o telefone com um suspiro. Não notou que Deanna o observava.

— Cliente desapontado?

— Nada que eu não possa resolver.

— Existe alguma coisa que você não possa resolver?

Ele sorriu, observando os olhos dela.

— Espero que não, minha cara. Espero sinceramente que não.

Estava na cama dali a meia hora; Deanna jazia acordada ao seu lado.

— Marc?

— Sim?

O quarto estava às escuras.

— Algum problema?

— Não, claro que não, que problema poderia haver?

— Não sei. Aquele telefonema... será que você devia estar viajando mais do que está?

Mas ela já sabia a resposta à pergunta.

— Devia. Mas posso dar um jeito. Não quero que você fique sozinha.

— Eu ficaria bem.

— Provavelmente. Mas enquanto não tiver que ir a lugar nenhum, não irei.

— Fico agradecida.

Era o primeiro pensamento gentil que tinha em relação a ele em meses, e Marc fechou os olhos por um momento enquanto ela tocava as costas da sua mão. Queria segurar-lhe a mão, abraçá-la, beijá-la, chamá-la de *Ma Diane*, porém não podia mais. Não agora. Pensamentos sobre Chantal já se atropelavam na sua mente.

— Não se preocupe, Deanna. Tudo vai dar certo.

Deu-lhe uma palmadinha na mão e virou-lhe as costas no canto mais afastado da cama.

— Que loucura é essa, ligar para a minha casa no meio da noite? — A voz de Marc-Edouard esbravejava com ela do outro lado de um continente e um oceano. — E se ela tivesse atendido ao telefone?

— E daí, porra, ela sabe!

Não. Ela *sabia*. No passado, não no presente.

— Estou me lixando para o que ela sabe, você não tem o direito de fazer isso, já lhe disse que não o fizesse.

— Tenho o direito de fazer o que quero. — Mas a sua voz vacilou. E então ela estava chorando ao seu ouvido. — Não posso, Marc-Edouard, não posso continuar. Por favor, faz mais de dois meses.

— Faz exatamente dois dias mais do que dois meses.

Mas ele estava ganhando tempo. Sabia que, se não quisesse perdê-la, tinha que fazer alguma coisa. Ia ser um inverno difícil, correndo de uma para a outra...

— Por favor... — Quase se odiava por suplicar, mas precisava dele. Queria estar com ele. Não o queria perder de novo para a mulher. Os acontecimentos estavam sempre conspirando contra ela, até mesmo a morte de Pilar, coisas que o aproximavam mais de Deanna, momentos em que se precisavam mutuamente. Agora ela precisava mais dele, e não ia perder. — Marc-Edouard? — falou, com ameaça de novo na voz.

— Chantal, querida, por favor, agüente as pontas por mais um pouco.

— Não. Se você não fizer alguma coisa agora, está tudo acabado. Não posso mais viver assim. Estou ficando maluca.

Ah, Deus, o que ia fazer com ela?

— Vou para aí semana que vem.

— Não, não vem. Vai arranjar uma desculpa. — Subitamente, a voz dela endureceu de novo. — Fui trazida até o hospital por um amigo, Marc-Edouard. Aquele de quem lhe falei no verão. Se não deixar que eu vá definitivamente para junto de você, eu...

— Não me ameace, Chantal! — Mas algo nas palavras e no tom dela fez o seu coração dar voltas. — O que está me dizendo, que se casará com o tal homem?

— Por que não? Você é casado, por que eu também não posso ser?

Deus! E se estivesse falando a sério? Se, como as tentativas de suicídio, ela fosse em frente e se casasse?

— Se você vier para cá — falou — não poderá ficar borboleteando pela cidade. Teria que ser extremamente discreta. Logo estaria chateada.

— Quer deixar que eu decida isso? — Podia sentir que ele estava vacilando, e no seu lado da linha havia um pequeno sorriso começando a despontar-lhe no rosto. — Serei boazinha, querido, prometo.

E então ele sorriu também.

— Você é sempre boazinha. Nem mesmo boa, extraordinária. Está certo, sua chantagistazinha resoluta, vou providenciar a passagem ainda hoje.

Ela soltou um grito de vitória e alegria.

— Quando posso ir?

— Quando vão deixar que saia do hospital?

— Hoje à noite.

— Então venha amanhã. — Ambos agora sorriam abertamente. Para o diabo as complicações, estava morrendo de vontade de vê-la. — E, Chantal...?

— *Oui, mon amour?*

Ela era toda inocência e poder, como um míssil nuclear envolto em seda cor-de-rosa.

— *Je t'aime.*

Chantal foi a primeira pessoa a passar pela alfândega, e enquanto olhava para ela, abrindo caminho em sua direção, ele sentiu um sorriso espalhar-se por todo o rosto. Meu Deus, mas como estava bonita! Vestia camurça champanha pálida, com uma imensa gola de lince e chapéu combinando. Os cabelos castanho-avermelhados apareciam por sob o chapéu, e os olhos dourados pareciam dançar, enquanto corria para junto dele. Notou que, por um momento, esteve prestes a beijá-lo, e então ela se lembrou. Em vez disso, caminharam lado a lado, sussurrando, conversando, rindo; era como se tivessem se beijado e se rasgado as roupas. Era evidente como estavam felizes por estarem juntos de novo. Ele tinha quase se esquecido de como ela era incrivelmente atraente, especial. Reduzidos aos diálogos por telefone, tinha quase se esquecido de como os encantos dela eram inebriantes. Mal podia manter as mãos longe dela enquanto desapareciam dentro da limusine alugada. Foi ali, finalmente, que as suas mãos tocaram-lhe o corpo, o rosto, que a apertou junto a si e bebeu da sua boca.

— Ah, Deus, que gostosura você é.

Estava quase sem fôlego enquanto a abraçava, e ela sorriu. Agora estava no controle de novo, e o seu poder ria dele, nos lindos olhos.

— Seu idiota, você me deixaria ficar um ano longe.

— Não, mas... as coisas ficaram complicadas demais.

Ela revirou os olhos e suspirou.

— Não importa. Está tudo acabado. Contanto que estejamos juntos, não ligo a mínima.

Por um momento, ele se perguntou quanto tempo estaria planejando ficar, mas não quis perguntar. Não queria falar nada com ela, queria apenas abraçá-la e fazer amor com ela pelo resto da vida.

O carro parou diante do Hotel Huntington e Marc ajudou-a a saltar. Já tinha feito o registro e pago dez dias de hospedagem para ela. Não tinham outra coisa a fazer, exceto escapular para o quarto dela. Tinha avisado ao escritório que ficaria fora o dia todo.

— Marc?

Levantou a cabeça, no escuro, sonolenta, e sorriu. Passavam das duas da madrugada, e ela estava dormindo há duas horas.

— Não, é o presidente. Quem estava esperando?

— Você. Por que chegou tão tarde?

Nem ao menos telefonara, mas ela não se preocupara, realmente.

— Clientes de fora da cidade. Tivemos reuniões a portas fechadas o dia todo. Nem saímos para almoçar.

Tinham pedido almoço no quarto, e ele tomara providências para encomendar o jantar no L'Étoile.

— Parece muito cansativo.

Sorriu no escuro e mudou de posição na cama.

— Como está se sentindo?

Estava se despindo, de costas para a mulher. Era estranho voltar para casa, para ela, agora. Quase passara a noite fora, mas precisava ir aos poucos. Tinha prometido o fim de semana a Chantal, e mais alguns outros dias.

— Com sono, obrigada.

— Ótimo. Eu também. — Entrou na cama, tocou-lhe a face, deu-lhe um beijo no alto da cabeça. — *Bonne nuit*.

Fora o que dissera a Chantal quando saíra, exceto que para ela acrescentara “*mon amour*”.

— Não me importo — dizia Chantal. — Não vou embora. E se você parar de pagar o hotel, eu mesma pago, ou alugo um apartamento. O meu visto diz que posso ficar aqui seis meses.

— Que absurdo! — Marc olhava zangado para ela, do lado oposto do quarto. Estavam discutindo há uma hora, e o queixo delicado de Chantal estava empinado numa fúria petulante. — Já lhe disse. Estarei de volta a Paris dentro de duas semanas.

— Por quanto tempo? Cinco dias? Uma semana? E depois? Fico sem vê-lo por mais dois meses. *Non! Non, non et non!* Ou ficamos juntos agora, ou está tudo acabado. Para sempre! E esta, Marc-Edouard Duras, é a minha última palavra. Decida o que quer. Ou fico aqui agora e acertamos alguma coisa juntos, ou volto para casa e terminamos tudo. *Finis! C’est compris?* — A sua voz era um guincho no quarto elegante. — Mas esse nosso joguinho para mim acabou. Chega! Disse isso a você antes de vir para cá. Não entendo por que você quer continuar casado com ela. Nem tem Pilar como desculpa, agora. Mas eu estou me lixando. Não vou continuar a viver sem você para sempre. Não posso. Não, vou ficar. Ou — olhou para ele, sombriamente — vou embora de vez.

— E quanto a daqui a seis meses, quando o seu visto expirar? Isso é, se eu deixar que fique aqui. — A sua cabeça estava a 1.000 por hora, pensando... seis meses. Podia dar certo. Chantal poderia voltar para casa, então, e ele a seguiria dentro de algumas semanas. Então, instalaria Deanna e o bebê na rue François Premier, com a mãe dele. Podia até fazer sentido ele passar a maior parte do tempo lá. Ficaria indo e vindo para os Estados Unidos, mas

Paris seria a sua base. — Sabe, Chantal — falou —, as coisas até que podem dar certo. E se eu lhe dissesse que estou pensando em mudar a minha residência principal para Paris, no ano que vem? Ainda ficaria com o escritório aqui, mas ao invés de viajar daqui para Paris o tempo todo, faria o contrário, e moraria lá.

— Com a sua mulher?

Fitou-o desconfiada. Não tinha certeza do que ele estava pretendendo fazer.

— Não necessariamente, Chantal. Não necessariamente, mesmo. Estou planejando uma série de mudanças para o ano que vem.

Olhou para ela com a leve insinuação de um sorriso, e algo nos olhos dela também se acendeu.

— Você se mudaria para Paris? Por quê?

Teve vontade de dizer “Por mim?”, mas não teve coragem.

— Tenho diversos motivos para me mudar e você não é o menor deles.

— Está falando a sério?

Ficou observando-o e gostou do que viu.

— Estou.

— E nesse meio-tempo?

— Posso até deixá-la ficar aqui.

Estava com um meio-sorriso no rosto. Quase antes de ter acabado de pronunciar as palavras, ela atravessou o quarto voando e se jogou nos braços dele.

— Isso é pra valer?

— Sim, minha querida, é.

Marc-Edouard estacionou o seu Jaguar na esquina e tirou a caixa grande com papel de embrulho simples do banco. Já tinha mandado flores para ela, pois seria constrangedor levá-las pela rua. A caixa era incômoda, mas discreta. Parou na casa estreita, enfiada entre os palácios em Nob Hill e apertou uma das duas campainhas. Era um apartamento tranquilo, subindo um lance pequeno de escadas. Os pisos eram de mármore branco e preto, as ferragens de latão muito bem lustrado, e ele esperou divertido enquanto a ouvia correr para a porta. Tinham alugado o apartamento mobiliado, de novembro até junho. E tinham-no descoberto em menos de uma semana. Ela estava morando nele há exatamente dois dias, mas este seria o primeiro jantar deles “em casa”.

Escutou os passos dela que se apressavam na sua direção e não pôde reprimir um sorriso. Tinha sido a decisão certa, mesmo que ela houvesse forçado a barra, mas seria bom tê-la ali durante todo o inverno. Primavera. Deanna não lhe fazia mais companhia; escondia-se no estúdio a maior parte do tempo, não que parecesse estar trabalhando. Apenas ficava sentada.

— *Alors!*

Apertou de novo a campainha. Subitamente a porta se escancarou e lá estava ela, estonteante num *caftan* de *chiffon* branco com sandálias prateadas nos pés.

— *Bonsoir, monsieur.*

Fez uma profunda reverência, depois se levantou com um sorriso malicioso. As luzes do apartamento eram baixas, e na sala dos fundos ele viu uma pequena mesa redonda posta para jantar com flores e velas.

— Como tudo está bonito! — Envolveu-a com um braço e olhou ao seu redor. Tudo era prataria e luz de velas; tudo brilhava. Era um apartamentozinho bem montado, cujo dono era um decorador que estava passando o inverno com a amante na França. Um arranjo perfeito. Puxou-a mais para o círculo dos seus braços. — Você é uma bela mulher, Chantal, *ma chérie*. E está cheirando que é uma delícia.

Ela riu. Ele lhe mandara um imenso vidro de Joy na véspera. Era formidável tê-la assim tão perto. Podia dar uma fugidinha do escritório na hora do almoço, encontrar-se com ela à noite, antes de voltar para casa. Podia dar uma passadinha lá para o café e um beijo de manhã, ou para amor à tarde.

— O que tem aí na caixa? — Estava olhando para o pacote grande com curiosidade divertida. Ele enfiou a mão lentamente por entre as pernas dela. — Pare com isso! O que é que tem na caixa?

Ela estava rindo, e ele subia e descia a mão pelas suas pernas nuas.

— Que caixa? Não trouxe nada numa caixa. — Levou a boca à parte detrás do joelho dela, e depois foi subindo lentamente, pela parte de dentro da coxa. — Acho-a muito mais interessante, meu amor, do que embrulhos anônimos.

Ela também o achava. Dentro de minutos, o *caftan* jazia amassado no chão.

— *Merde!*

Ela pulou para fora dos braços dele, enquanto cochilavam na cama. Estavam ali, adormecidos, há quase meia hora. Marc-

Edouard sentou-se na cama, surpreso.

— *Merde?* Como assim?

Tentou parecer ofendido enquanto esticava o corpo longo e nu na cama. Parecia um gato muito comprido e muito pálido. Mas ela já tinha atravessado metade do quarto.

— O peru! Eu me esqueci!

Correu para a cozinha e ele ficou deitado na cama com um sorriso. Mas ela estava de volta dentro de um minuto, parecendo aliviada.

— *Ça va?*

— *Oui, oui.* Há quase seis horas que o estou cozinhando, mas ainda parece bom.

— Sempre parecem. E têm gosto de palha. E por que, que mal lhe pergunte, depois de apenas três semanas nos Estados Unidos, você já começou a cozinhar peru?

Riu para ela enquanto se sentava na cama, e ela veio sentar-se ao seu lado.

— Fiz o peru porque amanhã é o Dia de Ação de Graças, estou muito agradecida.

— Está? Pelo quê? — Recostou-se de novo, desmanchando-lhe os fartos cabelos castanho-avermelhados. Tocavam-lhe os ombros e emolduravam delicadamente o seu rosto. — Pelo que está tão agradecida, moça linda?

— Você. Morar aqui. Ter vindo para os Estados Unidos. *La vie est belle, mon amour.*

— É? Então vá abrir o seu embrulho.

Tentou disfarçar um sorriso.

— Ah, *tois alors!* Você! — Correu para a sala e voltou com a caixa envolta em papel pardo. — O que é? — Parecia uma garotinha no Natal, e ele sorriu. — *Qu'est-ce que c'est?*

— Abra e veja!

Ele agora estava se divertindo quase tanto quanto ela, que rasgava o papel pardo e dava de cara com uma caixa marrom muito feiosa. Ele estava encantado com os artifícios que empregara. Ela estava sentada olhando para a caixa, com medo de abri-la, ainda saboreando a surpresa.

— É uma coisa para a casa?

Os olhos dela eram enormes, fitando os dele, mas ele rapidamente desviou o olhar para os seios perfeitos, enquanto ela se ajoelhava, despida, ao seu lado na cama, agarrada à caixa grande.

— Ande, boba... *vas-y*.

Ela abriu a tampa e enfiou as mãos no papel fino para descobrir o que estava lá. Elas recuaram abruptamente, como se tivessem tocado numa chama, e voaram instantaneamente para a sua boca.

— Ah, *non*, Marc-Edouard!

— *Oui, mademoiselle?*

— Ah... — Voltou a enfiar as mãos no papel fino, e seus olhos ficaram ainda maiores enquanto lenta e cuidadosamente, com extrema cautela, tirou o que havia lá dentro. Desta feita, soltou uma exclamação abafada enquanto o erguia, depois corria a mão suavemente pelas peles. Era um belíssimo casaco de marta-da-sibéria cor de chocolate. — Ah, meu Deus!

— Vamos experimentar. — Tirou-o das mãos dela e colocou-o cuidadosamente sobre os seus ombros. Ela se enfiou no casaco e abotoou-o até o queixo. Tinha um corte excelente e ficava magnífico nela, caindo em linhas esguias sobre a cinturinha de vespa e os quadris estreitos. — *Bon Dieu, chérie, que tu es belle*. Como você é incrivelmente bela, Chantal. Ah, minha querida!

Olhava para ela com um misto de assombro e êxtase, enquanto ela rodopiava num pé só, o casaco se abrindo sutilmente para revelar uma perna nua.

— Nunca tive nada assim. — Parecia atônita enquanto se observava no espelho, e depois voltava os olhos para ele. — Marc-Edouard, mas é um presente tão... tão incrível!

— Você também é. — Sem mais uma palavra ele saiu do quarto para pegar a garrafa de champanha. Voltou com a garrafa e duas taças, pousou-as e tomou-a nos braços. — Vamos comemorar, minha querida?

Com um sorriso dourado ela assentiu e se derreteu de encontro aos seus braços.

— O que o Marc está fazendo hoje?

— Reuniões de negócios, como sempre. — Deanna sorriu para Kim. — Está com clientes da Europa aqui. Nunca o vejo. — Era a primeira vez que permitia que Kim a arrastasse para jantar fora. Com a morte de Pilar e a gravidez, Deanna não ia a parte alguma há meses. Tinham resolvido ir, como sempre, no Trader Vic's. — Puxa, detesto admitir, mas é gostoso sair de casa.

E ali ela não tinha receio de deparar-se com Ben. Sabia que ele detestava lugares como esse.

— Como se sente?

— Nada mal. É difícil acreditar que já estou quase de cinco meses.

Mas, finalmente, estava começando a aparecer a mínima das saliências no vestido linha-A de crepe de lã preto.

— Quer um chá de bebê? — perguntou Kim, olhando para ela com um sorriso, por cima dos canapés.

— Um chá de bebê? — exclamou Deanna, revirando os olhos. — Claro que não. Estou velha demais para isso. Meu Deus, Kimberly!

— Não é. Se não é velha demais para o bebê, não é velha demais para o chá.

— Não comece com isso! — Mas Deanna olhava para ela com um sorriso irônico. Não havia dor ou raiva nos seus olhos, hoje. Há semanas que Kim não a via tão serena, e o seu senso de humor tinha voltado. — A propósito, o que vai fazer no Dia de Ação de Graças? Alguma coisa especial?

— Nada demais. Vou jantar com uns amigos. E você?

— O de sempre. Nada. — Deanna deu de ombros. — Marc vai estar trabalhando.

— Quer vir comigo?

— Não. Provavelmente vou conseguir arrastá-lo para jantar fora em algum lugar. Sempre fiz, com Pilar. Um restaurante ou um hotel não é o que se chamaria de um jantar de Ação de Graças de verdade, mas serve. E pelo menos não vamos ter que comer sanduíches de peru durante duas semanas.

Mas, subitamente, pegou-se imaginando o que Ben ia fazer. Provavelmente iria para Carmel, ou quem sabe ainda estava no Leste. Não quis perguntar a Kim.

A conversa passou para outros assuntos. Eram dez e meia quando elas finalmente se levantaram, um pouco cansadas, muito cheias, e tendo passado uma noite muito agradável sem nenhuma tensão.

— Posso convidá-la para tomar um drinque? — perguntou Kim. Mas não parecia com cara de quem queria prolongar mais a noite. E Deanna estava cansada.

— Um outro dia. Detesto admitir, mas estou exausta. Ainda estou naquele estágio em que me sinto cansada o tempo todo.

— Quando é que pára o cansaço, se é que pára?

— Geralmente quase exatamente aos quatro meses, mas desta vez parece estar se arrastando. Estou com quatro e meio e ainda sinto sono o tempo todo.

— Então aproveite e dê graças por não trabalhar.

Mas não dava. Gostaria de trabalhar. Dar-lhe-ia algo no que pensar, enquanto não pintava. Ainda não conseguira começar o seu trabalho. Algo a detinha cada vez que se sentava. Seus pensamentos se dirigiam instantaneamente para Pilar ou Ben, ou se pegava entrando em pânico quanto ao bebê. Horas se passavam enquanto ela não fazia outra coisa que não ficar sentada, fitando o espaço cegamente.

Trouxeram o pequeno MG vermelho de Kim até a porta. Com um gemido, Deanna entrou, enquanto Kim dava gorjeta ao porteiro e se sentava atrás do volante.

— Vou ter que desistir de andar de carro com você, daqui a uns dois meses.

As suas pernas estavam quase encostando no queixo e ela ria, assim como Kim.

— É, acho que você iria ter um trabalhão para entrar nisto aqui de barriga. — As duas riram de novo e Kimberly arrancou, virando à esquerda para sair de Cosmo Place, e depois para a esquerda de novo, até que virou bruscamente à direita na Jones para evitar uma obra que bloqueava a rua. — É melhor passarmos por Nob Hill.

Lançou um olhar a Deanna, com um sorriso, e ficaram sentadas juntas, em silêncio. Deanna ansiava pela sua cama.

Tinham parado num sinal quando ela os viu. No primeiro momento, se admirou de como aquele homem se parecia com Marc, e depois se deu conta, sobressaltada, que era ele. Sentiu que soltava uma exclamação abafada. Kim olhou vivamente para ela, depois na direção que estava fitando. Era Marc com uma mulher elegante envolta num magnífico casaco escuro de marta. Estavam abraçados. Ele parecia um homem muito mais jovem, e ela parecia especialmente linda com os cabelos soltos e cheios, e um vestido vermelho vivo aparecendo pela abertura do casaco. Jogou a cabeça para trás e riu, e Marc beijou-a em cheio na boca. Deanna olhava fixamente.

Quando a mulher se afastou, Deanna viu nitidamente quem era: a moça do aeroporto, aquela com quem o vira na noite da morte de Pilar. Sentiu subitamente que todo o ar fora expelido dos seus pulmões, até que teve que ficar arquejando para respirar. Entraram no carro dele. Deanna agarrou o braço de Kimberly.

— Siga adiante, por favor. Vamos. Não quero que nos veja... vai pensar...

Virou o rosto da janela, sem querer enxergar mais nada, e como que por reflexo Kim enfiou o pé no acelerador. O carro sacolejou para a frente, e saíram a toda na direção da baía, enquanto Deanna tentava acalmar a sua cabeça fervilhante. O que significava aquilo? Por que a moça estava ali? Era... ele... ela... mas sabia todas as respostas, assim como Kim. Ficaram sentadas cinco minutos, caladas e de olhar fixo, dentro do carrinho vermelho. Foi Kim quem finalmente falou primeiro.

— Deanna, eu... sinto muito. Há alguma coisa que... merda! Não sei o que dizer. — Olhou para Deanna. Mesmo na escuridão, estava terrivelmente pálida. — Quer vir para casa comigo até se acalmar um pouco?

— Sabe o que é muito estranho? — Virou-se para Kim com aqueles imensos e luminosos olhos verdes. — Estou calma. Sinto como se tudo tivesse parado de repente. Todo o tumulto e confusão e medo e desespero... acabou, teve fim. — Olhou pela janela para a noite nebulosa e falou com Kim sem se virar para ver-lhe o rosto. — Acho que sei o que vou fazer.

— O quê?

Kim estava preocupada com a amiga. Fora um choque dos diabos. Ela própria ainda estava tremendo.

— Vou deixá-lo, Kim. — Por um momento, Kimberly não reagiu, apenas fitou o perfil de Deanna, nitidamente delineado contra a noite. — Não posso viver desse jeito pelo resto da minha vida. E acho que isso já dura anos. Eu o vi com ela em Paris... na noite em

que Pilar... ela veio de Atenas com ele. O mais engraçado é que quando ele voltou em setembro, jurou que tinha terminado.

— Acha que é sério?

— Não sei. Talvez não tenha importância. O problema é que — finalmente voltou os olhos para a amiga — não há o que baste nesta história para mim. Não importa o quê. Estou sozinha o tempo todo. Não compartilhamos nada, e nem compartilharemos esta criança. Ele a tomará de mim, como fez com Pilar. Por que devo ficar com ele? Por dever, por covardia, por algum sentimento nobre de lealdade que arrastei comigo ao longo dos anos? Para quê? Você o viu hoje, Kim? Parecia feliz. Parecia jovem. Não tem esse ar comigo há quase 18 anos. Nem tenho mais certeza se algum dia teve. Talvez ela seja boa para ele. Talvez possa dar-lhe algo que nunca tive. Mas seja o que for, é problema dele. Eu vou dar o fora.

— Por que não pensa um pouco no assunto? — disse Kim, suavemente, e olhou para Deanna. — Talvez esta não seja a hora certa. Talvez deva esperar até depois do bebê nascer. Quer ficar grávida e sozinha?

— Talvez você não tenha notado... já estou.

Kim concordou, mas ficou com medo da expressão nos olhos de Deanna. Nunca vira ali aquela determinação ardente antes. Era assustadora. Finalmente, pararam diante da casa dela.

— Quer que eu entre?

Pelo menos sabiam que Marc não estaria em casa. Mas Deanna sacudiu a cabeça.

— Não. Quero ficar sozinha. Quero pensar.

— Vai falar com ele hoje?

Ela olhou para Kimberly por um longo tempo antes de responder, e desta vez Kim viu a dor nos seus olhos. Estava doendo. Em algum cantinho dentro dela, ainda se importava.

— Talvez não. Ele pode não vir para casa.

Sozinha no seu quarto, Deanna tirou lentamente o vestido preto e ficou se olhando ao espelho. Ainda era bonita e, de alguma forma, ainda jovem. A pele do seu rosto era fresca e esticada, o pescoço tinha a curva graciosa de um cisne, os olhos eram grandes, as pálpebras não eram caídas e o queixo não era flácido, os seios ainda eram firmes, as pernas esguias, os quadris pequenos. Não havia sinais reais de envelhecimento, e no entanto parecia pelo menos dez anos mais velha do que aquela moça de hoje. Esta tinha o brilho e o *glamour* e a excitação de uma amante. Não havia como discordar disso. Era isso o que ele queria, então? Era o que fazia a diferença? Ou era porque era francesa, da nacionalidade dele... ou talvez fosse apenas porque a amava. Deanna ficou conjecturando enquanto enfiava o robe. Queria fazer-lhe todas essas perguntas, queria escutar todas as respostas dele... se ele as desse, se fosse voltar para casa. Não queria esperar a noite toda para perguntar-lhe, queria fazê-lo agora, mas estava evidente que ele e a moça iam curtir a noite. Podia estar alvorecendo antes de ele chegar em casa, alegando que tinha estado envolvido em negociações intermináveis, e que tivera uma noite insone. Subitamente ficou se perguntando quantas das suas histórias tinham sido mentira, há quanto tempo isso durava. Apoiou a cabeça no encosto da cadeira e fechou os olhos para protegê-los da luz baixa. Por que ele continuava com o casamento, agora que Pilar não existia mais? Tivera a oportunidade

perfeita para abandonar Deanna em Paris, para dizer-lhe que era o fim de tudo. Por que não o fizera? Por que ficara? Por que desejava continuar? E então, subitamente, ela entendeu. O bebê. Era isso o que ele queria. Um filho.

Então, sorriu consigo mesma. Era gozado, na verdade. Pela primeira vez nos seus quase 20 anos juntos, ela estava por cima. Tinha a única coisa que ele queria. O filho dele. Ou mesmo a filha, agora que Pilar se fora. Mas Marc queria o filho dela. Era uma loucura, na verdade. Podia ter tido um filho com a garota, já que aparentemente continuava com ela também. Mas, por algum motivo, não tinha tido. Aquilo a divertia. De um certo modo, ela o mantinha preso, pela garganta. Podia deixá-lo, ou ficar. Podia fazê-lo pagar. Talvez até pudesse forçá-lo a se livrar da moça. Ou fingir que o fazia, como fingira. Tinha deixado que ela pensasse que o caso deles tinha terminado, mas era evidente que não tinha. Com um suspiro, sentou-se ereta na cadeira e abriu os olhos. Há anos demais que vinha vivendo de olhos fechados. Silenciosamente, saiu do quarto e desceu as escadas da casa às escuras. Foi para a sala de visitas, sentou-se no escuro e ficou olhando para as luzes na baía. Seria estranho não estar mais ali, deixar essa casa... deixá-lo. Seria assustador ficar sozinha, não ter ninguém para cuidar dela, ou da nova criança. Tudo seria apavorante e novo. Mas seria limpo. Não seria solitário, da mesma forma... Não seria uma mentira. Ficou sentada ali, sozinha, até o alvorecer. Esperando por ele. Tinha tomado a sua decisão.

Passava das cinco quando ouviu a chave dele na fechadura. Caminhou suavemente para a porta da sala de visitas e ficou parada ali, uma visão em cetim branco.

— *Bonsoir.* — Falou em francês. — Ou será que devo dizer *bonjour*?

A primeira luz do dia manchava o céu de laranja e cor-de-rosa, acima da baía lisa como um espelho. Não havia neblina. A primeira

coisa que notou nele era que estava bêbado. Não exageradamente, mas o bastante.

— Já está acordada? — Tentou ficar firme, mas caiu ligeiramente para a frente, e se apoiou nas costas de uma cadeira. Parecia pouco à vontade de ter que estar conversando com ela. — É cedo à beça, Deanna.

— Ou tarde à beça. Divertiu-se muito?

— Claro que não. Não seja absurda. Ficamos sentados na sala da diretoria até as quatro horas. E depois tomamos alguns drinques. Para comemorar.

— Que maravilha! — A voz dela era como gelo. Fitou-a, como se esperasse encontrar a chave. — O que estavam comemorando?

— Um novo... negócio. — Quase dissera “casaco”, mas se detivera bem a tempo. — Uma transação comercial de peles com a Rússia.

Parecia satisfeito consigo mesmo, e sorriu para a mulher. Deanna não retribuiu o sorriso.

Parecia uma estátua.

— Era um casaco muito bonito.

As palavras caíram entre eles como pedras.

— O que quer dizer com isso?

— Acho que ambos sabemos perfeitamente bem o que quero dizer. Falei que era um casaco bonito.

— Não está fazendo sentido.

Mas os olhos dele pareciam desviar-se do olhar dela.

— Está sim. Eu o vi hoje à noite com a sua amiga. Parece-me que é um caso duradouro.

Parecia de madeira, parada ali, e ele não disse palavra. Após um momento, deu as costas a Deanna e olhou para a baía.

— Podia dizer-lhe que ela estava de passagem. — Virou-se para olhar para ela de novo. — Mas não vou. Tem sido uma época difícil para mim. Pilar... preocupação com você...

— Ela agora está morando aqui?

Deanna estava implacável, com aqueles enormes olhos verdes. Ele sacudiu a cabeça.

— Não, está aqui apenas há poucas semanas.

— Que ótimo! E eu devo aceitar isso como parte do meu futuro, ou você vai acabar fazendo uma escolha? Imagino que ela lhe faça as mesmas perguntas. Na verdade, no momento, acho que a escolha poderia ser minha.

— Poderia. — Por um momento ele pareceu vacilar de novo, depois endireitou bem o corpo. — Mas não vai ser, Deanna. Você e eu temos demais em jogo.

— Não diga! O quê?

Mas sabia exatamente o que ele queria dizer. Contudo, eles não tinham mais nada em jogo. Após esta noite, o bebê era dela. Não deles. Dela.

— Sabe exatamente o quê. O nosso filho. — Tentou parecer meigo, mas conseguia apenas lançar um olhar feroz. — Ele significa tudo para mim. Para nós.

— Nós? Sabe, Marc, nem mesmo acredito que exista um “nós”. Existe apenas um você e um eu, mas não existe “nós”. O seu único “nós” é com aquela moça. Pude enxergar isso no seu rosto, esta noite.

— Eu estava bêbado.

Por um momento, o desespero penetrou nos seus olhos. Deanna viu, mas não se importava mais.

— Você estava feliz. Você e eu não estamos felizes um com o outro há anos. Agarramo-nos um ao outro por força do hábito, por medo, por dever, por dor. Eu ia abandoná-lo no fim de semana após a morte de Pilar. Se não tivesse descoberto que estava grávida, é exatamente o que teria feito. E agora é exatamente o que vou fazer.

— Não vou permitir. Você vai morrer de fome!

Ele agora estava zangado, havia uma luz maldosa brilhando nos seus olhos. Ela não ia lhe tirar a única coisa que lhe interessava agora — o seu filho.

— Não preciso de você para sobreviver.

Eram palavras de bravata, e ambos sabiam disso.

— O que vai fazer para comer, minha querida? Pintar? Vender os seus desenhos para as pessoas na rua? Ou voltar para o seu amante?

— Que amante?

Deanna sentiu como se tivesse sido esbofeteada.

— Pensa que eu não sei, sua vaca traiçoeira, metida a virtuosa. Faz discursos sobre as minhas... atividades... — oscilou de leve enquanto arremessava as palavras sobre ela. — Mas não é nenhum modelo de pureza.

Ela ficou subitamente pálida.

— O que quer dizer?

— Exatamente o que pensa que quero dizer. Fui embora para Atenas e você obviamente teve o seu casinho. Não sei com quem e não me interessa, porque você é minha mulher e esse é o meu filho. Sou dono de vocês dois, está me entendendo?

Tudo dentro dela pegou fogo.

— Como ousa falar assim comigo! Como ousa! Pode ter sido meu dono antes, mas não é meu dono agora, nem jamais será, jamais será dono dessa criança. Não deixarei que faça com ela o que fez com Pilar.

Ele lhe lançou um sorriso malvado, da escada.

— Você não tem escolha, minha cara, a criança é minha... Minha porque optei por aceitá-la, ser o pai dela, manter você apesar do que fez. Mas nunca se esqueça de que eu sei. Você não é melhor do que eu, a despeito dos seus ares de santa. Mas, lembre-se — os olhos dele se estreitaram, e cambaleou de novo —, serei

eu que evitarei que seu filho seja um bastardo. Vou dar-lhe o meu nome. Porque eu o quero, e não porque seja meu.

A voz de Deanna era como gelo calculado. Ficou imóvel, observando Marc.

— Então o bebê não é seu, Marc?

Ele fez uma medida desajeitada para ela e inclinou a cabeça.

— Correto.

— Como é que sabe?

— Porque a mulher de quem você tem tanta raiva é diabética, e se eu a deixasse grávida, isso poderia matá-la. Fiz uma vasectomia, há vários anos.

Ficou olhando para Deanna, satisfeito com a revelação, enquanto Deanna se apoiava, atordoada, nas costas de uma cadeira.

— Sei. — Fez-se um longo silêncio entre eles. — Por que está me contando tudo isso agora?

— Porque estou cansado das suas mentiras, e da sua cara patética, e da sua sensação de injuriada, usada e abusada por mim. Não abusei da senhora, madame. Fiz-lhe um favor. Fiquei com a senhora e seu filho, a despeito do seu comportamento espantoso. A despeito de ser uma adúltera. E agora ele se foi, e você não tem mais para quem se voltar, exceto eu. Você é minha.

— Para ser tratada por você como lhe aprouver, não é, Marc?

Os olhos dela lançavam chamas, mas ele estava bêbado demais para notar.

— Exatamente. E agora, sugiro que vá com o meu filho para a cama. Eu a verei pela manhã.

Subiu solenemente as escadas, em direção ao quarto deles, totalmente inconsciente dos efeitos da sua admissão. Deanna tinha sido libertada.

A porta dos fundos da casa, por trás da cozinha, tinha sido trancada, e ela tinha a chave. Ligara para Kim e pedira-lhe para alugar um carro... uma perua. Explicaria mais tarde. Mandara o armazém entregar uma dúzia de caixas. O equipamento no seu estúdio coube facilmente em três. As fotos e álbuns em cinco. Os quadros estavam todos empilhados junto da escada dos fundos. Seis malas estavam à espera para serem arrumadas. Deanna pegou o telefone e pediu a Margaret que viesse ajudá-la. Não ia fazer isso sozinha. Estava trabalhando no estúdio desde as seis, e eram quase nove horas. Sabia que Marc provavelmente já tinha saído de casa. Não a seguiu até o estúdio, depois que ela saiu do quarto deles, e o silêncio na casa tinha sido ensurdecedor. O fim chegara discretamente, em silêncio. Agora, ela podia guardar o passado. Numa dúzia de caixas e algumas valises. Ia deixar para ele todo o resto. Era tudo dele. Os móveis da França; os quadros; os tapetes; e a prataria, que pertencera à mãe dele, quase tudo enviado da França. Tudo o que ela amalhara ao longo dos anos estava no seu estúdio... livros de arte, pincéis, tintas, algumas bugingangas, uma ou outra coisinha de que gostava, mas que nada valia. Tinha as suas roupas. E as jóias, que também ia levar. Iria vendê-las para comer, até achar um emprego. Estava levando todos os seus quadros, não significava nada para ele, e também podia vendê-los. Todos, exceto o dela com

Pilar. Aquele não era um quadro para ser vendido, era o tesouro de toda uma vida. O resto podia ficar com ele. Podia ficar com tudo.

Destrancou a porta ao pé da escada do estúdio e caminhou hesitante pela casa. E se ele ainda estivesse lá? Se estivesse à espera? Se soubesse o que ela ia fazer, e quando? Mas agora não importava. Não poderia detê-la. Contara-lhe ontem à noite o que ela precisava saber. O bebê não era dele, era de Ben. E ele soubera o tempo todo. Mas agora não tinha mais importância. Nada mais tinha.

— Margaret, ele...?

Não sabia direito o que dizer.

— Saiu para o escritório às oito e meia. — Os olhos de Margaret estavam marejados de lágrimas. — Sra. Duras, a senhora não vai... Ah, não nos deixe, não vá embora...

Eram as palavras que deviam ter sido ditas por Marc, exceto que ele já sabia que tinha perdido, e estava bêbado demais a noite passada para agir segundo os seus temores. Devia ter imaginado que, se fosse dormir e a deixasse se esconder no estúdio, poderia voltar para casa com uma bela jóia, um pedido de desculpas, uma mentira, e tudo ficaria bem de novo. Não desta feita. Deanna abraçou Margaret.

— Preciso ir. Mas você virá me visitar.

— Verdade?

A mulher idosa parecia arrasada. Deanna sorriu para ela, por entre as lágrimas. Agora estava chorando por si mesma, não por ele.

A campainha da porta tocou enquanto estavam terminando a segunda mala. Deanna deu um pulo, sobressaltada, e por um momento parecia que Margaret ia entrar em pânico, mas Deanna desceu correndo a escada e descobriu que era Kim.

— Aluguei a maior perua que tinham. Parece um barco. — Tentou sorrir, mas viu que Deanna não estava com disposição.

Estava de olheiras, os cabelos desfeitos, os olhos vermelhos. — Parece que foi uma noite e tanto.

— O bebê não é dele. — Foi a primeira coisa em que pôde pensar para dizer, e subitamente estava sorrindo para Kim. — É do Ben, e estou tão feliz.

— Cristo! — Por um momento Kim não sabia se ria ou chorava, mas sentiu-se imensamente aliviada. Deanna estava livre. — Tem certeza?

— Absoluta.

— E você vai embora?

— Vou. Agora.

— Desconfiei de que era algo assim. Por causa do bebê?

Ainda estavam paradas à porta. Deanna começou a subir lentamente as escadas.

— Isto, e todo o resto. A outra moça, o bebê. Não é um casamento, Kim. E seja o que for, ou não for, está acabado. Soube ao certo ontem à noite.

— Vai contar ao Ben? — Mas era uma pergunta boba. Sabia que Deanna ia contar. Sabia, até que Deanna sacudiu a cabeça. — Está brincando? Por que não?

— Para quê? Para eu correr da casa de Marc para a dele? Para ele também cuidar de mim? Eu o deixei, Kim. Dei o fora. Voltei para Marc e nem lhe contei que estava esperando uma criança. Que direito tenho de ligar para ele agora?

Os olhos dela pareciam grandes demais no seu rosto. Kim fitava-a, tentando entender o que estava sendo dito.

— Mas você vai ter um filho dele. De que mais direito precisa?

— Não sei. Só sei que não vou procurá-lo.

— Então que diabo está fazendo?

Kim agarrou o braço dela enquanto subia as escadas.

— Indo embora daqui. Vou achar um apartamento e cuidar de mim mesma.

— Ora, qual é, quer parar de bancar a nobre? Pombas, como vai comer?

— Vou pintar, trabalhar, vender as minhas jóias... você vai ver. Vamos, tenho que terminar lá em cima.

Kim tinha o ar solene enquanto subia junto com ela. Achava que largar Marc era a melhor idéia que Deanna já tivera, mas que não ligar para Ben era uma loucura.

Margaret acabara de fazer a última mala. Não havia nada no quarto, exceto as coisas que pertenciam a Marc. As pequenas bugingangas e fotografias, as lembrancinhas, a caixa de jóias e os livros... tudo arrumado e empacotado. Ela parou apenas por um momento no vão da porta, depois desceu rapidamente as escadas.

Levaram 25 minutos para encher o carro, com Margaret chorando sem parar e Kim carregando todas as malas pesadas. Deanna carregou apenas os seus quadros, que eram leves.

— Não mexa nisso! — gritou Kim para Deanna, quando ela ia levantar uma valise. — Você está grávida de cinco meses, sua tola.

Deanna sorriu.

— Não, não estou. Provavelmente estou é de quatro. — Então, as duas acharam graça. Deanna tinha feito as contas de manhãzinha, enquanto limpava os seus pincéis, enrolava-os em jornal e os guardava. Ele lhe dissera que havia concebido no final de junho, quando tinha partido para Atenas. Mas fora provavelmente no fim de julho, quando ela estivera com Ben. Isso também explicava por que o Dr. Jones não tinha ouvido os batimentos cardíacos até um mês depois que achava que devia ouvir e por que estava tão miúda. E, também, por que ainda se sentia tão cansada. Estava provavelmente com quase quatro meses exatos de gravidez. — Ah, meu Deus. — Subitamente ergueu os olhos para Kim. — Hoje é o Dia de Ação de Graças?

— É.

— Por que não me falou?

— Pensei que soubesse.

— Você não devia ir para algum lugar?

— Só mais tarde. Primeiro, vamos instalá-la direitinho. Pode tirar uma soneca. E depois vamos nos vestir e jantar peru.

— Você é pinel. Age como se estivesse imaginando há semanas essa minha decisão. — As duas mulheres trocaram um sorriso enquanto enfiavam o último quadro na parte de trás do carro. — Vou ficar num hotel, sabe?

Falou com firmeza enquanto olhava para os quadros e embrulhos dentro do carro.

— Não, não vai. — Kim estava igualmente firme. — Vai ficar comigo. Até estar pronta para se mudar.

— Discutiremos isso depois. Quero voltar lá dentro um minuto e verificar tudo.

— Há alguma chance de que Marc possa voltar? Afinal de contas, é feriado.

Mas Deanna sacudiu a cabeça.

— Não para ele. Trabalha no Dia de Ação de Graças. — Então, deu um meio-sorriso e sacudiu a cabeça. — Não é feriado francês.

Kim assentiu e entrou no carro enquanto Deanna desaparecia dentro de casa. Margaret estava na cozinha, e por um momento Deanna ficou a sós. Pela última vez, no que tinha sido a casa *dela*... exceto que nunca fora. Fora sempre dele. Quem sabe a garotinha francesa do casaco de peles gostaria da casa, quem sabe significasse alguma coisa para ela.

Deanna ficou parada no corredor, fitando a sala de visitas, olhando para os retratos dos ancestrais de Marc-Edouard. Era espantoso, depois de 18 anos ela ia embora levando quase tão pouco quanto trouxera à sua chegada. Algumas caixas, algumas telas, as suas roupas. As roupas agora eram mais caras. As jóias a manteriam viva. Os quadros eram melhores, o material de pintura de melhor qualidade. Mas tudo ainda cabia num carro. Dezoito anos

num número igual de caixas e malas. Sentou-se à sua escrivaninha e tirou de uma gaveta um pedaço de papel. Era de azul Wedgwood, debruado de branco, e o cabeçalho dizia MME. MARC-EDOUARD DURAS. Pegou uma caneta, pensou por um momento, depois escreveu apenas umas poucas palavras:

Eu o amei, querido.

Adeus.

Dobrou a folha de papel, enxugou uma lágrima do rosto com as costas da mão e deixou o bilhete grudado no espelho do corredor. Quando se virou, viu que Margaret a observava, as lágrimas escorrendo dos olhos. Deanna não disse nada, apenas dirigiu-se para ela, abraçou-a com força por um momento. E, então, com as lágrimas escorrendo dos próprios olhos, meneou a cabeça e caminhou para a porta. Disse uma só palavra enquanto saía, e disse-a tão baixinho que Margaret mal pôde escutar. Falou meigamente enquanto fechava a porta e sorria:

— *Adieu.*

— Por que você não quer vir? — Kim parecia desapontada. — É Ação de Graças, e não vou deixá-la sozinha.

— Vai, sim. Não fui convidada e estou exausta. Não posso, amor. Juro. Estou cansada pra caramba. Deixe-me aqui, e pode ser até que eu reviva até amanhã.

Mas Kim também não tinha certeza disso. As últimas 24 horas tinham sido de esgotar. Deanna parecia exausta e desanimada. Kim chegara mesmo a ligar para o Dr. Jones do telefone da cozinha, onde Deanna não escutaria. Explicara-lhe o que tinha acontecido. O conselho dele foi deixar Deanna em paz. Deixar que andasse no seu ritmo e fizesse o que tinha vontade. Estava certo de que ela estaria bem. Graças ao conselho dele, Kim resolveu não forçar a barra.

— Está certo. Mas tem certeza de que não vai se sentir sozinha?

— Não, o mais provável é que fique dormindo. — Sorriu cansadamente para a amiga e abafou um bocejo. — Não creio que vá sentir falta nenhuma do Dia de Ação de Graças, este ano.

As duas mulheres trocaram um sorriso, e Deanna já estava dormindo quando Kim saiu. Esta se retirou na ponta dos pés e trancou a porta.

A chave girou na fechadura por volta de onze da noite e, por um momento, Marc prendeu a respiração. Tinha sido uma loucura não telefonar, mas não soubera o que dizer. O que poderia dizer-lhe? Como poderia retirar o que tinha dito? Quisera comprar alguma coisa bonita, algo para adoçá-la, mas todas as lojas estavam fechadas. Dia de Ação de Graças. Um dia de agradecimentos. Passara a metade do dia trabalhando à sua mesa e a outra metade sossegadamente com Chantal. Ela sabia que alguma coisa estava errada, mas não tinha certeza direito do quê. Ele se agarrara a ela de um modo muito estranho, enquanto faziam amor.

Abriu a porta e ergueu os olhos. Não havia luz nem som. Estava obviamente adormecida. O carro dela estava na garagem. Nem mesmo viu a luz brilhando por baixo da porta do quarto de Margaret, corredor abaixo. A casa inteira estava silenciosa, e ele acendeu apenas uma luzinha enquanto pendurava o casaco. E então viu o bilhete, grudado na moldura do espelho junto à porta. Será que Deanna tinha saído? Fora a algum lugar com uma amiga? Pegou o papel e segurou-o, uma sensação repentina e estranha apertando-lhe o coração. Ficou ali parado, por um momento, como que esperando ouvir a voz dela ou os seus passos na escada. Ergueu os olhos de novo e ouviu apenas o silêncio, e depois lentamente desdobrou o papel, por fim. Os olhos dele ficaram turvos e a cabeça latejou enquanto lia. “Eu o amei, querido. Adeus”. Por que *amei*? Por que no passado? Mas ele sabia. Havia-lhe contado a única coisa que ela não podia saber jamais. Que o bebê não era dele. Agora ela sabia que lhe tinha mentido sobre o bebê e sobre Chantal... Sabia tudo da sua outra vida. Vira-o com Chantal em Paris e novamente na outra noite. Com pés pesados como chumbo, tentou subir correndo as escadas. Iria encontrar Deanna lá. Estaria dormindo na cama dele. O dia inteiro ele ignorara o que se passara entre eles, bancando o avestruz. Ligar para ela tornaria a coisa real.

Não podia. Não queria fazer isso. Agora, só o que tinha a fazer era correr para a cama e a encontraria ali, dormindo.

Mas, quando chegou ao quarto deles, encontrou-o como temera — vazio. Ela tinha ido embora. Deanna fora embora.

Marc-Edouard ficou totalmente imóvel por um longo momento, sem saber o que fazer. Então, lutando contra as lágrimas, passou a mão no telefone. Precisava dela, desesperadamente. Tinha que estar ali para ele, agora. Sabia que estaria. Discou, mas quando Chantal atendeu, parecia estranha.

— Chantal... eu... preciso vê-la... vou já para aí.

— Algum problema?

Parecia distraída, e com pressa.

— Sim... não... Fique aí. Já estou indo.

Ela tivera vontade de dizer-lhe para andar depressa, mas não soubera exatamente o que dizer, e ainda estava se sentindo sem jeito e parecendo um pouco confusa quando ele chegou, alguns momentos mais tarde. Porém ele não viu nada. Apenas tomou-a rapidamente nos braços no momento em que abriu a porta.

— Querido, o que é? Está parecendo doente.

— Estou... não sei... Ela se foi.

Pobre homem. Pilar de novo. Ainda vivia tão excessivamente atormentado por isso? Mas o que acontecera para reavivar aquilo tão repentinamente?

— Eu sei, meu querido, mas você me tem.

Abraçou-o com força enquanto se sentavam lado a lado no sofá.

— Mas o bebê...

E então se deu conta de que não devia ter deixado as palavras escaparem.

— Que bebê?

Ficara maluco? Parecia assustada, enquanto se afastava dele.

— Nada... Estou nervoso. É Deanna. Foi embora.

— De vez? Largou você?

Ele assentiu, calado, e Chantal abriu um sorriso.

— Eu diria que isso é motivo para comemoração, não desespere. — Sem pensar duas vezes, ela se levantou do sofá e foi para a cozinha procurar uma das garrafas de champanha que Marc deixara com ela alguns dias antes. Voltou com a garrafa e duas taças, e depois parou quando viu a agonia no rosto de Marc. — Quer dizer que está tão infeliz?

— Não sei. Estou atônito. Disse algumas coisas... que não devia ter dito... exagerei.

Chantal fitou-o com olhos gélidos.

— Não percebia que você estava tão ansioso para ficar com ela. E agora? Vai lutar para tê-la de volta? — Enquanto a observava, ele sacudiu lentamente a cabeça. Não podia ter Deanna de volta, e sabia disso. Enquanto tentava prendê-la a ele para sempre, contara-lhe a única coisa que a desligara dele. O bebê não era dele. — A propósito — Chantal fez uma pausa de um momento — que história era essa de bebê? — Ele ficou calado, fitando apenas algo que ela não podia ver. A morte da esperança. — Ela estava grávida, Marc? — As palavras dela eram como um torno na garganta dele, e concordou, silenciosamente. — Sabia que não era seu?

— Só soube ontem à noite.

— Sei. E então era por isso que você ficou com ela até agora... por uma criança que nem era sua... — A voz dela foi sumindo como uma espécie de dobre de finados distante, e o desapontamento também lhe encheu o coração. — Não tinha percebido o quanto isso era importante para você.

— Não é.

Ele mentiu e tentou tomá-la nos braços.

— É, sim. — O champanha continuava fechado. Olharam um para o outro com desespere. — Na verdade, é, sim.

— Podemos adotar uma criança — falou Marc. Lentamente, Chantal balançou a cabeça. Sabia que teria que fazê-lo, se aquilo

significava tanto para ele, mas não queria filhos. Jamais quisera.

— É, suponho que sim. — E, então, lembrando-se subitamente de alguma coisa, lançou um olhar ao relógio. — O que você vai fazer agora?

— Casar com você. — Tentou sorrir, enquanto falava, mas as palavras eram como chumbo na sua boca. — Se é o que você ainda quer.

— É. — Parecia solene, mas havia um filamento de preocupação à espreita nos seus olhos. — Mas não é a isso que me referi, querido. Estava me referindo a hoje à noite.

— Não sei. Posso ficar aqui?

A idéia de voltar para a sua casa era insuportável, e ainda era cedo demais para levar Chantal para lá, para dormir na cama que Deanna deixara vaga apenas na noite anterior. Dormira no estúdio, depois da revelação dele.

— Por que não vamos jantar fora?

— Agora? — Olhou para ela, chocado. — Não estou com disposição. Muita coisa mudou para mim nas últimas horas, e não importa o quanto a ame, preciso me adaptar. — Por um momento, perguntou-se se teria cometido um erro vindo para Chantal tão depressa, antes de ter absorvido o choque. Ela não parecia entender nada do que ele estava sentindo. — Não podemos comer aqui?

— Não. Quero sair.

Falava nervosamente, agora, como se estivesse com pressa, ele notou de repente que estava usando um vestido de seda negro, como se estivesse planejando jantar fora, de qualquer forma.

— Você ia sair, quando liguei?

Ele estava com cara de quem não compreendia.

— Tinha pensado em sair para jantar.

— Sozinha? — perguntou, chocado.

— É óbvio. — Riu para ele, mas a risada tinha um som falso, e antes que dissesse mais alguma coisa, a campainha da porta tocou. Olhou rapidamente para Marc-Edouard e depois andou ligeira para a porta. — Volto já.

De onde estava sentado, no sofá, a sua visão da porta estava obscurecida, mas ouviu que ela abria a porta e saía para fora, e então, subitamente, algo dentro dele pegou fogo. Seguiu-a em largas passadas pela sala, e chegou à porta quase fechada onde pôde ouvi-la falando baixinho do outro lado. Escancarou-a vivamente e ouviu Chantal soltar uma exclamação abafada enquanto saltava ligeiramente para o lado. Estava falando com o sócio dele. Jim Sullivan, que pareceu um tanto chocado ao dar de cara com Marc.

— Estou interrompendo ou preferem entrar?

Fitava o sócio, mas as palavras eram dirigidas a ambos. Silenciosamente, o trio entrou no apartamento. Chantal fechou a porta.

— Querido, é só que... Jim pensou que eu ia gostar de um jantar de Ação de Graças. Pensei que você estaria... em casa...

O rosto dela estava tenso de embaraço e a sua alegria forçada não enganava ninguém.

— Sei. Mas que simpático. É estranho que nenhum dos dois me falou coisa alguma.

— Desculpe, Marc. — Jim olhou para ele sombriamente, enquanto estavam parados, constrangidos, no meio da sala. — Acho que não há muito mais que eu possa dizer.

Marc-Edouard deu-lhe as costas. Jim simplesmente tocou-lhe o ombro, e um momento mais tarde Marc ouviu o ruído da porta da frente se fechando. Virou-se sem pressa para ficar de frente para Chantal.

— É isso o que você tem feito?

Os olhos dela estavam dilatados, enquanto sacudiu a cabeça.

— Só jantei com ele umas duas vezes. Pensei que você não se importaria.

Mas ambos sabiam que era uma mentira.

— O que digo para você, agora?

— Que me perdoa. E eu digo para você que isso jamais acontecerá de novo.

Esgueirou-se com suavidade para os braços dele e apertou-o junto a si, enquanto ele curvava lentamente a cabeça e sentia a seda dos seus cabelos no rosto. Os olhos estavam marejados de lágrimas, enquanto a abraçava, porque sabia que aquilo aconteceria outra vez, e outra vez... e outra vez.

Kimberly rodou pelas ruas estreitas de Sausalito e virou num pequeno beco que dava para a baía. Olhou para o papel ao seu lado no banco e confirmou que estava indo no caminho certo. Outra virada, outro beco, uma rua sem saída, e chegou. Uma pequena cerca de estacas brancas, uma imensa moita coberta de margaridas, e uma casinha logo atrás. Era a jóia que Deanna havia descrito, e Kimberly ficou apaixonada à primeira vista. Os braços dela estavam cheios de pacotes, e lutou para alcançar a campainha. Um momento mais tarde, Deanna abriu a porta.

Usava jeans e sapatilhas vermelhas, e uma suéter ampla e vermelha sobre uma blusa amarelo vivo. Tinha o cabelo preso num coque frouxo, e um sorriso meigo para a amiga nos olhos.

— Feliz Natal, madame. Que bom que pôde vir! — Estendeu os braços para Kim, e as duas se abraçaram. — Deixei a sua casa faz apenas duas semanas, e já estou com saudades.

— Não fique. Isto aqui é divino.

Kim entrou com ela e olhou ao seu redor. Deanna trabalhara com afinco, pintando a cozinha, limpando o chão. No canto havia uma minúscula árvore de Natal com bolas prateadas e luzes que piscavam. Sob a árvore estavam três embrulhos, em todos escrito KIM.

— Como é, gostou mesmo?

Deanna parecia uma garotinha, sorrindo. Pela primeira vez em muito tempo parecia feliz e em paz. Em apenas algumas semanas havia descoberto algo de si mesma. Não havia muitos móveis na alegre salinha da frente, mas o que havia era confortável e convidativo. Vime, recém-pintado de branco, e um maravilhoso sofá velho que ela reestofara de um azul clarinho. Havia plantas por toda a parte e garrafas velhas cheias de flores. Alguns dos seus quadros prediletos estavam pendurados nas paredes, e comprara um tapete de padrão vivo. Na cornija da lareira colocara potes de cobre, e castiçais de latão numa pequena mesa de jantar de madeira, do tamanho justo para duas pessoas, e a sala já possuía um lustre pequeno de bronze. Ela própria fizera as cortinas de uma fazenda de rendão engomado que descobrira num malão. Parecia viver ali há anos. Havia um quarto minúsculo que dotara de um fantástico papel de parede antigo de um tom de rosa cálido, e outro quartinho ao lado, vazio, exceto por um berço de vime e um cavalo de balanço, amontoados perto da porta.

Kim olhou ao seu redor, apreciativamente, e se acomodou numa cadeira.

— Estou apaixonada por ela, Deanna. Posso ficar?

— Pelo menos por um ano. Mas acho que vai encontrar algumas esquisitices. A água quente vem e vai, o forno leva uma semana para aquecer, as janelas emperram, a chaminé deixa entrar fumaça... — Sorriu. — Mas eu a adoro. Não é igual a uma casinha de bonecas?

— Exatamente. E gosto dela muito mais do que da minha, que não tem nenhum charme.

— A sua tem muito mais classe. Mas esta serve. — Ninguém teria acreditado que um mês antes ela vivia em esplendor. Parecia perfeitamente feliz de estar onde estava. — Café? — perguntou. Kim fez que sim. Deanna desapareceu, depois voltou com duas canecas fumegantes.

— Então, o que há de novo?

Mas o cavalete no canto da cozinha dizia-lhe o que queria saber. Deanna já estava de volta ao trabalho.

— Estou pintando de novo.

Parecia feliz e orgulhosa.

— Estou vendo. O que vai fazer com eles?

— Vendê-los, provavelmente. Já vendi dois ou três. Pagaram os móveis, os pratos, a roupa de cama.

Três quadros e os brincos de jade com diamantes. Mas não explicou isso para Kim. E estava se lixando. Não havia mais nada que quisesse, exceto agora o seu filho. O resto não tinha mais importância. Nenhuma.

— Onde está vendendo os quadros?

Kim olhou para ela com um propósito em mente, mas Deanna notou qual era.

— Não é da sua conta.

Abriu um sorriso e tomou um gole do chá.

— Ao menos por que não deixa que ele venda os seus quadros, pombas? Não precisa vê-lo. — Kim tinha visto Ben na semana anterior, e ele estava muito abatido. Teve vontade de dar-lhe o endereço de Deanna, mas sabia que não podia. Deanna tinha que achar o seu próprio caminho de volta para ele. Se é que ia achar. Kim estava começando a ter as suas dúvidas. Deanna parecia mais feliz sozinha. — Ao menos, por que não telefona para o Ben com relação ao seu trabalho?

— Não seja boba, Kim. O que isso provaria? Não posso. E ele provavelmente ficaria uma fera se eu ligasse para ele para pedir-lhe que cuidasse do meu trabalho.

— Duvido. — Mas quem sabe estava certa? Ele nunca mais perguntara a Kim por ela. Era um acordo tácito entre ambos. Nenhum dos dois falava em Deanna. Kim entendia. — E quanto a Marc? Teve notícias dele?

Deanna sacudiu a cabeça.

— Liguei para ele uma vez depois que falei com o meu advogado. Ele compreende. Não há o que discutir, na verdade.

— Acha que vai se casar com aquela moça?

Deanna soltou um suspiro e depois ergueu os olhos com um sorriso.

— Pode ser. Ela está morando com ele na casa. Mas acho — o sorriso desapareceu lentamente — que tudo isso foi um choque. Muita coisa nos aconteceu neste ano.

Por um momento Kim ficou se perguntando se Deanna sentia falta dele; parecia que sim. Talvez fosse apenas uma questão de hábito. De qualquer forma, ela percorrera um longo caminho.

— Como sabe que ele está vivendo com a tal garota?

Parecia uma admissão invulgarmente honesta para Marc ter feito.

— Margaret me contou quando telefonei um dia desses para ver como ela ia passando. Aparentemente, vai pedir as contas no mês que vem. O que provavelmente é muito bom. Ele não precisa de mais nada que o lembre de mim, por lá. É melhor que todos comecemos de novo.

— É o que você está fazendo? — perguntou Kim. Deanna concordou, com outro sorriso.

— Nem sempre é fácil, mas estou. A casa me mantém ocupada, e o meu trabalho. Quero aprontar o quarto do bebê, mês que vem. Achei uma fazenda adorável. E quero fazer uma turma da Carochinha para as paredes.

Kimberly sorriu para ela e as duas se acomodaram para um bate-papo gostoso. Passava das cinco horas quando Deanna finalmente se levantou e acendeu todas as luzes.

— Santo Deus, estávamos aqui sentadas no escuro.

— E está na hora de eu ir para casa. Ainda tenho que atravessar a ponte. A propósito, vai fazer alguma coisa no Natal?

Mas estava quase certa de que não.

Deanna sacudiu a cabeça.

— Este não é o ano apropriado. Acho que vou gostar de passar um Natal sossegado... aqui.

Kim assentiu, com uma pontada de culpa.

— Vou para as montanhas esquiar um pouco. Quer vir?

Deanna riu e apontou para a barriga agora desenvolvida. Finalmente estava com quase cinco meses, e agora a prova conferia com as datas. Estava com uma barriguinha bem redondinha debaixo da blusa. Deu uma palmadinha nela, com um sorriso cálido, e olhou Kim.

— Não creio que vá esquiar muito este ano.

— Eu sei, mas você podia vir junto, de qualquer maneira.

— E congelar? Não, prefiro ficar por aqui.

— Está certo. Mas vou deixar o meu telefone com você. Pode ligar para mim se precisar, sabe disso.

— Sei, sei. — Pegou os presentes de Kim, colocou-os nos seus braços, depois olhou com carinho para as coisas que a amiga deixara sob a árvore. — Feliz Natal, querida. Espero que seja um lindo ano.

Kim olhou sorridente para a cintura dilatada da amiga e assentiu.

— Vai ser.

O Natal veio e se foi sem nada do esplendor e cerimônia dos anos passados. Não havia penhoares dispendiosos dados por Pilar, escolhidos por ela e debitados na conta do pai. Não havia perfume francês em frascos de cristal, nem brincos de brilhantes, nem peles. Havia quatro presentes de Kim, abertos à meia-noite da primeira véspera de Natal que jamais passara sozinha. Tivera medo disso a princípio, medo de como seria ficar sozinha, medo de não agüentar a solidão e a dor. Mas não foi solitário. E foi apenas um pouco triste. Pegou-se sentindo falta de Marc e de Pilar, porque o Natal sempre fora deles... as comemorações, o barulho, o presunto ou o ganso ou o peru, Margaret na cozinha, e montanhas de caixas sob a árvore. Era a atividade que lhe fazia falta, mais do que as riquezas; eram os rostos que lhe traziam saudades, tarde da noite. O rosto jovem e luminoso de Pilar, o de Marc dos dias longínquos do passado. Não havia como voltar para eles agora, estavam perdidos para sempre. Nunca lhe ocorreu ligar para Marc, para escutar-lhe a voz no meio da noite. Tomou chocolate quente e ficou sentada junto à árvore. Mas lhe ocorreu ligar para Ben. Imaginava que estivesse em Carmel. Estaria sozinho, também?

Na distância, podia ouvir os cantores de canções natalinas que passavam, e pegou-se cantarolando *Noite Feliz* enquanto se despia. Estava, agora, menos cansada do que nos últimos meses, na verdade sentindo-se melhor do que se sentia há muito tempo. Mas a

vida agora era bem mais simples. A sua única preocupação era financeira, mas até isso estava sob controle. Tinha descoberto uma pequena galeria em Bridgewater que vendia o seu trabalho — por apenas algumas centenas de dólares cada tela — mas era dinheiro suficiente para pagar o aluguel e comprar o que mais precisasse. Ainda lhe sobrava algum dinheiro da venda do brinco de jade com diamantes. E tinha um cofre individual no banco cheio de jóias que podia vender durante os meses seguintes. Teria que vender mais quando chegasse a hora de ter o bebê, e Marc teria que lhe dar alguma coisa, posteriormente, quando fossem aos tribunais.

Sorriu consigo mesma enquanto se enfiava na cama.

— Feliz Natal, bebê.

Deu uma palmadinha na barriga e ficou deitada de costas, e por um momento rechaçou os pensamentos sobre Pilar. Talvez fosse outra menina. Mas desta feita como seria diferente!

Eram nove horas de uma manhã de fevereiro. Ben estava sentado no seu escritório, olhando para os novos anúncios. Apertou uma campainha na mesa de trabalho e esperou que Sally entrasse na sala. Quando entrou, vinha com os braços cheios de papéis, e ele olhou para ela com uma carranca.

— O que acha deste troço, Sally? Funciona ou não?

— Funciona. — Hesitou, enquanto olhava. — Mas talvez seja um pouco escandaloso, não?

Concordou enfaticamente, e jogou-os de volta sobre a mesa.

— É exatamente o que penso. Ligue para Kim Houghton para mim. Preciso ir ver um artista em Sausalito às 11:00. Veja se ela pode ir se encontrar comigo no Sea Urchin lá pelo meio-dia e quinze.

— Em Sausalito? — perguntou Sally. Ele concordou, distraidamente, e ela desapareceu. Eram quase dez horas quando enfiou a cabeça pelo vão da porta. Ela vai encontrá-lo no Sea Urchin ao meio-dia e meia, e falou para você levar os anúncios. Tem outro grupo de possibilidades para lhe mostrar, e vai levá-las.

— Ótimo.

Olhou para ela com um sorriso meio vago e soltou um suspiro ante o trabalho sobre a sua mesa. Às vezes, parecia interminável. Tinha acrescentado quatro novos artistas à sua equipe, naquele inverno, mas não estava realmente apaixonado pelo trabalho deles.

Tinha sido o melhor do que havia visto, mas não era nenhuma maravilha, eles não eram nenhuma Deanna Duras. As pessoas ainda lhe perguntavam sobre ela, e ele tentava explicar. Ela tinha se “aposentado”. Outro suspiro se lhe escapou enquanto se enterrava de novo no trabalho. Tinha feito isto desde setembro, e quase que tinha funcionado. Quase. Exceto tarde da noite e de manhã cedo. Agora ele entendia como ela devia se sentir quanto a Pilar. Aquela sensação de que jamais a gente vai tocar numa pessoa de novo, ou abraçá-la, ou escutá-la, jamais vai rir com ela, ou contar-lhe uma piada e vê-la sorrir. Parou de trabalhar por um momento e depois expulsou aqueles pensamentos. Agora sabia como fazê-lo direitinho. Tivera cinco meses de prática.

Deixou a galeria exatamente às 10:15. Aquilo lhe deu tempo para atravessar a ponte, ir até Sausalito e estacionar. Esse pelo menos era um artista de quem ele gostava, um rapaz com um olho maravilhoso para cores e uma espécie de bossa mágica, mas o seu trabalho era bem mais moderno do que o de Deanna, e não tão bom quanto o dela. Nunca tinha feito uma oferta ao rapaz, mas agora decidira fazê-lo, finalmente. Até então o jovem artista fora representado por uma galeria perto de onde morava, uma galeriazinha aconchegante em Sausalito que cuidava de uma montanha de obras muito diversas. Fora ali que Ben primeiro reparara nos quadros do artista, misturados a umas coisas boas e outras más, e sabia que o rapaz estava recebendo pessimamente pelo seu trabalho. O seu preço máximo era 175 dólares. Ben subira o preço para 2.000, logo de cara. E sabia que conseguiria o dinheiro. O artista ficaria radiante.

E ficou.

— Ah, meu Deus. Espere só até eu contar para Marie! — Abriu um amplo sorriso e apertou fortemente a mão de Ben, para baixo e para cima. — Meu Deus. Poderemos até comer alguma coisa decente, para variar. — Ben achou graça, divertido, e eles se

dirigiram lentamente para a porta. Era um estúdio grande e arejado na metade do que fora um celeiro, no passado. Agora estava cercado de casas e imitações inferiores de estilo vitoriano, mas ainda era um estúdio maravilhoso, e um bom lugar para se trabalhar. — A propósito, o que aconteceu àquela garota que você representou no verão passado? A Duras?

Era um assunto delicado. Mas ele não sabia. Ninguém sabia.

— Não expomos mais os trabalhos dela — falou Ben, muito calmamente. Repetira esta frase uma centenas de vezes.

— Eu sei. Mas sabe quem expõe?

— Ninguém. Ela se aposentou.

Ben já tinha as falas decoradas. Mas, desta vez, o rapaz sacudiu a cabeça.

— Não creio, tem certeza?

— Absoluta. Ela me falou que ia parar de trabalhar quando retirou os seus trabalhos. — Mas alguma coisa nos olhos do homem o incomodava. — Por quê?

— Eu podia jurar que vi um dos quadros dela no Seagull, no outro dia. Sabe, o lugar que está expondo o meu trabalho. Não tive certeza, e não estava com tempo para perguntar, mas parecia. Era um belo quadro. E estavam pedindo um preço ridículo por ele.

— Quanto?

— Ouvi alguém dizer 160 dólares. É realmente um crime, por uma bela obra como aquela. Você devia dar uma olhada e ver se é ela.

— Acho que vou.

Deu uma olhada no relógio. Eram apenas 11:30. Tinha tempo de sobra antes do seu almoço com Kim.

Os dois homens se apertaram as mãos de novo. Houve uma profusão de obrigados e sorrisos. Ben entrou no carro e guiou um pouco depressa demais pela rua estreita. Sabia exatamente onde ficava a galeria, e deixou o carro estacionado na esquina. Queria

entrar e olhar sem compromisso, mas nem foi preciso. O quadro dela estava exposto com destaque junto à porta. Podia vê-lo de onde estava, petrificado no meio da rua. Era sem dúvida a tela de Deanna. O rapaz tinha razão.

Ficou parado ali por um momento, perguntando-se o que devia fazer, tentando decidir se entrava ou não. Já ia se afastar, mas algo o puxou para dentro da galeria. Tinha que chegar mais perto da natureza morta. Tinha visto quando ela a pintara, no terraço deles, no começo de julho. Subitamente, sentiu-se atraído de volta ao verão.

— Sim, senhor? O que deseja?

Era uma loura bonitinha de sandálias e *jeans*. Estava com o uniforme de costume, camiseta e orelhas furadas, o cabelo preso atrás com um tira larga de couro.

— Estava olhando para aquele quadro ali.

Apontou para o trabalho de Deanna.

— Custa 160. Feito por uma artista local.

— Local? De São Francisco, quer dizer.

— Não. Sausalito.

Estava obviamente confusa, mas não havia por que discutir.

— Tem mais algum trabalho dela?

Estava certo de que não. Para espanto dele, a garota assentiu.

— Temos, sim. Acho que temos mais dois.

Na verdade, eram três. Mais um do verão, e dois dos seus primeiros trabalhos, nenhum com preço acima de 200 dólares.

— Como os conseguiu?

Pegou-os imaginando se teriam sido roubados. Se houvesse apenas um, podia ter suspeitado de que alguém que tivesse comprado um das mãos dele estivesse desesperado para vender, mas isso parecia improvável, e era obviamente impossível, já que parecia ter tantas obras dela.

A lourinha pareceu surpresa com a pergunta dele.

— Estão em consignação, trazidas pela artista.

— Verdade? — Agora era a vez dele parecer surpreso. — Por quê?

— Como?

— Quero dizer, por que aqui?

— Esta é uma galeria muito bem conceituada!

Ela pareceu triste com o comentário dele, que tentou disfarçar a sua surpresa com uma explicação.

— Desculpe, não foi isso que eu quis dizer. É só que... é só que conheço a artista, e fiquei surpreso ao ver os trabalhos dela aqui. Pensei que estava... no exterior. — Não sabia direito o que dizer. Impulsivamente, olhou para a lourinha com outro sorriso. — Não faz mal. Vou levar.

— Qual?

Ele era obviamente maluco. Ou quem sabe estava piradão.

— Todos.

— Os quatro?

Maluco, não piradão.

— Sim, é isso mesmo.

— Mas vai custar quase 800 dólares.

— Tudo bem. Vou pagar com cheque.

A moça loura meneou a cabeça e se afastou. O gerente telefonou para o banco de Ben, que confirmou que o cheque tinha fundos. Dez minutos mais tarde, ele se retirou, e Deanna e a galeria estavam ambas 400 dólares mais ricas. Ainda não tinha certeza por que os havia comprado, enquanto os colocava no carro. Só o que sabia era que queria as obras dela. E os preços eram uma loucura. Não compreendia. Venderia as quatro peças na sua galeria e entregaria a ela o lucro bem maior. Como se ela estivesse se importando... O que ele estava tentando provar?

Estava irritado consigo mesmo enquanto estacionava diante do Sea Urchin para se encontrar com Kim para almoçarem. Tinha sido

uma coisa grandiosa a que fizera, comprando as quatro telas. Quando ela descobrisse, provavelmente ficaria louca da vida. Mas algo em todo aquele episódio o intrigava. O que queriam dizer com uma artista “local” de Sausalito?

Kim esperava por ele a uma mesa de janela, curtindo a vista da cidade do outro lado da baía.

— Incomoda-se se me sentar?

Ela se virou para ele, espantada, depois achou graça.

— Por um minuto, pensei que você era um paquerador.

Ela sorriu para ele, que retribuiu o sorriso. Parecia tão agradável como sempre, tão elegante, tão bem vestido de *blazer*, calças e camisa listrada, mas ela pensou ter visto uma ponta de preocupação nos seus olhos.

— Tomara fosse, Ms. Houghton, mas os paqueradores estão fora de moda. Ou quem sabe são todos mulheres, hoje em dia.

— Ora, qual é?

— Quer uma bebida? — perguntou. Ela fez que sim, e ambos pediram *bloody marys*. Por um momento, ele ficou olhando para a baía. — Kim?

— Sim, eu sei. Vai me dizer que odiou os anúncios. Eu também não gosto deles. Mas tenho outras idéias.

Ele sacudiu a cabeça e voltou os olhos para ela.

— Deixe isso para lá, embora, para falar a verdade, você tenha razão. Podemos falar disso depois. Quero lhe perguntar outra coisa.

Fez uma longa pausa, e Kim esperou, perguntando-se subitamente se fora aquilo o que vira nos seus olhos.

— O que é?

Parecia tão perturbado, que ela teve vontade de lhe estender a mão.

— Deanna.

O coração de Kim quase parou.

— Você a viu?

Mas ele apenas sacudiu a cabeça de novo.

— Não. E você? — Kim fez que sim com a cabeça. — Tem alguma coisa errada? Encontrei quatro dos quadros dela numa galeria local, e não estou entendendo. Por que venderia os seus trabalhos aqui? Sabe por quanto estavam sendo vendidos? Por 160, 175. É uma loucura, não faz sentido. E disseram algo sobre ela ser uma artista local. Local de Sausalito. Agora, isso mesmo é que não faz sentido. Que diabo está acontecendo?

Kim ficou olhando para ele por um momento, sem dizer nada. Não tinha certeza do que podia dizer. Tinha marcado uma visita a Deanna nessa tarde, logo depois do almoço. Ficara radiante com a desculpa de ir almoçar em Sausalito. Assim, poderia dar uma passadinha e ver Deanna antes de voltar. Mas o que poderia dizer a Ben? O quanto poderia dizer-lhe?

— Kim, por favor me diga. Você sabe?

Os olhos dele imploravam; estavam cheios de preocupação.

— Talvez uma outra pessoa tenha vendido os quadros à galeria depois de tê-los comprado dela.

Tinha que pedir licença a Deanna antes de dizer-lhe qualquer coisa. Era preciso. Devia isso a Deanna, mas estava com vontade de falar agora.

— Não, não é isso. A moça disse que estavam em consignação, entregues por ela. Mas por quê? Por que uma galeria desconhecida, e aqui? Está tentando vendê-los sem que o marido saiba? Está em dificuldades? Precisando de dinheiro?

Os olhos dele suplicavam a Kim que falasse, e ela soltou um suspiro longo e angustiado.

— Ah, Ben. O que posso dizer? Muitas coisas mudaram na vida de Deanna.

— Mas aparentemente não o bastante para ela ligar para mim.

— Quem sabe ligará. Com o tempo. Ainda está muito abalada com a morte de Pilar.

Ele concordou, silenciosamente, e ficaram calados por algum tempo. A última coisa que queria discutir agora eram negócios. Só conseguia pensar em Deanna. Sabia que havia algo terrivelmente errado.

Ergueu de novo os olhos para Kim, e ela teve vontade de morrer ante a expressão dos seus olhos.

— Ela está metida em alguma espécie de encrenca?

Kim fez que não com a cabeça.

— Ela está bem. Está mesmo. Acho que, de certa forma, está feliz pela primeira vez. — Teve vontade de arrancar fora a língua, depois de ter falado. Deanna tinha estado ainda mais feliz no verão anterior, mas Kim não sabia ao certo como alterar o que havia dito. — Tem pintado muito.

— E está feliz. — Olhou para a baía, depois para Kim. — Com ele... — E de repente Kim não agüentou mais. Sacudiu muito lentamente a cabeça. — O que quer dizer com isso?

— Ele voltou para a França.

Deanna contara-lhe isso no mês passado. Marc finalmente voltara para a sua casa.

— Definitivamente? — Ben parecia atônito. Kim simplesmente meneou a cabeça. — E ela ficou.

Kim repetiu o gesto, e agora havia desespero nos olhos dele. Ela não tinha ligado para ele. Marc fora embora, e ela não ligara. Mas enquanto baixava os olhos para o seu drinque, sentiu a mão de Kim tocar a sua, gentilmente.

— Dê-lhe uma chance, Ben. Muitas coisas aconteceram. Acho que ainda vai levar alguns meses para ela equacionar tudo.

— E está morando aqui? Em Sausalito? — Nada daquilo fazia sentido. Por que não estava morando na casa deles? Ele simplesmente se fora e a abandonara? — Está querendo me dizer que estão se divorciando?

Ela inspirou fundo.

— Sim. Estou.

— Foi iniciativa dele ou dela? Kim, você tem que me dizer. Tenho o direito de saber.

— Sou a primeira a concordar com você, Ben. — *Mas tente dizer isso a ela...* — Foi iniciativa dela, mas ele concordou. Não teve outra alternativa.

— Como está ela? Está se adaptando? Está bem?

— Está ótima. Está morando numa casinha simples, trabalhando em novos quadros, preparando-se para...

E então parou. Já tinha ido longe demais.

— Preparando-se para o quê? — Estava confuso de novo, e Kimberly o estava deixando maluco. — Pela madrugada, Kim, aquela galeria fajuta vai fazer uma exposição dela?

Estava furioso. Como tinham a coragem? Subitamente, Kim achou graça. Olhou para ele com uma luz viva nos olhos.

— Sabe de uma coisa? Isto é uma loucura. Estamos aqui sentados brincando de fazer perguntas sobre como Deanna está, quando a única coisa de que ela precisa é você. — Tirou uma caneta da bolsa e puxou um pedaço de papel do meio dos seus anúncios. Anotou o endereço e passou-o para ele. — Pronto. Vá. Este é o endereço.

— Agora? — Parecia atordoado enquanto tirava o papel da mão dela. — Mas, e se ela não quiser me ver?

— Vai querer. Mas, de agora em diante, está nas suas mãos. — Soltou uma risada. — E se ela lhe causar problemas, acerte-lhe um soco no meio da cara.

Ele abriu um sorriso e olhou para ela, confuso.

— E quanto ao nosso almoço?

Só o que queria era se mandar dali e correr ao encontro de Deanna. Não estava querendo ficar sentado nem mais um momento ali com Kim, mas ela sabia, e sorriu.

— Dane-se o nosso almoço. Podemos conversar sobre os anúncios um outro dia. Vá.

Ele se inclinou para beijá-la e apertou-lhe o ombro com muita força.

— Um dia, Kim Houghton, eu vou lhe agradecer. Mas agora — finalmente retribuiu o sorriso — tenho que correr. Diga-me, arrombo a porta ou simplesmente desço pela chaminé?

— Jogue uma cadeira pela janela. Não há uma vez que não funcione.

Ainda sorria quando chegou ao carro, e cinco minutos depois que deixou Kim alcançava o beco sem saída. Olhou de novo para o pedaço de papel e logo viu que era a casa oculta pelas grandes moitas de margaridas e rodeada pela cercazinha de estacas. Ficou se perguntando se ela estaria em casa. Quem sabe tinha saído. Agora estava assustado. O que diria para ela? E se ficasse zangada por ele ter vindo? Não poderia suportar tal reação por parte dela, depois dos longos meses de sonho.

Saltou do carro e caminhou lentamente até a porta. Podia ouvir alguém se mexendo lá dentro, e um rádio tocava *jazz* baixinho. Tocou a campainha, e depois bateu. Mais depressa do que esperava, escutou a voz dela dos fundos da casa.

— Oi, Kim, está aberta, entre! — Abriu a boca para dizer que não era Kim, mas fechou-a com igual rapidez. Não queria que ela soubesse da verdade até ele estar lá dentro, até tê-la visto, ao menos uma vez, mesmo que por um momento. Só mais uma vez. Empurrou a porta com a mão. Entrou na salinha da frente muito clara, e não encontrou ninguém. — Já entrou? — veio a voz dos fundos. — Estou pintando o outro quarto. Já vou sair.

Sentiu como se as suas entranhas estivessem se derretendo, enquanto escutava a voz dela pela primeira vez em cinco meses. Ficou simplesmente parado no mesmo lugar, esperando que ela

saísse. Queria dizer-lhe alguma coisa, mas não conseguia. Quase sentia que não tinha forças. Mas, então, ela chamou de novo:

— Kim? É você?

Desta vez, ele teve de falar; não queria que ela ficasse assustada.

— Não, Deanna, não é. — Fez-se silêncio, então, e ele escutou uma coisa caindo. Ficou parado ali, silencioso, imóvel, à espera. Mas não apareceu ninguém. Nada aconteceu. Ninguém se mexeu. E, lentamente, ele começou a se dirigir para os fundos da casa. Não precisou andar muito. Alguns passos e estava parado à porta do quarto minúsculo. — Deanna? — Ela estava parada ali, uma mão sobre um berço de vime, apoiando-se contra a última parede por pintar. Os olhos dele dirigiram-se para os dela, e não pôde reprimir um sorriso. — Desculpe, eu... — E então ele viu, enquanto os olhos dela se dilatavam e o queixo começava a tremer. — Meu Deus, você está... Deanna... — Não queria perguntar, não sabia o que dizer. Quando e como? E de quem? E, então, sem se importar com o de quem, cruzou a distância que os separava e tomou-a nos braços. Era por esse motivo que estava vendendo os quadros, que estava sozinha. — É nosso, não é? — perguntou. Ela assentiu, as lágrimas caindo sobre o ombro dele. Ben apertou-a fortemente nos braços. — Por que não me contou? Por que não me procurou?

Afastou-se apenas o suficiente para enxergar-lhe o rosto. Ela estava sorrindo.

— Não pude. Abandonei você. Não podia voltar desse jeito. Pensei que talvez... depois do bebê...

— Você é biruta, mas eu a amo. Por que depois do bebê? Quero estar ao seu lado, quero... ah, Deanna, é *nosso*!

Voltou a apertá-la nos braços, triunfante, com risos e lágrimas.

— Afinal, como me encontrou? — Ela riu enquanto o abraçava, depois fungou. Quando ele não respondeu, ela soube. — Kim.

— Quem sabe? Ou quem sabe aquela galeriazinha atroz que está vendendo os seus trabalhos? Deanna, como pôde...

A sua voz foi sumindo, e ela abriu um amplo sorriso.

— Precisei.

— Não precisa mais.

— Veremos.

— Prefere o Seagull a mim?

Riu da idéia, e ela sacudiu com veemência a cabeça.

— Mas é que consegui fazer tudo sozinha. Fiquei independente. Me virei. Sabe o que isso significa?

— Significa que você é maravilhosa e que a adoro. Está se divorciando? — Ele a segurava nos braços e tocava-lhe suavemente a barriga. Deu um salto quando o bebê chutou. — Foi o nosso garoto?

Ficou com os olhos embaçados de lágrimas de novo quando ela fez que sim com a cabeça.

— E sim, também estou me divorciando. Vai ser definitivo em maio.

— E o bebê?

— Vai ser definitivo em abril.

— Nesse caso, sua mulher maluca e independente, nós também vamos ser definitivos em maio.

— O que quer dizer com isso?

Mas agora ela estava rindo, e ele também.

— Exatamente o que você está pensando. — E olhou à sua volta com ar cômico — arrume as suas coisas, madame, vou levá-la para casa.

— Agora? Nem terminei de pintar o quarto do bebê. E...

— E nada, minha querida. Vou levá-la para casa.

— Nesse momento?

Largou o pincel e abriu um sorriso.

— Neste momento. — Puxou-a para junto de si novamente e beijou-a com toda a ânsia dos últimos cinco meses. — Deanna, nunca mais vou ficar sem você de novo. Nunca. Está me entendendo?

Mas ela apenas sacudiu a cabeça, sorridente, e beijou-o, enquanto a mão dele se dirigia lentamente para o futuro filho deles.

* * *

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.